



RECOMENDAÇÕES

Joel Richardson escreveu um livro muito importante e contundente. Seus argumentos contrários à teologia da substituição, ou supersessio-nismo, são poderosos e sólidos. Eu tenho o maior otimismo quanto ao derradeiro final dos tempos na tribulação. No entanto, o impulso básico desse livro é correto e verdadeiro e uma contribuição maravilhosa.

– DANIEL JUSTER, TH. D. TIKKUN INTERNATIONAL, JERUSALÉM

Esse último livro de Joel Richardson é desesperadamente necessário e leitura obrigatória para o cristão sério. Sua erudição característica e diligência estavam sendo muito aguardadas em relação a essa perspectiva bastante crucial para todos os que clamam o nome de Cristo. O inevitável aumento das críticas irá simplesmente sublinhar a realidade de que esses assuntos estão bem no centro de todas as doutrinas da fé bíblica e incluem uma reexaminação crucial dos assuntos escatológicos em nosso horizonte imediato. De fato, uma contribuição fundamental para todos nós.

– CHUCK MISSLER, KOINONIA HOUSE

Esse livro leva o leitor através de assuntos bíblicos e históricos fundacionais a respeito da restauração do povo judeu, assim como a respeito da manchada e às vezes gloriosa história do corpo do Messias relacionada com o destino de Israel. Profundo, respeitoso, útil, edificante.

– AVNER BOSKEY, FINAL FRONTIER MINISTRIES, BEERSHEVA, ISRAEL

Existem numerosos pontos de luz que iluminam a tela na qual a história da igreja está apresentada. No entanto, esses pontos de luz brilham contra um pano de fundo sombrio feito de um tecido escuro. A crueldade e a sede de sangue exibidas por muitas nações em relação ao povo do qual nasceu o Filho de Deus têm turvado a luz de Deus e obscurecido o caminho de amor que ele veio para revelar. Neste trabalho, Joel desnuda as raízes históricas desse ódio, assim como revela o plano de Deus para o Seu ancestral povo escolhido – Israel. Esse livro irá abrir seus olhos e comprometer seu coração com o amor que Deus tem por aqueles que Ele escolheu primeiro e chamou de acordo com Seus propósitos.

– BURT YELLIN, PASTOR / RABBI, ROEH ISRAEL, DENVER

Em um tempo em que está se tornando cada vez mais popular deslegitimar Israel – na imprensa, na política, ou mesmo no púlpito – chega também esse livro revitalizador, edificador da fé e biblicamente centrado, que irá desafiar todo leitor honesto a abraçar o coração imutável de Deus para com Seu povo.

– SCOTT VOLK , TOGETHER FOR ISRAEL



QUANDO UM
JUDEU
GOVERNAR o MUNDO

O QUE *a* BÍBLIA REALMENTE
DIZ SOBRE ISRAEL *no* PLANO DE DEUS

JOEL RICHARDSON



Rua Tamoio, 226
Santa Catarina
Americana - SP
13466-250
Tel.: (19) 3462-9893
contato@revistaimpacto.com.br

www.revistaimpacto.com.br



Reta da Penha, 1365
Santa Lucia
Vitória - ES
29.056-243
Tel.: (27) 3019-1781
contato@abase.org

www.abase.org

Coordenação:

Victor Vieira

Tradução:

Paulo Junior

Revisão:

Rafael Teixeira
Alexandra Tibério
Victor Vieira

**Adaptação da Capa
em Português:**

Eduardo C. de Oliveira

Diagramação:

Eduardo C. de Oliveira

QUANDO UM JUDEU GOVERNAR O MUNDO

•

Copyright © 2015 by Joel Richardson

Título original em Inglês: *Mideast Beast*,
por Joel Richardson

Publicado em inglês por WND Books
Midpoint Trade Books
27 West 20th Street, Suite 1102
New York, NY 10011
www.wndbooks.com

•

Copyright © 2019 Base Livros

Publicado no Brasil com a devida autorização por:

BASE LIVROS
abase.org/livros

•

**TODOS OS DIREITOS NA LÍNGUA PORTUGUESA
RESERVADOS À ORGANIZAÇÃO DA BASE.**

Base Livros é a divisão publicadora de livros da
Organização da Base, uma organização cristã em
Vitória/ES - Brasil que está comprometida com o avanço
da grande comissão através de oração contínua e a
formação de discípulos.

Este livro ou partes deste livro não poderão ser
reproduzidos de nenhuma maneira, guardado em
sistemas de arquivo, transmitidos de qualquer forma
por quaisquer meios (eletrônicos, mecânico, fotocópia,
gravação ou qualquer outro) sem autorização prévia
por escrito da Organização da Base, salvo em breves
citações, com indicação da fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R521q Richardson, Joel

Quando um judeu governar o mundo / Joel Richardson.
São Paulo: Impacto, 2019

336 p. ; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-85-65419-47-5

1. Judaísmo e Cristianismo 2. História do Judaísmo
3. Povo de Deus I. Título

CDU 26

DEDICATÓRIA

Ao povo judeu, os descendentes de Abraão, Isaque, e Jacó.
Descansem, o Senhor DEUS virá com poder, reinando com
Seu braço forte. Seu prêmio estará com Ele, e Sua recompensa
diante Dele.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	11
----------------	----

PARTE 1: O QUE A BÍBLIA REALMENTE DIZ SOBRE ISRAEL NO PLANO DE DEUS

1	O ALERTA: IGNORÂNCIA E ARROGÂNCIA	15
2	RESTAURACIONISMO VERSUS SUPERSESSIONISMO	25
3	A ALIANÇA ABRAÂMICA	39
4	AS ALIANÇAS MOSAICA E DAVIDICA	61
5	A NOVA ALIANÇA	69
6	COMO OS CRENTES GENTIOS DEVERIAM SE RELACIONAR COM OS JUDEUS INCRÉDULOS?	99
7	O REINO VINDOURO DE DEUS	109
8	A RESTAURAÇÃO DO REINO JUDAICO	123

PARTE 2: DOIS MIL ANOS DE SUPERSESSIONISMO E ÓDIO AOS JUDEUS

9	ÓDIO CRISTÃO AOS JUDEUS: DO INÍCIO AO QUARTO SÉCULO	147
10	ÓDIO CRISTÃO AOS JUDEUS: QUARTO SÉCULO AO HOLOCAUSTO	177
11	SUPERSESSIONISMO E ÓDIO AOS JUDEUS	207
12	SUPERSESSIONISMO ISLÂMICO	217
13	O NOVO ANTISSEMITISMO CRISTÃO	225

PARTE 3: OS ÚLTIMOS DIAS E O JULGAMENTO DAS NAÇÕES

14	O RETORNO PROFETIZADO DOS JUDEUS À SUA TERRA	251
15	A IRA DE SATANÁS CONTRA O CUMPRIMENTO DA PROFECIA JUDAICA	275
16	A ANGÚSTIA DE JACÓ	289
17	DIETRICH BONHOEFFER, CORRIE TEN BOOM E O JULGAMENTO DAS NAÇÕES	309



AGRADECIMENTOS

Os primeiros e maiores agradecimentos devem ir, claro, à Jesus de Nazaré, o Rei dos Reis, Senhor dos Senhores e o anseio do meu coração. Depois de Jesus, ninguém merece minha gratidão mais do que minha esposa. Você é uma mulher de tão profunda beleza, força e caráter. Eu sou abençoado. O “muito bem, serva boa e fiel” que você receberá Dele será muito mais do que você pode imaginar. Espero que eu possa ver o brilho nos seus olhos naquele dia. Será maravilhoso.

Muito obrigado aos vários apoiadores que têm me abençoado nesses últimos anos. Vocês realmente fizeram esse livro possível.

Agradeço também a Samuel Clough, Paul Blake, Shane Meredith, Stephen Holmes, Julie Loomis, Aaron Maendel, Dax Cabrera, Avner Boskey, Brock Hollett, Nick Uva e Dan McCarthy por lerem o primeiro manuscrito e me darem o *feedback*.

Finalmente, tenho que expressar minha profunda gratidão a Joseph e Elizabeth Farah, pelo seu apoio. Agradeço também a toda a equipe WND. Agradeço a Geoff Stone, diretor editorial, por todo o seu trabalho, assim como pelos seus conselhos em relação ao manuscrito. Agradeço a Renee Chavez e Kelsey Whited, meus editores. Grande é seu galardão nos céus! Agradeço a Mark Karis por contribuir com seu dom no design. Eu sempre amo as coisas que você faz. Agradeço também Michael Thompson e Amanda Prevette, os coordenadores de marketing. Que grande time para se trabalhar. Agradeço mais uma vez e desejo muitas bênçãos para todos vocês.



PARTE 1

O QUE A BÍBLIA REALMENTE DIZ SOBRE ISRAEL NO PLANO DE DEUS



O ALERTA: IGNORÂNCIA E ARROGÂNCIA

Apenas três anos antes de sua morte em 1546, Martinho Lutero, o grande reformador protestante, escreveu um tratado anti-judeu intitulado *Sobre os Judeus e Suas Mentiras*. Por mais de mil anos, cristãos em toda a Europa vinham debatendo entre eles sobre como deveriam ser tratados os judeus que viviam em seu meio. Nos dias de Lutero, alguns argumentavam que o “problema” dos judeus exigia uma solução definitiva. O tratado de Lutero oferecia sua solução em termos claros. Permitirei que suas próprias palavras falem por si mesmas:

O que então nós cristãos devemos fazer com essa maldita e rejeitada raça de judeus... Primeiro, suas sinagogas devem ser queimadas, e as partes que não queimarem devem ser enterradas ou cobertas com sujeira, para que ninguém possa ver uma cinza ou pedra delas. E isso deve ser feito para a honra de Deus e da cristandade, para que Deus possa ver que somos cristãos...

Em segundo lugar, suas casas devem ser, de igual maneira, derrubadas e destruídas. Porque nelas eles cometem as mesmas coisas que fazem nas suas sinagogas.

Por essa razão eles devem ser colocados sob um mesmo teto ou em um estábulo, como ciganos, para que eles possam perceber que não são mestres em sua terra, como eles alardeiam, mas cativos miseráveis...

Em terceiro lugar, eles devem ser privados de seus livros de oração e Talmuds, os quais ensinam sua idolatria, mentiras, maldições, e blasfêmias...

Em quarto lugar, seus rabinos devem ser proibidos, sob ameaça de morte, de ensinar mais...

Para resumir, queridos príncipes e nobres que possuem judeus em seus domínios, se esse meu conselho não serve para vocês, então encontrem um melhor, para que vocês e nós possamos todos ser livres desse fardo diabólico insuportável – os judeus. Depois do diabo, um cristão não possui um inimigo mais amargo e irritante do que o judeu.¹

A maioria dos cristãos que leem as palavras de Lutero pela primeira vez ficam chocados. Tragicamente, Lutero está longe de estar sozinho entre os notáveis líderes cristãos em seu ódio e abuso aos judeus. Como iremos ver, sua atitude é, na verdade, bem comum entre os cristãos ao longo da maior parte da história da Igreja.

Ainda mais trágico é que, aproximadamente quinhentos anos depois de Lutero ter escrito seu tratado cheio de ódio, Adolf Hitler iria se basear fortemente nas propostas de Lutero para criar as bases de sua própria “solução final”, resultando na morte de dois terços dos cerca de nove milhões de judeus que viviam na Europa naquele tempo.

Como as coisas chegaram a esse ponto? Como o Cristianismo, cujos adeptos afirmam seguir um Messias *judeu*, se tornou uma religião dominada por *gentios* que perseguiram os

1 - Bruce Delmont, ed., *On the Jews and Their Lies by Martin Luther* (1483-1546) (Lulu.com), 165-66.

judeus onde eles eram encontrados? Como esses cristãos que dizem adorar o Deus de Israel vieram a odiar os filhos de Israel tão profundamente, com tanta paixão, e de forma tão implacável? Para responder essa questão, devemos começar com as palavras do apóstolo Paulo no capítulo 11 de sua carta aos Romanos. Foi lá que Paulo apresentou um alerta solene – endereçado especificamente aos cristãos gentios. Primeiro, Paulo os alerta contra ser *arrogante* em relação aos gentios, lembrando seus leitores sobre o chamado e a eleição (ainda em vigor) de Israel – *incluindo o Israel que não cria* – como o povo de Deus. Em segundo lugar, ele também alerta os crentes gentios para não se tornarem presunçosos a respeito de sua própria posição diante de Deus. Ao invés disso, eles são exortados a “temer”. Leiamos o alerta de Paulo:

Não se glorie contra esses ramos [naturais]; mas se você for arrogante, lembre-se que não é você quem sustenta a raiz, mas a raiz a você. Então você dirá: “Os ramos foram cortados, para que eu fosse enxertado”. Está certo. Eles, porém, foram cortados devido à incredulidade, e você permanece pela fé. Não se orgulhe, mas tema. Pois se Deus não poupou os ramos naturais, também não poupará você. Portanto, considere a bondade e a severidade de Deus: severidade para com aqueles que caíram, mas bondade para com você, desde que permaneça na bondade dele. De outra forma, você também será cortado. (Romanos 11:18-22; grifos nossos)

Essa é uma afirmação muito profunda. Colocando de outra forma, falhar em ser instruído e humilde em relação ao Israel incrédulo poderia muito bem resultar no cristão gentio sendo “cortado” de Deus. A palavra que Paulo usa aqui é o grego *ekkoptō*. É a mesma palavra que João Batista usa como aviso

para aqueles que iam a ele para serem batizados: “O machado já está posto à raiz das árvores, e toda árvore que não der bom fruto será *cortada e lançada ao fogo*” (Mateus 3:10; grifos nossos). Na noite em que eu vim para a fé e rendi minha vida a Jesus, foram essas as palavras que o Senhor usou para me confrontar com o meu pecado, me convencendo de que, a não ser que eu me arrependesse, meu destino eterno seria no inferno. Não é surpreendente, então, que Paulo convidasse os crentes gentios a reconhecer e considerar “a severidade de Deus”.

Paulo e João Batista não eram os únicos a emitir esses avisos severos. Jesus também usou precisamente o mesmo termo que João em Sua exortação: “Toda árvore que não produz bons frutos é *cortada e lançada ao fogo*” (Mateus 7:19; grifos nossos).

Hoje, quando olhamos dois mil anos atrás para o alerta de Paulo, uma terrível realidade imediatamente nos atinge. Quando olhamos para a Igreja Cristã dominada pelos gentios ao longo de sua história até o tempo presente, percebemos que a maioria dos crentes tem falhado em ouvir os alertas de Paulo. A grande maioria da Igreja, desde o início, e de cima para baixo, caiu de cabeça em ideias erradas e na arrogância em relação ao Israel incrédulo. Quão rapidamente a Igreja se esqueceu das promessas de Deus e do papel em andamento de Israel em Seu plano! E os resultados têm sido horripilantes.

Um dos resultados da ignorância da Igreja em relação ao papel de Israel no plano de Deus é a profunda cegueira da maior parte da Igreja em relação aos desdobramentos da profecia. Muitos cristãos têm ouvido a respeito dos “filhos de Issacar”, mencionados em I Crônicas 12:32. Fomos ensinados que eles eram “homens que compreendiam os tempos, com conhecimento sobre o que Israel deveria fazer”. Hoje a Igreja está desesperadamente necessitando de entendimento a respeito dos tempos e da habilidade de responder adequadamente.

Os profetas judeus, os apóstolos e o Próprio Jesus nos deram um presente muito profundo, já que suas palavras contêm uma tremenda quantidade de informação a respeito do que iremos testemunhar nos dias que virão. Ao longo das páginas das Escrituras o futuro, assim como o passado, está exposto em grandes detalhes, em uma linha do tempo divinamente inspirada. Compreender os tempos e reconhecer onde estamos nessa linha do tempo é de um tremendo benefício estratégico para a Igreja, enquanto ela procura cumprir cabalmente seu encargo divino. Mas quando a Igreja falha em conhecer e reconhecer o fio consistente da história do povo e da terra de Israel que percorre toda a linha do tempo, essa linha rapidamente se torna distorcida e incompreensível, resultando em uma grossa névoa de confusão que cobre a visão da Igreja. Esse é o estado da Igreja atual. Essa linha do tempo, esse grande diagrama estratégico que o Senhor deu ao Seu povo, tem sido essencialmente rabiscada, desfigurada pelas doutrinas errôneas da Igreja dominada pelos gentios. Não apenas existem vastos segmentos da Igreja que fundamentalmente desconhecem onde se encontram na linha do tempo profética de Deus; muitos rejeitam a própria ideia de que essa clara linha do tempo exista. Se a Igreja realmente deseja dispersar essa névoa, se ela quer recuperar a clareza e o espírito profético necessários para navegar nos dias sombrios que virão, então ela precisa tanto identificar quanto rejeitar essas falsas doutrinas e ideias erradas que se infiltraram nela desde o início. Esse processo de limpeza deve começar no reconhecimento de Israel como sendo um fio essencial que percorre todo o plano prometido de redenção revelado do Senhor. A minha mais profunda esperança é que esse livro faça isso de uma maneira fácil de compreender, esclarecendo quase dois mil anos de confusão para aqueles que desejam dar ao assunto a consideração séria que ele exige.

Outro resultado negativo da ignorância da Igreja a respeito de Israel é sua relativa impotência e inabilidade de articular de maneira acurada a mensagem plena do Evangelho, mais particularmente para o povo judeu. Muitíssimos cristãos veem o Evangelho, ou as “boas novas”, nos mais minimalistas dos termos, alguma coisa na linha de “Jesus morreu pelos seus pecados para que, um dia, quando você morrer, você possa morar no céu para sempre”. O fato, no entanto, é que as boas novas proclamadas por Jesus e pelos apóstolos eram muito mais do que isso. Elas envolviam o pleno testemunho de Deus, da criação às grandes alianças de Deus, da morte expiatória e ressurreição do Messias ao Seu retorno para julgar a terra e restaurar o reino de Israel. Todas essas coisas e muitas outras eram parte integral do Evangelho. Pelo fato da Igreja haver minimizado e retirado toda a dimensão judaica da mensagem do Evangelho, ela esqueceu uma grande parte do que Jesus e os apóstolos de fato proclamaram. Falando sem rodeios, assim como nos lembra o título desse livro, se o Evangelho que alguém prega não culmina em um homem judeu governando o mundo, então esse não é o Evangelho do Novo Testamento. O Evangelho atual foi reduzido a uma fórmula simplificada onde alguém pode “ser salvo”, mas foi fundamentalmente separado do reino vindouro para o qual fomos salvos. Sempre que Pedro, Paulo ou Estevão pregaram o Evangelho, eles o fizeram situando os ouvintes dentro do contexto da ampla história bíblica, uma história muito específica enraizada na Criação, nas alianças de Deus, e na história e no sofrimento do povo judeu, que culmina no dia do julgamento e no reino de Deus que o segue. Até que a Igreja recupere a história bíblica completa que lhe foi confiada e reconheça o papel central e vigente de Israel nessa história, ela continuará relativamente impotente em sua habilidade de comunicar de

forma efetiva e plena o verdadeiro Evangelho, especialmente para o povo judeu.

Minha esperança é que esse livro possa ajudar cristãos a compreender melhor o Evangelho em seu verdadeiro contexto judaico. Talvez você seja judeu e não acredite que Jesus (Yeshua) seja o Messias, mas encontrou ou mesmo ganhou esse livro. Eu prometo que, se você lê-lo, irá encontrar muito mais do que poderia imaginar.

Um terceiro resultado da ignorância da Igreja e do orgulho em relação à Israel é a longa e sangrenta história do anti-semitismo demonstrado não apenas por cristãos individuais, mas frequentemente sob a sanção oficial da Igreja. Esse é um fato que poucos cristãos têm o desejo ou a coragem de encarar. Ainda de acordo com Paulo, não encarar nossos pecados, ou permanecer na ignorância e criar desculpas para as ações realmente malignas da Igreja, nos coloca sob o risco de sermos cortados. Por outro lado, se a Igreja deseja caminhar em plenitude e maturidade, então ela deve começar a confrontar e se arrepender de seu passado sombrio e anti-semita, evidenciando que ele foi superado. Esse chamado ao arrependimento, é claro, pode ser feito facilmente, mas dificilmente é recebido. Embora eu esteja absolutamente convencido de que uma das primeiras necessidades da Igreja, no tempo atual, enquanto nos aproximamos dos últimos dias, seja um profundo, amplo e completo arrependimento pela sua longa história de ódio e maus-tratos ao povo judeu, a verdade é que a raiz de nossos pecados coletivos são algumas doutrinas, ideias e teologias muito específicas em que uma grande parte da Igreja ainda acredita. Essas ideias fundacionais erradas não só estão nas igrejas históricas tradicionais, mas também fazem parte do próprio tecido da Reforma Protestante e eram sinceramente defendidas por virtualmente todos os grandes e notáveis reformadores. Essas

doutrinas – especificamente o supersessionismo, o preterismo e o amilenarismo, que iremos discutir depois – não irão embora sozinhas ou serão expelidas da Igreja sem uma tremenda luta. Mas, novamente, devemos nos lembrar da alternativa de que falou Paulo. Eu acredito que, se você ler esse livro dando a ele toda a consideração, você verá por que a Igreja deve rejeitar fundamentalmente essas doutrinas.

Tristemente, a arrogância da Igreja a respeito de Israel também tem consequências que ainda não são vistas – atos de maldade que serão cometidos nos dias vindouros. Deus estabeleceu que nos últimos dias os corações de todos os homens seriam testados pela sua resposta à “aflição de Jacó”, um tempo sem igual de tribulação para o povo judeu (veja Jeremias 30:7). É triste considerar isso, mas ninguém pode negar que a esmagadora maioria dos cristãos europeus falhou com o povo judeu durante o Holocausto. O que faz alguém pensar que responderemos de forma diferente se outro tempo de sofrimento cair sobre os judeus? Até o momento, poucos na Igreja têm se comprometido a fazer o doloroso e introspectivo “trabalho na alma” necessário para identificar e desenraizar as doutrinas e atitudes erradas que têm sido cultivadas por tanto tempo. Foi esse ponto de vista que permitiu que a Igreja se sentasse de braços cruzados ou mesmo se levantasse em aprovação enquanto aqueles que Deus chamou de “menina dos Seus olhos” (Zacarias 2:8) eram literalmente massacrados aos milhões. As Escrituras são claras ao dizer que nos últimos dias os eventos mundiais iriam culminar com toda a ira de Satã sendo liberada contra o plano de Deus de restaurar a nação de Israel. Colocando de forma simples, se a Igreja não identificar e expurgar completamente o pensamento que causou sua tão miserável falha durante o Holocausto, então seus pecados e falhas futuras irão ultrapassar em muito os erros do passado. É claro que

eu oro para que esse não seja o caso. Oro para que a Igreja faça direito da próxima vez. Minha mais sincera oração é que esse livro desperte algumas pessoas a adotar uma postura humilde diante do Senhor em relação ao povo judeu e desperte ainda mais pessoas para nossa responsabilidade como seguidores de Jesus nos dias difíceis que virão. Enquanto eu espero que muitos que leem esse livro sejam fortalecidos na convicção que já possuem sobre esses assuntos, encontrando uma clareza maior e resolvendo fazer o que é certo aos olhos de Deus, também oro para que outros sejam movidos e desafiados a reconsiderar antigas posições em relação ao povo judeu que não estão de acordo com as Escrituras. Para muito além de ser uma mera argumentação a respeito de proposições teológicas, quero que esse livro mude corações e afete as práticas e ações da Igreja Cristã. Se apenas um leitor for mudado e um coração for tocado pelo coração do Pai em relação ao Seu povo, então escrever esse livro terá valido muito a pena. Se apenas uma alma ouvir a mensagem desse livro e verdadeiramente se arrepender das crenças que Paulo alertou que deveriam ser “cortadas”, então esse livro terá sido uma das minhas maiores realizações.



RESTAURACIONISMO VERSUS SUPERSESSIONISMO

Nos últimos dois mil anos, a esmagadora maioria da Igreja Cristã tem sustentado a visão de que o povo judeu, por causa de sua rejeição a Jesus como Messias, tem sido por sua vez rejeitado corporativamente por Deus, como Seu povo. Embora tenham existido numerosos grupos, como os moravianos, diversos puritanos, e vários pietistas luteranos que esperavam uma futura restauração de Israel e a salvação do povo judeu, esses grupos eram minoria na maior parte da história da Igreja. Um dos mais importantes movimentos que iriam mudar dramaticamente esse cenário começou em 1827, quando diversos grupos de cristãos anglicanos se reuniram em Dublin, na Irlanda, para um estudo bíblico informal e para compartilhar a Ceia do Senhor. Com a convicção de que a Bíblia era sua suprema fonte de autoridade, esse grupo começou a conduzir encontros formais, que eventualmente resultaram na formação do que veio a ser conhecido como “Os Irmãos de Plymouth”. Esse grupo acreditava que a Igreja Anglicana havia abandonado muitas das antigas doutrinas da Igreja apostólica, particularmente aquelas relacionadas ao atual papel de Israel no plano de Deus e à futura e

gloriosa restauração do povo judeu e de seu reino. Esse movimento eventualmente cruzou o oceano até chegar aos Estados Unidos, onde se espalhou como fogo. Com o tempo, grandes segmentos da cristandade vieram a rejeitar a visão longamente sustentada de que Israel havia sido cortado e rejeitado por Deus, sendo substituído pela Igreja Cristã. Desde o renascimento do estado de Israel em 1948, esses números têm crescido ainda mais. Em anos mais recentes, no entanto, a antiga controvérsia parece ter sido reacesa, e certamente continuará a queimar até o retorno de Jesus. Esse capítulo irá introduzir brevemente e explicar as posições dos dois lados em conflito.

O LADO RESTAURACIONISTA

Antes de definir os princípios específicos do que eu estou chamando de “restauracionismo”, é importante explicar como esse lado enxerga e interpreta a Bíblia. Os restauracionistas começam com a convicção de que a Bíblia deve ser interpretada simplesmente pelo que diz. Eles exigem uma leitura direta e natural das Escrituras, um literalismo racional, se você preferir. Os restauracionistas acreditam que, embora algumas porções da Bíblia sejam às vezes difíceis de compreender, certamente não estão além da capacidade de leitura e compreensão de uma pessoa média. Não existe a necessidade de um guru para ensinar as pessoas como entender a Bíblia. Isso não diminui a importância dos professores nem do estudo responsável dentro do corpo de Cristo – sem dúvida, precisamos de estudiosos mais responsáveis. Mas a Bíblia não foi escrita exclusivamente para teólogos em torres de marfim, que então a ensinariam para as pessoas médias. A Bíblia foi escrita, fundamentalmente, para qualquer crente comum que, diligente e humildemente, se aplique em entender suas palavras, contexto, e sentido.

É a partir dessa visão das Escrituras que os restauracionistas sustentam as seguintes três doutrinas escatológicas:

RESTAURACIONISMO¹ – Essa visão acredita que as promessas feitas aos filhos de Israel através das grandes alianças ainda serão cumpridas. Quando Jesus voltar, todo o Israel será salvo e o reino de Israel será restaurado na terra que foi prometida a Abraão. Jesus irá reinar sobre o povo judeu como seu rei e como soberano sobre toda a terra.

FUTURISMO – Essa visão enxerga que a grande ênfase da profecia bíblica está nos eventos futuros relacionados ao retorno de Jesus. Podemos dividir esses eventos em três categorias: (1) os eventos que precedem a volta de Jesus, (2) o próprio retorno de Jesus, e (3) o estabelecimento do reino de Jesus por mil anos. Essa visão foi compartilhada pelos profetas, por Jesus, pelos apóstolos, e pelos primeiros cristãos.

PRÉ-MILENARISMO – Essa é a visão de que todas as descrições bíblicas a respeito do reino vindouro de Deus que será estabelecido aqui na terra depois da volta de Jesus devem ser encaradas literalmente. Como veremos, essa também é a posição adotada pelos profetas, por Jesus, pelos apóstolos e pelos primeiros cristãos.

1 - Muitos usariam o título “Aliancistas” aqui para se referir àqueles que creem que Deus ainda cumprirá Suas promessas como feitas nas alianças abraâmica e davídica. Neste livro, no entanto, escolhi usar o título “restauracionista” e o termo “restauracionismo” para evitar qualquer confusão com a teologia reformada (aliança), que ironicamente nega o futuro cumprimento literal das alianças abraâmica e davídica.

Os restauracionistas afirmam que é apenas pela interpretação das Escrituras através das lentes dessas três perspectivas que a Bíblia em geral, e especificamente a profecia bíblica, realmente faz sentido. Sempre que a Igreja perde seu entendimento Israel-cêntrico, restauracionista, futurista e pré-milenarista das Escrituras, ela não apenas perde rapidamente a visão adequada do calendário profético do Senhor; ela também perde um entendimento do próprio Evangelho e se desvia de cumprir seu principal mandamento na terra. Discutiremos todas essas coisas com mais detalhes enquanto avançamos.

O LADO SUPERSESSIONISTA

Em um forte contraste em relação àqueles que abraçam o restauracionismo, o futurismo e o pré-milenarismo, estão aqueles que tendem a adotar um entendimento das Escrituras muito mais não-literal e alegórico. É baseado nessa visão das Escrituras que esse lado adota as três posições teológicas seguintes:

SUPERSESSIONISMO – Essa visão, comumente conhecida como “teologia da substituição”, defende que a Igreja Cristã suplantou ou substituiu Israel como povo de Deus. De fato, de acordo com um documento popular escrito em 2002 e postado no site do Seminário Knox, “as promessas de herança que Deus deu a Abraão [...] não se aplicam a nenhum grupo étnico em particular, mas à igreja de Jesus Cristo, o verdadeiro Israel.”² O documento

2 - Knox Theological Seminary, “An Open Letter to Evangelicals and Other Interested Parties: The People of God, the Land of Israel, and the Impartiality of the Gospel,” *If Americans Knew* (blog), http://www.ifamericansknew.org/cur_sit/wdoor.html; acessado em 10 de julho de →

foi assinado por centenas de proeminentes líderes, pastores e professores evangélicos.

Como foi dito por Albertus Pieters, um muito citado supersessionista: “Na Igreja Cristã Visível, que é agora o Israel da nova aliança, aqueles que chamamos ‘judeus’ são estranhos, ramos cortados, não tendo maior conexão com as promessas e profecias do que qualquer grupo gentio. Aqueles que agora chamamos de ‘judeus’, [...] não têm [...] destino profético, exceto continuar em seu triste e amargo estado [...] o livro fechado da história de Israel não será reaberto.”³

Embora nem todo supersessionista moderno seja tão contundente ou duro quando articula seus pontos de vista, Pieters descreveu de forma bastante acurada a posição supersessionista histórica. De acordo com essa perspectiva, sendo o “Novo Israel”, a Igreja se tornou a herdeira de todas as promessas e bem-aventuranças (mas de nenhuma das maldições) que haviam sido dadas anteriormente a Israel. O supersessionismo sustenta que a falta de fé em Deus por parte de Israel foi tão persistente que eventualmente o Senhor o afastou permanentemente de seu chamado e eleição únicos, que Israel tinha durante o período do Velho Testamento. Outros termos utilizados às vezes para descrever o supersessionismo (por aqueles que têm tentado criar variedades menos ofensivas do supersessionismo) são “teologia da realização” ou “teologia da

2014. O documento foi postado originalmente no website do Knox Theological Seminary em 2002. Ele foi removido posteriormente.

3 - Alberus Pieters, *The Ten Tribes in History and Prophecy* (Grand Rapids: Eerdmans, 1934), 109.

inclusão”. O supersessionismo está em conflito direto com o restauracionismo.

PRETERISMO – Essa é a crença de que a maioria das profecias bíblicas já foi cumprida. O preterismo interpreta a maior parte das passagens que falam sobre os “últimos dias” ou “final dos tempos” como já tendo sido cumpridas nos eventos que ocorreram por volta do ano 70 d.C., quando as legiões romanas destruíram Jerusalém e o Templo Judaico. Os preteristas não estão em acordo com relação a exatamente quanto das profecias já foram cumpridas no passado, então alguns adotam o “preterismo parcial”, enquanto outros acreditam no “preterismo total”. O preterismo normalmente sustenta que não existe no futuro uma “grande tribulação”, nem “Anticristo”, nem “marca da besta”, nem “grande apostasia”, ou a maioria das outras coisas geralmente associadas com os últimos dias que antecederão a volta de Jesus. Todas essas coisas são normalmente encaradas como se já tivessem ocorrido no ano 70 d.C.. O preterismo total vai mais além ao dizer que a volta de Jesus já ocorreu metaforicamente naquele ano. O preterismo está em franco conflito com o futurismo descrito anteriormente.

AMILENARISMO – As pessoas que adotam esse ponto de vista rejeitam a ideia de que, depois da volta de Jesus, haverá um período milenar (mil anos) quando Jesus irá governar as nações no trono de Davi em Jerusalém para cumprir todas as promessas de Deus feitas ao povo judeu durante a aliança abraâmica. O amilenarismo interpreta as várias referências ao período milenar encontradas nas Escrituras de maneira

alegórica ou espiritual. Por essas passagens não serem interpretadas literalmente, o amilenarismo sustenta que a Igreja está agora essencialmente no Milênio. Uma variação mais otimista e triunfalista do amilenarismo, chamada de *pós-milenarismo*, defende que a Igreja está se movendo da perseguição do primeiro século para um estado triunfante e vitorioso, progressivamente conquistando e cristianizando o mundo antes da volta de Jesus. Ambas as perspectivas (amilenarismo e pós-milenarismo) estão em conflito fundamental com o pré-milenarismo.

É essencial reconhecer que, embora cada uma dessas visões doutrinárias (supersessionismo, preterismo, e amilenarismo) esteja relacionada com diferentes temas da Escritura, elas são, de fato, conectadas logicamente e ligadas de forma inseparável. Se alguém defende o supersessionismo – de forma consistente – ele também irá apoiar o preterismo e o amilenarismo. Isso também é importante para entendermos que, pelo fato dessas doutrinas serem tão conectadas, se uma delas estiver em claro e direto conflito com as Escrituras, então todas as três entram em colapso juntas. Vamos considerar a relação entre o supersessionismo com o preterismo e o amilenarismo.

AS RAÍZES SUPERSESSIONISTAS DO PRETERISMO

Se alguém adota a noção de que Deus essencialmente divorciou Israel de seu status de povo eleito de Deus, como os supersessionistas fazem, algumas evidentes dificuldades surgem imediatamente. Por exemplo, todas as guerras e batalhas profetizadas biblicamente que ocorrem logo antes da volta de Jesus acontecem especificamente na região de Jerusalém e de

Israel. Como veremos posteriormente, uma grande parte das Escrituras testifica desse fato. Esse é um problema intransponível para o supersessionismo. Afinal, que sentido faria para as nações da terra, dirigidas por Satanás, ir à guerra contra Israel, uma nação que não possui mais nenhuma especial relevância para Deus? Se para Deus tudo acabou em relação à Israel, então por que Satanás teria a intenção específica de destruí-los? Se o supersessionismo fosse verdadeiro, então a ira de Satanás deveria ser direcionada exclusivamente aos cristãos, não à Israel. Não apenas isso contraria a realidade mundial presente, mas também não está de acordo com toda a história contada pelas Escrituras.

O preterismo é um método de interpretar as Escrituras criado pela necessidade de dar suporte ao supersessionismo. Ele é simplesmente a aplicação do supersessionismo aos eventos que precedem a volta de Jesus. O preterismo busca reinterpretar as Escrituras proféticas que falam da reunião das nações nos últimos dias contra Jerusalém como se ela já houvesse ocorrido na história, mais precisamente em 70 d.C., quando os exércitos romanos destruíram Jerusalém e o Templo. Dentro da visão de mundo do supersessionismo, os eventos daquele ano definiram o momento na história quando Deus fez seu decreto final de divórcio da Nação de Israel (corporativamente) e transferiu todo o seu favor para a Igreja Cristã. Se você considerar os vários sermões e livros de um grande número de professores supersessionistas-preteristas, você encontrará uma ênfase extremamente desigual no ano 70 d.C. e quase nenhuma referência à nossa “bendita esperança” (Tito 2:13), o retorno de Jesus. Ao invés de enfatizar a salvação vindoura e a restauração de Israel (Atos 1:6-7; Romanos 11:26), os supersessionistas-preteristas enfatizam o alegado divórcio e a dissolução da nação de Israel. Por essa razão, entre os vários nomes

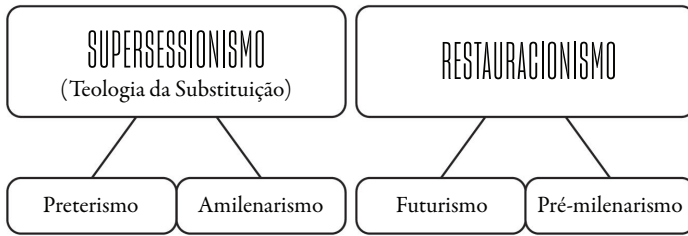
que poderíamos usar para nos referir ao supersessionismo, “teologia do divórcio” seria um termo justo e preciso.

A realidade, é claro, não tem tornado as coisas fáceis para os supersessionistas-preteristas. Desde 1948 eles têm de encarar o embaraçoso problema do renascimento milagroso do Estado de Israel. Os supersessionistas-preteristas precisam rejeitar qualquer sugestão de que o Estado de Israel nos tempos modernos tenha algo a ver com a soberania ou a vontade de Deus. Sem dúvida, Israel é realmente um espinho para aqueles que sustentam essa visão. Iremos explorar esses assuntos com mais detalhes posteriormente.

AS RAÍZES SUPERSESSIONISTAS DO AMILENARISMO

O amilenarismo é também uma extensão lógica do supersessionismo. Da mesma forma que o preterismo é simplesmente a aplicação do supersessionismo aos eventos que ocorrerão antes da volta de Jesus, o amilenarismo é a aplicação do supersessionismo aos eventos que seguirão o Seu retorno. A razão, novamente, é clara. Embora todos os profetas falem com grande detalhamento a respeito do tempo em que Jesus, o Rei Judeu, irá governar do trono de Davi em Jerusalém sobre um reino judaico restaurado, essa realidade não pode absolutamente ocorrer em um mundo supersessionista, onde Israel foi rejeitado eternamente por Deus.

O diagrama seguinte mostra a relação que existe entre o supersessionismo e o restauracionismo e as doutrinas relacionadas que eles logicamente requerem e produzem:



O NOVO TESTAMENTO REINTERPRETA O VELHO TESTAMENTO?

Uma diferença essencial entre os dois lados é a maneira geral com que eles interpretam a Bíblia e enxergam a relação entre o Velho e o Novo Testamento. Como já foi estabelecido, o restauracionismo aborda a Bíblia de um modo natural, de acordo com a maneira e a ordem na qual ela foi revelada. Os restauracionistas percebem que, para compreender corretamente o Novo Testamento, é preciso primeiro entender o Velho Testamento.

O método supersessionista de interpretação, no entanto, aborda a Bíblia de maneira invertida. Começa com o Novo Testamento e então procura reinterpretar ou revisar completamente o sentido original do Velho Testamento. Pelo fato dos supersessionistas começarem com a visão de que Deus rompeu com os judeus, quando eles olham para as muitas promessas feitas ao povo judeu durante o Velho Testamento, eles veem um claro conflito com o Novo Testamento. Para resolver isso, eles adotam o método grego de alegorizar ou espiritualizar qualquer passagem que esteja em conflito com sua visão de mundo supersessionista.

Embora o supersessionismo afirme que o “Israel” do Velho Testamento deva ser interpretado como uma metáfora para a Igreja, esse processo de “reinterpretação” acaba sendo aplicado a vários outros assuntos relacionados, como (1) a terra de Israel,

(2) Jerusalém, e (3) o Templo Judaico. Consideremos as palavras de N. T. Wright, um proeminente teólogo supersessionista, debatendo sua crença de que Jesus alterou o significado de terra de Israel e de reino de Deus:

[Jesus] não veio para reabilitar o *símbolo da terra santa*, mas para subordiná-lo em uma manifestação diferente do reino, que envolveria toda a criação. [...] Jesus passou todo o seu ministério redefinindo o significado de reino. Ele se recusou a abrir mão da linguagem simbólica do reino, mas a encheu com esse *novo conteúdo* com o qual, nós veremos, *ele poderosamente subverteu as expectativas judaicas*.⁴

Comentando a abordagem interpretativa de Wright, Dalton Thomas revela algumas de suas implicações profundas:

De acordo com Wright, [a promessa do Velho Testamento] foi esvaziada de sua substância original e “preenchida” com outra; uma coisa “nova”. O que havia sido prometido a Abraão nunca teve a intenção de ser entendido da maneira como foi declarado, mas como um “símbolo” que foi “redefinido”. Essa “redefinição” é tão radical que milhares de anos de “expectativa judaica” a respeito do cumprimento das imutáveis palavras e propósitos de Deus foram “poderosamente subvertidos”.⁵

De acordo com o *Dicionário Merriam-Webster*, o significado de “subverter” é “derrubar desde a fundação” ou “perverter

4 - N. T. Wright, *Jesus and the Victory of God* (London: SPCK: 1996), 446, 471; emphasis added.

5 - Dalton Thomas, *The Divestment Theology of N.T. Wright*. Não publicado. Usado com permissão.

ou corromper por um enfraquecimento da [...] fé.”⁶ Embora pouquíssimos supersessionistas gostem de admitir, a visão que eles sustentam é exatamente essa: *um esforço para derrubar e enfraquecer as promessas do Velho Testamento para o povo judeu*. Não é necessário dizer que Jesus não veio para “subverter” as promessas de Deus do Velho Testamento. Ele veio da primeira vez para prover expiação para toda a humanidade. Quando Ele voltar, no entanto, Ele irá realizar as promessas feitas a Abraão, Isaque, Jacó e Davi, que deixarão de ser meras promessas para serem estabelecidas como realidades.

Eu tenho a firme convicção de que existe uma unidade fundamental nas Escrituras, uma consistência entre o Novo e o Velho Testamento. Os dois não estão de maneira alguma em conflito. O mesmo Deus que inspirou o Velho Testamento inspirou o Novo. Como diz o velho ditado, “o Novo está oculto no Velho; o Velho é revelado no Novo”. O Novo Testamento expande e revela mais profundamente o que foi introduzido no Velho Testamento. Isso é uma verdade absoluta. Mas dizer que alguma coisa que foi sugerida no Velho Testamento é melhor explicada no Novo é bem diferente do que afirmar que o Novo Testamento de fato modifica, revoga, “redefine”, “subverte” ou “derruba” as promessas do Velho Testamento para Israel. Nesse ponto, eu concordo completamente com J. C. Ryle, o reformador do século 18 que articulou perfeitamente o problema do método supersessionista de (re)interpretar as Escrituras: “O meu protesto é contra o hábito de alegorizar dizeres simples da Palavra de Deus a respeito da história futura da nação de Israel, e explicar a totalidade desses conteúdos de maneira a acomodá-los à Igreja Gentia. Eu não creio que esse

6 - Merriam-Webster Dictionary, s.v. “subvert,” <http://www.merriam-webster.com/dictionary/subvert>; acessado em 11 de julho de 2014

hábito seja justificado pelas Escrituras, e acredito que ele traz várias consequências malignas.”⁷

Consideraremos posteriormente essas “consequências malignas”. Por agora, no entanto, vamos simplesmente dizer que o trabalho de todo professor responsável da Palavra de Deus é o ajudar os companheiros crentes a entender melhor o significado das Escrituras – não desconstruir, reinterpretar, e modificar o que está sendo obviamente dito. Vamos concluir com outro comentário de J. C. Ryle. Creio que é uma exortação muito apropriada para todos nós, uma que iremos procurar seguir ao longo desse livro:

Cultivemos o hábito de ler as profecias com o olhar voltado para o significado literal de suas palavras. Abandonemos a ideia tradicional de que Jacó, e Israel, e Judá, e Jerusalém, e Sião devam ser sempre interpretados como significando a Igreja Gentia, e que as predições a respeito do segundo Advento sejam sempre lidas de maneira espiritual, enquanto as predições a respeito do primeiro Advento são interpretadas literalmente. Sejam justos, honestos e corretos. Se você espera que os judeus interpretem Isaías 53 literalmente, então interprete o 54, o 60 e o 62 da mesma forma.⁸

Em outras palavras, se esperamos que os judeus aceitem de forma literal a profecia de Isaías 53, que fala claramente a respeito de um Messias sofredor que faz expiação pelos pecados de Seu povo, então devemos ser coerentes e interpretar as profecias de Isaías 54, 60 e 62, como se falando da futura restauração do

7 - J. C. Ryle, *Are You Ready for the End of Time?* (Fearn, Scotland: Christian Focus, 2001) 107-8; reimpressão de *Coming Events and Present Duties*.

8 - *Ibid.*, 157-59.

Reino Judaico de uma maneira igualmente literal. Supersessionistas são rápidos em aplicar todas as bênçãos de Israel à Igreja (eles mesmos), mas não aplicam os julgamentos de Israel – ou mesmo a mera ameaça de julgamento – à Igreja. Nesse sentido, o supersessionismo é uma abordagem profundamente inconsistente da interpretação bíblica.

Nos próximos três capítulos iremos ver como os campos restauracionista e supersessionista interpretam as grandes promessas das alianças de Deus de maneiras radicalmente diferentes.

A ALIANÇA ABRAÂMICA

Antes que alguém possa realmente entender o significado do Novo Testamento, existem alguns assuntos fundacionais do Velho Testamento que devem ser compreendidos. Os primeiros desses assuntos são as quatro grandes alianças bíblicas. Estou falando da (1) aliança abraâmica, (2) a aliança mosaica, (3) a aliança davídica, e (4) a nova aliança.

Surpreendentemente, embora essas alianças sejam a verdadeira fundação de toda a história bíblica, a maioria dos cristãos sabe muito pouco sobre elas. Se a Igreja fosse informada apropriadamente a respeito dessas grandes alianças bíblicas – qual o seu propósito, como elas se relacionam umas com as outras, e como elas se diferenciam – então todo o debate e controvérsia a respeito do restauracionismo e do supersessionismo seriam dissolvidos. Vamos começar com a mais fundamental das alianças, aquela sobre a qual todas as outras são construídas.

DEUS FEZ UMA PROMESSA

Para entender não apenas o início da história de Israel, mas também de todo o plano da redenção, entenda que ele pode ser resumido em uma simples afirmação: *Deus fez uma promessa*. Essa promessa, é justo dizer, é um dos mais importantes

e fundamentais temas de toda a Bíblia, dominando as páginas do Velho e do Novo Testamento. Não apenas a aliança abraâmica é a própria fundação do plano divino de redenção, mas ela também se tornou o ponto principal da história – o fator motivador primário por trás do mais proeminente conflito global, espiritual e geopolítico do planeta nos dias de hoje.

A promessa foi feita a Abrão, que depois seria renomeado como Abraão – e é por isso, claro, que a aliança recebeu o nome de “abraâmica”. Existem três aspectos críticos da aliança abraâmica que devem ser reconhecidos:

1. A aliança abraâmica é a promessa feita especificamente aos descendentes de Abraão, de Isaque, e então de Jacó (que foi depois renomeado como Israel).
2. A ênfase primária da promessa se refere a uma área territorial bem específica e literal nessa terra.
3. A promessa feita através da aliança abraâmica é vigente, irrevogável, e eterna.

Devemos mencionar que o supersessionismo nega, em vários graus, um ou mesmo os três elementos da aliança abraâmica. Mas, como veremos, o amplo testemunho das Escrituras a respeito de cada um desses elementos é claro, coerente e completo.

A ALIANÇA COM ABRAÃO

Como as pessoas que estão familiarizadas com a história sabem, o Senhor disse a Abrão para sair de Ur dos caldeus, ou, em termos modernos, Iraque. Um tempo depois de haver deixado Ur,

“a palavra do Senhor veio a Abrão em uma visão, dizendo, ‘Não temas, Abrão, eu sou um escudo para você; sua recompensa será muito grande’” (Gênesis 15:1). Claro que, após ouvir que teria uma recompensa “muito grande”, Abrão perguntou a Deus como ele poderia obtê-la, já que ele não tinha nenhum filho para passar a recompensa adiante. O Senhor respondeu e assegurou a Abrão que sua grande recompensa não seria deixada para um mero servo de sua casa, mas que seria dada ao seu próprio filho, “que virá de seu próprio corpo” (v. 4). O que acontece a seguir é belamente poético. O Senhor leva Abrão para debaixo do céu noturno e diz para ele “olhar para o céu” (v. 5). Eu imagino que o céu naquela noite estava radiante com o brilho de 10 milhões de embaixadores da promessa. Vinte anos atrás, eu passei algumas noites com uma família árabe beduína no deserto da Jordânia, em um lugar chamado *Wadi Rum*. O nome significa “Vale da Lua”, porque seus platôs dramáticos e salientes se assemelham à superfície da lua. Eu já havia observado as estrelas de diversos lugares – em picos de montanhas distantes das luzes da cidade e em pleno alto-mar, no Oceano Atlântico, muitas horas antes do nascer do sol – mas eu nunca havia visto um número tão maravilhoso de estrelas como naquelas noites, sentado no chão do deserto em Wadi Rum. As estrelas eram espessas como um rio poderoso correndo em seu leito, silenciosamente através do céu. Eu imagino que o que Abrão viu naquela noite não era diferente. Com um incontável número de estrelas cintilando acima dele, o Senhor disse a Abrão, “Um que sairá de seu próprio corpo, ele será seu herdeiro [...] Agora olhe para o céu, e conte as estrelas, se você é capaz. Assim serão seus descendentes” (vv. 4-5).

De acordo com as Escrituras, naquele momento Abrão não apenas creu que ele teria um filho e muitos descendentes, mas ele de fato confiou em Deus e colocou sua fé naquele que viria de seus próprios lombos, cumprindo tudo o que Deus

havia acabado de prometer. Como resultado da confiança de Abrão, o Senhor “creditou isso a ele como justiça” (v. 6). Foi esse episódio que o apóstolo Paulo usou como a base de sua ênfase esmagadora, abordada em suas epístolas, na salvação sendo alcançada através da fé (Romanos 4:3; Gálatas 3:6).

Depois disso, Deus diz a Abrão para trazer diante Dele “uma novilha de três anos, e uma cabra de três anos, e um carneiro de três anos, e uma rolinha e um pombinho” (Gênesis 15:9). Abrão os trouxe e, como foi instruído, os “cortou ao meio” (v. 10), colocando as metades de frente umas para as outras, essencialmente criando um caminho entre elas. Conforme o sol se punha, “um sono profundo caiu sobre Abrão; e vieram sobre ele trevas densas e apavorantes” (v. 12). Então, de dentro das trevas, o Senhor apareceu em uma forma muito estranha de “um fogareiro esfumaçante e uma tocha acesa” (v. 17), e Ele caminhou por entre as partes dos animais mortos.

Um aspecto muito importante dessa história que todo cristão deveria entender é que apenas Deus andou no caminho. Quando tudo isso aconteceu, Abrão havia caído em um “sono profundo” (v. 12). O ponto é que não foi um acordo bilateral entre duas partes. Foi uma promessa unilateral e incondicional feita por Deus aos descendentes de Abraão. Dessa forma, Deus será fiel à Sua promessa. Não depende da fidelidade dos descendentes de Abraão, a quem a promessa foi feita. Além disso, embora a promessa tenha passado para o seu filho Isaque – e para o filho de Isaque, Jacó – o herdeiro definitivo das promessas era na verdade Jesus, o Messias. Ele era aquele em quem Abraão colocou sua fé. Iremos discutir isso muito mais no decorrer do livro.

É interessante que enquanto os teólogos cristãos normalmente se referem a essa aliança como sendo “a aliança abraâmica”, entre os judeus ela é geralmente referida como

sendo a *Brit bein HaBetarim*, que significa a “aliança entre as partes”. Mas qual a razão de Deus para cortar os animais ao meio e andar entre eles? Por que Ele usou uma imagem tão gráfica e sangrenta?

ALIANÇA DE DEUS PARA A MORTE

Walter C. Kaiser Jr. é uma verdadeira luz brilhante entre os estudiosos evangélicos conservadores do Antigo Testamento. Tendo sido autor e editor de mais de quarenta livros, o Dr. Kaiser atuou como reitor acadêmico e professor de Antigo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School por mais de vinte anos, e depois como presidente do Seminário Teológico de Gordon-Conwell. Ele é respeitado por todos dentro da comunidade teológica, então foi uma enorme honra para mim poder visitar o Dr. Kaiser para discutir, entre outras coisas, a questão da teologia do supersessionismo/substituição e da aliança abraâmica.

Quando cheguei à fazenda da família Kaiser, a menos de um quilômetro e meio das margens do lago Michigan, Walter e sua esposa, Margaret, conversavam na varanda da frente, desfrutando de uma linda tarde de verão. Vagando pelo pátio havia várias lhamas de várias cores que aparentemente também chamavam a fazenda Kaiser de sua casa.

Uma vez lá dentro, para meu prazer extremo, Margaret me convidou para examinar a biblioteca pessoal do Dr. Kaiser. Enquanto examinava as filas de prateleiras arrumadas, pensei no profundo impacto que esse homem teve no campo dos estudos do Antigo Testamento e nos muitos estudantes que tiveram o benefício de aprender com ele. O Dr. Kaiser entrou, deu a volta nas prateleiras e depois voltou para me entregar cópias novas de seus dois últimos livros. Apesar de ter se aposentado

de seu papel formal como presidente da Gordon-Conwell, e de estar agora com oitenta anos, sua mente, inteligência e produtividade permanecem tão focadas como sempre. Entramos em sua sala e nos sentamos.

Logo nossa conversa voltou-se para a questão da aliança abraâmica. Com um sorriso, ele respirou fundo e depois, como um laser, cortou diretamente o coração da questão, abordando a maneira vívida, gráfica e enfática com que Deus fez sua promessa a Abraão: “Em Gênesis 15, foi o próprio Deus que andou entre as partes”, disse ele. “Eles cortaram uma aliança. A palavra para fazer uma aliança é ‘cortar’ uma aliança. E eles cortaram os pedaços, metade do animal para cada lado, formando um corredor no meio. Então havia três animais cortados e depois dois pássaros. E Deus caminhou entre as partes e disse, com efeito: ‘Que eu, Deus, morra como estes animais se não mantiver o que prometi aqui’. Então, quando a Igreja trouxe a teologia de substituição e abraçou uma mentalidade supersessionista na qual ela se assentou na cadeira que pertencia a Abraão, Isaque, Jacó e seus descendentes, ela retirou o que Deus havia prometido pelo penhor de sua vida!” Ele fez uma breve pausa, então terminou: “*Então eu acho que Deus vai cumprí-la.*”

Ao escolher realizar a aliança de maneira tão visualmente sangrenta e gráfica, o Senhor estava fazendo uma declaração profunda e enfática. Os comentários do Dr. Kaiser confirmaram todos os meus sentimentos. Acreditar que Deus cumprirá Suas promessas a Abraão é afirmar a própria integridade, confiabilidade e fidelidade de Deus à Sua palavra e às Suas promessas. Falando de forma simples, se algum cristão deseja ser chamado *filho de Abraão*, então acreditar nas coisas que Abraão acreditava é um requisito básico (veja Romanos 4:6; Gálatas 3: 7; 1 Pedro 3:6). Deus vai dar a terra aos descen-

dentes de Abraão. Se dissermos que Deus não vai literalmente cumprir Suas promessas aos fiéis remanescentes entre o povo judeu, como então nós, como cristãos, podemos nos virar e reivindicar a confiança nEle em relação à nossa própria salvação? Concordo com o Dr. Kaiser e espero que você também o faça. Eu acredito que Deus vai cumprir suas promessas. Ele é um guardião da promessa.

Mas o que exatamente Deus prometeu? Agora é que se torna essencial examinar as palavras com muito cuidado.

ONDE ESTÁ A TERRA PROMETIDA?

Quando a cerimônia da aliança acabou, o Senhor definiu a região que estava dando a Abraão e seus descendentes. Os limites da terra prometida eram incrivelmente precisos e abrangiam uma área muito maior do que o segmento relativamente pequeno de terra que hoje é chamado de Estado de Israel. Aqui está a terra específica que o Senhor prometeu: “Desde o rio do Egito até o grande rio, o rio Eufrates: o que-neu e o quenezeu, o cadmoneu e o heteu, e o ferezeu, e os refains, e o amorreu, e o cananeu, e o girgaseu, e o jebuseu” (Gênesis 15:18-21).

Com base nessas descrições e em outras passagens em que os limites são reiterados, é fácil definir a “terra prometida” de acordo com os modernos marcadores nacionais e naturais. A terra prometida é definida de acordo com o seguinte limite:

O limite noroeste da terra prometida é simplesmente o “Grande Mar” ou o “Mar do Oeste”. Ele é, evidentemente, o Mediterrâneo (cf. Números 34:6; Ezequiel 47:20).

O limite sudoeste da terra prometida é definido pelo “rio do Egito” (hebraico: *Nachal Mitzrayim*). Os estudiosos estão divididos quanto à identificação deste rio. Alguns comentários

bíblicos o identificam com o Wadi el-Arish, ou o “ribeiro do Egito”, e algumas passagens paralelas parecem confirmar isso (Êxodo 23:31; Ezequiel 47:19). O Wadi el-Arish flui da fronteira sul de Taba, ao sul da moderna cidade israelense de Eilat, e se estende para o norte até a cidade de Arish, que fica no Mar Mediterrâneo, cerca de 65 quilômetros a oeste da Faixa de Gaza, na Península do Sinai. Em outras palavras, isso significaria que a terra prometida não inclui a maioria da Península do Sinai. No entanto, existem alguns problemas com essa visão, e o mais provável é que o ribeiro do Egito seja o que chamamos de braço pelusiano do Nilo - onde hoje não corre mais água. Se este for o caso, então a terra prometida incluiria virtualmente toda a Península do Sinai.

A fronteira norte da terra prometida se estende do mar Mediterrâneo pelo menos até o norte, como Sidon (talvez para Beirute) no Líbano, e depois através da Síria para o leste até o rio Eufrates (cf. Gênesis 15:18; Deuteronômio 11:24; Ezequiel 47:17 e Josué 1:4).

A fronteira oriental da terra prometida parece se estender do Eufrates no norte, do sudoeste através da Síria, ao longo do lado oriental do Mar da Galileia, (ou “Lago *Kinneret*”, às vezes traduzido como “Mar de *Chinnereth*” ou o “mar oriental”), incluindo grande parte do sul da Síria e de todas as colinas de Golã. Do extremo sul do Mar da Galileia, as linhas limítrofes seguem o rio Jordão, que corre para o sul até o Mar Morto. (cf. Números 34:11-12; Ezequiel 47:18).

Dentro das várias passagens que detalham os limites da terra prometida, há alguns pontos de referência que não podemos ter certeza, mas os parâmetros gerais são bastante claros. E embora a maioria acredite que a “terra prometida” inclua apenas o moderno Estado de Israel, a verdade é que a promessa também incluiu um grande segmento do deserto do Sinai,

grande parte do Líbano moderno, um grande segmento do sul da Síria, uma grande parte da Jordânia, todas as colinas de Golã, bem como a Cisjordânia e Gaza.



Mapa da verdadeira Terra Prometida

QUANDO E ONDE AS PROMESSAS SERÃO CUMPRIDAS?

Alguém familiarizado com a geografia e as fronteiras nacionais do Oriente Médio sabe que nunca antes na história do povo judeu eles realmente possuíram toda a terra prometida pelo Senhor por meio da aliança abraâmica. Ao considerar esta profecia, então, o crente é confrontado com quatro possíveis conclusões:

1. O Senhor simplesmente falhou em cumprir Suas promessas.
2. O Senhor nunca pretendeu literalmente cumprir Suas promessas. As promessas de terra sempre foram

destinadas a serem entendidas espiritualmente, referindo-se às bênçãos de estar em Cristo.

3. A promessa nunca será cumprida literalmente de acordo com as especificações dadas pelo Senhor, mas será cumprida espiritualmente no “céu” ou em alguma “Nova Terra” celestial que não tem correlação direta com a terra atual ou qualquer uma das regiões especificadas dentro da aliança real.
4. Embora o Senhor ainda não tenha cumprido Suas promessas literalmente, Ele continua comprometido em fazê-lo no futuro quando retornar.

Destas opções, a única viável é a quarta. Esta é a visão do restauracionismo, que vê o Senhor como genuinamente fiel guardião de promessas. Somente essa visão reconhece o Senhor como um Deus cuja integridade e palavra podem ser confiáveis. As promessas do Senhor na aliança abraâmica com o povo judeu continuam a aguardar o seu cumprimento ainda futuro nesta terra atual.

NA TERRA OU NO CÉU?

Quando confrontados com as promessas abundantemente claras de Deus sobre a terra prometida, supersessionistas-amilenaristas devem fazer um pouco de contorcionismo teológico. Muitos dos defensores da velha escola argumentam que o Senhor não tem planos de dar qualquer terra terrestre a ninguém, mas está simplesmente planejando dar “céu” àqueles que herdaram Suas promessas. Um desses “amilenaristas celestiais” é o teólogo Gary M. Burge, professor do Wheaton College e defensor sincero do supersessionismo e do amilenarismo. Em seu livro *Jesus*

and the Land, Burge refere-se à Jerusalém que Abraão esperava como sendo “no céu - não uma cidade terrestre.”¹ Para apoiar seu argumento, Burge cita Hebreus 11:13–16:

Todos estes morreram na fé, sem receber as promessas, mas tendo-as visto e saudado-as de longe, confessaram que *eram estrangeiros e exilados na terra*. Para aqueles que dizem essas coisas, fica claro que estão procurando um país próprio. E, de fato, se eles estivessem pensando naquele país de onde saíram, teriam tido a oportunidade de retornar. Mas da forma que é, eles desejam um país melhor, isto é, um *país celestial*. Portanto, Deus não se envergonha de ser chamado de seu Deus; porque Ele preparou uma cidade para eles. (grifos adicionados)

Burge está correto? O que esta passagem pretende transmitir quando diz que Abraão era um estranho e exilado na terra, enquanto procurava uma cidade “celestial”? A resposta é realmente muito simples. A visão de mundo bíblica ou hebraica sustenta que, quando Jesus voltar, destruirá os atuais sistemas pecaminosos e corruptos, bem como os principados satânicos que governam e dominam a Terra, e irá estabelecer Seu próprio domínio divino sobre o mundo inteiro. A eliminação desses sistemas perversos e o estabelecimento de seu próprio governo divino é o que significa a era futura como sendo “celestial”. Não está falando da localização do reino vindouro, mas da natureza do reino vindouro. Não se engane: as Escrituras deixam bastante claro que Jesus realmente restaurará e redimirá esta presente Terra física. Considere como o apóstolo Paulo falou com clareza sobre esse assunto:

1 - Gary M. Burge, *Jesus and the Land* (Grand Rapids: Baker Academic, 2010), 98.

Pois a criação espera, com grande expectativa, pela revelação dos filhos de Deus. Pois a criação foi sujeita à futilidade, não de bom grado, mas por causa Da-quele que a sujeitou, na esperança de que *a própria criação também fosse libertada de sua escravidão à corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus*. Pois sabemos que *toda a criação geme e sofre as dores do parto até agora*. E não somente isso, mas *também nós mesmos*, tendo os primeiros frutos do Espírito, nós mesmos gememos em nós mesmos, *esperando ansiosamente por nossa adoção como filhos, a redenção de nosso corpo*. (Romanos 8:19-23; grifos adicionados)

De acordo com Paulo, é esta *presente criação física* que está gemendo, aguardando ansiosamente o tempo em que ela não estará mais sujeita à “futilidade”, mas será “libertada [...] na glória dos filhos de Deus”. Assim como há uma correlação direta entre os corpos que possuímos atualmente e os corpos imortais que possuiremos depois da volta de Jesus (ver 1 Coríntios 15:35–44), também existe uma correlação direta entre a terra atual e a terra futura que Jesus governará, “libertará” e redimirá. A Terra estará sob nova administração, por assim dizer; os velhos sistemas terrenos e pecaminosos serão eliminados quando estiverem sob o domínio e controle pleno do Rei celestial. Esse é o significado da cidade “celestial” que Abraão desejava. De modo algum isso significa que a herança de Abraão será em qualquer outro lugar que não neste planeta real. Os mansos “herdarão a terra”, diz Mateus 5:5 (grifo adicionado). Se o Senhor prometeu aos descendentes de Abraão a terra real entre o rio do Egito e o Eufrates, então é exatamente isso que o Senhor lhes dará na época vindoura.

MUDANDO AS PALAVRAS DE DEUS

Enquanto a visão celestial de Burge do reino vindouro ainda é popular entre alguns amilenaristas, muitos outros, aqueles que estão mais à frente dos problemas com o amilenarismo clássico, chamam a si mesmos de “amilenaristas terrestres”. Eles argumentam que o Senhor de fato governará a Terra. O principal problema, no entanto, é que eles também argumentam que a terra que Ele governará será *fundamentalmente diferente* da terra que Ele prometeu. Em seu livro *Kingdom Come*, o bem conhecido pastor e autor Sam Storms, ao se referir à aliança abraâmica, afirma: “Creio que esta promessa será cumprida *literalmente*, mas não apenas ou primariamente na terra de Canaã.”² Eu cocei minha cabeça quando li esta declaração. Como alguém pode dizer que as promessas serão “literalmente” cumpridas, mas de maneira *completamente diferente* de como Deus as falou? Isso é um oxímoro. Os supersessionistas-amilenaristas, como Storms, acreditam que depois da volta de Jesus entraremos imediatamente no “estado eterno” sem um período de transição intermediário. A herança, de acordo com Storms, não será meramente a terra prometida, mas, de fato, toda a Terra, embora seja uma terra muito diferente daquela em que agora nos encontramos. Mas se este é o caso, se a terra que será fornecida pelo Senhor não se correlaciona literalmente com a terra específica prometida, então por que o Senhor se preocupou em definir tão precisamente a terra usando tais marcadores de limite naturais e literais, como o Eufrates, o Grande Mar e o Rio do Egito? Por

2 - Sam Storms, *Kingdom Come: The Amillennial Alternative* (Ross-shire, Scotland: Christian Focus Publications, 2013), 208. Sam é um ex-professor meu e é amado por todos que o conhecem, inclusive eu, embora discorde dele profundamente sobre esta questão.

que ele usaria todos esses marcadores muito específicos se nenhum deles vai mesmo existir? Por exemplo, Storms diz que, imediatamente após a volta de Jesus, não haverá mais nenhum mar literal. Nós devemos perguntar, então, por que o Senhor especificamente usaria “o Grande Mar” como um limite distinto para a terra prometida se ele nem mesmo existirá durante o tempo em que Suas promessas serão cumpridas? Isso não faz nenhum sentido. Vários outros exemplos podem ser considerados. Esse é apenas um exemplo de como a posição amilenarista simplesmente não pode ser conciliada com o testemunho bíblico. Ao alegar que Ele não cumprirá literalmente o que prometeu, os amilenaristas retratam o Senhor como incrivelmente confuso, na melhor das hipóteses, ou como um enganador e quebrador de promessas, na pior delas.

Para defender seu argumento, Storms apela para um G. K. Beale, outro supersessionista-amilenarista conhecido. Em seu livro *The Temple and the Church's Mission*, Beale começa descrevendo um pai que em 1900 faz uma promessa a seu filho pequeno de lhe comprar um cavalo e uma charrete quando ele crescesse e se casasse. Anos mais tarde, quando seu filho é realmente crescido e casado, ele na verdade não compra um cavalo e um carrinho, mas ao invés disso compra um automóvel. Esse é o ponto de inflexão onde toda a lógica começa:

Durante os primeiros anos de expectativa, o filho reflete sobre o tamanho particular da charrete, seus contornos e estilo, seus belos assentos de couro e o tamanho e a raça do cavalo que a puxaria. Talvez o pai tivesse conhecimento, desde os primeiros experimentos, que a invenção do automóvel estava no horizonte, mas cunhou a promessa para o filho em termos que seu filho entenderia. Anos mais tarde, quando o filho se casa, o pai dá ao casal um automóvel, que já foi inventado e

produzido em massa [...] Isto não é um cumprimento “literal” da promessa?³

A resposta é um retumbante não. De modo algum poderia ser considerado um cumprimento “literal” de sua promessa. Deixe-me compartilhar uma analogia mais precisa. Se eu prometo especificamente ao meu filho toda a cidade de Colorado Springs, mas em vez disso lhe dou todo o estado de Montana, eu não cumpro literalmente minha promessa, não importa quão grande seja meu presente.

Se eu prometer especificamente à minha filha um Ford Focus 2006, mas em vez disso dar a ela um Maserati de 2014, eu não cumpro literalmente minha promessa. Fazer algo maior ou melhor não o torna literal. Se o Senhor prometeu muito especificamente aos descendentes de Abraão a terra de Canaã “desde o rio do Egito” e o “Grande Mar ao Eufrates”, mas ao invés disso lhes dá outro mundo - um que nem inclui esses corpos de água — então Ele não cumpriu literalmente Suas promessas. No entanto, é precisamente esse tipo de argumento florido-ainda-que-falacioso que tantas vezes é visto como *profundo* entre aqueles que buscam defender a teologia do supersessionismo e do amilenarismo.

Além disso, por mais que seja escandaloso alterar o claro significado das promessas do Senhor, como fazem os amilenaristas, o pior é que, depois de empregar tais argumentos falaciosos, eles então desprezam uma leitura mais direta da Bíblia. O erudito britânico N. T. Wright ironicamente ridiculariza a interpretação literalista daqueles que buscam o cumprimento literal das promessas de Deus usando a expressão zombeteira “literalismo grosseiro”.

3 - G. K. Beale, *The Temple and the Church's Mission* (Chicago: IVP, 2004), 352-53.

A QUEM FORAM FEITAS AS PROMESSAS?

Agora que sabemos *onde* as promessas serão cumpridas, devemos perguntar *para quem* elas serão cumpridas. Como já vimos, as promessas feitas a Abraão diziam respeito a seus descendentes físicos. Mas isso inclui *todos* eles? Não, pois, como mostra Gênesis 25, Abraão teve oito filhos no total. Mas, de acordo com as Escrituras, as promessas só foram feitas aos descendentes de um filho, Isaque (ver Gênesis 17:15–21; 21:9–13). O Senhor disse especificamente a Abraão que seria através de Isaque, e não de Ismael, que seus descendentes herdariam a terra prometida. Mais tarde, a promessa foi estendida ao filho de Isaque, Jacó/Israel (ver Gênesis 28:13), mas não a seu irmão, Esaú. Embora esteja claro que o Senhor ama os descendentes de Ismael, as promessas da terra da aliança abraâmica foram feitas exclusivamente para os descendentes diretos de Jacó, a família corporativa ou a nação de Israel.

Em um esforço para minar o compromisso vigente do Senhor com o povo judeu moderno (os descendentes de Abraão através de Isaque e da linhagem de Jacó), muitos ativistas supersessionistas e anti-Israel procuram ocultar ou distorcer o testemunho escriturístico sobre esses assuntos. Carl Medearis, um autor popular, orador e proponente do movimento anti-Israel, nos fornece um bom exemplo de vandalismo das Escrituras. Em seu blog, ao responder à pergunta “Qual é a sua posição sobre Israel?”, Medearis respondeu chocantemente: “A terra foi dada aos descendentes de Abraão — seus descendentes são Isaque e Ismael. Os descendentes de Abraão, de fato, vivem na terra. Deus cumpriu essa promessa!”⁴

4 - Carl Medearis, “Question #4: What is your position on Israel?” *Making Jesus Accessible* (blog), 23 de julho de 2010, <http://carlmedearis.com/2010/07/question-4-what-is-your-position-on-israel-as-youve-gotten-more-involved-there-im-often-concerned-that-you-may-be-anti-semitic/>.

Eu encontrei Carl em algumas ocasiões. Ele é um cara tremendamente capaz e um incrível contador de histórias, e estou confiante de que ele ama Jesus. Mas me dói dizer com tanta franqueza que sua teologia é realmente péssima e até perigosa. Infelizmente, o comentário que acabei de citar é apenas um exemplo do tipo de distorção do testemunho bíblico que muitos supersessionistas empregam para justificar sua posição.

Então Deus prometeu, como Medearis afirma, dar a terra de Israel tanto a Isaque como a Ismael? Até mesmo a revisão mais básica das passagens que tratam desses assuntos revela que a resposta é não. De fato, se voltarmos ao relato de Gênesis 17, descobriremos que Abraão especificamente pediu ao Senhor a respeito de Ismael, solicitando que ele fosse o recipiente das promessas do Senhor. Mas o Senhor rejeitou categoricamente seu pedido:

“E Abraão disse a Deus: ‘Oh, que Ismael viva diante de ti!’ Mas Deus disse: ‘*Não, mas Sara, tua mulher, te dará um filho, e tu lhe chamarás Isaque; estabelecerei a minha aliança com ele, por aliança perpétua para os seus descendentes depois dele.* Quanto a Ismael, eu te ouvi; eis que o abençoarei e fá-lo-ei frutificar e multiplicá-lo-ei muitíssimo. Ele será o pai dos doze príncipes, e eu farei dele uma grande nação. *Mas o Meu pacto estabelecerei com Isaque, que Sara lhe dará a esta estação no próximo ano.*” (Gênesis 17:18–21; grifo adicionado)

Anos mais tarde, quando Ismael tinha quatorze anos e Isaque ainda era apenas um bebê, Sara viu que Ismael estava zombando (ou “perseguido”, como Paulo escreveu em Gálatas 4:29) seu irmão mais novo, Isaque: “Por isso ela disse a Abraão: ‘Expulsa esta empregada [Agar] e seu filho, pois o

filho dela não será herdeiro com meu filho Isaque.” (Gênesis 21:10-11). Se Ismael fosse de fato o co-herdeiro ou co-destinatário das promessas do Senhor, então, é claro, o Senhor teria intervido contra os desejos de Sara. Mas em vez disso as Escrituras revelam que Ele realmente concordou com Sara e ordenou a Abraão que expulsasse Hagar e seu filho, Ismael, permanentemente do acampamento da família: “Mas Deus disse a Abraão: ‘Não se aflija por causa do rapaz e de sua empregada; tudo o que Sara lhe disser, ouça-a, pois *através de Isaque seus descendentes serão chamados*. E do filho dela eu farei também uma nação, porque ele é seu descendente” (Gênesis 21:12-13; grifos adicionados. Veja também Gênesis 28:10-16).

Seria difícil ficar mais claro. O Senhor repetidamente disse a Abraão que seria Isaque e não Ismael através do qual seus descendentes herdariam a promessa de terra. Mais tarde, a promessa foi feita a Jacó/Israel (ver Gênesis 28:13), mas não a seu irmão Esaú. Novamente, enquanto está claro que o Senhor ama todas as pessoas, as promessas da terra da aliança abraâmica eram apenas para a família corporativa ou nação de Israel.

A ALIANÇA ETERNA

Como eu disse anteriormente, é difícil exagerar o lugar de proeminência e importância fundamental que a aliança abraâmica e as promessas de terra associadas possuem dentro da narrativa bíblica. A aliança abraâmica é o fundamento sobre o qual todo o plano de redenção do Senhor é construído. Por isso, muito tempo depois da morte de Abraão, as promessas do Senhor seriam repetidas várias vezes ao longo das Escrituras. Depois que os filhos de Israel tinham sido escravos no Egito, foi por fidelidade à Sua aliança que o Senhor respondeu à sua miséria. No meio de seu sofrimento, o Senhor se identificou a Moisés

como aquele que “apareceu a Abraão, Isaque e Jacó” e estabeleceu Sua “aliança com eles, para dar-lhes a terra de Canaã, a terra em que peregrinaram” (Êxodo 6:3-4). E então, de maneira muito clara e direta, o Senhor prometeu dar aquela mesma terra aos “filhos de Israel” como “uma possessão eterna” (vv. 5-8). Mais tarde, em 1 Crônicas 16:13-18 e Salmos 105:6-12, nos é dito que a aliança abraâmica foi feita com os “Filhos de Jacó, Seus escolhidos”. Mais importante, a aliança é descrita como “A palavra que ele ordenou a mil gerações [...] a Israel como uma aliança eterna”. Em 1 Reis 8:35-36, Israel é descrito como o povo do Senhor, a quem Ele deu sua terra como herança. Em Isaías 14:1-3, a promessa de terra é especificada como tendo sido feita à “casa de Jacó” coletivamente e à “casa de Israel”. Em Ezequiel 11, o Senhor fala a “toda a casa de Israel, todos eles” - muitos dos quais estavam vivendo no exílio - e promete-lhes: “Eu os congregarei dos povos e os congregarei das terras em que fostes espalhados, e lhes darei a terra de Israel” (vv. 15, 17). Por meio do profeta Amós, o Senhor falou da restauração escatológica do “Meu povo de Israel” para “sua terra que lhes dei” (Amós 9:14-15), para nunca mais ser erradicado.

No final das contas, qualquer pesquisa do Antigo Testamento revelará a clareza, especificidade e ênfase das promessas de Deus, conforme Ele as repetia várias vezes. Tudo somado, somente no livro de Deuteronômio, o Senhor reiterou a promessa de terra para Israel quase setenta vezes. No total, as promessas são reiteradas de uma maneira ou de outra mais de duzentas vezes ao longo das Escrituras. Não se pode duvidar de que as promessas de terra feitas aos filhos de Israel estão entre as realidades mais repetidas e enfatizadas em toda a Bíblia.

Entendendo então a proeminência da aliança abraâmica no testemunho bíblico, ficamos mais uma vez chocados e tristes com os comentários de Carl Medearis, cujas opiniões, dessa

vez, vêm de um artigo on-line na CNN intitulado “Minha opinião: Jesus apoiará a oferta do Estado Palestino”. Referindo-se às promessas feitas pela aliança abraâmica, que, como acabamos de ver, dominam o testemunho bíblico, Medearis pergunta: “Em vez de permitir que *promessas obscuras do Antigo Testamento* ditem nossa política externa, e se nós nos apoiássemos nos comandos claros de Deus - ame seu próximo, seu inimigo e o estrangeiro em seu meio - que aparecem em Êxodo, Levítico e em três dos quatro evangelhos?”⁵

De acordo com Medearis, a aliança abraâmica, na qual o Deus do céu e da terra literalmente fez um voto de morte, é pouco mais que uma “obscura promessa do Antigo Testamento”. Tal afirmação é verdadeiramente dolorosa. Se valorizamos o testemunho bíblico e as palavras de Deus, então as promessas do Senhor a Abraão são tudo menos “obscuras”. Novamente, elas são o próprio fundamento para todo o plano de redenção. Medearis também procura criar conflitos onde não há nenhum. A aliança abraâmica e os mandamentos de amar nossos vizinhos e nossos inimigos não estão em desacordo. Sugerir que eles estão é simplesmente uma falsa dicotomia. O mesmo Deus que fez a aliança abraâmica também deu os mandamentos de amar nossos vizinhos. Em última análise, os comentários de Medearis não devem ser surpreendentes, pois, como foi mencionado no início deste capítulo, a maioria dos cristãos é amplamente ignorante em relação às alianças. Embora a aliança abraâmica possa ser “obscura” para muitos cristãos, pela ênfase dada a essa promessa fundamental de Deus percebemos que ela é tudo,

5 - Carl Medearis, “My Take: Jesus would support Palestinian statehood bid,” *Belief* (blog), 21 de setembro de 2011, <http://religion.blogs.cnn.com/2011/09/21/my-take-jesus-would-support-palestinian-statehood-bid/>; grifo adicionado.

menos obscura. Por isso, é tão essencial que a Igreja recupere uma sólida compreensão sobre esses assuntos cruciais.

CONCLUSÃO

Em resumo, o próprio Deus fez uma promessa de aliança a Abraão. Mais tarde, ele reiterou a promessa centenas de vezes ao longo das Escrituras. A principal promessa que ele fez foi muito específica. Não era abstrato ou obscuro ou declarado em linguagem difícil de entender. Deus prometeu a terra do Mar Mediterrâneo, a oeste, até o rio Eufrates, no nordeste, até o rio do Egito, no sudoeste. Foi feita uma promessa aos descendentes físicos de Abraão especificamente através de seu filho Isaque e, depois, através do filho de Isaque, Jacó/Israel. Apesar do fato de que Deus fez essa promessa com um voto sobre Sua própria vida, supersessionistas-amilenaristas afirmam que Ele nunca planejou cumprir isso. Em vez disso, eles argumentam, Deus entregará algo muito diferente do que Ele especificou, ou então, Ele nunca planejou dar a “terra” aos descendentes de Abraão, mas a outro povo completamente diferente. Começamos este capítulo declarando quão absolutamente essencial é para todos os crentes entenderem a aliança abraâmica. Agora estamos começando a entender as ramificações dramáticas de permanecermos ignorantes sobre esse elemento fundamental da grande história bíblica.



AS ALIANÇAS MOSAICA E DAVÍDICA

A ALIANÇA MOSAICA

Quatrocentos e trinta anos depois da aliança abraâmica ter sido feita, o Senhor fez outra aliança com Israel, desta vez através de Moisés. A aliança mosaica era profundamente diferente da aliança abraâmica. Enquanto a abraâmica era uma promessa unilateral, feita por Deus, o pacto mosaico era um acordo legal bilateral entre o Senhor e todo o Israel. Enquanto a aliança abraâmica é definida pelo Senhor repetidamente declarando “eu o farei”, o pacto Mosaico é repetidamente definido por: “Se você [...] então eu [...]”

Alguns acreditam erroneamente que, na aliança mosaica, o Senhor de alguma forma renegou a promessa de terra feita no pacto abraâmico. Não há verdade nisso. Dentro do pacto de Moisés estavam os regulamentos e os requisitos para não apenas possuir a terra, mas permanecer nela: “Agora, ó Israel, ouça os estatutos e os juízos que eu estou ensinando para que você os cumpra, para que você possa viver e tomar posse da terra que o Senhor, o Deus de vossos pais, vos dá. Não acrescentareis à palavra que vos ordeno, nem tirareis dela, para que

guardes os mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu vos mando” (Deuteronômio 4:1-2).

Se, por outro lado, os israelitas violassem as várias leis detalhadas na aliança mosaica, então o Senhor iria *temporariamente* removê-los da terra. Por exemplo, em Deuteronômio 4, Moisés advertiu os filhos de Israel que se eles agissem de forma corrupta na terra e caíssem na idolatria, então “certamente vocês serão eliminados rapidamente da terra que vocês estão atravessando o Jordão para possuir. Vocês não viverão muito, mas serão totalmente destruídos. Porque o Senhor vos espalhará entre os povos, e ficareis poucos em número entre as nações às quais o Senhor vos conduzir” (vv. 26-27). Mas *depois* de tal época de exílio, Moisés declarou que, com o tempo, Deus se lembraria de Sua promessa feita a eles por meio da aliança abraâmica e os traria de volta à sua terra: “Quando vocês estiverem aflitos e todas estas coisas vierem sobre vocês, nos últimos dias vocês retornarão ao Senhor seu Deus e ouvirão a voz Dele. Porque o Senhor vosso Deus é um Deus compassivo; Não vos deixará, nem vos destruirá, *nem se esquecerá do pacto com vossos pais, que ele jurou a eles*” (vv. 30–31; grifo adicionado). O ponto crucial é absolutamente crítico. Embora a residência permanente dos judeus na terra dependesse de sua obediência às leis dadas na aliança mosaica, o Senhor *nunca renegou* o dom inicial de Sua terra a Seu povo coletivo, Israel, dado através da aliança abraâmica. Mas e se eles fossem desobedientes e o Senhor os expulsasse da terra? Isso significava que a terra não era mais deles? De modo nenhum. Mesmo se eles se tornassem desobedientes e o Senhor os expulsasse da terra, “sua incredulidade [não] anularia a fidelidade de Deus [...] De maneira nenhuma!”, escreveu o apóstolo Paulo. “Antes, seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso” (Romanos 3:3-4).

O argumento de Paulo é simples. Deus fez uma promessa incondicional e Deus não pode mentir. A terra prometida pertence aos filhos de Israel não por causa de sua bondade ou fidelidade, mas por causa da fé em Deus. Apesar das estipulações da aliança mosaica, o Senhor nunca mudou de ideia ou esqueceu suas promessas. A história bíblica mostra que, através das invasões assíria e babilônica, os descendentes de Abraão realmente sofreram as consequências de sua desobediência e foram expulsos da terra, apenas para retornar com o tempo. Mais tarde, em 70 d.C., através dos romanos, os judeus foram novamente exilados da terra. Mas em nossos dias, vimos o povo judeu voltar mais uma vez à sua terra.

A “VELHA ALIANÇA”

Uma das maneiras mais comuns de percebermos a ignorância da Igreja em relação às alianças é na fusão das alianças abraâmica e mosaica em uma “antiga aliança” generalizada e composta. Examine algumas discussões supersessionistas sobre as alianças e você encontrará muitas afirmações vagas de que a nova aliança substitui “a antiga aliança”. Tais declarações, no entanto, revelam uma falta fundamental de familiaridade com as verdadeiras alianças. Vamos considerar apenas alguns exemplos.

Alex Awad é pastor da Igreja Batista de Jerusalém Oriental, professor do Bethlehem Bible College, e um dos principais organizadores da conferência bianual Christ in the Checkpoint. Quando perguntado “Qual é o problema com os evangélicos americanos?” Awad respondeu: “Eles estão mais interessados em endossar o estado de Israel como instrumento profético de Deus do que em denunciar as injustiças que estão sendo feitas ao povo palestino. A mensagem do cristianismo é universal e não está interessada em etnia ou território. Assim,

a nova aliança introduzida pela vinda do Messias tornou obsoleta a antiga aliança.”¹

Observe a referência vaga à “antiga aliança” tornando-se obsoleta em relação à nova. Gary Burge, professor de Novo Testamento no Wheaton College, fala similarmente do “novo pacto que revoga o velho” sem qualificar o que ele quer dizer com “velho”.² Nem Burge, nem Awad, fazem qualquer distinção entre o pacto abraâmico e o mosaico – eles são simplesmente combinados em uma “antiga aliança”. No entanto, porque Awad e Burge estavam especificamente discutindo a questão da terra e de Israel e não os regulamentos da aliança mosaica, devemos supor que eles estão afirmando que a nova aliança faz a aliança abraâmica obsoleta. Como já vimos, qualquer alegação desse tipo é simplesmente absurda. De modo algum as Escrituras permitem isso. No entanto, é precisamente esse tipo de analfabetismo bíblico que é tão comum entre aqueles que são vistos como as principais vozes dentro do crescente movimento anti-Israel supersessionista.

Alguém pode dizer corretamente que, através da nova aliança, os regulamentos para a justiça na aliança mosaica se tornam “obsoletos” (ver Hebreus 7:22; 8:13), mas em nenhum lugar o Novo Testamento sequer sugere a noção de que a aliança abraâmica foi posta de lado ou revogada. De fato, Paulo muito especificamente rejeitou tal afirmação: “O que estou dizendo é isto: a Lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não invalida uma aliança previamente ratificada por Deus, de

1 - Robert W. Nicholson, “Evangelicals and Israel: What American Jews Don’t Want to Know (but Need to),” *Mosaic*, October 2013, <http://mosaicmagazine.com/essay/2013/10/evangelicals-and-israel/>.

2 - Gary Burge, *Whose Land? Whose Promise? What Christians Are Not Being Told about Israel and the Palestinians* (Cleveland: Pilgrim, 2004), 167.

modo a anular a promessa. Pois se a herança é baseada na lei, não é mais baseada em uma promessa; mas Deus concedeu-a a Abraão por meio de uma promessa” (Gálatas 3:17-18).

Além disso, como veremos no próximo capítulo, a nova aliança afirma completamente a aliança abraâmica. É através do novo pacto que o pacto abraâmico será cumprido, mas esse tempo ainda está por vir. Antes de nos voltarmos para a nova aliança, no entanto, é essencial que primeiro paremos e consideremos o testemunho bíblico referente à aliança davídica.

A ALIANÇA DAVÍDICA

A aliança davídica foi entregue através do profeta Natã ao rei Davi. Como o pacto mosaico, a aliança davídica também começa com uma reiteração das promessas de terra feitas através do pacto abraâmico: “Eu também designarei um lugar para o meu povo Israel e os plantarei, para que possam viver em seu próprio lugar e não sejam perturbados de novo, nem os maus os afligirão mais como antes, desde o dia em que ordenei que os juízes estivessem sobre o Meu povo de Israel; e te darei descanso de todos os teus inimigos” (2 Samuel 7:10-11).

Mas como o Senhor dará a Israel descanso de seus inimigos na terra que Ele prometeu? Isso só virá através de Jesus, o Messias. Imediatamente após as palavras acima, o Senhor promete que um descendente de Davi herdaria a dinastia real que duraria para sempre:

“O Senhor também declara para você que o Senhor fará uma casa para você. Quando os teus dias estiverem completos e te deitares com os teus pais, levantarei o teu descendente depois de ti, que sairá de ti e eu estabelecerei o seu reino. Ele edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu

reino [...] A tua casa e o teu reino durarão diante de mim para sempre; o teu trono será estabelecido para sempre.” (vv. 11b-16)

Mais tarde, o pacto foi resumido em 1 Crônicas 17:11–14 e 2 Crônicas 6:16. Desnecessário dizer que esta aliança será cumprida quando Jesus, um descendente da linhagem de Davi, assumir o trono de Davi em Jerusalém. Por isso, o evangelho de Mateus começa por declarar que Jesus é “o Filho de Davi” (Mateus 1:1). Pedro também pregou que Jesus era um cumprimento da aliança de Deus com Davi (Atos 2:29-36). É através de Jesus, o Messias, que a terra prometida do pacto abraâmico e as promessas de um rei davídico encontrarão seu cumprimento juntas. Hoje, continuamos a aguardar esse cumprimento futuro.

Devemos também destacar o fato de que, assim como o pacto abraâmico, o pacto davídico é incondicional. Ele não foi anulado nem “cumprido”. A garantia das promessas feitas baseia-se unicamente na fidelidade de Deus e não depende em nada da obediência de Davi ou de Israel. O cumprimento das promessas de Deus é algo que Ele trará de acordo com *Sua* fidelidade eterna.

RESUMO

Em resumo, as alianças abraâmica e davídica são promessas unilaterais e incondicionais feitas por Deus ao homem, enquanto que a aliança mosaica é um acordo condicional e bilateral entre Deus e o homem. É absolutamente essencial que a Igreja venha a reconhecer a profunda diferença entre as promessas de Deus expressas nas alianças abraâmica e davídica e o contrato de mão dupla da aliança mosaica. De acordo com

Carl Medearis, “as promessas de Deus a Israel, do Deuterônômio aos profetas, eram sempre condicionais”.³ Isso simplesmente não é verdade. As promessas feitas por Deus a Abraão, Isaque, Jacó e Davi - ao povo de Israel - são incondicionais. Quando Deus faz uma promessa, Ele a mantém. Acordos bilaterais podem ser condicionais, mas as promessas unilaterais de Deus não são. O céu e a terra podem passar, mas as promessas de Deus nunca falharão.

A promessa inicial de terra, feita através do pacto abraâmico, tornou-se a promessa fundamental sobre a qual todos as outras alianças, desde então, foram construídas. A aliança mosaica fornece a Israel as condições e regulamentos necessários para manter a ocupação ininterrupta da terra. O pacto davídico, edificado sobre o pacto abraâmico, prometia um rei que governaria Israel no tempo em que ele herdasse a terra. Como veremos no próximo capítulo, a nova aliança é construída sobre o fundamento das alianças abraâmica e davídica, e também foi feita especificamente com o povo de Israel.

Terminamos este capítulo com um gráfico simples detalhando as distinções entre os três pactos que consideramos até agora:

3 - Carl Medearis, “Question #4: What is your position on Israel?” *Making Jesus Accessible* (blog), 23 de julho de 2010, <http://carlmedearis.com/2010/07/question-4-what-is-your-position-on-israel-as-youve-gotten-more-involved-there-im-often-concerned-that-you-may-be-anti-semitic/>.

ALIANÇA	FEITA COM	O QUE ERA	CONDICIONAL OU INCONDICIONAL	UNILATERAL OU BILATERAL
Abraâmica	Abraão e seus descendentes	Deus daria a terra de Israel ao povo de Israel para sempre, e todas as nações gentias serão também abençoadas.	Incondicional	Promessa unilateral
Mosaica	A nação coletiva de Israel	Deus apresentou as condições regulatórias para Israel manter a ocupação permanente da terra	Condicional	Acordo bilateral
Davídica	Rei Davi	Deus vai levantar um descendente do Rei Davi para se sentar no trono de Israel	Incondicional	Promessa unilateral

A NOVA ALIANÇA

Agora que analisamos as alianças abraâmica, mosaica e davídica, vamos nos voltar para a aliança final, conhecida como “nova aliança”. Como veremos, a nova aliança é a culminação e a grande pedra angular de todas as outras alianças. A nova aliança não substitui as alianças abraâmica ou davídica; em vez disso, constrói sobre elas e as estabelece. É por meio da nova aliança que o Senhor dará a Seu povo Israel um novo coração e um novo espírito, para que possam receber as promessas incondicionais feitas nas alianças abraâmica e davídica.

Embora muitos possam dizer que a nova aliança é encontrada apenas no Novo Testamento, ela foi, de fato, anunciada e falada muitas vezes ao longo do Antigo Testamento pelos profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel.

A NOVA ALIANÇA EM ISAÍAS

O primeiro anúncio da nova aliança é encontrado no profeta Isaías. Nesta fascinante passagem, antes que a nova aliança seja anunciada, ela é precedida por uma descrição completamente apocalíptica do tempo do retorno do Senhor, quando o Senhor executará a justiça em favor de Seu povo, Israel, e a vingança

contra os gentios injustos. “Ele vestiu a justiça como um peitoral e pôs um capacete de salvação em Sua cabeça; e vestiu roupas de vingança e envolveu-Se com zelo como um manto. Segundo as suas obras, assim Ele retribuirá, ira aos Seus adversários, recompensa aos Seus inimigos; para as terras litorâneas Ele fará a recompensa” (Isaías 59:17-18)

O primeiro elemento da profecia que deve ser destacado é que ela abrange o tempo da “vingança” e “recompensa” do Senhor contra “Seus adversários”. Em Isaías, essa linguagem é sempre usada para apontar, em última análise, para a época do retorno do Senhor e do Dia do Senhor (ver Isaías 34:8; 35:4; 61:2; 63:3–4). A vingança do Senhor entre as nações, no entanto, terá um efeito completamente redentor. Isaías nos informa que, como resultado de Seus castigos, as nações se voltarão para Ele e temerão Seu nome: “Assim, temerão o nome do SENHOR desde o oeste e Sua glória desde o nascente do sol, pois Ele virá como uma torrente que o vento do SENHOR dirige” (Isaías 59:19). É nesse contexto que as Escrituras primeiro anunciam a nova aliança. Embora não seja especificamente mencionada aqui como a “nova aliança”, é certamente uma nova aliança e, ainda assim, futura no tempo de Isaías, excluindo qualquer das alianças anteriores. Essa nova aliança era diferente de outras alianças, primeiro porque estava ligada à vinda do Messias Redentor, que viria ao Monte Sião, e segundo, porque implicava no Espírito do Senhor para sempre permanecendo com o povo de Israel. Preste especial atenção a esta passagem, pois retornaremos a ela no final deste capítulo:

“Um Redentor virá a Sião e àqueles que se converterem da transgressão em Jacó”, declara o Senhor. “Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles”, diz o Senhor: “O meu Espírito que está sobre ti e as minhas palavras que

eu pus na tua boca não se desviarão da tua boca nem da boca da tua descendência, nem da boca dos descendentes da tua descendência”, diz o Senhor, “desde agora e para sempre.” (Isaías 59:20-21).

Como veremos, os profetas Jeremias e Ezequiel formularam essa mesma aliança, descrevendo-a em grande detalhe. E a cada vez que mencionaram ou aludiram à nova aliança, repetiram os temas do Senhor colocando Seu Espírito, Suas palavras, ou Seu coração em Israel, para sua salvação.

A NOVA ALIANÇA EM JEREMIAS

Através do profeta Jeremias, o Senhor revelou que Sua principal razão em fazer o pacto abraâmico era muito mais do que a simples posse de terra. É nas profecias de Jeremias que o Senhor primeiro usou especificamente a frase “uma nova aliança”. Nesta nova aliança, descobrimos que a razão pela qual o Senhor deu a terra prometida ao povo judeu era fornecer um local onde pudessem viver em comunhão com Ele eternamente. Mas para isso se tornar uma realidade, o Senhor prometeu escrever Sua Lei em seus corações, para que pudessem servi-Lo com absoluta e completa obediência. Vamos ler a passagem na íntegra, pois é uma das passagens mais importantes de todo o Antigo Testamento:

“Naquele tempo”, declara o SENHOR: “Eu serei o Deus de todas as famílias de Israel, e eles serão o meu povo. [...] Estão chegando os dias”, declara o SENHOR, “quando farei uma nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá, não como a aliança que fiz com seus pais no dia em que os levei pela mão para tirá-los da terra do Egito, minha aliança que quebraram, embora eu fosse marido deles”, declara o Senhor. “Mas esta é a aliança

que farei com a casa de Israel, depois daqueles dias”, declara o SENHOR: “Porei a minha lei neles e em seu coração a escreverei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Eles não ensinarão novamente, cada homem a seu vizinho e cada homem a seu irmão, dizendo: ‘Conheça o SENHOR’, pois todos eles Me conhecerão, desde o menor deles até o maior”, declara o SENHOR, “pois eu lhes perdoarei a iniquidade e não mais me lembrarei de seus pecados.” (Jeremias 31:1, 31-34)

É essencial notar que os destinatários específicos desta nova aliança são “todas as famílias de Israel”, “a casa de Israel” e “a casa de Judá”, a quem o Senhor também se refere como “Meu povo”. Ao considerarmos o estado do judaísmo global hoje, com tantos vivendo em rebelião contra Deus, e a grande maioria não vivendo como servos de seu Messias, é claro que esta promessa ainda não foi cumprida. O Senhor diz especificamente que a nova aliança não será como a aliança mosaica, na qual a casa de Israel foi infiel. Mas, como o pacto abraâmico, o novo pacto seria algo que o próprio Senhor supervisionaria e realizaria em Seu povo. Como as alianças abraâmica e davídica, a nova aliança também era uma promessa incondicional feita por Deus a Israel. O próprio Senhor colocaria Sua lei dentro de seus corações. Ele perdoaria seus pecados e esqueceria suas iniquidades. Assim, eles iriam “conhecer o Senhor [...] do menor deles até o maior”. Através do novo pacto, o Senhor capacitará o Seu povo para viver de acordo com a santidade que a comunhão com Deus requer.

No capítulo seguinte, Jeremias profetizou mais uma vez sobre o tempo em que Israel seria reunido em sua terra.

“Eis que os congregarei de todas as terras para as quais os tenho lançado na Minha ira, no meu furor e na

Minha grande indignação; e Eu os trarei de volta a este lugar e os farei habitar em segurança. Eles serão o Meu povo, e Eu serei o seu Deus; e lhes darei *um coração* [LXX: “novo coração”] e *um caminho*, para que possam sempre temer a Mim, para seu próprio bem e para o bem de seus filhos depois deles. *Farei uma aliança eterna com eles*, para que Eu não me afaste deles, para fazê-los bem; e porei o temor de Mim em seus corações, para que não se desviem de Mim. Regozijar-Me-ei por eles por fazer-lhes o bem e plantá-los-ei fielmente nesta terra com todo o Meu coração e com toda a Minha alma. Pois assim diz o SENHOR: ‘Assim como trouxe todo este grande desastre a este povo, vou fazer-lhes todo o bem que lhes prometo.’ (Jeremias 32:37–42; grifos adicionados)

Considere o poder e a relevância dessa profecia em particular. Jeremias descreve um reagrupamento na terra que não pode ser correlacionado com a condição de Israel após seu retorno do exílio babilônico ou mesmo da condição atual de Israel. De acordo com Jeremias, uma reunião judaica na terra de Israel está chegando e será acompanhada especificamente pelas seguintes condições:

- Israel “habitará em segurança”.
- Eles receberão um “novo coração” (LXX).
- Eles “temerão [o Senhor] sempre”.
- O Senhor “colocará o temor [dEle] em seus corações”.
- O Senhor “se alegrará por eles por lhes fazer o bem e os plantará fielmente nesta terra com todo o [Seu] coração e com toda a [Sua] alma”.

Embora em Israel hoje exista um remanescente crescente de crentes (messiânicos) judeus, a esmagadora maioria não recebeu um “novo coração”, nem a nação hoje possui um coração unificado que teme o Senhor. De fato, os visitantes muitas vezes ficam surpresos quando vão à Terra Santa pela primeira vez e a acham tão semelhante a outras nações em sua total falta de santidade. Pode-se ficar surpreso, por exemplo, em sair do táxi em Tel Aviv e encontrar-se cercado por boates, clubes de strip-tease, jovens viciados em drogas e prostituição. Para ser claro, eu não estou colocando Israel como pior a este respeito do que a minha própria nação ou tantas outras; estou simplesmente destacando o fato de que a condição de Israel hoje, mais de sessenta e cinco anos depois do nascimento da nação, simplesmente não se correlaciona com o reagrupamento que Jeremias descreveu. A profecia de Jeremias sobre o reagrupamento está em um contexto escatológico completo, no qual o povo recebeu um novo coração, e assim o Senhor diz que Ele “fará com ele uma aliança eterna”. Esse dia ainda está no futuro. O profeta Jeremias especificamente vinculou a posse permanente da terra prometida por Israel com a promessa de um novo coração. Podemos ver nessas passagens que a aliança abraâmica e a nova aliança se fundem no objetivo singular e definitivo do magnífico plano de redenção do Senhor para o Seu povo.

A NOVA ALIANÇA EM EZEQUIEL

Mais tarde, o profeta Ezequiel também falou dessa época em que a nação de Israel receberia tanto um novo espírito como um novo coração, juntamente com o desejo e a capacidade de andar em completa obediência e santidade a Deus: “E Eu lhes darei um coração e colocarei um novo espírito dentro deles. E tirarei o coração de pedra da carne deles e lhes darei

um coração de carne, para que andem nos Meus estatutos, e guardem as Minhas ordenanças e as cumpram. Então eles serão o Meu povo, e Eu serei o seu Deus” (Ezequiel 11:19-20).

No capítulo 36, Ezequiel repetiu novamente a mesma promessa. No entanto, como Jeremias, Ezequiel também ligou claramente a promessa de terra do pacto abraâmico com a promessa de um novo coração associado ao novo pacto. E, observe novamente, esta promessa é endereçada à “casa de Israel”:

“Portanto diz à casa de Israel: ‘Assim diz o Senhor Deus [...]. Eu vou lhes tirar das nações, reunirei vocês de todas as terras e lhes trarei para sua própria terra. Então Eu borrifarei água limpa sobre vocês e vocês ficarão limpos; Eu lhes limparei de toda a sua imundície e de todos os seus ídolos. Além disso, Eu lhes darei um novo coração e colocarei um novo espírito dentro de vocês; e Eu removerei o coração de pedra de sua carne e lhes darei um coração de carne. Vou colocar o Meu Espírito dentro de vocês e vou levá-los a andar em Meus estatutos, e vocês terão o cuidado de observar Minhas ordenanças. Você viverão na terra que dei a seus antepassados; então vocês serão o Meu povo e Eu serei o seu Deus.’”(Ezequiel 36:22-28)

Essa passagem traz uma revelação verdadeiramente profunda sobre o conceito da nova aliança no Novo Testamento e como ela teria sido entendida pelos apóstolos e pelos primeiros crentes judeus. Enquanto muitos teólogos cristãos veem a nova aliança feita através do sangue de Jesus como a única provisão para o perdão dos pecados, o que esta passagem revela tão poderosamente é que a nova aliança está conectada integralmente à promessa de terra da aliança abraâmica. É o novo coração e o novo espírito prometidos através do novo pacto que capacitarão o povo de Israel a andar de uma maneira digna

de herdar a terra como prometido a Abraão. O propósito final do Senhor era sempre ter um povo que O amasse plenamente e O servisse com prazer e alegria, especificamente na terra que Ele prometeu dar-lhes. A fé continua sendo a intenção de Deus hoje, e, nos dias que virão, o Senhor fará com que todas essas promessas sejam completamente cumpridas.

A NOVA ALIANÇA NO NOVO TESTAMENTO

Embora a nova aliança tenha sido anunciada no Antigo Testamento, a sua verdadeira inauguração está registrada no Novo Testamento, quando o corpo de Jesus, o Messias, foi quebrado pelos pecados do Seu povo:

E tomando um cálice, e dando graças, Ele disse: “Tomem isto e compartilhem isto entre vocês; porque Eu vos digo que não beberei do fruto da videira de agora em diante até que venha o reino de Deus”. E, tomando um pouco de pão, e tendo dado graças, Ele o partiu e deu a eles, dizendo: “Este é o Meu corpo que é dado por vocês; fazei isto em memória de Mim”. E da mesma maneira Ele tomou o cálice depois que eles tinham comido, dizendo: “Este cálice que é derramado por vocês é a nova aliança em Meu sangue”. (Lucas 22:17-20)

É na nova aliança que temos o grande crescimento profético das promessas e alianças anteriores do Senhor. Considerando que o próprio Senhor fez um pacto até a morte com Abraão, declarando enfaticamente que Ele não renegaria Sua palavra, é na nova aliança que o próprio Senhor suportou a morte, estabelecendo Seu corpo humano como o sacrifício e tornando a promessa possível. Considerando que o Senhor usou os vários sacrifícios do pacto mosaico para ajudar o penitente a olhar

para o horrível resultado do pecado e o grande custo de vida necessário para removê-lo, foi na cruz que o Próprio Senhor fez o pagamento final pelos pecados de Seu povo Israel.

O MISTÉRIO DA INCLUSÃO GENTÍLICA

Até este ponto, vimos que todas as alianças - incluindo a nova aliança - foram feitas especificamente para e por Israel. Em nenhuma das passagens que examinamos até agora os gentios foram declarados abertamente como os principais destinatários das promessas. Embora sempre tenha sido possível para os gentios encontrarem a salvação (ver Ezequiel 18:20-21), antes da era apostólica isso era extremamente raro, tirando as vezes em que eles se uniam ao povo de Israel. O apóstolo Paulo, ao descrever a condição espiritual dos gentios antes da cruz, disse que eles eram “vasos de ira preparados para a destruição” (Romanos 9:22) e eram “excluídos da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo” (Efésios 2:12). É precisamente por isso que a abertura do Evangelho aos gentios, como registrado no Novo Testamento, foi um conceito tão revolucionário para muitos. Por isso, Pedro e todos os primeiros crentes judeus ficaram tão chocados quando o Espírito foi derramado sobre Cornélio e sua família não-judia (veja Atos 10–11). Embora muitos dos crentes judeus tivessem dúvidas a princípio, depois que Pedro explicou como o Espírito Santo havia sido dado a toda a família gentia de Cornélio, como prometido na nova aliança, nos é dito que os cétricos “se acalmaram e glorificaram a Deus, dizendo: ‘Pois bem, Deus concedeu aos gentios também o arrependimento que leva à vida’”(Atos 11:18). Embora a inclusão dos gentios tivesse sido sugerida nos Profetas, as comportas não se abriram verdadeiramente até aquele momento. É por isso que Paulo se

refere à inclusão dos gentios como “o *mistério* [...] o qual em outras gerações não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como agora foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas no Espírito; especificamente, que os gentios são herdeiros e companheiros do corpo, e participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho” (Efésios 3:4-6; grifo adicionado).

A boa notícia é que qualquer indivíduo, seja judeu ou gentio, é livremente acolhido na família de Deus através do arrependimento e de colocar sua confiança em Jesus (Marcos 1:15, 6:12, João 3:16, Atos 2:21, 2:38, 3:19, 10:42-43, 17:30, 26:20). A conversão ao judaísmo, a circuncisão e a adesão à lei mosaica não são requisitos para a salvação (Atos 15).

ROMANOS 11: O MISTÉRIO DE ISRAEL

Nesse ponto, muitos cristãos ficam confusos em termos de entender como Israel se encaixa nos planos de Deus. E talvez compreensivelmente, porque, de acordo com as Escrituras, no presente, existem duas realidades espirituais que parecem estar em conflito. Primeiro, as Escrituras são claras de que apenas um remanescente de Israel será salvo (ver Romanos 9:27). Mas, ao mesmo tempo, há também a realidade de que “todo o Israel será salvo” (Romanos 11:26). Apenas um remanescente será salvo, mas todo o Israel será salvo? Como essa aparente contradição é resolvida? Paulo abordou essa questão bem diretamente em Romanos 9-11, que são as partes mais importantes das Escrituras que abordam especificamente esses assuntos. A solução de Paulo para essas duas realidades aparentemente contraditórias é reconhecer que, desde o tempo do ministério público de Jesus, o Senhor escolheu endurecer parcial e temporariamente a maioria do povo judeu em relação ao Evangelho e à identidade de seu próprio Messias. No

tempo apropriado, no entanto - especificamente, quando o próprio Jesus retornar - esse endurecimento parcial e temporário será permanentemente removido e “todo o Israel”, naquele momento, será salvo. A explicação de Paulo culmina com sua explicação crítica do “mistério” desta realidade revelada. Romanos 11:25–27 estão entre os versículos mais importantes de toda a Escritura que devem ser entendidos para que se possa compreender adequadamente os planos de Deus tanto para os judeus como para os gentios. Paulo começou advertindo os gentios a não ficarem ignorantes em relação a esse “mistério”:

Pois eu não quero que vocês, irmãos, sejam ignorantes quanto a este mistério - de modo que não sejam sábios em sua própria avaliação - que um endurecimento parcial veio a Israel até que a plenitude dos gentios tenha entrado; e assim todo o Israel será salvo; como está escrito: “O Libertador virá de Sião, Ele removerá a impiedade de Jacó. Esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados”.

Há cinco componentes cruciais da mensagem de Paulo que devemos reconhecer:

1. O endurecimento de Israel é parcial - não afetando todos os judeus.
2. Esse endurecimento parcial de Israel é temporário - não permanente.
3. Este endurecimento será retirado em um momento muito específico no futuro.
4. Ele será retirado especificamente depois que “a plenitude dos gentios chegar”.

5. Naquele tempo, “todo o Israel será salvo”.

OBJEÇÕES DO SUPERSESSIONISTA

Em seu livro *Kingdom Come*, Sam Storms, ao apresentar a perspectiva supersessionista tradicional, procura desconstruir a noção de que isso é o que Paulo estava realmente dizendo e argumenta que quando Paulo disse “todo”, ele estava se referindo apenas à porcentagem relativamente pequena de judeus que vieram para a fé ao longo da história. Ele nega qualquer “restauração futura em massa de judeus étnicos”.¹ Storms usa um capítulo completo (32 páginas) para defender seu argumento.

A maior parte do argumento de Storms gira em torno do ensinamento de Paulo de que nem todo o povo judeu é verdadeiramente Israel: “Porque nem todos os que são descendentes de Israel são judeus” (Romanos 9:6). Seu argumento é que, embora possa haver algum dia um reavivamento entre os judeus, sua condição atual, com apenas um pequeno remanescente de crentes, será, com toda a probabilidade, permanente. Storms argumenta que é improvável que o endurecimento de Israel seja retirado em algum período específico de tempo. Especificamente, ele alega que Paulo não ensina que “a conversão em massa dos judeus à fé em Cristo ocorrerá em conjunção com o retorno de Cristo no final da história”.²

Há alguns problemas intransponíveis nesse argumento supersessionista. Nos capítulos 9 a 11 de Romanos, o apóstolo Paulo, de forma inequívoca, sistemática e completa, repudia qualquer afirmação de que Deus rejeitou o Israel nacional e

1 - Sam Storms, *Kingdom Come: The Amillennial Alternative* (Ross-shire, Scotland: Christian Focus Publications, 2013), 333–34.

2 - Ibid., 334.

coletivo e afirma a noção de que uma conversão em massa de “todo Israel” ocorrerá quando Jesus retornar. Vamos considerar alguns dos argumentos inspirados de Paulo.

O DILEMA DE PAULO

Para entender Romanos 11, devemos reconhecer que Paulo procurou explicar o problema flagrante - *o escândalo, mesmo* - da condição do povo judeu em sua época, em que a maioria rejeitara Jesus, seu Messias profetizado. Embora muitos *indivíduos* judeus estivessem chegando à fé, as alianças falam do Senhor salvando *todo o Israel em um sentido corporativo*. Paulo procurou abordar a dificuldade de reconciliar a linguagem das alianças com o escândalo da descrença judaica, discutindo a diferença entre a condição dos judeus em sua época e sua condição no final dos tempos, quando Jesus retornar. Vamos começar discutindo a questão do chamado e da salvação - individual versus corporativo.

Para entender verdadeiramente o “mistério de Israel”, é absolutamente fundamental entender que nos dias de Paulo, assim como nos nossos, *quem quer que seja* - judeu ou gentio – que venha ao Senhor em arrependimento e coloque sua fé em Jesus será salvo e trazido para a família de Deus. Na verdade, essa é a única maneira de alguém ser salvo. Mas Paulo também sabia que a formulação específica das alianças fala de um chamado a Israel em nível corporativo e nacional. O chamado de Jesus repousa sobre os descendentes da linhagem física de Abraão, Isaque e Jacó, precisamente de acordo com a maneira pela qual o Senhor fez Suas promessas nas alianças abraâmica, davídica e na nova aliança. As promessas de Deus não foram feitas a indivíduos, mas sempre a toda a nação de Israel. Nos exemplos a seguir, considere para quem exatamente as promessas foram feitas:

- “os filhos de Israel” (Êxodo 6:2-8; Ezequiel 43:7; 44:9)
- “todas as famílias de Israel” (Jeremias 31:1)
- “a casa de Israel” e “a casa de Judá” (Isaías 14:1-3; Jeremias 31:31; Hebreus 8:8)
- “toda a casa de Israel, todos eles” (Ezequiel 11:15; 20:40; 39:25; 45:6)
- “os filhos de Jacó, Seus escolhidos” (1 Crônicas 16:13-18; Salmos 105:6-12)
- a casa de Davi e os habitantes de Jerusalém (Zacarias 12:10-11)

Numerosos outros exemplos poderiam ser citados. Durante as centenas de vezes em que Deus se comprometeu com a futura salvação de Israel, Suas palavras foram sempre dirigidas a um povo corporativo. A resposta de Paulo a esse problema foi estabelecer uma distinção entre os dias em que alguns indivíduos estavam entrando no corpo do Messias e os últimos dias, quando Jesus retornasse e toda a casa de Israel seria salva.

QUANDO “TODO” ISRAEL SERÁ SALVO?

A estrutura do argumento de Paulo em Romanos 11 claramente contrasta a condição atual dos judeus em sua época com sua condição futura no tempo do retorno de Jesus. Hoje, podemos dizer, junto com Paulo, que “no presente [há] um remanescente segundo a graciosa escolha de Deus” (v. 5). Seu fluxo de pensamento avança, no entanto, para um clímax claro, com Paulo jubilosamente declarando que, após o endurecimento temporário ser retirado, “todo Israel” será salvo! Vamos

discutir algumas das razões pelas quais sabemos que Paulo tinha em mente uma conversão em massa dos filhos de Israel, especificamente quando Jesus voltar.

O LIBERTADOR VIRÁ DE SIÃO

Primeiro, sabemos que Paulo estava falando da época do retorno de Jesus porque ele citou Isaías 59:17–18, onde Deus fez um pacto com Israel, prometendo colocar Seu Espírito sobre eles e Suas palavras em suas bocas para sempre. Quando Paulo citou essa passagem, ligou-a diretamente à salvação de todo o Israel. Em Romanos 11:26, depois de dizer que todo o Israel seria salvo, Paulo imediatamente citou Isaías 59:20–21, parte na qual se lê: “Um Redentor virá a Sião, e para aqueles que se converterem da transgressão em Jacó’, declara o Senhor”. A seção da profecia de Isaías que Paulo usou fala de: (1) o retorno de Jesus; (2) a subsequente libertação de Israel de ambos os seus inimigos; (3) a libertação de Israel de seus pecados; e mais importante, (4) Deus fazendo um pacto com Israel, prometendo que o Seu Espírito repousará sobre eles, para nunca partir. O pacto, é claro, é a nova aliança, pelo qual Deus dará a toda a casa de Israel um novo coração e um novo espírito. Não é de admirar que Paulo citou esta passagem!

O REINO RESTAURADO DE ISRAEL

Mas a profecia, no entanto, não termina aí. No capítulo 60, que se segue imediatamente, a profecia continua a fluir diretamente para uma descrição *da futura restauração do reino de Israel!* É isso mesmo. Imediatamente após o Messias-Libertador ter vindo a Sião, Isaías descreve um reino restaurado e glorificado de Israel como o centro do governo global, com

outras nações sendo atraídas para sua liderança: “As nações virão à sua luz e os reis até o esplendor de seu surgimento” (v. 3). As nações gentias em toda a terra são descritas como vindo a pagar tributo, para mostrar honra e para trazer presentes para o reino de Israel: “muitas vezes você verá e ficará radiante, e seu coração vibrará e se regozijará; porque a abundância do mar se voltará para você, a riqueza das nações chegará até você” (v. 5). Os gentios são até mesmo descritos como ajudando a restaurar o próprio reino, oferecendo-se como obreiros para sua restauração e glorificação: “Estrangeiros edificarão suas muralhas e seus reis ministrarão a você [...] Seus portões estarão abertos continuamente; não se fecharão de dia ou de noite, para que os homens lhes tragam a riqueza das nações, com os seus reis guiados e seu séquito. Porque a nação e o reino que não lhe servirem perecerão, e as nações serão totalmente arruinadas” (vv. 10–12).

Além disso, as nações vizinhas ajudarão a reconstruir o Templo Judaico, onde o Senhor é retratado como estando fisicamente presente: “A glória do Líbano chegará a você, o pinheiro, o abeto e o cipreste juntos, para embelezar o lugar do Meu santuário; e hei de glorificar o lugar dos meus pés” (v. 13). Os antigos inimigos de Israel virão e se prostrarão, reconhecendo que Israel é de fato o povo escolhido do Senhor: “Os filhos daqueles que a afligem virão te reverenciando, e todos os que lhe desprezaram se curvarão nas plantas de seus pés; e lhe chamarão a cidade do SENHOR, a Sião do Santo de Israel” (v. 14).

Quando Paulo levou seu argumento quanto à vindoura salvação de todo o Israel à sua conclusão dramática, ele ligou a retirada futura do endurecimento temporário de Israel e sua salvação vindoura com as descrições de Isaías sobre as seguintes coisas:

- o retorno de Jesus;
- a libertação de Israel de seus inimigos e dos inimigos de Deus;
- a libertação de Israel dos seus pecados;
- o Espírito de Deus repousando sobre eles para sempre;
- a salvação de todo o Israel;
- A restauração feita por Deus do reino de Israel ao povo judeu.

Todos esses eventos ocorrerão no mesmo período de tempo. Paulo não poderia ter sido mais enfático ao defender esse ponto. Qualquer judeu letrado do Antigo Testamento daquele tempo teria entendido plenamente o que Paulo estava falando.

ELES OLHARÃO PARA AQUELE A QUEM TRASPASSARAM

Outra razão fundamental pela qual sabemos que Paulo estava colocando a salvação de todo o Israel no futuro é porque a salvação escatológica e corporativa dos judeus já havia sido declarada pelo profeta Zacarias e pelo próprio Jesus! Em outras palavras, mesmo que Romanos 11 não existisse, o ensinamento de que todo Israel será salvo quando Jesus voltar está claramente estabelecido em outras partes da Bíblia.

Vamos começar com a profecias de Zacarias. Na primeira passagem, Zacarias fala do “Renovo”, que virtualmente todos os comentaristas cristãos reconhecem como uma referência a Jesus, o Messias. Zacarias declara então que esse Renovo fará com que os pecados da terra de Israel sejam expurgados e expiados em um único dia, após o qual nos é dito imediatamente

que aquele dia, aquele período de tempo específico, coincide com a era milenar da paz em Israel: “Eis que eu vou trazer Meu servo, o Renovo. Vejam a pedra que pus diante de Josué; em uma pedra existem sete olhos. Vou gravar uma inscrição nela’, declara o SENHOR dos Exércitos, ‘e eu vou remover a iniquidade desta terra em um dia. Naquele dia’, declara o Senhor dos Exércitos, ‘cada um de vocês convidará o seu próximo a sentar-se debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira’”(Zacarias 3:8-10).

Mais tarde, na profecia de Zacarias, o profeta detalhou o arrependimento que terá lugar entre os habitantes de Jerusalém e a “casa de Davi”, quando reconhecerem Aquele que eles perfuraram: “Eu derramarei sobre a casa de Davi e os habitantes de Jerusalém, o Espírito da graça e da súplica, para que olhem para Mim a quem traspassaram; e lamentarão por Ele, como alguém que chora por um filho único, e chorarão amargamente por Ele como o amargo choro por um primogênito. Naquele dia haverá grande luto em Jerusalém” (Zacarias 12:10-11).

A profecia de Zacarias continua a descrever um arrependimento corporativo que se espalha pela nação de Israel, para todo clã e família. Na mesma corrente de pensamento, o capítulo 13 descreve o Senhor removendo os pecados de Israel: “Naquele dia uma fonte será aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para o pecado e para a impureza” (v. 1). Essa é uma passagem profunda. As pessoas de Israel olharão para o Senhor a quem eles (e todos nós) perfuramos, e como resultado, irão chorar, resultando no espírito de graça sendo derramado sobre elas e uma fonte sendo aberta para o perdão de pecados! Mesmo se Paulo nunca tivesse escrito Romanos 9-11, Zacarias já teria estabelecido o fato de que, especificamente no tempo do retorno de Jesus, as comportas de arrependimento, perdão e graça serão derramadas sobre Israel!

No entanto, se alguém estivesse tão disposto a afirmar que Zacarias não estava falando dessas coisas, então a interpretação dessa passagem pelo próprio Jesus deveria resolver o assunto. Ele expandiu a profecia de Zacarias em Seu discurso no Monte das Oliveiras e depois novamente no livro do Apocalipse, não deixando absolutamente nenhuma dúvida quanto ao seu tempo. Primeiro, Jesus disse: “E então o sinal do Filho do Homem aparecerá no céu, e *todas as tribos da terra se lamentarão*, e verá o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. E Ele enviará os Seus anjos com uma grande trombeta e eles reunirão os Seus eleitos dos quatro ventos, de um extremo do céu ao outro” (Mateus 24:30–31; grifo adicionado). Observe que quando Jesus falou do Seu retorno, Ele citou uma porção de Zacarias 12 que falava de todas as tribos da terra se lamentando ao verem Seu retorno no céu sobre as nuvens. Note que Jesus falou estas palavras antes de sua crucificação. No entanto, mesmo antes de ser preso, Jesus sabia que Ele era descrito na profecia de Zacarias como Aquele “a quem eles traspassaram”.

As palavras de Jesus no livro de Apocalipse também ligam as profecias de Zacarias ao retorno de Jesus: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá, até mesmo aqueles que O traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre Ele. Assim será. Amém” (Apocalipse 1:7). Consideradas em conjunto, estas três passagens revelam que os seguintes eventos estão todos integralmente ligados:

- o retorno de Jesus nas nuvens (Mateus 24:30; Marcos 13:26; Lucas 21:27; Atos 1:9–11);
- todas as tribos de Israel olhando para Ele quando Ele retornar em glória;

- as tribos de Israel reconhecendo Jesus como aquele a quem eles (e todos nós) perfuramos;
- as tribos de Israel se arrependendo e lamentando;
- o espírito de graça sendo derramado sobre eles;
- o Senhor purificando os pecados daquela nação “em um dia”.

Paulo, o apóstolo, conhecia as profecias de Zacarias e que Jesus as ligara ao Seu retorno. Ele também sabia que o retorno de Cristo resultaria em um espírito de arrependimento e graça sendo derramado sobre todas as tribos de Israel e a purificação nacional dos pecados em um único dia (Isaías 27:9). Não há dúvidas de que Paulo em Romanos 11 estava simplesmente expondo essas verdades escriturísticas previamente estabelecidas!

É muito decepcionante que em toda a discussão de Storms sobre este assunto e sobre Romanos 11, nem uma vez ele se refere a Zacarias 12, Mateus 24:30, ou Apocalipse 1:7. Não são estes textos todos supremamente relevantes para a discussão?

A LÓGICA FALHA DE N. T. WRIGHT

Dentro do mundo evangélico, o estudioso britânico N. T. Wright é uma verdadeira estrela do rock. Não há dúvida de que ele é um pensador profundamente eloquente, talentoso e inovador. Mas mesmo a mente mais brilhante está em profunda desvantagem quando defende algo que não é verdade. Infelizmente, Wright é um supersessionista leal, embora tenha negado estranhamente tal rótulo em várias ocasiões; em outros momentos, defendeu vigorosamente essa posição. Ao ser questionado sobre seu supersessionismo, Wright se voltou para Filipenses 3:3,

onde Paulo declarou: “Somos a verdadeira circuncisão, que adoramos no Espírito de Deus e nos gloriamos em Cristo Jesus e não confiamos na carne”. Wright declara triunfantemente: “Paulo, de maneira impressionante, remove a expressão ‘a circuncisão’ do contexto étnico de Israel e a reivindica para aqueles que estão no Messias. Isso, a propósito, está no cerne da resposta correta para aqueles que sugerem que eu e outros somos culpados de impor algo chamado “supersessionismo” a Paulo. Se tais críticos mostrassem que haviam lido Filipenses 3:3 [...] eles poderiam merecer ser levados mais a sério”.³

Depois de você ter superado a opinião de Wright sobre quem se atreveria a desafiar sua perspectiva, tendo revisado a posição de Paulo expressa em Romanos 11, o que você diria que é o problema gritante com a lógica dele? A resposta é simples. Wright aplicou a repreensão de Paulo a um grupo particular de judeus em sua época a todos os “israelitas étnicos”. O próprio Paulo chamou tal afirmação de “arrogância”, uma ostentação dos ramos de oliveira selvagens (gentios) que haviam sido gentilmente enxertados, contra os ramos naturais e cultivados que haviam sido cortados (Israel étnico). Ele advertiu que tal condescendência poderia potencialmente resultar em alguém sendo realmente cortado de Deus. Por que a Igreja continua, de maneira tão inflexível e persistente, recusando-se a ouvir o aviso de Paulo? Embora seja verdade que muitos, mas não todos, os judeus dos dias de Paulo rejeitaram Jesus, esse endurecimento corporativo do coração judeu à verdade, como vimos, foi apenas parcial e temporário. Wright manipulou a repreensão de Paulo feita a alguns judeus em seus próprios dias para dizer que *todo* o “Israel étnico”, até o

3 - N. T. Wright, *Justification: God's Plan and Paul's Vision* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009), 120.

último dia, foi rejeitado para sempre, sua própria *identidade* tendo sido “retirada”. Por mais ofensiva e transparentemente antibíblica que seja, com uma pirueta, um giro e um pouco de ilusionismo, muitos se apaixonam pela mentira verdadeiramente vil de Satanás, conhecida como supersessionismo.

INIMIGOS AMADOS DE DEUS E SUAS VOGAÇÕES IRREVOGÁVEIS

Vamos reiterar mais uma vez: em primeiro lugar, ninguém será salvo sem fé em Jesus. Em segundo lugar, o Senhor não faz distinção entre judeus ou gentios em termos de Sua oferta de salvação. É aberta e disponível gratuitamente a todos: “Porque a Escritura diz: ‘Todo aquele que nele crê não se desapontará’. Pois não há distinção entre judeu e grego; porque o mesmo Senhor é Senhor de todos, abundante em riquezas para todos os que o invocam; porque ‘todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo’” (Romanos 10:11-13). Mas Paulo também nos informa que embora a maioria dos judeus hoje seja “inimiga” do Evangelho, *por causa da fidelidade de Deus às promessas da aliança*, “eles são amados”. Ainda assim, permanece uma vocação especial, única e irrevogável de Israel como um povo corporativo: “Do ponto de vista do evangelho, eles são inimigos por causa de vocês, mas do ponto de vista da escolha de Deus, eles são amados por causa dos patriarcas; porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Romanos 11:28-29).

Paulo não poderia ter sido mais claro. Ele declarou especificamente que o chamado de Israel é “irrevogável”. Não se engane: em conflito descarado e direto com as palavras de Paulo, os supersessionistas argumentam que Deus de fato revogou Seu chamado e eleição da etnia corporativa de Israel. De fato, outro termo que seria inteiramente justo usar para se referir

ao supersessionismo ou à teologia da substituição poderia ser “teologia da revogação”, pois é precisamente isso o que é.

Os restauracionistas afirmam as palavras enfáticas do apóstolo Paulo ao reconhecer uma futura restauração de Israel. Negamos que o chamado de Israel tenha sido revogado. Várias vezes, em Romanos 11, ele reiterou que Deus não dispensou o Israel corporativo: “Deus rejeitou Seu povo? De maneira nenhuma! [...] Deus não rejeitou o Seu povo a quem antes conheceu [...] Novamente pergunto: Acaso tropeçaram para que ficassem caídos? De maneira nenhuma!” (Romanos 11:1,2,11).

Quando Paulo escreveu duas vezes: “De maneira nenhuma!” (*mē ginomai*), ele estava realmente usando a construção mais forte possível na língua grega para confrontar o absurdo absoluto da alegação supersessionista de que o povo judeu como um todo, como uma nação, havia sido rejeitado. Na mente de Paulo, a noção de que o Deus de Israel rejeitou para sempre Israel era um completo absurdo.

A SEMENTE DE ABRAÃO

Supersessionistas repetidamente alegam que as promessas nem mesmo foram feitas a Israel, mas exclusivamente a Jesus. Para reforçar este ponto, eles quase sempre citarão Gálatas 3:16: “Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua semente. Ele não diz: ‘E às sementes’, como referindo-se a muitos, mas sim a um, ‘E à sua semente’, isto é, Cristo”.

Antes de explicar o que Paulo estava realmente dizendo, é importante primeiro explicar o que ele não estava dizendo. Paulo não estava absolutamente dizendo que devemos olhar para todas as ocasiões em todo o Antigo Testamento onde as promessas de Deus foram feitas aos descendentes de Abraão e lê-las como sendo direcionadas a um “descendente” ou

“semente” singular, referindo-se apenas a Jesus. Eu realmente conheci um homem que argumentou que, baseado nas palavras de Paulo aqui, nós poderíamos simplesmente voltar aos muitos relatos no Velho Testamento onde Deus fez as promessas aos patriarcas, e onde quer que encontremos a palavra “semente”, ou “descendente”, nós poderíamos simplesmente inserir o nome Jesus ali. Considere o quão absurdo isso seria se realmente fizéssemos isso.

Quando o pacto abraâmico estava sendo feito, Deus profetizou sobre um futuro tempo em que os “descendentes” de Abraão, através de Isaque e Jacó, se tornariam escravos no Egito: “Saiba com certeza que seus *descendentes* [semente] serão estrangeiros em uma terra que não será deles, onde serão escravizados e oprimidos por quatrocentos anos. Mas também julgarei a nação a quem eles servirão e depois sairão com muitas posses” (Gênesis 15: 13–14; grifo adicionado). O que aconteceria se simplesmente inseríssemos o nome “Jesus” no lugar de “semente”? Isso seria tolo. Não foi Jesus quem foi escravo no Egito, mas os antigos filhos de Israel. Ou quando o Senhor disse a Abraão: “Olhe para os céus e conte as estrelas, se você puder contá-las. Assim serão os seus descendentes [semente]” (Gênesis 15:5), ele estava falando apenas de Jesus, ou dos descendentes de Abraão coletivamente? A resposta é óbvia. Vários outros exemplos podem ser citados.

De modo algum Paulo estava dizendo que o Senhor nunca fez uma promessa aos numerosos descendentes físicos de Abraão, Isaque e Jacó - isto é, o Israel corporativo nacional. Está bem claro que Ele fez exatamente isso muitas vezes. Nós citamos vários exemplos. Como um judeu plenamente alfabetizado no Antigo Testamento, o apóstolo Paulo estava bem ciente desse fato.

Então, o que Paulo *estava* dizendo?

Primeiro, Paulo estava identificando quais descendentes específicos de Abraão eram recipientes da promessa e quais não eram. Os estudiosos concordam que Paulo estava interpretando a palavra hebraica *zera* (“descendente” ou “semente”) como um *singular coletivo*. O que isto significa é que, embora Abraão tivesse oito filhos ao todo (Gênesis 25), a promessa de Deus era apenas para os descendentes de um filho, Isaque (Gênesis 17:15-21; 21:9-13), e depois para os descendentes do filho de Isaque, Jacó, isto é, Israel. Assim, quando Paulo disse que as promessas eram feitas à “semente” de Abraão e não às “sementes”, primeiro ele excluía especificamente os outros descendentes de Abraão, como seu filho Ismael, ou Esaú, seu neto, e lembrava a seus leitores que as promessas foram feitas para, a saber, “a casa de Israel”.

Em segundo lugar, Paulo expandiu essa limitação das promessas, destacando o fato de que as promessas a Israel somente seriam recebidas por aqueles que têm fé em Jesus (um descendente de Abraão, Isaque e Jacó), que governará como o rei judeu sobre o povo judeu quando eles finalmente herdarem a terra que Deus repetidamente prometeu a eles. Assim, é através de Jesus, a última “semente”, que os descendentes de Abraão herdarão as promessas da terra.

Finalmente, Paulo estava afirmando que qualquer pessoa pode vir a desfrutar das bênçãos do vindouro reino judaico se ela demonstrar o mesmo tipo de fé que Abraão demonstrou, crendo em Jesus, a Semente prometida.

A HISTÓRIA SUPERSESSIONISTA VERSUS A HISTÓRIA RESTAURACIONISTA

À medida que continuamos a considerar as grandes diferenças entre a narrativa supersessionista e a narrativa dos restauracionistas, devemos nos perguntar qual história melhor

testemunha o caráter de Deus. Qual transmite melhor a fidelidade, perseverança e misericórdia de Deus?

Se há uma coisa que o livro de Atos deixa claro é que a nova aliança abriu largamente as portas do reino de Deus e tornou sua futura herança livre e amplamente disponível a todas as pessoas. Tanto os supersessionistas quanto os restauracionistas concordam com isso. O restauracionismo afirma, no entanto, que enquanto o Senhor de fato abriu Suas promessas e bênçãos a todas as pessoas, Ele fez isso sem rejeitar o povo judeu corporativamente. Afinal, eles são aqueles a quem as promessas foram feitas originalmente.

O restauracionismo afirma que a nova aliança representa uma expansão e um florescimento dos planos originais do Senhor de incluir os gentios. As promessas são muito maiores do que poderíamos imaginar! De nenhuma forma, no entanto, a nova aliança representa uma revogação ou uma mudança em Seus planos originais para o Israel corporativo. Infelizmente, o supersessionismo, apesar de reconhecer a universalização das bênçãos, também vê a nova aliança como uma revogação radical das promessas do pacto abraâmico a Israel. Vamos nos perguntar honestamente qual visão representa melhor o Deus que se refere a Si mesmo como o Deus de Israel mais de duzentas vezes ao longo das Escrituras, e qual posição representa um Deus que é fiel e confiável? Como eu já disse, ao alegar que Deus rejeitou Israel como nação, supersessionistas involuntariamente colocaram Deus como um quebrador de promessas infiel, inconstante e inconsistente. Se você está lendo isso e atualmente mantém alguma forma de supersessionismo, eu apelo a você com toda sinceridade para realmente considerar apenas o que está sendo transmitido sobre o caráter de Deus quando você adota a visão de que Deus realmente não quis dizer o que Ele disse e que as palavras devem ser fundamentalmente reinterpretadas ou lidas

para serem compreendidas adequadamente. Tente imaginar como essas afirmações fariam você se sentir se você fosse judeu. Imploro que você considere a posição simples e direta do restauracionismo, com sua mensagem a respeito de um Deus fiel que diz o que Ele quer dizer e que pode ser absolutamente confiável para realizar tudo o que Ele prometeu.

Os supersessionistas precisam não apenas reinterpretar as palavras do Antigo Testamento, mas também minimizar ou até mesmo negar as palavras de Paulo a respeito da salvação de todo o Israel, para que elas signifiquem apenas o gotejar histórico dos crentes judeus que entram na Igreja. Para eles, isso é suficiente para envolver o pleno significado de “todo Israel”. Que reflexo vago e oco das glórias que Isaías descreveu! Quão triste a interpretação supersessionista teria sido para qualquer um cujas expectativas e visão de redenção foram formadas pelas palavras profundamente poderosas dos profetas que falavam de uma gloriosa restauração do reino judaico. O contraste entre a magnífica visão do restauracionismo e a triste satisfação com o *status quo* do supersessionismo não é mais evidente que nas respectivas interpretações deste capítulo. Por um lado, depois de tomar um capítulo inteiro para argumentar que o presente remanescente de judeus é provavelmente tudo o que veremos, quando Storms conclui seus argumentos, o melhor que ele consegue verificar é o seguinte:

Romanos 11 não fornece suporte explícito para a expectativa de que a massa de judeus étnicos ainda vivos na segunda vinda de Cristo será trazida ardorosamente para o reino de Deus [...] Romanos 11, como eu entendo o capítulo, simplesmente silencia sobre se tal conversão em massa dos judeus para a fé em Cristo ocorrerá em conjunto com o retorno de Cristo no final da história. Pode-se, de fato, certamente orar para que isso

aconteça (como se deve também orar pela conversão de todos os grupos de pessoas em todo o mundo). Mas eu não acredito que Romanos 11 nos dê uma autorização bíblica para declarar que isso certamente irá acontecer.⁴

Que tremenda decepção! Em nenhum lugar nas palavras de Paulo alguém encontrará o pessimismo e a resignação de Storms. Em vez disso, depois de anunciar as boas novas de que “todo o Israel será salvo”, Paulo começou a regozijar-se alegremente: “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os Seus juízos e insondáveis Seus caminhos! Pois quem conheceu a mente do Senhor ou quem se tornou Seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a Ele, para que Ele o recompense? Pois Dele e por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele seja a glória para sempre. Amém” (Romanos 11:33-36).

Com Paulo, todo crente deve gritar em voz alta: “Amém e amém!”

CONCLUSÃO

Hoje Deus está chamando todas as pessoas a se arrependem por meio de Jesus Cristo, seja judeu ou gentio. Ainda mais maravilhoso, porém, é o fato de que nos próximos dias, quando Jesus voltar, Ele cumprirá Suas promessas ao povo judeu e eles serão “todos” salvos, *exatamente como Ele disse que seriam*. O Senhor tomará aqueles que ao longo da história têm sido, de muitas maneiras, sua “missão impossível”, seus “amados inimigos”, e através deles, Ele mostrará Sua fidelidade diante de todas as nações. De fato, Paulo nos informa que a vinda dos judeus à fé resultará em

4 - Storms, *Kingdom Come*, 333-34.

um reavivamento global e milenar: “Ora, se a sua transgressão é riqueza para o mundo e seu fracasso é riqueza para os gentios, quanto mais sua plenitude será! [...] Porque, se a sua rejeição é a reconciliação do mundo, qual será a sua aceitação, senão vida dentre os mortos?” (Romanos 11:12,15).

Este será o padrão: primeiro veremos o número total de gentios crentes nesta era atual ser arrebatado, seguido pelo retorno de Jesus, depois a salvação de todo o Israel, após o que virá a redenção de toda a terra. Contemple a beleza, a magnificência e a sabedoria dos planos do Senhor! Embora possa parecer uma dança um tanto extensa e até mesmo confusa essa que o Senhor ordenou, no final, não apenas Israel, Seu primogênito, Seu povo escolhido, estará servindo a Ele, mas também um número incontável de gentios se juntará ao povo judeu para servirem ao Senhor juntos. *Oh, como eu anseio por aquele dia!*



COMO OS CRENTES GENTIOS DEVERIAM SE RELACIONAR COM OS JUDEUS INCRÉDULOS?

Antes de continuarmos, é muito importante pararmos para refletir e discutir a questão crucial de como os cristãos gentios devem se relacionar com o povo judeu hoje, particularmente aqueles que não creem em Jesus. Paulo fez um grande esforço para exortar e alertar os crentes gentios a respeito de como eles deveriam se relacionar com o *povo judeu, sejam crentes ou incrédulos*. Para resumir seu conselho, ele queria que os gentios fossem humildes, bem informados, e que mostrassem honra quando a honra fosse devida.

Em Efésios, Paulo advertiu os crentes gentios a sempre lembrar e reconhecer de onde eles vieram. Antes que qualquer cristão possa verdadeiramente apreciar o que ele agora tem em Cristo, ele deve primeiro entender de onde veio, bem como os sacrifícios que foram feitos para abrir o caminho para sua entrada no reino. Paulo captou isso muito profundamente em sua carta aos Efésios, onde ele escreveu que os gentios cristãos eram antigamente “separados de Cristo, excluídos da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo” (Efésios 2:12). Eu acho que

pouquíssimos cristãos hoje compreendem plenamente que, antes da vinda de Cristo, a menos que um gentio se unisse ao Deus de Israel, ele não tinha “esperança” de salvação e estava “sem Deus”. Através da compreensão deste pano de fundo, nós podemos apreciar plenamente o dom gratuito da salvação e da vida eterna que agora possuímos.

Em Romanos 11, Paulo advertiu os gentios a mostrarem honra ao povo judeu, que, embora sua maioria fosse (e continue a ser) “inimiga” do Evangelho dentro do plano soberano de Deus, foi endurecido por Deus especificamente para que os gentios pudessem entrar no Reino. Os gentios deveriam assim mostrar honra onde a honra é devida e não menosprezar os judeus que foram “cortados”. Não fazer isso é ser “arrogante”, “convencido” e ingrato pela graça imerecida que lhes é dada. Isso até nos coloca em risco de sermos “cortados” de Cristo. Mostrar honra onde a honra é devida é uma questão que o Senhor leva muito a sério.

Durante uma recente visita a Israel, participei de uma celebração do Pentecostes (*Shavuot*, em hebraico) nos arredores de Jerusalém. Cada encontro nacional é realizado todos os anos com crentes messiânicos de toda a terra reunindo-se para adorar e celebrar juntos. No meio das festividades, tive a oportunidade de me sentar com Avner Boskey. Avner é um líder judaico messiânico altamente respeitado de Israel que possui não apenas profunda clareza teológica, revelação e intelecto, mas também um senso de humor e uma inteligência afiada como poucos outros que eu já conheci. Avner também é um ex-professor meu e, mais do que qualquer outra pessoa, dou-lhe o crédito de ter sido o primeiro abrir meus olhos para a ênfase das Escrituras em Israel. No meio da nossa conversa, nos voltamos para o assunto de como os crentes gentios deveriam se relacionar com o povo judeu. Os comentários de

Avner capturaram muito bem a simplicidade do assunto: “A questão da escolha do povo judeu por Deus, e de como os gentios devem se relacionar com o povo judeu, é realmente uma questão do que eu chamo ‘etiqueta da corte’”, ele me disse. “Essa é a maneira como devemos nos comportar nas cortes do rei. Então, quando damos honra às coisas que Deus dá honra, estamos nos alinhando com Ele; estamos nos alinhando em termos das realidades do reino”.

Não é isso que todos nós devemos desejar? Não deveria ser o objetivo de todos se alinharem com o Senhor, abraçar as coisas que O agradam e honrar aquelas coisas que Ele mesmo honra?

Para comunicar ainda melhor a situação atual de Israel e da Igreja, gostaria de compartilhar uma parábola. Eu fiz um esforço para moldá-la segundo o modelo de muitas das parábolas de Jesus no Novo Testamento. Espero que ajude alguns a entender melhor o que eu acredito que Paulo estava comunicando e que muitos cristãos continuam a não entender hoje.

UM CONTO DE DOIS FILHOS

Era uma vez um pai que teve um filho. O pai havia criado seu único filho desde muito jovem nos caminhos do Senhor. Ele orava por seu filho quando bebê e cantava cânticos espirituais das Escrituras para ele dormir. Enquanto o menino crescia, o pai lia as histórias bíblicas para seu filho e lhe ensinava as Escrituras. Ele o instruiu a distinguir o certo do errado. O filho se torna um estudante competente da Palavra de Deus, mesmo em tenra idade.

Quando o garoto chegou aos dezesseis anos, o pai ouviu falar de outro jovem que precisava desesperadamente de uma casa e uma família. Embora soubesse que

esse menino tivera uma vida muito difícil e continuava a ter muitos problemas, depois de ponderar fervorosamente sobre sua decisão, sentiu que era certo adotar esse jovem em sua família. Mas não foi até o menino ter vivido por algum tempo com a família que o pai aprendeu toda a extensão do passado de seu novo filho. Ele descobriu que, aos onze anos, seu filho adotivo já estava imerso na cultura das drogas. Aos treze, ele ficava “doidão” todo dia. Aos quinze anos, ele estava usando e *vendendo* praticamente qualquer droga disponível. E, claro, havia o roubo, o vandalismo, a violência e muito mais. Antes mesmo de vir para sua nova casa, aos dezoito anos o menino havia sido preso várias vezes.

Mas então o inesperado aconteceu. Depois de ouvir a Palavra de Deus pela primeira vez, o filho adotivo se arrependeu de seus pecados, de sua vida anterior, e acreditando em Jesus Cristo, dedicou sua vida inteiramente ao Senhor. A transformação foi maravilhosa de se ver, e certamente fez o coração do pai se alegrar além da expressão. Mas esta não foi a única coisa inesperada que aconteceu.

Ao mesmo tempo em que o filho adotivo chegou à fé, o filho natural, que havia sido criado nos caminhos do Senhor, deixou repentinamente a casa. Ele começou a beber e a usar drogas e logo era como se ele tivesse assumido plenamente a vida anterior de seu irmão adotivo. Não demorou muito para que ele superasse a depravação de seu irmão. Ele se tornou imprudente em seus pecados e realmente começou a se prostituir. Quando o pai ficou sabendo de tudo isso, ficou de coração partido além da expressão. Quando o recém-convertido filho adotivo ficou sabendo da iniquidade de seu irmão, ele o procurou, repreendeu-o por seus pecados e deu-lhe palestras sobre seu comportamento. Mas quando ele se recusou a se arrepender, em uma raiva hipócrita, o irmão adotivo espancou o filho naturalmente nascido até a morte.

O pai ficou triste em seu coração. Primeiro, houve a indescritível dor de observar seu filho, em quem ele

havia derramado seu coração e sua alma, enquanto ele se voltava para os caminhos do mundo e se entregava à completa reprovação, até finalmente morrer em um estado profundamente depravado. Da mesma forma, ele ficou arrasado por seu filho adotivo. Pois, embora tivesse se regozijado muito quando seu filho se arrependeu de seus pecados, seu coração ficou duplamente entristecido por ver que, depois de receber tal perdão, misericórdia e graça, o menino se tornara tão hipócrita e arrogante que na verdade assassinara seu próprio irmão. O pai teve o filho adotivo preso, e ele foi condenado à prisão perpétua. Ele permaneceu lá pelo resto de sua vida, consumido com o mais amargo arrependimento.

É claro que essa parábola é apenas o meu melhor esforço para criar uma história que reflita o relacionamento entre Deus Pai, Israel e a Igreja de maioria gentia nos últimos dois mil anos. Com relação a Israel, a Bíblia se refere a eles como o primogênito do Senhor (ver Êxodo 4:22; Jeremias 31:9). Eles eram o povo que o Senhor havia levantado e a quem dera as promessas da aliança, Sua Lei, o Templo e sua própria terra. Eles tinham os milagres, a história, a instrução, até o próprio Messias! Se você entende o histórico e a história das relações do Senhor com Israel, então você pode ver quão profundamente chocante, escandaloso e doloroso é o fato de que a maioria do povo judeu rejeitou Jesus e escolheu não seguir seu próprio rei. Avner Boskey expressou isso para mim: “Então, se a Rainha Elizabeth fosse rejeitada em seu próprio país, seria uma tragédia. Mesmo se ela fosse aceita na América, ainda causaria grande dor a ela. A mesma coisa é verdade com Yeshua, com Jesus. Jesus é o Messias do povo judeu. O termo *Messias* é um termo hebraico, *Mashiach*. Somente quando você traduz para o grego você obtém a palavra *Christos*, ou *Cristo*. Mas na verdade é um título; significa um descendente da família de Davi. E Davi é a nossa dinastia real”.

É precisamente por isso que Paulo ficou tão profundamente triste com a situação que ele expressou seu desejo de que pudesse ser cortado, em vez de Israel: “Pois eu poderia desejar que eu mesmo fosse amaldiçoado, separado de Cristo por causa de meus irmãos, meus parentes segundo a carne, que são israelitas, aos quais pertence a adoção como filhos, e a glória e as alianças, e a quem foi dada a Lei, o serviço do templo e as promessas, de quem são os patriarcas, e de quem é o Cristo de acordo com a carne, que é sobre tudo, Deus bendito para sempre. Amém” (Romanos 9:3–5).

Também podemos entender por que Paulo repreendeu os gentios que desprezam o Israel incrédulo, até mesmo advertindo-os de que cultivar um coração tão ingrato e arrogante os coloca em grande risco de serem cortados de Deus:

Se, porém, alguns dos ramos foram quebrados, e tu, sendo oliveira brava, foste enxertado no meio deles e te tornaste participante da raiz da oliveira, não sejas arrogante para com os ramos; mas se você é arrogante, lembre-se de que não é você quem sustenta a raiz, mas a raiz sustenta você. Você dirá então: “Os ramos foram quebrados para que eu pudesse ser enxertado”. Muito bem, eles foram quebrados por sua incredulidade, mas você permanece com a sua fé. Não seja vaidoso, mas tema; porque, se Deus não poupou os ramos naturais, Ele também não poupará você. Eis então a bondade e severidade de Deus; para aqueles que caíram, severidade, mas para você, a bondade de Deus, se você continuar em Sua bondade; caso contrário, você também será cortado. (Romanos 11:17–22)

Mas em vez de atender às advertências de Paulo, a maioria da Igreja cristã ao longo da história adotou o supersessionismo e de fato desprezou o povo judeu, muitas vezes até se tornando

violento e assassino em relação a eles. A longa história do anti-semitismo cristão é a grande mancha no Cristianismo que não pode ser apagada. Mas enquanto os cristãos de hoje não podem mudar o passado, podemos prestar atenção aos avisos de Paulo, nos arrepender de todas as formas de supersessionismo e nos relacionar com os judeus de uma maneira que o Senhor espera: mostrando misericórdia, amor e honra. Isso será bastante natural se reconhecermos de onde viemos.

Devo mencionar que, em muitos aspectos, sou o filho adotivo da parábola. Como resultado de um divórcio e de pouca presença dos pais, aos onze anos eu já estava usando drogas. Todos os meus anos de pré-adolescente e adolescente foram uma queda em direção à destruição. Aos dezenove anos, já havia sido preso sete vezes. Não posso contar quantas vezes misturei várias drogas, álcool e até mesmo inalantes no meu corpo, ou quantas vezes fiquei tão bêbado que não me lembrei de voltar para casa ou de ter brigado na noite anterior. Eu não vou entrar em todos os detalhes. Eu sei que muitos que estão lendo isso têm suas próprias histórias obscuras, e algumas são *muito* piores do que as minhas. Meu ponto, no entanto, é que quando olho para trás, para o início da minha vida, mesmo nesses vinte e tantos anos depois de me tornar um crente, ainda fico profundamente tocado pelo fato de que eu realmente deveria ter morrido muito jovem. Se eu tivesse realmente colhido o fruto de minhas próprias escolhas iniciais, eu estaria na prisão ou no inferno agora mesmo. Mas em vez de encontrar uma morte prematura, aos dezenove anos, conheci o Senhor. Mas não foi porque eu estava procurando por Ele. Em vez disso, Ele escolheu revelar-Se a mim. Eu sou a personificação da passagem de Isaías (citada por Paulo em Romanos 10:20) em que o Senhor disse: “Eu Me permiti ser encontrado por aqueles que não Me buscavam” (Isaías 65:1). No exato momento em que eu deveria ter sido enviado

diretamente para a prisão, para o túmulo ou para o inferno, quase do nada, o Senhor interveio, convidou-me para ser Seu seguidor e ofereceu-me a vida eterna. E aceitei a oferta. *Desde aquela época, Ele continua a me mostrar uma tremenda misericórdia.*

Como tudo isso se relaciona com o povo judeu? Muito simples. Quando eu olho para a grande maioria dos judeus hoje que não O conhecem, não posso deixar de sentir-me grato e profundamente em débito com eles, sabendo que sem sua história, sem seu Deus, seu Messias, e até mesmo sem seu endurecimento, seus tremendos sacrifícios e sua perda insondável, eu nunca teria sido capaz de entrar nas bênçãos que desfruto agora. E é claro que eu anseio que eles conheçam o seu Deus assim como eu o conheço. Sem dúvida, o fato de que eles não estão todos servindo a Ele machuca o coração do Senhor além do que poderíamos começar a entender. E então eu oro para receber apenas uma gota dessa dor do coração do Senhor para me colocar de joelhos em oração pela proteção e salvação deles. Eu peço que o coração do Senhor me motive a uma ação apropriada e preencha minha boca com as palavras necessárias para talvez despertar alguns antes do dia em que todos eles virão a Ele. Essa, no entanto, não é apenas uma revelação pessoal para mim. Creio que esta é apenas uma parte muito pequena de como o Senhor quer que todos os cristãos gentios se relacionem com o povo judeu. O Pai deseja que todos permaneçamos humildes, que todos nós sejamos devidamente informados sobre estes assuntos, e que mostremos a devida honra onde a honra é devida. Acho que tudo isso é bastante razoável, e confio que você também faça o mesmo.

APOIANDO JUDEUS MESSIÂNICOS

Eu acho que também é necessário dizer que é dever dos crentes gentios mostrar um apoio particular aos judeus messiânicos.

Se o apóstolo Paulo está certo de que os crentes gentios deveriam honrar os judeus incrédulos (aqueles ramos que foram cortados), então quanto mais eles deveriam honrar os judeus crentes (os ramos de oliveira naturais)? Os crentes gentios devem entender que uma pequena minoria de crentes judeus está dentro do corpo maior, global, do Messias. São cerca de 2 bilhões de cristãos em todo o mundo, e apenas 1 milhão deles são crentes judeus messiânicos¹. Dos 6 milhões de judeus em Israel, existem apenas cerca de 20.000 judeus messiânicos². Não importa onde eles estejam, os judeus messiânicos são uma minoria. Crentes judeus são frequentemente perseguidos pelos judeus e incompreendido por muitos cristãos gentios. Muitos judeus nem consideram os judeus messiânicos como “verdadeiros judeus”. Muitos judeus ortodoxos chegam a dizer que o próprio termo “judeu messiânico” é um oxímoro, já que os judeus são apenas aqueles que praticam o judaísmo³. Eles precisam muito da compreensão e apoio da comunidade Cristã Gentia maior.

Crentes judeus têm um papel único no corpo do Messias que ninguém mais pode preencher. Os crentes judeus são singularmente qualificados, entre outras coisas, para ajudar os crentes gentios a entender melhor as raízes judaicas de sua fé, a praticar uma fé mais biblicamente enraizada e a entender a

1 - Jack Zavada, “What Is Messianic Judaism?” About.com, acessado em 15 de julho de 2014, [http:// christianity.about.com/od/messianic-jewishmovement/a/What-Is-Messianic-Judaism.htm](http://christianity.about.com/od/messianic-jewishmovement/a/What-Is-Messianic-Judaism.htm).

2 - Statistics, “Current Estimates of the number of Messianics [sic] (Jews proclaiming belief in Jesus) in Israel,” Jewish Israel, 2014, <http://jewishisrael.ning.com/page/statistics-1>.

3 - “Messianic Jews Are Not Jews,” by Rabbi Jonathan Waxman, em <http://israelnjudaism.blogspot.com/2011/04/messianic-jews-are-not-jews.html> e “There Is No Such Thing as a ‘Messianic Jew’,” em <http://5ptsalt.com/2013/01/02/there-is-no-such-thing-as-a-messianic-jew/>.

natureza do vindouro reino messiânico. Além disso, eles servem como embaixadores nativos para a comunidade judaica e são capazes de cumprir o chamado para pregar o Evangelho aos judeus muito melhor do que a maioria dos gentios. Estou absolutamente convencido de que toda congregação deve adotar pelo menos um ministério ou congregação judaica messiânica para apoiar através da oração, finanças e encorajamento.

No final da profecia de Malaquias, nos últimos dois versos do Antigo Testamento, o Senhor fez a seguinte promessa: “Eis que eu vos enviarei o profeta Elias antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor. Ele restaurará o coração dos pais a seus filhos e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição” (Malaquias 4:5–6). Embora haja várias sugestões sobre o que estava sendo profetizado aqui, creio que uma das intenções primárias do coração do Senhor é que um equilíbrio e um relacionamento saudável entre os “pais”, aqueles judeus crentes espalhados por todo o corpo do Messias, e os “filhos”, esse vasto número de crentes gentios em toda a terra, seja totalmente restaurado. Vamos aguardar ansiosamente os dias de Elias, quando a restauração completa acontecer, mas, ao mesmo tempo, não esperemos até esses dias para demonstrar a devida honra aos pais (e mães), algo que tem faltado à Igreja por um tempo demasiadamente longo.

O REINO VINDOURO DE DEUS

Quando Jesus começou seu ministério público, Ele foi “por toda a Galileia, ensinando em suas sinagogas e pregando o evangelho do reino” (Mateus 4:23; 9:35). Mais tarde, em seu sermão final antes de sua crucificação e morte, Ele profetizou que “este evangelho do reino será pregado em todo o mundo como um testemunho a todas as nações, e então o fim virá” (Mateus 24:14). A palavra “evangelho” é o grego *euaggelion*, frequentemente traduzida simplesmente como “boas novas” ou “boas notícias”. Quais são exatamente essas boas novas a respeito do reino que Jesus estava proclamando? O que exatamente é o “evangelho do reino”? Eu sugeriria que muitos na Igreja hoje, na verdade, não saberiam como responder adequadamente. Para muitos cristãos, o Evangelho é essencialmente isto: *Jesus Cristo morreu pelos seus pecados para que, quando você morrer, você possa ir para o céu*. Mas isso não é o que a Bíblia realmente ensina. Embora seja certamente verdade que se algum crente tivesse que morrer hoje, seu espírito continuaria a estar com Jesus (veja 2 Coríntios 5:8 e Apocalipse 20:4), a verdadeira “esperança” de todos os cristãos não é existir eternamente em um estado desencarnado no céu. A esperança de todo crente é experimentar a ressurreição

do corpo e participar de um reino físico e terrestre ainda por vir, o qual é falado em toda a Bíblia. Neste capítulo, vamos nos voltar para as Escrituras para examinar exatamente o que a Bíblia diz a respeito deste reino físico, terreno e vindouro. Vamos examinar exatamente o que Jesus quis dizer quando proclamou ao povo *o evangelho do reino*.

O REINO DA JUSTIÇA

Sem dúvida, um dos principais temas que continuamente queimam no coração de Deus é a questão da justiça. Embora haja um número mais do que suficiente de grandes injustiças em toda a Terra, vamos apenas abordar alguns dos exemplos mais notórios. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, todos os dias, aproximadamente 125.000 dos cordeirinhos mais inocentes que este mundo tem a oferecer, a própria definição de “indefesos”, são abatidos antes mesmo de darem o primeiro fôlego.¹ Cinquenta milhões de abortos por ano. Hoje, há cerca de 30 milhões de pessoas, a maioria mulheres e crianças muito jovens, que são prisioneiras do tráfico de escravos sexuais. Todos os dias, essas garotas são submetidas ao abuso mais inimaginável: sexual, física e psicologicamente falando. Como pai de quatro filhas, não posso imaginar a fúria que arde dentro do coração de Deus, o Pai, por causa desse mal implacável. Todo soluço, todo gemido, todo grito, o Senhor ouve. As Escrituras testificam o fato de que o Senhor é cheio de compaixão pelos escravizados, os violados, os quebrantados, os sofredores, os oprimidos, os deprimidos, os marginalizados, os rejeitados, os aflitos, os esquecidos, os doentes, os pobres e os fracos. Estas são

1 - “Abortions in the world—sources and methods,” Worldometers, acessado em 15 de julho de 2014, <http://www.worldometers.info/abortions/>.

as coisas sobre as quais o Senhor repetidamente fala sobre curar e cessar completamente quando Ele retornar. Vamos considerar uma amostra muito pequena de passagens que falam da justiça que o Senhor realizará especificamente quando Ele voltar – no Dia do Senhor:

- “Eis o Meu servo a quem Eu sustento; Meu escolhido em quem Minha alma se deleita. Pus o Meu espírito sobre ele; Ele trará justiça às nações” (Isaías 42:1).
- “Mas com justiça julgará os pobres e decidirá com justiça pelos aflitos da terra” (Isaías 11:4).
- “‘Naquele dia,’ declara o SENHOR, ‘Eu ajuntarei o coxo e reunirei os excluídos’” (Miquéias 4:6).
- “Os aflitos também aumentarão a sua alegria no Senhor, e os necessitados da humanidade se regozijarão no Santo de Israel” (Isaías 29:19).
- “Então os olhos dos cegos serão abertos e os ouvidos dos surdos desimpedidos. Então o coxo saltará como um cervo, e a língua muda irá gritar de alegria” (Isaías 35:5–6).
- “Salvarei o coxo e reunirei os que foram expulsos; Eu os designarei para louvor e fama em todas as terras onde foram envergonhados” (Sofonias 3:19 NKJV).
- “Ele se compadecerá dos pobres e necessitados, e as vidas dos necessitados ele salvará” (Salmos 72:13).
- “Procurarei os perdidos, trarei de volta os dispersos, enfaixarei os quebrados e fortalecerei os enfermos” (Ezequiel 34:16).

Não é preciso dizer que a lista poderia continuar e continuar. O Dia do Senhor é o Dia da Justiça! Penso no número maciço de jovens cristãos hoje que são tão apaixonados pela questão da justiça, mas que não têm absolutamente nenhum interesse no assunto do fim dos tempos. No entanto, o ponto focal do fim dos tempos é o Dia do Senhor, e a própria essência desse dia é a questão da justiça! Não somente esse dia será sobre justiça, mas também será a própria essência do reino que Ele estabelecerá quando retornar. Não haverá mais choro, não haverá mais luto, não haverá mais opressão, não haverá mais escravidão, não haverá mais tráfico de seres humanos, não haverá mais aborto, não haverá mais exploração, não haverá mais guerra. Essas são as boas novas de que Jesus falou quando Ele foi pela Galileia proclamando o “evangelho do reino”.

UM NOVO GOVERNO GLOBAL

Jesus não apenas levantará das cinzas aqueles cujas vidas têm sido pisadas, mas Ele também tomará aqueles que injustamente oprimiram outros, aqueles que se exaltaram, e aqueles que usaram outros como degraus para forçar seu caminho até o topo, e Ele os empurrará para baixo. De acordo com as Escrituras, quando Jesus voltar, humilhará aqueles que são orgulhosos e destruirá aqueles que se exaltaram: “Os olhos do homem arrogante serão humilhados e a soberba dos homens será humilhada; somente o Senhor será exaltado naquele dia. O Senhor Todo-Poderoso tem um dia reservado para todos os orgulhosos e elevados, para tudo o que é exaltado (e eles serão humilhados)” (Isaías 2:11-12 NIV).

O objetivo principal de qualquer um em posição de liderança, particularmente dentro do governo ou da Igreja, é servir. Ainda hoje acho justo dizer que muitos, se não a maioria,

dos políticos e dos líderes dentro das igrejas buscam e mantêm posições de autoridade não primariamente para o propósito de servir verdadeiramente aos outros, mas para assegurar maior riqueza, poder e controle. Não todos, mas certamente a maioria. Isso é verdade em praticamente qualquer lugar que você olhe. Mas certamente existem casos extremos. Penso na riqueza fabulosa e no excesso exagerado dos líderes do Reino da Arábia Saudita. Penso na exaltação grosseira igualmente berrante e completa de Kim Jung-un, o atual ditador da Coreia do Norte, que é tratado como um deus, enquanto o seu povo definha em condições que são além do terrível. Mesmo nos Estados Unidos, subir ao cargo de presidente tornou-se uma garantia de riqueza profunda e vitalícia. O abuso de poder pelo ganho egoísta às custas, e muitas vezes nas costas, do povo é um problema comum em todo o mundo, em praticamente todas as esferas da sociedade. Como Jesus responderá a isso quando Ele retornar? Muitos estão familiarizados com o Salmo 110 por causa da profunda profecia messiânica que ele contém: “O SENHOR disse ao meu Senhor: ‘Senta-te à Minha direita até que Eu ponha os Teus inimigos como escabelo de Teus pés’” (Salmos 110:1). Mas raramente a parte final da profecia é discutida nos púlpitos, aquela que diz que quando o Messias retornar, Ele matará governantes e políticos iníquos em toda a terra: “O Senhor está à Tua mão direita; Ele esmagará reis no dia da Sua ira. Ele julgará entre as nações, Ele as encherá de cadáveres, Ele despedaçará os governantes em toda a extensão da terra” (vv. 5–6).

É isso mesmo! Quando Jesus voltar, Ele realmente matará uma série de políticos, ditadores e líderes injustos e egoístas por toda a terra. Ele não apenas limpará a terra de líderes opressivos e egoístas, mas também os substituirá por aqueles que se mostraram fiéis e humildes nas pequenas coisas de suas

vidas. “Muito bem, meu bom servo! Porque você tem sido confiável em um assunto muito pequeno, tome conta de dez cidades”, Ele declarará (Lucas 19:17 NIV). Essa é outra parte da mensagem que Jesus estava proclamando quando foi pela Galileia e pregou o “evangelho do reino”.

A GRANDE INVERSÃO

Porque a vinda do reino de Deus acarreta esta exaltação dos humildes e a humilhação dos exaltados, eu me refiro ao Dia do Senhor como “a grande inversão”. Hoje, a Terra é tão fundamentalmente injusta que somente através de tão grande inversão ela poderá se tornar justa. Assim, o Dia do Senhor será o dia em que todos os erros serão corrigidos, e muito deste sistema atual será fundamentalmente virado de cabeça para baixo. É por isso que todo cristão sincero deve levar a sério a exortação do apóstolo Paulo, que disse:

Não façam nada por egoísmo ou por presunção vazia, mas com a humildade da mente considerem os outros mais importantes que vocês; não se preocupem apenas com os seus interesses pessoais, mas também com os interesses dos outros. Tenham essa atitude em si mesmos, a mesma que também estava em Cristo Jesus, que, embora existisse na forma de Deus, não considerava a igualdade com Deus algo a que devia Se apegar, mas esvaziou-Se, assumindo a forma de servo, e sendo feito à semelhança dos homens. Sendo encontrado na aparência de um homem, Ele Se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte na cruz. (Filipenses 2:3-8)

Aqueles que aceitaram o conselho de Paulo e, na imitação de Cristo, escolheram servir, serão exaltados. Aqueles que rejeitam o conselho de Paulo e se exaltam, serão humilhados e

possivelmente até lançados no lago de fogo. O reino que será estabelecido quando Jesus voltar será edificado sobre a base da justiça. A mensagem que Jesus proclamou foi uma mensagem de advertência severa aos orgulhosos, aos autoconfiantes e aos opressores. Mas para os humildes, os quebrantados e os oprimidos, que depositaram sua esperança somente em Deus, a mensagem é puramente uma *boa notícia*.

RECONSTRUINDO A TERRA

Durante o período da Grande Tribulação, a Bíblia fala de enormes desastres naturais, incluindo grandes terremotos múltiplos, que resultarão no colapso de cidades inteiras e tremendas mudanças topográficas em todo o mundo:

E houve relâmpagos e sons e trovões; e houve um grande terremoto, como nunca houve desde que o homem existe sobre a terra, tão grande foi esse terremoto, e tão poderoso. A grande cidade foi dividida em três partes e as cidades das nações caíram. Babilônia, a grande, foi lembrada diante de Deus, para lhe dar o cálice do vinho da Sua ira ardente. E toda ilha fugiu e as montanhas não foram encontradas. E pedras de granizo enormes, com cerca de trinta e cinco quilos cada, desceram do céu sobre os homens; e os homens blasfemavam contra Deus por causa da praga do granizo, porque sua praga era extremamente severa. (Apocalipse 16:18–21)

Portanto, é nesse contexto que, depois da volta de Jesus, os justos começarão a renovação da Terra: “Então eles reconstruirão as ruínas antigas, levantarão as antigas devastações; e eles repararão as cidades arruinadas, as desolações de muitas gerações ”(Isaías 61:4). Agora, talvez você esteja dizendo para si mesmo: “O quê? Nós temos que reconstruir

a terra? Parece *muito* trabalho!” Mas pare e considere a maravilha do que está sendo transmitido aqui. Quantos lendo isso gostariam de aproveitar a oportunidade de fazer parte da equipe oficial de arquitetura e engenharia do reino de Jesus, ou de seu comitê oficial de planejamento global de jardinagem? Qual estilo arquitetural primário será usado durante esse tempo? Será que Jesus nos orientará a simplesmente construir casas tradicionais de blocos de concreto no estilo do Oriente Médio, ou será que Ele apreciará a construção de mansões vitorianas detalhadas, ou castelos góticos, ou casas de estilo hobbit com um toque orgânico de Art Nouveau? Ou será usada uma forma inteiramente nova de arquitetura, que a humanidade nunca viu antes? Isso tudo pode parecer um pouco tolo em sua especulação, mas eu realmente acredito que devemos nos perder em tais sonhos enquanto meditamos sobre a natureza da era vindoura. Pois, na verdade, essa realidade, a de nossa participação na renovação da Terra em parceria com o Rei dos reis, é tão real quanto o nosso enfadonho cotidiano atual. Esse tipo de sonho tem muito mais a ver com a esperança do Evangelho.

Mas com que frequência essas realidades físicas e substanciais da era vindoura são discutidas nas igrejas quando o evangelho é pregado? Pelo menos na minha experiência, quase nunca. No entanto, a verdade é que quando ouvimos essas coisas, algo em nossos corações pula e se alegra. Ser livre para utilizar todo o nosso potencial como o nosso Criador nos criou, para criar os mais magníficos e deslumbrantes jardins, lares e paisagens, nos deixa muito mais excitados do que a ideia de flutuar eternamente em torno de um reino celestial nebuloso com o qual não podemos verdadeiramente nos relacionar. Nós não podemos verdadeiramente nos relacionar com um estado desencarnado precisamente porque fomos criados para ter

corpos imortais e glorificados e viver em uma terra glorificada e liberta! Portanto, são essas descrições tão substanciais, físicas e reais que ressoam profundamente dentro de nós. Foi para isso que nós fomos criados. E se nos voltarmos para Jesus para a purificação dos nossos pecados e permanecermos firmes em nossa fé, isso é exatamente o que herdaremos. Quando Jesus pregou as boas novas do reino ao povo da Galileia, é disso que Ele estava falando!

HAVERÁ JARDINAGEM

Se você perguntasse a alguém se ele preferiria ir a seu emprego diário ou trabalhar em seu jardim, você sabe que a grande maioria preferiria simplesmente “brincar” em seus jardins. Existe algo profundamente reconfortante no trabalho que se faz em um jardim. Existe uma satisfação primitiva e profunda que vem de desfrutar do fruto do próprio trabalho e da parceria com a natureza para produzir beleza e doçura.

Há alguns anos, peguei vários postes de madeira, cada um com cerca de seis metros de comprimento, e fiz uma enorme tenda a cerca de um tiro de pedra do lado de fora da minha janela traseira. Eu plantei uma mistura de glória-da-manhã e feijão-polo ao redor da tenda, exceto na frente, para permitir uma entrada clara. O plano era que, no final do verão, tivéssemos uma pirâmide de flores que serviria também como um forte para meus filhos. E enquanto eles se escondessem lá dentro, poderiam comer todos os feijões verdes que quisessem. Era, eu pensei, o plano perfeito. O problema foi que, naquele ano, por alguma razão, nada cresceu bem, então minha “pirâmide de grãos de feijão” foi apenas um sucesso parcial na melhor das hipóteses. Tal é a vida neste tempo atual. Talvez eu tente novamente com um sucesso melhor.

Mas na era vindoura, o profeta Amós nos informa que todas as nossas aventuras de jardinagem serão puro sucesso:

“Eis que os dias estão chegando”, declara o Senhor, “quando o lavrador irá ultrapassar o ceifeiro, e o que pisa as uvas aquele que semeia a semente; quando as montanhas derramarão vinho doce e todas as colinas serão dissolvidas. Também restaurarei o cativo do meu povo Israel, e eles reconstruirão as cidades arruinadas e viverão nelas; Eles também plantarão vinhedos e beberão seus vinhos, e farão hortas e comerão seus frutos. Também os plantarei na sua terra, e não serão mais arrancados da sua terra que lhes dei”, diz o Senhor teu Deus. (Amós 9:13-15)

A imagem do lavrador que ultrapassa o ceifeiro simplesmente significa que haverá tal abundância de frutas e legumes para colher que aquele que escolhe a fruta ainda estará colhendo quando for a hora de arar os campos para as plantações do próximo ano. Nunca haverá um ano perdido por causa do calor ou da chuva ou da umidade ou de qualquer coisa ter sido demais ou não o suficiente. O Senhor inspirará e abençoará cada passo do processo. Os habitantes da terra são retratados plantando vinhas e degustando o vinho, plantando jardins e desfrutando do seu fruto. “Naquele dia, declara o SENHOR dos Exércitos, ‘cada um de vocês convidará o seu próximo a sentar-se debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira’” (Zacarias 3:10). Quando Jesus pregou as boas novas, Ele estava simplesmente expondo o que já havia sido proclamado através dos escritos dos profetas judeus. Ele estava explicando todas as coisas boas que o Senhor tem reservado para todos que se arrependem do pecado e se voltam para ele. Estas são as coisas de que Jesus falou quando proclamou *o evangelho do reino*!

NÃO MAIS GUERRA

Eu não sou um pacifista. Acredito que em um mundo cheio de mal, infelizmente, há um tempo em que as guerras e uma resposta violenta são necessárias. Mas eu também sei que a guerra nunca é algo para ser desejado ou que alguém deveria se alegrar por ela. Quando eu considero o número de veteranos americanos que estão sofrendo com transtorno de estresse pós-traumático ou estão cometendo suicídio diariamente, eu odeio a guerra. Quando vejo a carnificina e a morte em curso nas nações do Iraque e da Síria, eu odeio isso. É por isso que todos, soldados e pacifistas, concordariam que todos podemos nos regozijar na era por vir, quando “[Cristo] julgará entre muitos povos e tomará decisões por nações poderosas e distantes. Então elas farão de suas espadas arados e de suas lanças foices; nação não levantará espada contra nação, e nunca mais treinarão para a guerra” (Miquéias 4:3).

O próprio Jesus será o Rei da Terra. Ele resolverá as disputas entre as nações e não haverá mais guerras. Em vez de fabricar mísseis, os povos da terra estarão montando instrumentos agrícolas. Nunca mais uma criança se deitará na cama, tremendo durante a noite, enquanto o chão ressoa sob a cama, do bombardeio de um alvo próximo. Nunca mais um pai ou uma mãe irá sair para a guerra e não voltar para casa. Não haverá mais membros protéticos ou lesões cerebrais traumáticas. Não haverá mais “artefatos explosivos improvisados”. Todos os horrores da guerra serão para sempre uma coisa do passado. Essa é a natureza da era vindoura. Quando Jesus proclamou o Evangelho do reino para o povo, isso era parte integrante de Sua mensagem.

A RESSURREIÇÃO DO CORPO

Para muitos, a ideia de uma eternidade física e terrestre é um conceito inteiramente novo. No entanto, a ressurreição do corpo e a redenção da Terra são ensinadas em toda a Bíblia. Uma vida após a morte que inclui perpetuamente flutuar no reino espiritual é o que foi ensinado pela filosofia grega. Embora essa crença tenha, em muitos aspectos, se tornado uma linha de pensamento dominante na Igreja, ela é, na verdade, uma corrupção da verdadeira esperança bíblica. Ainda que uma ressurreição física futura seja diferente daquilo que muitos sempre aprenderam, há algo que ressoa profundamente em todos nós quando falamos de coisas como jardinagem em uma criação glorificada, redimida e restaurada. Algo em nós salta com expectativa ansiosa quando falamos dessas coisas muito mais do que quando falamos de flutuar para sempre em um estado desencarnado nas nuvens. Randy Alcorn, autor do livro *Heaven*, explica com precisão essa dinâmica:

Eu nunca conheci ninguém que queira ser um fantasma. O ressuscitado Jesus tranquilizou seus temerosos discípulos: “Toque-me, eu não sou um fantasma”. No entanto, imaginamos uma vida após a morte em que nos tornamos fantasmas – exatamente o que seus discípulos tinham medo e que Jesus prometeu que não seria assim.

Nossos corpos, nossos apetites e papilas gustativas dadas por Deus não nos permitem desejar comer cascalho. Por quê? Porque não fomos feitos para comer cascalho. Tentar desenvolver um apetite por uma existência incorpórea num céu não físico é como tentar desenvolver um apetite por cascalho. Não vai funcionar. Nem deveria.

O que Deus nos fez para desejar e, portanto, o que desejamos, é exatamente o que Deus promete àqueles que seguem Jesus: a vida ressuscitada em um corpo

ressuscitado, com o Cristo ressuscitado em uma terra ressuscitada. Nossos desejos correspondem precisamente aos planos de Deus. Não é que queremos algo e, em seguida, nos envolvemos em pensamentos ilusórios de que o que queremos existe. É o oposto - a razão pela qual queremos é precisamente porque existe ou vai existir. Pessoas ressurreitas em um universo ressuscitado não é ideia nossa - é de Deus.²

Quando Jesus proclamou o Evangelho do reino, isso é precisamente o que Ele estava proclamando. Jesus estava chamando todos a se arrependerem à luz do Dia do Juízo, quando todos nós herdaremos a ressurreição dos justos para a vida ou a ressurreição dos injustos para a condenação eterna.

A CORRUPÇÃO AMILENARISTA DO TESTEMUNHO BÍBLICO

Durante a maior parte da história da Igreja, os cristãos aprenderam duas coisas sobre a era vindoura. Primeiro, eles foram ensinados que a esperança e o destino dos cristãos estão em um estado divino e desencarnado e não na terra. Segundo, os cristãos foram ensinados que, porque Deus rompeu com os judeus, o vindouro reino de Deus não teria nenhuma característica distintamente judaica. Essa crença é o que se chama de amilenarismo. Essa era a crença predominante da maioria dos cristãos em grande parte da história da Igreja. Desde o trabalho do estudioso Anthony Hoekema (1988), no entanto, muitos teólogos cristãos começaram a ver o erro de seus caminhos e agora reconhecem que o reino de Deus estará de fato na Terra. Isso é bom! É uma coisa maravilhosa ver teólogos cristãos rejeitando

2 - Randy Alcorn, "Heaven: Dreading It or Anticipating It?" *Eternal Perspective Ministries*, 1º de março de 2004, <http://www.epm.org/resources/2004/Mar/1/heaven-dreading-it-or-anticipating-it/>.

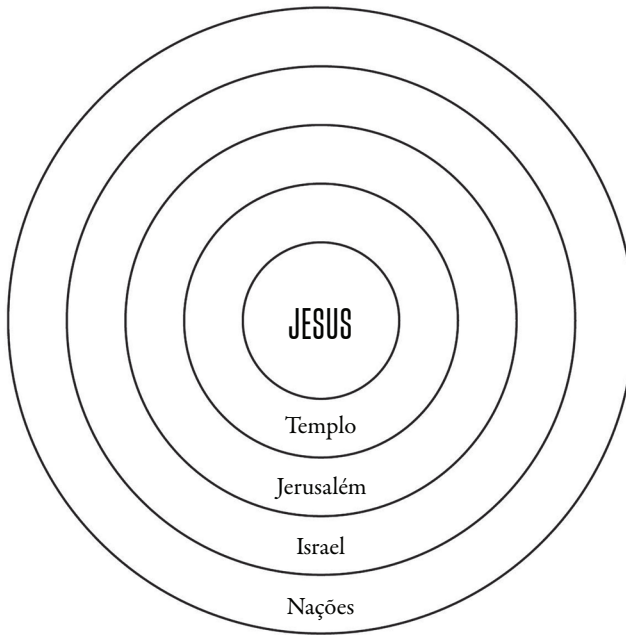
a perversão grega da teologia cristã e retornando ao testemunho das Escrituras. Mas não é suficiente. Pois, apesar de reconhecerem o erro de seus caminhos em relação à natureza material e terrestre do reino vindouro, os amilenaristas continuam a argumentar que de modo algum o reino vindouro de Deus será um reino judaico. No próximo capítulo, discutiremos o que a Bíblia diz sobre a natureza judaica do reino vindouro.



A RESTAURAÇÃO DO REINO JUDAICO

maravilhoso e glorioso como todas as várias descrições do reino vindouro que revisamos no último capítulo são apenas uma pequena parte do quadro que a Bíblia descreve. Além de ser um Éden restaurado, uma utopia agrária glorificada, é também absolutamente essencial que reconheçamos que a Bíblia também descreve um reino judaico glorificado. Como nós iremos ver, o testemunho escriturístico é completo, consistente e claro quando diz que, depois que Jesus voltar, Israel existirá como um reino nacional, com muitas outras nações distintas ao redor do mundo se unindo a ela como líder global. No coração da nação de Israel estará Jerusalém e o Templo, de onde Jesus, o Rei Judeu, reinará sobre o Seu povo. Enquanto as nações gentílicas receberão e se beneficiarão plenamente de todas as bênçãos daquela época, numerosas passagens descrevendo este tempo retratam uma nação judaica completamente distinta no centro do mundo. O seguinte diagrama retrata a ordem global durante o milênio, como é descrito nas Escrituras.





Estrutura do Reino Milenar

Embora a pesquisa a seguir esteja longe de ser abrangente, consideremos apenas algumas das passagens mais proeminentes que falam da natureza distintamente judaica da era vindoura.

O TRONO DE DAVI

A primeira característica da era vindoura que devemos destacar, um tema que se repete ao longo das Escrituras, é Jesus, o Messias, sentado no “trono de Davi”, que está localizado no monte Sião, em Jerusalém. É claro que, ao longo das Escrituras, o termo “o trono de Davi” é uma referência óbvia à sede da autoridade da dinastia real judaica. A palavra *Sião*, originalmente referindo-se à colina na extremidade sudeste de Jerusalém,

onde “a cidade de Davi” estava localizada (ver 2 Samuel 5:7-9), acabou por vir a ser usada como sinônimo alternadamente para o Templo, toda a Jerusalém, ou mesmo todo o Israel.

Qualquer esforço para entender estes termos como se referindo a qualquer coisa à parte da dinastia real davídica (judaica) é perder o seu claro significado, da forma como é transmitido através das Escrituras. Nós já revimos o pacto davídico, em que Deus prometeu ao rei Davi que seu trono seria estabelecido como eterno, com o prometido “descendente” de Davi sempre governando a partir dele:

“O SENHOR também declara a você que o SENHOR fará uma casa para você. Quando os teus dias estiverem completos e te deitares com os teus pais, levantarei o teu descendente depois de ti, que sairá de ti, e Eu estabelecerei o seu reino. Ele edificará uma casa ao Meu nome, e Eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino [...]. A tua casa e o teu reino durarão diante de Mim para sempre; o teu trono será estabelecido para sempre” (2 Samuel 7:11–16)

A aliança davídica, a promessa de um reino judaico restaurado, é reiterado muitas vezes nas Escrituras. No Salmo 110, Deus diz ao Messias: “‘Senta-te à Minha direita até que eu ponha os Teus inimigos por escabelo de Teus pés’. O Senhor estenderá o teu forte cetro de Sião, dizendo: ‘Governa no meio dos Teus inimigos.’” (vv. 1–2).

Outra famosa profecia messiânica em Isaías informa que uma criança prometida nasceria para governar o trono de Davi para sempre:

Pois uma criança nascerá para nós, um filho será dado a nós; e o governo descansará em Seus ombros; e Seu

nome será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz. Não haverá fim para o aumento do Seu governo ou da paz, *sobre o trono de Davi* e sobre o seu reino, para estabelecê-lo e defendê-lo com justiça e retidão *a partir de então e para sempre*. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isso. (Isaías 9:6–7; grifos adicionados)

Mais tarde, Isaías também declara que “um trono será estabelecido em benignidade, e um juiz se assentará sobre ele em fidelidade na tenda de Davi” (Isaías 16:5).

Outra profunda reiteração das promessas feitas a Israel e a Davi é encontrada nas profecias de Jeremias:

“Eis que vêm os dias”, declara o Senhor, “quando cumprirei a boa palavra que falei acerca da casa de Israel e da casa de Judá. Naqueles dias e naquele tempo farei brotar um justo Renovo de Davi; e Ele executará justiça e retidão na terra. Naqueles dias, Judá será salvo e Jerusalém habitará em segurança; e este é o nome pelo qual ela será chamada: o Senhor é a nossa justiça”. (Jeremias 33:14–16)

Esta passagem contém elementos importantes das alianças abraâmica e davídica. Primeiro, a referência à “casa de Israel e a casa de Judá” é atribuível a ambos os pactos. E segundo, a expressão “Renovo de Davi” é outra referência clara ao descendente prometido do Rei Davi, que governará especificamente e protegerá todo o Israel e Judá. Nós devemos tomar nota das referências aos reinos do norte e do sul. Jesus não apenas governará “a casa de Israel”, mas também “a casa de Judá”, estando unida a “casa inteira de Israel”, totalmente restaurada e unificada.

AMILENARISMO E A ALIANÇA DAVIDICA

O amilenarismo, devemos entender, interpreta todas essas profecias a respeito de um futuro reino judaico restaurado de maneira alegórica ou não literal. Por exemplo, de acordo com N. T. Wright, a cidade de Jerusalém “tinha sido simplesmente uma metáfora avançada”.¹ Se estamos falando de Israel, da terra, do Templo, de Jerusalém ou do reino judeu, de acordo com a visão amilenarista, nenhuma dessas coisas deve ser tomada literalmente. Quase todas são interpretadas como metáforas apontando para coisas muito melhores sim, mas bastante diferentes de suas contrapartes históricas. Embora seja verdade que as coisas que virão serão muito melhores do que, por exemplo, o histórico Templo Judeu ou o antigo reino judaico, dizer que elas serão algo totalmente diferente do que Deus prometeu, francamente, é acusá-lo de ser desonesto. O que Deus prometeu, Ele entregará. Isso não é dizer que a Bíblia não use metáforas ou linguagem simbólica. Mas quando examinamos até que ponto os amilenaristas devem ir para reinterpretar esses temas bíblicos comuns de um modo simbólico, ausente de quaisquer características distintamente judaicas, podemos realmente começar a perceber o absurdo. Vamos levar a sério os comentários de David Baron, o exegeta judeu messiânico do século XVIII que advertiu contra ir longe demais em “espiritualizar as profecias - fazendo com que Israel e Sião signifiquem a Igreja”:

1 - Tom Wright, “Jerusalem in the New Testament” (publicado originalmente como *Jerusalem Past and Present in the Purposes of God*, P. W. L. Walker, ed., 2nd ed. [Carlisle: Paternoster; Grand Rapids: Baker], 53-77), http://ntwrightpage.com/Wright_Jerusalem_New_Testament.pdf, 11.

Confesso que este sistema de interpretação não tem coerência, e torna a Palavra de Deus o livro mais sem sentido e ininteligível do mundo. Por exemplo, lemos aqui: “Eu trarei novamente os cativos do Meu povo Israel e Judá [...] e os farei voltar à terra que dei a seus pais” (Jeremias 30:3 KJV). Se Israel é a Igreja, quem é Judá? Se Judá é a Igreja, quem é Israel? Qual é o “cativeiro” que a Igreja tem sofrido? E onde está “a terra” da qual a Igreja foi expulsa e para a qual ela retornará?²

Centenas de outros exemplos podem ser considerados, alguns dos quais examinaremos à medida que avançamos. Em termos simples, a perspectiva amilenarista simplesmente não pode ser reconciliada com qualquer leitura direta das Escrituras, que repetidamente afirmam uma futura restauração do reino judaico. Em nenhum lugar dentro do Novo Testamento há nem mesmo o mais leve indício da nova aliança substituindo ou abolindo as promessas feitas ao Rei Davi com respeito à futura restauração de seu reino.

Aceitando em sentido literal essas profecias que falam do Messias que um dia governará como o rei judeu no trono de Davi, os magos do oriente vieram e perguntaram: “Onde está o recém-nascido *Rei dos Judeus*? Porque vimos a Sua estrela no oriente e viemos adorá-lo” (Mateus 2:2; grifo adicionado). Claro, os magos estavam corretos. O Rei dos Judeus havia nascido! Mais tarde, pouco antes de sua crucificação, “Jesus parou diante do governador, e o governador perguntou-Lhe, dizendo: ‘Você é o Rei dos Judeus?’ E Jesus disse-lhe: ‘É como você diz’” (Mateus 27:11). Sim, Jesus compreendeu plenamente e afirmou que Ele era o Rei do povo judeu que um dia reinaria

2 - David Baron, *The Jewish Problem: Its Past, Present and Future* (1891; domínio público), disponível online em <http://preceptaustin.org/the-jewish-problem-david-baron.htm>.

como rei sobre um reino judaico restaurado - um que duraria “*desde então e para sempre*”. Não podemos proclamar o Evangelho como era compreendido e proclamado pelos apóstolos a menos que proclamemos a futura vinda do rei judeu que governará o mundo a partir de Jerusalém. Proclamar menos do que isso é diminuir e distorcer a mensagem do Evangelho.

ISRAEL SERÁ EXALTADO COMO O CHEFE ENTRE AS NAÇÕES

Não somente um homem judeu retornará para governar o mundo, mas, como o Rei do povo judeu, Ele reinará sobre um reino judaico restaurado que, por sua vez, será exaltado acima de todas as outras nações. Dentro da profecia de Isaías, encontramos pelo menos duas das profecias mais significativas e substanciais que descrevem o vindouro reino judaico. A primeira encontra-se no capítulo 2, começando com “a palavra que Isaías, filho de Amós, viu a respeito Judá e Jerusalém”. A profecia começa assim:

Agora acontecerá que nos últimos dias o monte da casa do SENHOR se estabelecerá como o chefe dos montes, e será levantado sobre as colinas; e todas as nações fluirão para ele. E muitos povos virão e dirão: “Vamos subir ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó; para que Ele possa nos ensinar a respeito dos Seus caminhos, e para que andemos nas Suas veredas”. Pois a lei sairá de Sião e a palavra do SENHOR, de Jerusalém. E Ele irá julgar entre as nações, e tomará decisões por muitos povos; e eles transformarão suas espadas em arados e suas lanças em foices. Nação não levantará espada contra nação, e nunca mais aprenderão a guerra. (Isaías 2:1–4)

A frase-chave que devemos focar é: “Nos últimos dias o monte da casa do SENHOR se estabelecerá como o chefe dos

montes”. Através das Escrituras, a palavra “monte” é usada para se referir a um reino ou uma nação (ver Jeremias 51:25; Daniel 2:35; Obadias; Salmos 30:7; 72:3; e Apocalipse 17:9–11). Assim, o reino da Casa de YHVH Deus (que anteriormente era identificado com Judá e Jerusalém) será o líder entre todas as outras nações da terra, que virão “fluindo” para Jerusalém. A lei para toda a terra sairá de Israel. O que esta passagem deixa bem claro é que, durante o Milênio que virá, nações distintas continuarão a existir, e Israel será seu líder exaltado.

O profeta Amós também descreveu a futura restauração do reino judaico (davídico), que “possuiria” muitas outras nações: “Naquele dia levantarei a tenda caída de Davi e fecharei suas brechas; Eu também levantarei suas ruínas e a reconstruirei como nos dias antigos; para que eles possam possuir o remanescente de Edom e todas as nações que são chamadas pelo Meu nome’, declara o SENHOR que faz isto” (Amós 9:11–12). (“Possuir” outras nações aqui é simplesmente uma referência à sua liderança sobre essas nações.)

Os últimos sete capítulos da profecia de Isaías também têm muito a dizer sobre a era vindoura. O capítulo 60, falando do vindouro reino judaico, começa com um apelo cordial de alegria: “Levante-se, brilhe; porque a sua luz chegou, e a glória do SENHOR se elevou sobre você. Pois eis que trevas cobrirão a terra e escuridão profunda os povos; mas o SENHOR se levantará sobre você e Sua glória aparecerá sobre você” (vv. 1–2). E, mais uma vez, Israel é descrito como o centro da terra, com outras nações sendo atraídas para sua liderança: “As nações virão para a sua luz e os reis para o esplendor do seu alvorecer” (v. 3). Depois disso, os estrangeiros são retratados trazendo judeus de entre as nações para sua casa em Israel: “Levanta os olhos ao redor e vê; todos eles se reúnem, eles vêm até você. Seus filhos virão de longe e suas filhas serão carregadas nos braços” (v. 4).

Então aparece uma imagem gloriosa dos gentios de toda a região e de toda a terra que vêm para prestar tributo, para mostrar honra, e para trazer presentes ao reino de Israel:

Então tu verás e ficará radiante, e teu coração vibrará e se regozijará; porque a abundância do mar se voltará para ti; a riqueza das nações chegará a ti. Uma multidão de camelos te cobrirá, os jovens camelos de Midiã e Efá; todos aqueles de Sabá virão; eles trarão ouro e incenso e darão boas novas dos louvores do Senhor. Todos os rebanhos de Quedar serão reunidos a ti, os carneiros de Nebaiote te servirão; serão aceitos como ofertas em Meu altar, e Eu glorificarei Minha casa gloriosa. Quem são estes que voam como uma nuvem e como as pombas para seus ninhos? Certamente as terras do litoral Me aguardarão; e os navios de Társis virão primeiro, para trazerem teus filhos de longe, sua prata e seu ouro com eles, pelo nome do Senhor teu Deus, e pelo Santo de Israel, porque Ele te glorificou. (vv. 5-9)

Mas além de trazer os judeus de entre as nações de volta para sua terra natal, junto com tremendas riquezas e presentes, os gentios também ajudarão a construir o reino, oferecendo-se como obreiros para a glorificação dele:

Estrangeiros edificarão tuas muralhas e seus reis servirão a ti; porque na Minha ira te feri, e em Meu favor tive compaixão de ti. Teus portões estarão abertos continuamente; não se fecharão de dia ou de noite, para que os homens tragam a ti a riqueza das nações, com os seus reis guiados em procissão. Porque a nação e o reino que não te servirem perecerão, e as nações serão totalmente arruinadas. A glória do Líbano virá a ti, o zimbro, o buxo e o cipreste juntos, para embelezar o lugar do Meu santuário; e farei glorioso o lugar dos Meus pés. (vv. 10-13)

Mesmo aqueles que eram os maiores inimigos de Israel virão e se prostrarão diante de Israel, reconhecendo que são, de fato, o povo que o Senhor escolheu, através do qual Ele glorificará Seu nome. Imagine um mar de representantes do Líbano, Arábia Saudita, Síria, Jordânia, Irã e outras nações da região, vindo e “curvando-se” a Israel, declarando que Jerusalém é de fato a cidade de YHVH, o Deus Todo-Poderoso: “Os filhos daqueles que te afligiram virão a ti, e todos os que te desprezaram se curvarão às plantas dos teus pés; e eles te chamarão a cidade do Senhor, a Sião do Santo de Israel. Visto que foste abandonado e odiada, sem ninguém a percorrendo, Eu te farei um eterno orgulho, uma alegria de geração em geração” (vv. 14-15).

Eu estava conversando recentemente com dois muçulmanos cujos filhos fazem aula com uma de minhas filhas. Eu estava sentado lá lendo um livro do professor bíblico britânico David Pawson, intitulado *Defending Christian Zionism* [Defendendo o Sionismo Cristão]. Isso chamou a atenção desses dois muçulmanos, e uma conversa amistosa, embora um pouco estranha, começou. Ambos expressaram que, para os muçulmanos, a palavra *Sião* está cheia de imensas conotações negativas. Na verdade, ela é de fato a pior palavra que eles conhecem. É claro que eu tentei explicar o verdadeiro significado bíblico do termo Sião, para aliviar seus medos irracionais e compartilhar um pouco do Evangelho no processo, mas isso foi pouco para amenizar sua angústia sobre a palavra *sionismo* estampada na capa do meu livro. Enquanto conversávamos, pude ver o ódio que essa palavra evocava, e pensei nessa passagem em Isaías e em como ela é verdadeiramente profunda. Imagine uma nuvem de (ex-)muçulmanos arrependidos, vindo a Israel, para o povo judeu, e declarando que Jerusalém é “a cidade do SENHOR, a Sião do Santo de Israel”. Isso é verdadeiramente profundo! Será um milagre dos

milagres, um momento profundo de reconciliação! No entanto, é exatamente isso que Isaías diz que acontecerá na era vindoura, depois que Jesus voltar. *Vem, Senhor Jesus!*

Finalmente, em Isaías 61, somos novamente informados que, durante este período, os judeus, juntamente com aqueles que vieram das nações em volta, reconstruirão Israel, grande parte da qual terá sido destruída ou seriamente danificada durante os últimos três anos e meio da tribulação (discutiremos isso detalhadamente mais adiante):

Então eles vão reconstruir as ruínas antigas, eles vão levantar as antigas devastações; e eles repararão as cidades arruinadas, as desolações de muitas gerações. Estranhos se levantarão e pastorearão seus rebanhos, e os estrangeiros serão seus fazendeiros e seus plantadores de vinhas. Mas vocês serão chamados os sacerdotes do SENHOR; vocês serão mencionados como os ministros do nosso Deus. Vocês comerão a riqueza das nações e em suas riquezas vocês se orgulharão. (Isaías 61:4–6)

Como você pode ver, “estranhos” (um termo bíblico usado para estrangeiros) ajudarão Israel na reconstrução do reino. Israel é retratado como desfrutando de um estado exaltado, recebendo e desfrutando da riqueza das nações.

A PEREGRINAÇÃO MILENAR

Zacarias, o profeta, depois de descrever a reunião militar das nações contra Jerusalém nos últimos dias, seguida do retorno de Jesus no Monte das Oliveiras, continuou sua profecia, detalhando a magnífica peregrinação que ocorrerá todos os anos quando muitas nações viajarão a Jerusalém para adorar a Jesus e celebrar a Festa dos Tabernáculos, ou Cabanas

(Hebraico: *Sukkot*). Todos os anos, multidões de pessoas de todas as nações irão a Jerusalém para esse propósito. Considere este quadro profundamente poderoso do vindouro reino judaico:

Então acontecerá que todos os que restarem de todas as nações que foram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, e celebrar a Festa dos Tabernáculos. E será que qualquer das famílias da terra que não subir a Jerusalém para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, não haverá chuva sobre ela. Se a família do Egito não subir ou entrar, então nenhuma chuva cairá sobre ela; será a praga com a qual o Senhor ferirá as nações que não subirem para celebrar a Festa dos Tabernáculos. (Zacarias 14:16-18)

Isaías também aborda este tema, falando da glória das nações que fluem para Jerusalém como um riacho: “Eis que eu lhe faço paz como um rio, e a glória das nações é como um rio transbordante” (Isaías 66:12). Durante esse tempo, “muitos povos virão e dirão: ‘Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó. Ele nos ensinará os seus caminhos, para que possamos andar nos seus caminhos’” (Isaías 2:3). Entre todas as coisas maravilhosas que Jesus provavelmente falou quando declarou o *Evangelho do reino*, a vindoura peregrinação anual a Jerusalém, “a cidade do grande Rei”, foi uma delas (Mateus 5:35).

A GRANDE FALSIFICAÇÃO ISLÂMICA

É claro que é difícil para mim considerar este quadro de nações fluindo a Jerusalém todos os anos para adorar a Jesus sem que minha mente se volte para aquilo que, de muitas maneiras, é a

grande falsificação da presente era: o hajj islâmico para Meca. Um dos cinco “pilares” fundamentais do Islã é que todo cren-te muçulmano que é capaz de levantar os fundos necessários deveria pelo menos uma vez na vida fazer uma peregrinação religiosa a Meca. Como resultado do número colossal de muçulmanos que fazem hajj a cada ano, a Grande Mesquita na cidade de Meca é o local mais visitado da Terra.

Existem algumas tradições (árabe: *ahadeeth*) que envolvem viajar para Meca para beijar uma pedra negra incrustada no canto do santuário conhecido como Kaaba (“o cubo”). A tradição muçulmana sustenta que esta pedra negra caiu do céu: “O Mensageiro de Allah (que a paz e as bênçãos de Allah estejam com ele) disse: ‘A Pedra Negra veio do Paraíso’”.³ Isso é notavelmente similar à tradição que existia em Éfeso durante o primeiro século, a respeito da imagem de Ártemis: “Depois de acalmar a multidão, o escrivão da cidade disse: ‘Homens de Éfeso, que homem há, afinal, quem não saiba que a cidade dos efésios é a guardiã do templo da grande Ártemis e da imagem que caiu do céu?’” (Atos 19:35). Não é de surpreender que a cabeça da estátua de Ártemis também fosse feita de um meteorito preto esculpido, exatamente como a rocha negra incrustada em um canto da Kaaba.

Os muçulmanos acreditam que a pedra tem a capacidade de absorver e absolver os pecados daqueles que a beijam ou tocam: “Quando a Pedra Negra desceu do Paraíso, era mais branca do que leite, mas os pecados dos filhos de Adão a tornaram negra”.⁴

E assim, de acordo com essas tradições sagradas, quando um muçulmano toca a pedra negra durante sua peregrinação,

3 - Narrated by al-Tirmidhi, 877; al-Nasaa'i, 2935.

4 - Ibid.; Ahmad, 2792.

acredita-se que todos os seus pecados cometidos até aquele ponto de sua vida sejam limpos: “o Mensageiro de Allah [...] disse: “Tocar [a Pedra Negra] é uma expiação pelos pecados””.⁵

Estranhamente, diz-se que a Pedra Negra se tornará animada, possuindo olhos e uma boca, e na verdade servirá de testemunha no Dia da Ressurreição e julgamento, condenando ou absolvendo aqueles cujos pecados ela absorveu: “O Mensageiro de Alá [...] disse sobre a Pedra: ‘Por Allah, Allah a trará no Dia da Ressurreição, e terá dois olhos com os quais verá e uma língua com a qual falará, e testificará em favor daqueles que a tocaram com sinceridade’”.⁶

Então, de um lado, a Bíblia diz que o dia está chegando, quando todas as pessoas farão uma peregrinação anual a Jerusalém para adorar a Jesus, que se sentará no centro do Templo, no meio de Jerusalém. E do outro lado, aqui hoje, muçulmanos de todas as nações vêm a Meca a cada ano para beijar a Pedra Negra, que fica no centro de Al-Masjid Al-Haram, a Grande Mesquita Sagrada. Naturalmente, é pura idolatria e um claro remanescente das raízes pagãs do Islã. O hajj islâmico é, sem dúvida, a grande falsificação satânica da verdadeira peregrinação que Deus ordenou para todas as nações que irão a Jerusalém a cada ano para adorar a Jesus, o Rei!

O TEMPLO JUDAICO SERÁ RECONSTRUÍDO

Talvez uma das partes mais detalhadas e surpreendentes das Escrituras que descrevem o futuro reino messiânico e milenar de Israel - especificamente, um Templo Judaico reconstruído - seja encontrada em Ezequiel 40–48. Esse texto, uma profecia

5 - al-Tirmidhi, 959.

6 - al-Tirmidhi, 961; Ibn Maajah, 2944.

contínua, é também um dos mais incrivelmente difíceis para os amilenaristas que negam que haverá um reino literal, futuro, messiânico e milenar em Israel. Porque esses nove capítulos contêm uma quantidade tão grande de detalhes meticulosos, e qualquer esforço para interpretá-los simbolicamente ou metaforicamente resultará inevitavelmente em um circo de interpretações e especulações bizarras que fariam até mesmo Orígenes envergonhar-se.

O primeiro segmento da visão começa nos capítulos 40–43, onde Ezequiel recebe uma visita guiada por um anjo em um futuro Templo judaico em Jerusalém. Considere apenas o exemplo a seguir:

E eis que havia um muro do lado de fora do templo ao redor, e na mão do homem havia uma vara de seis côvados, cada um com um côvado e um palmo. Então ele mediu a espessura da parede, uma vara; e a altura, uma vara. Então ele foi até o portão que dava para o oriente, subiu os degraus e mediu o limiar do portão, uma barra de largura; e o outro limiar era uma barra de largura. A sala dos guardas era uma vara longa e uma vara larga; e havia cinco côvados entre as salas de guarda. E o limiar do portão junto ao pórtico do portão voltado para dentro era uma vara. (Ezequiel 40:5–7)

Aqui temos uma planta incrivelmente detalhada para um templo, cujos contornos divinamente projetados um dia se elevarão acima da cidade milenar de Jerusalém. Mas se esta pequena descrição ainda não inspira suficientemente, confio que a beleza das seguintes descrições o fará. No capítulo 44, há uma referência que muitos podem facilmente deixar passar. Falando sobre os deveres daqueles que são chamados para serem sacerdotes da tribo de Levi, o verso 11 diz: “Matarão o

holocausto e o sacrifício pelo povo, e eles ficarão diante deles para ministrar a eles”. Eu entendo que isso pode não agradar a todos que estão lendo, mas no meu caso, o aroma de um bom churrasco é algo verdadeiramente glorioso. Um dos meus vizinhos tem algo chamado de “*Big Green Egg*” – que é essencialmente um grande fogão de porcelana verde que pode ser usado como grelha, forno ou defumador. Às vezes ele defumava lentamente pedaços de carne da manhã até a noite. O aroma abençoado cobre o bairro - um pequeno lembrete do aroma que emanará dia e noite do futuro Templo Judaico. Que todos os vegetarianos gritem: “Aleluia!”

Mas além do aroma da carne grelhada, haverá também a fragrância do incenso. A receita específica para o incenso a ser oferecido no altar é descrita em Êxodo: “Então o Senhor disse a Moisés: ‘Tome para si mesmo especiarias, bálsamo, ônica, gálbano, especiarias com incenso puro; haverá uma parte igual de cada um. Com isso você fará incenso, um perfume, o trabalho de um perfumista, salgado, puro e santo’” (Êxodo 30:34–35).

Eu sempre tive uma predileção pelos incensos de resina autênticos usados pelos monges e padres em igrejas e mosteiros católicos ou ortodoxos. Embora o incenso seja a resina mais comum e dominante usada na maioria das misturas, existem na verdade dezenas de resinas e especiarias delicadas e complexas. Não importa como os homens tentem, com todos os seus avanços no conhecimento da composição química, aromas artificiais e fragrâncias sintéticas, eles simplesmente não conseguem igualar a delicadeza, complexidade e variedade de sabores e fragrâncias que o Senhor faz brotar da terra. Quem pode replicar o sabor único do alho, do gengibre, da galanga ou da canela jamaicana, ou a fragrância de uma flor de jasmim ou de uma gardênia? Claro, tendemos a pensar na visão e na audição como os mais poderosos dos sentidos. Nós todos sabemos

que uma fotografia, não importa o quão maravilhosamente composta, nunca pode capturar totalmente o poder de ver um pôr do sol gloriosamente colorido no deserto. Nenhuma gravação de áudio pode realmente capturar a ressonância em camadas vibrantes de sua música favorita tocada ou cantada ao vivo. Existe tanto poder evocativo para agitar as memórias, emoções e imaginação em fragrâncias e aromas como existe em qualquer uma dessas outras coisas. Eu amo imaginar e ponderar a glória da cidade que está por vir, onde o aroma muito real de carnes grelhadas e a fragrância de incenso divinamente formulado irão continuamente encher o ar ao redor da vizinhança do Templo, tudo misturado com as canções de adoração dos coros enormes, enquanto cantam as melodias do céu, perpetuamente glorificando o Senhor. *Todas essas coisas devem alegrar nossos corações!* Em passagens como essas, não apenas temos uma descrição do reino vindouro que todos podemos apreciar e entusiasmar, mas também temos claramente uma descrição de um reino completamente judaico. Quando Jesus pregou o *Evangelho do reino*, essa era uma parte fundamental do que ele proclamou.

O RIO DE JERUSALÉM

Em Ezequiel 47, novamente encontramos uma descrição de algo que muitos podem pensar pouco a respeito, mas que eu acho profundamente tocante, em um nível pessoal. Um pouco de pano de fundo é necessário. Eu cresci cerca de vinte e cinco quilômetros ao sul de Boston, a apenas 14 quilômetros do Oceano Atlântico. Durante toda a minha vida, meu pai foi um pescador comercial de vara e molinete. Até onde me lembro, eu estava na água com meu pai. Juntos, pescamos em toda a baía de Cape Cod, Buzzard's Bay, Nantucket Sound e até o Stellwagen Bank.

Como mencionei anteriormente, eu era um adolescente extremamente difícil. Quando conheci a fé, aos dezenove anos, a dramática e repentina transformação em minha vida foi um dos fatores mais significativos que contribuíram para que meu pai viesse ao Senhor aos cinquenta e dois anos. O Senhor tem sido muito misericordioso e gracioso para com a minha família. Um ano e meio depois que cheguei à fé, mudei-me para o meio-oeste, para frequentar uma escola bíblica. Mas o que deveria ser uma mudança temporária se prolongou para bem mais que vinte anos. Embora eu tenha voltado várias vezes para visitá-lo desde a primeira vez que fui embora, nunca mais consegui pescar com meu pai.

Vários anos atrás, meu pai anunciou que devido a um estágio avançado de degeneração macular estava perdendo a visão. Seus dias de pesca estão chegando rapidamente ao fim. Com uma família grande (minha esposa e eu temos cinco filhos) e uma agenda extremamente ocupada, estou com dúvidas de que algum dia eu possa voltar para a água com meu pai. Apenas o pensamento parte meu coração. Mas tendo dito tudo isso, quando li a seguinte parte da profecia de Ezequiel que fala do vindouro reino messiânico no qual um rio correrá de Jerusalém para o sul, transformando o Mar Morto em um lago de água doce cheio de peixes, meu coração pula. Eu fui abençoado em compartilhar com meu pai que, na era vindoura, haverá pesca!

Em uma recente viagem à Jordânia, visitando alguns amigos missionários, fizemos uma visita às margens orientais do Mar Morto. Enquanto eu estava lá naquela salmoura quente, salgada e oleosa, olhando para este vasto lago que não contém um único peixe, eu ponderei sobre a profecia de Ezequiel. Algum dia eu e meu pai vamos pescar juntos, pensei. Desafio qualquer um que ama pescar a ler a seguinte passagem sem ficar completamente entusiasmado com a natureza do vindouro reino messiânico:

As águas saem em direção à região oriental e descem à Arabá; então elas vão em direção ao mar, fazendo fluir para o mar, e as águas do mar se tornam frescas. Acontecerá que todos os seres vivos, que pululam em todos os lugares para onde o rio vai, viverão. E haverá muitos peixes, pois estas águas vão para lá e as outras se tornam frescas; então tudo vai viver onde o rio vai. E acontecerá que os pescadores ficarão ao lado delas; de En-Gedi a En-Eglaim haverá um lugar para espalhar as redes. Seus peixes serão de acordo com seus tipos, como os peixes do Grande Mar, muitos. (Ez 47: 8-10)

Desnecessário dizer que esta boa notícia ministra ao meu coração de uma forma poderosa, edificando o meu espírito, construindo a minha esperança na era vindoura. Quando penso no *Evangelho- as boas novas* - do reino, esta passagem sempre vem à tona na minha mente. Esse era o Evangelho do reino que Jesus pregava.

O REINO MESSIÂNICO NO NOVO TESTAMENTO

Embora os supersessionistas afirmem que o Novo Testamento “reinterpreta” (leia-se: *muda*) conceitos comuns encontrados em todo o Antigo Testamento, a verdade é que cada vez que o reino vindouro de Deus é referenciado através do Novo Testamento, ele reflete e realiza o tema do Antigo Testamento.

No próprio início do relato evangélico em Lucas, encontramos o anjo Gabriel anunciando a Maria o filho que ela carregaria e cuidaria. E, ao fazê-lo, usou termos e descrições exclusivamente judaicos: “E eis que você irá conceber em seu ventre e dará à luz um filho e lhe dará o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado o Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Seu pai Davi; e Ele reinará eternamente na casa de Jacó, e o Seu reino não terá fim” (Lucas 1:31–33).

Note que Gabriel disse à jovem Maria que seu filho receberia o “trono de seu pai Davi” e “reinará sobre a casa de Jacó para sempre”.

Muito mais tarde, quando Jesus falou a Seus discípulos sobre o tempo de Seu retorno e Sua entronização como Rei, Ele também usou profundas descrições judaicas. Em Mateus 19, vemos um exemplo perfeito de Jesus proclamando o *Evangelho do reino*:

Jesus lhes disse: “Em verdade vos digo que vós, que Me seguistes, na regeneração, quando o Filho do Homem se assentar no seu glorioso trono, também vos assentareis sobre doze tronos, julgando as doze tribos de Israel. E todo aquele que deixou casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou fazendas, por amor do Meu Nome, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna. (vv. 28–29)

Essa passagem implica que cada um dos doze discípulos represente uma das doze tribos. O que poderia ser mais judeu que isso? O fato de que Jesus falou da restauração de todas as doze tribos na era vindoura mostra que Ele estava de fato ansioso por um reino judaico plenamente restaurado.

A RESTAURAÇÃO DO REINO A ISRAEL

Finalmente, chegamos a mais uma passagem que realmente prova que o Evangelho de Jesus se centrou no vindouro reino judaico. Depois que Jesus retornou dos mortos e estava habitando entre seus discípulos em Seu corpo ressurreto e imortal, Seus discípulos perguntaram-lhe: “Senhor, restaurarás Tu neste tempo o reino a Israel?” Disse-lhes Ele: Não vos pertence conhecer os tempos ou épocas que o Pai fixou por Sua própria autoridade” (Atos 1:6–7).

Observe que Jesus não repreendeu Seus discípulos por sua pergunta (algo que Ele havia feito várias outras vezes quando eles fizeram perguntas ruins). Em vez disso, enquanto se recusava a discursar sobre o tempo, Ele assegurou a Seus discípulos que no tempo apropriado, estabelecido pelo Pai, Ele mesmo retornaria e restauraria o reino de Israel. Jesus não reimaginou o reino. Ele não reinterpretou o reino. Ele veio para trazer sua restauração futura.

Pouco tempo depois, após o Pentecostes, quando Pedro pregou o Evangelho ao povo judeu, ele especificamente retornou às palavras de Jesus e falou do “período de restauração de todas as coisas sobre as quais Deus falou pela boca de Seus santos profetas da antiguidade”. (Atos 3:21). A palavra “restauração” em grego é *apokatastasis*, que, de acordo com o *Thayer’s Greek Lexicon*, significa “restauração não apenas da verdadeira teocracia, mas também do estado mais perfeito que existia antes da queda”.⁷ A própria palavra “restauração” infere um retorno a algo que existia anteriormente. Um reino vindouro que seria totalmente vazio de quaisquer características judaicas não é uma restauração. De fato, em nenhum lugar a distinção entre o restauracionismo e a teologia da substituição é mais pronunciada do que na interpretação dessas passagens em Atos. Se lemos os comentários de Atos 1:6–7 escritos por teólogos da substituição, achamos muita zombaria pelos discípulos serem tão “sem noção”, “alheios” e “fora de sintonia”, por terem uma perspectiva fundamentalmente errada. Como Gary Burge diz, “[os discípulos] entenderam exatamente errado”.⁸ Até mesmo João Calvino,

7 - THAYER’S GREEK LEXICON, Electronic Database. Copyright © 2002, 2003, 2006, 2011 by BibleSoft, Inc. Todos os direitos reservados. Usado com permissão. BibleSoft.com, em <http://biblehub.com/greek/605.htm>.

8 - Gary Burge, Christ at the Checkpoint Conference, February 2014.

em seu comentário sobre essa passagem, sugere que Jesus deve ter olhado para os discípulos e pensado: *como vocês podem ser tão burros?!⁹* Por que, então, estava Pedro, apenas dois capítulos depois, sob a unção do Espírito Santo, ainda pregando a restauração da teocracia davídica? Se você simplesmente abordar essas passagens da perspectiva de alguém que foi informado sobre as muitas promessas claras de Deus feitas em todo o Antigo Testamento, como os discípulos de Jesus realmente foram, então a passagem é muito simples e fácil de entender. Quando Jesus voltar, na hora marcada pelo Pai, Ele restaurará o reino davídico de Israel de acordo com as promessas imutáveis e sempre confiáveis de Deus. Quando Jesus percorreu a Galileia e proclamou as boas novas a respeito do reino vindouro, a restauração do reino judaico foi precisamente o que Ele estava pregando!

“Hosanna! Bendito é aquele que vem em nome do Senhor! O rei de Israel!” (João 12:13 NKJV)

9 - *Commentaries, Acts of the Apostles*, vol. 18, reimpressão. (Grand Rapids: Baker, 1981), 43-44. A citação é uma tradução e uma paráfrase do Dr. William Mallard, da Candler School of Theology, do comentário de Calvino.

PARTE 2

DOIS MIL ANOS DE SUPERSESSIONISMO E ÓDIO AOS JUDEUS





ÓDIO CRISTÃO AOS JUDEUS: DO INÍCIO AO QUARTO SÉCULO

Um cristão que estuda a história da Igreja rapidamente percebe que, desde muito cedo, algo deu errado. O que começou como uma seita judaica que acolheu os gentios, logo se tornou um grupo dominado por gentios que desprezava tremendamente qualquer judeu que não se convertesse à fé cristã, deixando sua identidade judaica para trás.

O objetivo deste capítulo é demonstrar a clara relação e conexão do supersessionismo com o longo e contínuo histórico de ódio, perseguição e sofrimento de Israel, o povo da aliança de Deus.

ANTISSEMITISMO OU ÓDIO AOS JUDEUS?

Hoje, quando as pessoas falam de ódio contra o povo judeu, elas usam o termo “antissemitismo”, com alguém que odeia os judeus sendo descrito como um “antissemita”. Esse termo foi popularizado pela primeira vez em 1881 por Wilhelm Marr, um alemão radical, nacionalista e auto-proclamado odiador de judeus. Desde aquela época, este termo praticamente substituiu a palavra alemã *Judenhass*, que significa simplesmente



“ódio aos judeus”. Embora o *antisemitismo* possa conotar uma referência mais científica, tecnicamente, também pode inferir o ódio a todos os povos semitas, nos quais os árabes seriam necessariamente incluídos. Eu testemunhei muçulmanos árabes em várias ocasiões alegando que é impossível para eles serem antisemitas porque eles mesmos são semitas. Para evitar esse absurdo e usar expressões muito mais francas, eu escolhi usar os termos “ódio aos judeus”, “antijudaico” ou algo similar.

O NOVO TESTAMENTO PROMOVE O ÓDIO AOS JUDEUS?

Quando estudamos o assunto do ódio cristão ao povo judeu, encontramos uma afirmação comum entre os escritores não-cristãos de que esse ódio tem suas raízes no Novo Testamento. Dentro da literatura secular, não passa de uma conclusão precipitada de que o Novo Testamento realmente promova o ódio aos judeus. Existe um problema gritante com essa afirmação, no entanto. Dentro do Novo Testamento, o que temos é essencialmente uma disputa interfamiliar. Sem dúvida, existem algumas passagens que contêm algumas acusações muito fortes e palavras duras. Mas em todos esses casos, estes são exemplos de uma acusação feita por um indivíduo, uma seita, uma escola ou um grupo judeu, que censura ou repreende outros judeus. Pode-se encontrar com facilidade acusações similares feitas pelos profetas hebreus em todo o Antigo Testamento, mas estas nunca são interpretadas como promotoras do ódio aos judeus. As disputas familiares são apenas isso, disputas familiares. Mas é outra coisa inteiramente diferente quando os cristãos gentios, mais tarde, começaram a usar essas passagens ou uma linguagem muito similar para seus próprios planos cristãos pró-gentios e antijudaicos. Os escritos dos primeiros

cristãos empregam não apenas o Novo Testamento, mas também o Velho, com o propósito de fazer polêmicas e acusações antijudaicas. Em ambos os casos, isso deve ser reconhecido como um abuso fundamental das Escrituras pelos gentios, para promover uma agenda política/ideológica antijudaica. O problema não é com o Novo Testamento (ou com o Velho), mas com o mau uso e o abuso feitos por aqueles que caíram na arrogância da pior ordem, fracassando totalmente em dar ouvidos às advertências contidas naquelas mesmas Escrituras (Romanos 11:20–25).

O SUPERSESSIONISMO COMO FUNDAMENTO PARA O ÓDIO AOS JUDEUS

Nenhum dos abusos históricos dos judeus teria sido possível se a Igreja não tivesse rejeitado os avisos de Paulo. Como veremos, o supersessionismo é o próprio alicerce e a ideia motriz por trás da maior parte do ódio e da perseguição ao povo judeu em toda a terra nos últimos dois mil anos. A seguir, estão as principais ideias que definem o supersessionismo teológico cristão. Embora vários professores frequentemente procurem expressar essas ideias de maneiras diferentes, esses conceitos básicos são essencialmente compartilhados por todos os supersessionistas:

- A Igreja é o novo e verdadeiro Israel;
- Israel não é mais o povo de Deus;
- A destruição do Templo e de Jerusalém em 70 d.C. foi a demonstração pública de Deus de Sua rejeição a Israel como Seu povo;
- A rejeição nacional de Israel é permanente;

- Israel, com razão, sofreu e continua a sofrer as maldições da desobediência;
- O sofrimento dos judeus desde o ano 70 d.C. é o resultado do justo julgamento de Deus devido à sua culpa coletiva pela descrença em rejeitar e matar Jesus;
- Os judeus estão sob as divinas maldições de Deus por sua desobediência;
- O sofrimento dos judeus é, assim, auto-infligido;
- As pessoas que se dizem judeus hoje são inimigas do Evangelho e da Igreja.

Uma vez que alguém começa com essas ideias teológicas, então a lógica perigosa do supersessionismo é bastante direta. Embora nem todos os supersessionistas necessariamente levem essas crenças até as suas conclusões lógicas, como veremos, um vasto número de cristãos confessos ao longo da história, uma vez que abraçaram o supersessionismo, passaram a adotar o comportamento mais profundamente não-cristão que se possa imaginar em relação ao povo judeu. Ao examinarmos os muitos comentários expressos por líderes e teólogos proeminentes através da história da Igreja, veremos todas essas ideias expressas de maneira bastante direta, várias vezes, frequentemente do modo mais vil e contraditório. A realidade é que, após afirmar que um povo inteiro foi para sempre rejeitado e amaldiçoado por Deus, é realmente fácil odiar e realizar atos de ódio ou violência. Na maioria das vezes, tudo o que é necessário é um pouco de poder político nas mãos daqueles que acreditam ou defendem essas coisas, e logo os atos mais hediondos se seguem. Vamos considerar a seguinte lista parcial, mas totalmente condenatória, de evidências.

LINHA DO TEMPO DO SUPERSESSIONISMO CRISTÃO E DO ÓDIO AOS JUDEUS

115 d.C. – Em sua Epístola aos Magnesianos, Inácio, bispo de Antioquia, argumentou que qualquer forma de judaísmo é incompatível com a crença em Jesus como Messias. “Porque, se até hoje vivemos segundo a maneira do judaísmo, nós juramos que não recebemos graça”.¹

Pode-se imaginar o quão chocado e triste Paulo, o apóstolo, que continuou a praticar abertamente o judaísmo farisaico durante toda a sua vida e ministério (Atos 18:18; 21:26; 23:6; Filipenses 3:6), teria se sentido ao ler tais condenações de qualquer forma de expressão judaica.

Paulo deixou bem claro que antes que os gentios se arrependessem de seus pecados e colocassem sua fé em Deus e em Jesus, seu Messias, eles estavam “separados de Cristo, excluídos da comunidade de Israel e estrangeiros às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo” (Efésios 2:12). Ele também apresentou o início da Igreja como sendo uma história de gentios arrependidos, ex-pagãos, entrando na comunidade de Israel e sendo enxertados em uma oliveira muito judaica (Romanos 11:17-19). Usando esta analogia da oliveira, Paulo lembrou aos gentios que “não és tu quem sustenta a raiz, mas a raiz te *sustenta*” (Romanos 11:18; grifo adicionado). Ainda de acordo com Inácio, foram os judeus que vieram à igreja cristã. Inácio inverteu fundamentalmente a equação: “É monstruoso falar de Jesus Cristo e praticar o judaísmo. Porque o cristianismo não acreditava no judaísmo, mas o judaísmo no cristianismo”.²

1 - Inácio de Antioquia, Epístola aos Magnesianos, 8:1, 10:3, traduzido para o inglês por J. B. Lightfoot, disponível online no website Early Christian Writings, em <http://www.earlychristianwritings.com/text/ignatius-magnesians-lightfoot.html>.

2 - Ibid.

“NOSSA ALIANÇA”

120 d.C. – Na Epístola de Barnabé, já encontramos um expressivo sentimento supersessionista. Existem repetidas referências aos cristãos como “o novo” povo, e os judeus como aqueles que foram rejeitados para sempre. Uma passagem afirma que a nova aliança é “nossa aliança”, que nem foi dada aos judeus. Como vimos no capítulo anterior, porém, por meio do profeta Jeremias, Deus disse: “Farei uma nova aliança com *a casa de Israel e com a casa de Judá*” (Jeremias 31:31; grifo adicionado). Mas Barnabé afirmou que não apenas a nova aliança não foi feita com Israel, mas que no momento em que Moisés desceu do Monte Sinai e quebrou as duas tábuas, os judeus “a perderam [...] para sempre”:

Algumas pessoas acumulam pecado sobre o pecado, dizendo que a nossa aliança também permanece para eles. Ela é nossa; mas eles a perderam para sempre, quando Moisés acabara de recebê-la. Pois a escritura disse; E Moisés estava na montanha jejuando quarenta dias e quarenta noites, e recebeu a aliança do Senhor, tábuas de pedra escritas com o dedo da mão do Senhor. Mas eles a perderam, voltando-se para ídolos. Pois assim diz o Senhor; Moisés, Moisés, desce depressa; porque o teu povo, que tiraste da terra do Egito, está agindo ilegalmente. E Moisés entendeu, e derrubou as duas tábuas de suas mãos; e a aliança deles foi quebrada em pedaços, para que a aliança do amado Jesus fosse selada em nossos corações na esperança que brota da fé nEle.³

3 - Epístola de Barnabé, 4:6-8, traduzido para o inglês por J. B. Lightfoot, <http://www.earlychristianwritings.com/text/barnabas-lightfoot.html>; grifo adicionado

“NÓS SOMOS A VERDADEIRA RAÇA ISRAELITA”

150 d.C. – No “Diálogo com Trifão, o Judeu”, de Justino Mártir, começamos a encontrar uma teologia supersessionista muito mais desenvolvida. Falando com Trifão, Justino disse: “Já que Deus abençoa este povo [a Igreja], e os chama de Israel, e os declara como Sua herança, como é que vocês não se arrependem do engano que praticam em si mesmos, como se só vocês fossem o Israel, falando mal do povo a quem Deus abençoou?”⁴

Desnorteadado pela sugestão de Justino, Trifão então pergunta: “O que, então? Vocês são Israel? E Ele fala tais coisas sobre vocês?” Ao que Justino mais tarde respondeu: “Cristo é o Israel e o Jacó, assim como nós, que fomos extraídos das entranhas de Cristo, somos a verdadeira raça israelita.”⁵

Em pouco mais de cem anos após o ministério de Jesus, os cristãos gentios já haviam começado a se ver como a “verdadeira raça israelita”. Esse é um pensamento profundamente perigoso. Por favor, pense bem sobre isso comigo. Se a Igreja é “a verdadeira raça israelita”, então os judeus são uma falsa raça israelita? Ou eles são simplesmente sem raça? Se os judeus não são mais Israel, então quem são eles? Uma vez que qualquer grupo tenha sido despojado de sua identidade e existência *em teoria*, é apenas uma questão de tempo até que alguém tente privá-los de sua própria existência *literalmente*. Por mais trágico que seja, nos próximos dois mil anos, a crença de que a Igreja Cristã de maioria gentia é o novo ou verdadeiro Israel dominou o pensamento de grande parte da Igreja, até os dias de hoje. As ramificações da doutrina do supersessionismo por mais de mil e oitocentos anos consistentemente produziram a pior forma de ódio e abuso imaginável.

4 - Justino Mártir, Diálogo com Trifão, o judeu, cap. 135.

5 - Ibid.

“VOCÊS AGORA SOFREM COM JUSTIÇA”

Justino não apenas alegou que os judeus haviam sido substituídos pela Igreja; ele também ofereceu uma reinterpretação radical do sinal da aliança abraâmica. A circuncisão, é claro, era um sinal que Deus havia dado aos filhos de Israel para indicar que haviam sido separados por meio de Seu pacto com eles. Justino reinterpretou negativamente este sinal, juntamente com o sábado, não como sinais das promessas de Deus a Israel, mas a fim de que eles pudessem ser perpetuamente escolhidos para “sofrer com justiça”:

Porque a circuncisão segundo a carne, que é de Abraão, foi dada por sinal; para que vocês possam se separar de outras nações e de nós; e que só vocês possam sofrer o que agora sofrem com justiça; e que a sua terra possa ser desolada e as suas cidades possam ser queimadas a fogo; e que os estrangeiros possam comer os seus frutos na sua presença, e nenhum de vocês possam subir a Jerusalém. Pois vocês não são reconhecidos entre o resto dos homens por qualquer outra marca além de sua circuncisão carnal [...] Como afirmei antes, foi por causa de seus pecados e dos pecados de seus pais que, entre outros preceitos, Deus impôs a observância do sábado como uma marca.⁶

Aqui é onde está a lógica perigosa do supersessionismo. Uma vez que os judeus são vistos como sendo rejeitados por Deus e justamente punidos, virtualmente qualquer forma de abuso se torna aceitável. Afinal, os abusadores estão simplesmente reforçando a vontade de Deus. Muito rapidamente, esse abuso tornou-se parte normal de como os cristãos se relacionavam com o povo judeu.

6 - Ibid., cap. 16.

O POVO ANULADO

165 d.C. – Melitão de Sardes, o bispo de Sardes, perto de Esmirna, na região da atual Turquia, escreveu um sermão intitulado “Sobre o Pessach” (Páscoa). Neste sermão, Melitão articulou perfeitamente a teologia da rejeição divina ao povo judeu: “O povo de Israel era precioso antes que a Igreja surgisse, e a lei era maravilhosa antes que o evangelho fosse elucidado. Mas quando a Igreja surgiu e o evangelho tomou precedência, o modelo foi anulado, concedendo seu poder à realidade [...] o povo foi anulado quando a igreja surgiu”.⁷

É fundamental notar a articulação do supersessionismo feita por Melitão. Se o próprio Deus fez do Templo de Israel, da lei e da nação de Israel coisas do passado, então segue-se logicamente que o próprio Deus fez daquelas pessoas que são definidas por essas mesmas coisas “anuladas” - um nada, um espaço vazio. Logo, a ideia de Israel não mais ser um povo e, pior ainda, o esforço para concretizar essa ideia, tornou-se um componente normal da missão da Igreja.

ETERNAMENTE REJEITADO POR DEUS

210 d.C. – Hipólito de Roma, muitas vezes referido como o mais importante teólogo do terceiro século, escreveu seu polêmico “Tratado expositivo contra os judeus”. Hipólito desenvolveu o tema de que os judeus são coletivamente culpados por matar Jesus (deicídio). Eles corporativamente foram eternamente e para sempre separados de Deus, tanto nesta era como na seguinte:

7 - R. Kendall Soulen, *The God of Israel and Christian Theology* (Minneapolis: Fortress, 1996), 29.

Agora, inclina os seus ouvidos para mim, ouve as minhas palavras, e preste atenção, judeu. Muitas vezes você se vangloria de que condenou Jesus de Nazaré à morte e deu-Lhe vinagre e fel para beber; e você se gaba por causa disso. Vem, portanto, e vamos considerar juntos se você porventura não se vangloria injustamente, ó Israel, (e) se aquela pequena porção de vinagre e fel não trouxe esta assustadora ameaça sobre você, (e) se isto não é a causa de sua condição atual envolvida nesses incontáveis problemas. [...] E então ouça o que segue: “Que os seus olhos se obscureçam, para que não vejam.” E certamente você foi obscurecido nos olhos de sua alma com uma escuridão absoluta e eterna. [...] Eu reproduzo agora a profecia de Salomão, que fala de Cristo, e anuncia clara e perspicazmente as coisas concernentes aos judeus; e aquelas que não apenas estão acontecendo com eles no presente, mas também aquelas que lhes sucederão na era futura, por causa da contumácia e audácia que exibiram em relação ao Príncipe da Vida.⁸

Hipólito não só projetou a alegada rejeição aos judeus por Deus como “eterna”, como também alegou que o sofrimento e a punição coletiva eram perpétuos.

Quão cedo a Igreja havia esquecido as palavras de Paulo, que disse que, embora tivessem rejeitado seu Messias e “tropeçado”, seu estado decaído não era permanente: “Eu digo, então: Deus rejeitou Seu povo? Nunca! Deus não rejeitou o Seu povo a quem antes conheceu [...] Eu digo, então: eles tropeçaram para cair [permanentemente]? Nunca!” (Romanos 11:1,2,11).

De acordo com Paulo, os judeus foram *parcial e temporariamente* endurecidos, mas no devido tempo todos eles seriam

8 - Hipólito, “Expository Treatise against the Jews,” pars. 1, 5, <http://www.newadvent.org/fathers/0503.htm>.

totalmente restaurados ao seu Deus (vv. 25-26). O resultado de sua restauração seria “riquezas para o mundo” e “vida dentre os mortos” (vv. 12, 15). No entanto, a Igreja rapidamente começou a alegar que os judeus foram permanentemente rejeitados por Deus. E se examinarmos os escritos dos supersessionistas hoje, é fácil encontrar este erro repetido mil vezes.

“ELES MATARAM O FILHO”

Que pecado horrível poderia uma raça inteira cometer que a condenaria ao sofrimento perpétuo? A resposta correta, é claro, foi que um sofrimento tão grande só poderia vir do pecado supremo e imperdoável de matar Jesus. Hipólito expressou assim:

Mas por que, ó profeta, diga-nos, e por qual razão, o templo foi desolado? Foi por causa dessa antiga fabricação do bezerro? Foi por causa da idolatria do povo? Foi pelo sangue dos profetas? Foi pelo adultério e a fornicção de Israel? De maneira nenhuma, ele diz; porque em todas essas transgressões eles sempre encontraram perdão aberto a eles e benignidade; mas foi porque eles mataram o Filho [...].⁹

A ideia de que todo o povo judeu é coletivamente culpado pelo crime de matar Jesus e que a culpa é transmitida geneticamente foi amplamente mantida dentro da Igreja durante grande parte de sua história. Vários exemplos de vários líderes, teólogos e “santos” da Igreja seguem nesta linha do tempo. A ideia pode estar parcialmente enraizada na má aplicação de uma passagem encontrada no evangelho de Mateus,

9 - Ibid.

onde lemos sobre os judeus dos dias de Jesus clamando o sangue dEle sobre si mesmos e sobre seus filhos:

Quando Pilatos viu que ele não estava conseguindo nada, mas sim que um tumulto estava começando, ele tomou água e lavou as mãos na frente da multidão, dizendo: “Eu sou inocente do sangue deste homem; vejamos isso”. E todo o povo disse: “O seu sangue cairá sobre nós e sobre nossos filhos!” Então ele libertou Barrabás para eles; mas depois de ter açoitado Jesus, entregou-o para ser crucificado. (Mateus 27:24–26)

O problema, claro, de procurar colocar a culpa pela morte de Jesus em qualquer raça em particular é duplo. Primeiro, Jesus disse da sua própria vida: “Ninguém a tira de mim, mas eu a dou por minha própria iniciativa. Tenho autoridade para dá-la, e tenho autoridade para reavê-la” (João 10:18). Em outras palavras, embora fosse um esforço conjunto da parte dos judeus e dos romanos realizar Sua crucificação, foi tudo, em última análise, Sua decisão e Seu próprio plano. O segundo problema óbvio em culpar o povo judeu pela morte de Jesus está na culpa coletiva de toda a humanidade.

QUEM REALMENTE MATOU JESUS?

De acordo com o profeta Isaías, não foram apenas os pecados do povo judeu, mas de todos nós, que especificamente exigiram que Jesus abandonasse Sua vida: “Todos nós, como ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; mas o Senhor fez a iniquidade de todos nós cair sobre Ele” (Isaías 53:6). A longa história de acusação e condenação cristã em relação ao povo judeu por sua alegada culpa coletiva na morte de Jesus é uma demonstração da falta

de compreensão fundamental da Igreja sobre seus próprios pecados e sua própria culpa. Revela uma completa falta de consciência da misericórdia que reivindica para si. Na derradeira ironia profética, ao perseguir o povo da aliança de Deus, a Igreja crucificou o Judeu e levou a culpa de sangue por uma medida incomensurável de sofrimento e morte sobre si mesma. Sem dúvida, aos olhos de Deus, os cristãos têm apontado o dedo da acusação para si mesmos o tempo todo. Hoje, a Igreja deve cair de joelhos e clamar por misericórdia pelos seus pecados passados. Mesmo que nós mesmos não tenhamos participado desses pecados, todos devemos orar para evitar andar na maneira vergonhosa de nossos antecessores.

“NOSSE JESUS”

220 d.C. – O próximo exemplo vergonhoso do supersessionismo que produz desdém pelos judeus pode ser encontrado nos escritos de Orígenes, que no terceiro século escreveu sobre sua “total confiança” de que os judeus foram para sempre rejeitados por Deus: “Podemos assim afirmar em confiança absoluta que os judeus não retornarão à sua situação anterior, pois eles cometeram o mais abominável dos crimes, ao formarem essa conspiração contra o Salvador da raça humana”.¹⁰ Orígenes continuou: “Assim, a cidade onde Jesus sofreu foi necessariamente destruída, a nação judaica foi expulsa de seu país e outro povo [a Igreja] foi chamado por Deus para a abençoada eleição”.¹¹

Encontraremos repetidamente o tema de Deus ter destruído Jerusalém, o Templo Judeu e toda a nação como evidência

10 - Leon Poliakov, *The History of Anti-Semitism* (New York, Schocken, 1965), 23.

11 - *Ibid.*

da rejeição permanente de Deus aos judeus como Seu povo. Então, com frequência, alguém descobrirá que tais circunstâncias permanecerão para sempre. Mas se a destruição da Nação e do Templo fosse evidência da rejeição de Deus ao povo judeu, então o renascimento do Estado de Israel não indicaria que Deus não rompeu definitivamente com o povo judeu? É precisamente por isso que os supersessionistas nos tempos modernos procuraram diminuir as muitas evidências do restabelecimento miraculoso e soberano do Estado de Israel ou chegaram a trabalhar diligentemente para deslegitimá-lo.

Orígenes passou a usar seu supersessionismo como base para fazer comentários abusivos e condenatórios sobre os judeus como um povo corporativo, emitidos como resultado de seus pecados não contra o Jesus deles, mas *nosso*: “E estas calamidades perversas, eles sofreram porque eram uma nação muito perversa, a qual, embora culpada de muitos outros pecados, não foi tão severamente punida por nenhum deles, como foi por aqueles cometidos contra *nosso Jesus*.”¹²

Mais uma vez, podemos apenas imaginar a dor do apóstolo Paulo com tais comentários. Sem mencionar a dor do próprio Jesus, enquanto Orígenes tentava despojar os judeus de qualquer direito ao seu próprio Messias, embora Jesus se identificasse como “o Rei dos Judeus” (Mateus 27:11).

RESTRIÇÕES LEGAIS

No início do século IV, a separação entre a Igreja e a comunidade judaica tornara-se tão ampla que a Igreja começou a impor restrições a várias formas de interação social entre os dois

12 - Orígenes, *Contra Celso*, livro 2, cap. 8; grifo adicionado.

grupos. Com o tempo, as restrições e decretos se tornariam muito mais proibitivos.

306 d.C. – O Sínodo da Igreja de Elvira colocou restrições a várias formas de interação social ou comunitária entre cristãos e judeus. Ameaçando a perda da comunhão, o cânon proibiu os cristãos de se casarem com judeus. O cânon 48 tornou um ato pecaminoso abençoar as plantações de um judeu, e o cânon 50 proibiu os cristãos de comerem com os judeus.¹³ Havia se tornado proibido pela lei da Igreja até mesmo se sentar e compartilhar uma refeição com um judeu!

Assim que as restrições da Igreja foram emitidas, foram adicionadas restrições legais reais. Uma vez que os cristãos começaram a assumir o poder político, se tornaria lugar-comum para as autoridades legais emitir decretos enraizados em seu preconceito supersessionista em relação aos judeus.

315 d.C. – O imperador Constantino publicou o Edito de Milão e os judeus não podiam mais morar em Jerusalém. Embora o próprio Senhor tivesse dado a cidade de Jerusalém ao povo judeu (ver Deuteronômio 1:8), agora a Igreja os havia proibido de morar lá. Os judeus também foram proibidos de procurar dissuadir qualquer um que deixasse o judaísmo, com a ameaça de ser queimado vivo. Qualquer cristão que se convertesse ao judaísmo era ameaçado com severa punição:

Desejamos dar a conhecer aos judeus e aos seus anciãos e seus patriarcas que, se após a promulgação desta lei, qualquer um deles ousar atacar com pedras ou alguma outra manifestação de raiva outro que houver fugido de

13 - "The Council of Elvira, ca. 306," <http://faculty.cua.edu/pennington/Canon%20Law/ElviraCanons.htm>; acessado em 16 de julho de 2014.

sua seita perigosa e aderido à adoração a Deus [Cristianismo], ele deve ser jogado rapidamente às chamas e queimado junto com todos os seus cúmplices. Além disso, se qualquer um da população se juntar a essa seita abominável e comparecer às suas reuniões, ele receberá as merecidas penalidades.¹⁴

325 d.C. – O Concílio de Nicéia determinou separar para sempre a celebração cristã da Páscoa de suas raízes judaicas. Aparentemente se esquecendo que Jesus e os discípulos todos celebraram a Páscoa, o Concílio declarou:

É indecoroso que, neste festival mais sagrado, sigamos os costumes dos judeus. De agora em diante, não tenhamos nada em comum com esse povo odioso [...] Não devemos, portanto, ter algo em comum com os judeus [...] Nossa adoração segue um [...] curso mais conveniente [...] Desejamos, meus queridos irmãos, separar-nos da detestável companhia dos judeus [...] Como, então, poderíamos seguir esses judeus, que são quase certamente cegos.¹⁵

330 d.C. – Neste ano, Tertuliano, um teólogo da igreja primitiva, escreveu seu tratado *Adversus Judaeos* (Contra os judeus), que é um argumento bem desenvolvido baseado na Bíblia para a rejeição aos judeus e sua substituição pela Igreja. Entre suas alegações gerais, ele argumentava extensamente que a Igreja é agora a herdeira das promessas feitas ao

14 - *Jewish History Sourcebook: Jews and the Later Roman Law 315-531 CE*, "Laws of Constantine the Great, October 18, 315: Concerning Jews, Heaven-Worshippers, and Samaritans," Fordham University, <http://www.fordham.edu/halsall/jewish/jews-romanlaw.asp>.

15 - "Two millennia of Jewish persecution: Anti-Judaism: 70 TO 1200 CE," website Religious Tolerance, http://www.religioustolerance.org/jud_pers1.htm; acessado em 16 de julho de 2014.

povo judeu nas alianças abraâmica, davídica e nova. Usando Daniel 9 como base, Tertuliano sustentou que a destruição do Templo e de Jerusalém em 70 d.C. foi o selo de rejeição profetizado por Deus sobre o povo judeu. Hoje, essa é uma crença fundamental entre os supersessionistas. Em vez de ver 70 d.C. como mais uma *expulsão temporária* dos judeus da terra e uma *punição de curto prazo* do Senhor ao Seu povo da aliança, em conformidade direta com as maldições encontradas na aliança mosaica, virtualmente todos os supersessionistas veem isso como um evento definitivo pelo qual os judeus foram *permanentemente* rejeitados por Deus, perdendo qualquer direito a uma recuperação futura das promessas da aliança.

O CÉU É PARA NÓS, NÃO PARA VOCÊS!

320 d.C. – Cipriano, o bispo de Cartago, escreveu os *Três Livros de Testemunhos contra os judeus*. Nesses livros, todos os argumentos que haviam se tornado amplamente aceitos na Igreja são reiterados. Especificamente, Cipriano afirma que os gentios, e não os judeus, herdariam “o reino dos céus”:

Os judeus caíram sob a pesada ira de Deus porque abandonaram o Senhor e seguiram os ídolos... Foi previamente predito que eles não conheceriam o Senhor, nem O entenderiam, nem O receberiam... Os judeus não entenderiam as Sagradas Escrituras, mas elas seriam inteligíveis nos últimos tempos, depois que Cristo viesse... Os judeus deveriam perder Jerusalém e deveriam deixar a terra que haviam recebido. Além disso, eles deveriam perder a luz do Senhor. Dois povos foram preditos, o mais velho e o mais novo; isto é, o velho povo dos judeus e o novo que deveria consistir

de nós. Os gentios, e não os judeus, alcançam o reino dos céus.¹⁶

341 d.C. – o Concílio de Antioquia proibiu os cristãos de celebrar a Páscoa com os judeus.¹⁷

350 d.C. – O imperador cristão Constâncio proibiu o casamento entre homens judeus e mulheres cristãs. Mesmo os casamentos existentes deveriam ser dissolvidos. Homens cristãos que se casaram com mulheres judias foram realmente ameaçados com a pena de morte.¹⁸

343-381 d.C. – O Sínodo de Laodiceia aprovou o cânon 38, que declarou: “Não é lícito [aos cristãos] receber pão ázimo dos judeus, nem ser participantes da sua impiedade”.¹⁹

“UM GRANDE MONTE DE LIXO DE PROSTITUTAS”

380 d.C. – A mais vil, inflamada, e venenosa das polêmicas antijudaicas dos primeiros séculos foram uma série de discursos conhecidos como *Homílias contra os Judeus*, de João Crisóstomo. Crisóstomo, talvez melhor do que a maioria dos outros líderes cristãos, compreendeu a lógica do supersessio-nismo, alegando que, porque Deus odeia os judeus, os cristãos

16 - Cipriano, *Three Books of Testimonies against the Jews*, em *Ante-Nicene Fathers*, vol. 5, *The Writings of the Fathers Down to AD 325* (Grand Rapids: Eerdmans).

17 - “Anti-Judaism and the Council of Nicea,” <http://www.petahtikvah.com/Articles/ANTIJU-DAISM.htm>; acessado em 17 de julho de 2014.

18 - *Jewish History Sourcebook*.

19 - “A Brief History of ‘Christian’ Anti-Semitism,” JewishRoots.Net, acessado em 17 de julho de 2014, <http://jewishroots.net/library/anti-semitism/a-brief-history-of-anti-semitism-2.html>.

devem “odiá-los e ansiar por seu sangue”.²⁰ Embora muito tenha sido escrito sobre a odiosa retórica de Crisóstomo contra o povo da aliança de Deus, vou simplesmente citar uma pequena amostra aqui:

Os judeus estão reunindo coros de efeminados e um grande monte de lixo de prostitutas.²¹

Eles [os judeus] vivem para os seus ventres, ficam boquiabertos pelas coisas deste mundo, a sua condição não é melhor do que a dos porcos ou cabras por causa de suas maneiras devassas e glotonaria excessiva. Eles sabem apenas uma coisa: encher a barriga e ficarem bêbados.²²

O que é esta doença? Os festivais dos deploráveis e miseráveis judeus logo marcharão sobre nós um após o outro e em rápida sucessão: a festa das Trombetas, a festa dos Tabernáculos, os jejuns. Há muitos em nossas fileiras que dizem que pensam como nós. No entanto, alguns deles vão assistir aos festivais e outros se juntarão aos judeus para manter seus banquetes e observar seus jejuns. Desejo retirar esse costume perverso da Igreja agora mesmo.²³

Mas não se surpreenda por eu ter chamado os judeus de deploráveis. Eles realmente são deploráveis e miseráveis... Embora esses judeus tenham sido chamados para a adoção de filhos, eles se acasalam com cães.²⁴

Os judeus são mais selvagens do que qualquer bandido de estrada e fazem mais dano para aqueles que caem entre eles. Eles não tiram as roupas de suas

20 - Ronald Diprose, *Israel and the Church: The Origins and Effects of Replacement Theology* (Waynesboro, GA: Authentic Media, 2004), 22.

21 - João Crisóstomo, *Against the Jews*, Homily 1.2.7, http://www.tertullian.org/fathers/chryso-stom_adversus_judaeos_01_homily1.htm.

22 - Ibid., Homily 1.4.1

23 - Ibid., Homily 1.1.5.

24 - Ibid., Homily 1.2.1.

vítimas nem infligem ferimentos em seu corpo como fizeram aqueles ladrões na estrada para Jericó. Em vez disso, os judeus ferem mortalmente a alma de sua vítima, causando dez mil ferimentos e deixando-a em um poço de impiedade.²⁵

Finalmente, é importante notar que este homem que se tornou conhecido como “santo” pelas igrejas tradicionais literalmente demonizou o povo judeu:

A sinagoga não é apenas um bordel e um teatro; também é um antro de ladrões e um alojamento para feras... Mas quando Deus abandona um povo, que esperança de salvação resta? Quando Deus abandona um lugar, esse lugar se torna a morada dos demônios.²⁶

De fato, a sinagoga é menos merecedora de honra do que qualquer estalagem. Não é apenas um local de alojamento para ladrões e trapaceiros, mas também para demônios. Isso é verdade não apenas nas sinagogas, mas também nas almas dos judeus, como tentarei provar no final da minha homilia.²⁷

Pouco precisa ser dito sobre o que acontece quando alguém desumaniza uma raça inteira, classificando todos como bestas demonizadas. Enquanto João Crisóstomo chama os judeus de meretrizes, bodes, porcos e cães demonizados, Hitler se referiu a eles como insetos. Um deles foi coroado pela Igreja Cristã como um santo, enquanto o nome do outro, com razão,

25 - Ibid., Homily 8.3.10, http://www.tertullian.org/fathers/chrysostom_adversus_judaeos_08_homily8.htm.

26 - Ibid., Homily 1.3.1, http://www.tertullian.org/fathers/chrysostom_adversus_judaeos_01_homily1.htm.

27 - Ibid., Homily 1.4.2.

viverá para sempre na infâmia. O autor Steven Katz refere-se à polêmica de João Crisóstomo contra os judeus como “a virada decisiva na história do antijudaísmo cristão, uma reviravolta cuja derradeira consequência desfiguradora foi encenada no antissemitismo político de Adolf Hitler”.²⁸

O TERROR DO ESTADO CRISTÃO COMEÇA

379 - 395 d.C. — Na história do ódio cristão aos judeus, esse período foi um profundo ponto de virada, conforme o imperador Teodósio fez do Cristianismo a religião estatal oficial do Império Romano. O casamento entre a Igreja e o Estado era completo, e todo o poder do Estado pertencia agora aos superseditionistas.

388 d.C. — Neste ano, os cristãos incendiaram uma sinagoga na cidade de Callincum, no rio Eufrates, perto da moderna cidade de Raca, no centro-norte da Síria. O bispo local encorajou a queima. Quando o governante civil local enviou uma carta ao Imperador Teodósio I pedindo que ele emitisse um decreto para que o bispo fizesse a restituição e reconstruísse a sinagoga, o arcebispo Ambrósio de Milão, conhecido como Santo Ambrósio, interveio e enviou sua própria carta ao imperador, argumentando que a ordem de restituição deveria ser rescindida. Ele argumentou que se o bispo obedecesse ao imperador e desse aos judeus a justiça que eles buscavam, ele se tornaria um apóstata. Ele também argumentou que se a sinagoga fosse reconstruída, isso significaria que os judeus haviam triunfado sobre os cristãos locais, o que era totalmente inaceitável. A carta de Ambrósio é a seguinte:

28 - Steven Katz, “Ideology, State Power, and Mass Murder/Genocide,” in Peter Hayes, ed., *Lessons and Legacies: The Meaning of the Holocaust in a Changing World* (Evanston, Northwestern Univ. Press, 1991), 52.

Ambrósio, Bispo, ao Mais Clemente Príncipe, e Abençoado Imperador, Teodósio, o Augusto. Um relatório foi feito pelo Conde do Oriente que uma sinagoga havia sido queimada e que isso foi feito pela autoridade do Bispo. Você deu ordem para que os perpetradores fossem punidos e a sinagoga fosse reconstruída pelo próprio Bispo. Você não está com medo, ó imperador, de que ele cumpra sua sentença? Você não teme que ele possa falhar em sua fé? O que é, então, de maior importância, a demonstração de disciplina legal ou a causa da religião? É necessário que a censura legal ceda à religião. Não há, então, nenhuma causa adequada para tal comoção, que o povo deva ser punido tão severamente pela queima de um edifício; muito menos, pois é a queima de uma sinagoga, um lar de incredulidade, uma casa de impiedade, um receptáculo de loucura que o próprio Deus condenou. Você dará este triunfo sobre a Igreja de Deus para os judeus? Esta vitória sobre o povo de Cristo? Esta exultação, ó imperador, para os incrédulos? Este júbilo para a sinagoga, esta tristeza para a Igreja?

Ambrósio terminou sua declaração afirmando que “Deus proíbe que intercessão seja feita por aqueles [judeus]”.²⁹

Como declarado anteriormente, tão logo a autoridade da Igreja foi infundida com o poder do Estado, a violação aberta e o abuso dos judeus se normalizaram. O ódio e os maus-tratos anteriormente expressos principalmente por meio de declarações teológicas e insultos tornaram-se rapidamente violentos e militantes. Pelo menos nos próximos mil anos, o cristianismo foi o patrocinador do terrorismo de Estado e a maior fonte de perseguição global ao povo judeu.

29 - Ambrósio de Milão, “Letters about a Synagogue Burning,” August 388, Council on Centers on Jewish Relations, <http://www.ccjr.us/dialogika-resources/primary-texts-from-the-history-of-the-relationship/248-ambrose-of-milan-qletters-about-a-synagogue-burning-q-aug-388>.

410 d.C. — Teodósio II aprovou a terceira Nova Lei, que proibia os judeus de possuir qualquer ofício honorário ou posição dentro do estado romano. Os judeus foram obrigados, no entanto, a assumir ou permanecer dentro desses cargos públicos, o que resultaria em uma perda financeira para eles. A Nova Lei também proibiu a construção de novas sinagogas. A proibição seria mais tarde imitada e implementada pelos governos muçulmanos e, ironicamente, era frequentemente levada a cabo em relação às igrejas cristãs também. Hoje, as reminiscências dessas leis ainda são vistas em nações como a Arábia Saudita, que proíbem que igrejas sejam construídas. Aqui está uma parte da terceira Nova Lei de Teodósio:

[...] nós ordenamos por esta lei ser válido para todo o tempo: Nenhum judeu [...] deve obter cargos e honras; a nenhum deve ser permitida a administração do serviço da cidade; nenhum exercerá o cargo de defensor da cidade. De fato, nós acreditamos que é pecaminoso que os inimigos da majestade celestial e das leis romanas se tornem executores de nossas leis - cuja administração eles maliciosamente obtiveram e, fortificados pela autoridade da posição adquirida, têm usado esse poder para julgar ou decidir como desejarem contra os cristãos, sim, frequentemente até sobre os próprios bispos da nossa santa religião, e, por assim dizer, insultar a nossa fé. Além disso, pela mesma razão, proibimos que qualquer sinagoga se levante como um novo edifício. No entanto, a sustentação de antigas sinagogas que agora estão ameaçadas de ruína iminente é permitida.³⁰

415 d.C. — Cirilo, o patriarca de Alexandria, imediatamente após assumir o cargo, iniciou uma série de medidas que levaram

30 - Edward Gibbon, *The Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. 4, cap. 47, <http://www.sacred-texts.com/cla/gibbon/04/daf04038.htm>.

à expulsão de todo judeu da cidade. Todas as sinagogas foram demolidas e casas e empresas judaicas foram queimadas até o chão. Edward Gibbon, autor de *O Declínio e Queda do Império Romano*, descreveu desta forma:

Sem nenhuma sentença legal, sem qualquer mandato real, o patriarca, no alvorecer do dia, conduziu uma multidão sediciosa ao ataque das sinagogas. Desarmados e despreparados, os judeus eram incapazes de resistir; suas casas de oração foram niveladas com o chão, e o guerreiro episcopal, depois de recompensar suas tropas com o saque de seus bens, expulsou da cidade o remanescente da nação incrédula. [...] Nesse ultraje promíscuo, os inocentes foram confundidos com os culpados, e Alexandria foi empobrecida pela perda de uma colônia rica e industriosa.³¹

415 d.C. – Agostinho de Hipona, talvez o teólogo mais importante de toda a história da Igreja, articulou fortemente o supersessionismo ao mesmo tempo em que insultava o povo judeu: “O povo cristão, então, é um pouco Israel. [...] Mas aquela multidão de judeus, que foi merecidamente reprovada por sua perfídia, pelos prazeres da carne venderam seu direito de primogenitura, de modo que não pertenciam a Jacó, mas sim a Esaú. Pois vocês sabem o que foi dito com este significado oculto: “o mais velho servirá ao mais novo”.³²

É importante notar que quando Agostinho disse que os judeus tinham sido “reprovados”, ele estava falando de sua

31 - *Jewish History Sourcebook*, “III. A Law of Theodosius 11, January 31, 439: Novella III: Concerning Jews, Samaritans, Heretics, and Pagans.”

32 - Philip Schaff, ed., *Nicene and Post Nicene Fathers*, série 1, vol. 8 (Christian Classics Ethereal Library, 2009), Augustine’s exposition on Psalm 114.

doutrina da eleição incondicional, que afirma que algumas pessoas (os eleitos) são predestinados por Deus para a salvação, enquanto outros são escolhidos para a condenação. Um problema óbvio, é claro, com a posição de Agostinho, é que ele aplicou essa reprovação não a qualquer indivíduo em particular, mas a toda a raça. Pior ainda, ele aplicou o termo *reprovado* especificamente ao povo judeu, sobre o qual o apóstolo Paulo declarou claramente que, embora *alguns* seriam cortados por sua incredulidade, sua eleição corporativa para a salvação permaneceria para sempre (veja Romanos 9-11).

Pegando esse tema, em seu comentário sobre os Salmos, Agostinho comparou repetidamente o povo judeu a Judas Iscariotes, que permanece eternamente culpado pela morte de Jesus:

Judas representa aqueles judeus que eram inimigos de Cristo, os quais então odiavam a Cristo, e agora, em sua linha de sucessão, essa espécie de maldade continua, eles odeiam-No. A estes homens, e a este povo, não apenas o que lemos mais abertamente neste Salmo pode ser convenientemente aplicado, mas também aquelas coisas que são ditas mais expressamente a respeito do próprio Judas.

O Salmo [109] então continua: “Seu prazer estava em amaldiçoar, venha sobre ele a maldição” (v. 17). Judas amava amaldiçoar, tanto roubando do saco de dinheiro, quanto vendendo e traindo o Senhor; no entanto, que povo amou amaldiçoar mais abertamente do que aquele que disse: “Seu sangue seja sobre nós e sobre nossos filhos... Ele não amou a bênção, por isso ficará longe dele”. Tal era Judas, de fato, visto que ele não amava a Cristo, em quem há bênção eterna; mas o povo judeu ainda mais decididamente recusou a bênção.³³

33 - Ibid., Augustine's exposition on Psalm 109.

Agostinho falou especificamente do Dia do Juízo Final como a época em que a condenação eterna seria concedida ao povo judeu: “Quando o Filho do homem vier em Sua glória, e todos os santos anjos com Ele, e diante dEle forem reunidas todas as nações; e o resto do que é predito do julgamento futuro naquele lugar até a última sentença. E os judeus, na medida em que forem punidos nesse julgamento por persistirem em sua iniquidade, como está escrito, ‘olharão para Aquele a quem eles traspassaram’”.³⁴

O problema mais uma vez é que Agostinho fundamentalmente distorceu as palavras de Zacarias para apoiar precisamente o oposto do que o profeta estava realmente dizendo. Agostinho citou apenas uma parte de Zacarias 12:10, usando-a para argumentar que o povo judeu corporativamente será amaldiçoado no Dia do Juízo. Na verdade, o verso completo diz que quando o povo judeu olhar para aquele que eles traspassaram, eles se arrependerão e receberão “o Espírito da graça”. Agostinho também ignorou a referência explícita de Paulo ao fato de que, quando Cristo voltar, “todo o Israel será salvo” (Romanos 11:26). É claro que o supersessionismo e o preconceito de Agostinho em relação ao povo judeu o cegaram em sua capacidade de expor responsavelmente e honestamente esses textos. Quantos outros excelentes professores e teólogos hoje estão sob o mesmo feitiço do supersessionismo, aleijados em sua capacidade de interpretar adequadamente tantas partes críticas das Escrituras?

A SINAGOGA É “O REFÚGIO DO DIABO, A FORTALEZA DE SATANÁS”

418 d.C. — Jerônimo, o pai da Igreja latina, ao falar das sinagogas judaicas, usou as descrições mais inflamadas imagináveis:

34 - Agostinho, “On the Holy Trinity” in Philip Schaff, ed., *Nicene and Post Nicene Fathers*, série 1, vol. 3 (Christian Classics Ethereal Library, 2009).

“Se você a chamar de bordel, covil de vício, refúgio do diabo, fortaleza de Satanás, lugar para depravar a alma, um abismo de todos os desastres concebíveis ou o que você quiser, você ainda está dizendo menos do que merece”.³⁵ Em outro lugar, ele exaltou seu próprio ódio visceral aos judeus: “Se é conveniente odiar qualquer homem e detestar qualquer raça, eu tenho uma estranha antipatia por aqueles da circuncisão. Até os dias de hoje perseguem o nosso Senhor Jesus Cristo nas sinagogas de Satanás”.³⁶

Aos olhos da Igreja, os judeus tinham se tornado completamente demonizados como um povo, e suas sinagogas haviam se tornado as salas de reunião para a obra de Satanás na terra. Quão distante das palavras de Jerônimo estava o grito de dor do apóstolo Paulo para a salvação dos judeus quando ele declarou: “Pois eu poderia desejar que eu fosse amaldiçoado, separado de Cristo por causa de meus irmãos, meus parentes de acordo com a carne” (Romanos 9:3).

489 - 519 d.C. – Durante esse período, multidões cristãs destruíram numerosas sinagogas nas cidades de Antioquia, Daphne e Ravenna.³⁷

531 d.C. – O imperador Justiniano aprovou o Código Justiniano, proibindo os judeus de construir sinagogas, ler a Bíblia em hebraico, reunirem-se em público, celebrar a Páscoa Judaica antes da Páscoa Cristã ou testemunhar contra os

35 - “Two millennia of Jewish persecution: Anti-Judaism: 70 TO 1200 CE.”

36 - Jerônimo, Ep. LXXXIV, 3; *Corpus scriptorum ecclesiasticorum latinorum*, citado em James Everett Seaver, *The Persecution of Jews in the Roman Empire* (Lawrence: University of Kansas, 1952), 51.

37 - “Two millennia of Jewish persecution: Anti-Judaism: 70 TO 1200 CE.”

cristãos no tribunal: “Nós [...] ordenamos que nenhum herege, nem mesmo aqueles que apreciam a superstição judaica, possam oferecer testemunho contra os cristãos ortodoxos que estão envolvidos em litígios, caso uma ou outra parte seja um cristão ortodoxo”.³⁸

535 d.C. – O Sínodo de Clermont decretou que os judeus não podiam ocupar cargos públicos ou ter qualquer forma de autoridade sobre os cristãos.³⁹

538 d.C. – O Terceiro e o Quarto Concílios de Orleans proibiram os judeus de aparecer em público durante a época da Páscoa. O cânon 30 decretou que “por quatro dias, a partir da quinta-feira antes da Páscoa, os judeus não aparecerão na companhia dos cristãos”. Os casamentos entre cristãos e judeus foram proibidos e os cristãos foram proibidos de se converter ao judaísmo.⁴⁰

CONCLUSÃO

No período que vai do início do segundo século até o final do século IV, vimos o desenvolvimento do pensamento superessionista e seu firme estabelecimento dentro da Igreja. Muitas vezes, quando a autoridade da Igreja foi infundida com o poder do Estado, o povo judeu foi consistentemente submetido a uma série contínua de abusos, perseguições e,

38 - *Jewish History Sourcebook*, “IV, A Law of Justinian, July 28, 531: Concerning Heretics and Manichaeans And Samaritans.”

39 - Fritz B. Voll, “A Short Review of a Troubled History,” website Jewish Christian Relations, acessado em 17 de julho de 2014, http://www.jcrelations.net/A_Short_Review_of_a_Troubled_History.2267.0.html?i-d=720&L=3&searchText=a+short+review+of+a+troubled+history&searchFilter=%2A&page=0.

40 - Ibid.

às vezes, a expulsão por atacado de comunidades inteiras. É fácil conectar diretamente o supersessionismo com o esforço real de despojar o povo judeu de sua propriedade, meios de subsistência, felicidade, paz, dignidade e, em última análise, suas próprias identidades e direito de viver.

Oh Senhor, que nós que procuramos seguir você aprendamos com os pecados daqueles que vieram antes de nós. Que nos arrependamos de toda forma de preconceito, seja atitudinal ou teológico, em relação aos filhos de Israel. Ao proclamarmos o seu evangelho, mostremos verdadeiramente o amor de Jesus, o Messias, ao seu povo da aliança.



ÓDIO CRISTÃO AOS JUDEUS: DO QUARTO SÉCULO AO HOLOCAUS- TO

N o capítulo anterior, traçamos o início do supersessionismo na igreja primitiva até o ódio generalizado, o abuso e a perseguição ao povo judeu, que aumentaram exponencialmente uma vez que a autoridade da Igreja foi infundida com o poder do Estado. Depois desse ponto, em toda a cristandade, o povo judeu foi submetido a quase trezentos anos de perseguição consistente. Depois do quinto século, o antissemitismo tornou-se fundamentalmente enraizado no próprio tecido da cultura cristã europeia. Esse período foi marcado por perseguições esporádicas, sequestro de crianças judias, batismos e conversões forçados, duras pressões econômicas, tomada de propriedades, expulsões, escravização forçada e até massacres múltiplos de comunidades inteiras de judeus.

Antes de considerar mais o registro condenatório, eu quero evitar a leitura deste material de maneira superficial. Eu entendo que, devido à sua redundância, é fácil tornar-se dessensibilizado à gravidade do que está sendo transmitido. Episódio após episódio, conta após conta, de cristãos perseguindo,

abusando, traindo, escravizando, assassinando e massacrando judeus não é uma leitura fácil. É essencial que não nos ausentemos emocionalmente nem fiquemos frios a respeito desse material. Eu lhe encorajo a parar por um momento e pedir ao Senhor para transmitir o Seu coração a você em relação a esses horrores e permitir que Sua paixão por Seu povo penetre em seu coração. Encorajo o leitor a se permitir sentir arrependimento e repulsa genuínos e sinceros em relação ao horror do que os cristãos confessos dos últimos dois mil anos permitiram de bom grado florescer em nome de Jesus. É somente através desse arrependimento que a Igreja será capaz de evitar cometer precisamente os mesmos erros, se tais dias malignos vierem sobre nós novamente.

558 d.C. – Ferréol, bispo de Uzès, na França, reuniu todos os judeus de sua diocese na igreja de São Teodorico para ouvir um sermão batismal. Todos os judeus que não se converteram foram expulsos de seu distrito.¹

613 d.C. – Surge uma grave perseguição na Espanha. Aos judeus foi dada a opção de se converterem ao cristianismo ou serem expulsos do país. Muitas crianças judias com mais de seis anos de idade foram tiradas de seus pais e reeducadas como cristãs.²

692 d.C. – Um concílio da Igreja realizado em 692 sob o governo de Justiniano II em Constantinopla, conhecido como Concílio Quinisexto ou Concílio de Trullo, procurou romper toda a interação social entre cristãos e judeus: “Não deixe que

1 - *The Jewish Encyclopedia*, s.v. “France,” acessado em 17 de julho de 2014, <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/6262-france>.

2 - “Two millennia of Jewish persecution: Anti-Judaism: 70 TO 1200 CE,” website Religious Tolerance, http://www.religioustolerance.org/jud_pers1.htm; acessado em 16 de julho de 2014.

ninguém... coma o pão ázimo dos judeus, nem tenha nenhum contato familiar com eles, nem convoque-os por causa de doença, nem receba remédios deles, nem tome banho com eles... Quem quer que convoque os judeus como médicos ou tome banho com eles, deve ser deposto”.³ Segundo a *Enciclopédia Católica*, “o concílio teve a participação de centenas de bispos do oriente e do ocidente”.⁴

694 d.C. – O Décimo Sétimo Concílio da Igreja de Toledo, emitido pelo rei Égica da Espanha, em seu oitavo cânon, declarou em parte: “Os judeus [...] serão privados de sua propriedade para o benefício do tesouro e serão feitos escravos para sempre. Aquele a quem o rei os envia como escravos deve observar que eles podem não mais praticar os costumes judaicos, e seus filhos devem ser separados deles, quando tiverem sete anos de idade, e posteriormente casados com cristãos”.⁵

É claro, essa escravização do povo judeu sem dúvida encontrou seu apoio nos escritos de vários cristãos de renome, como Crisóstomo, Orígenes e Jerônimo, os quais argumentaram que Deus havia consignado os judeus a uma vida de perpétua escravidão por causa de sua culpa coletiva por matar Jesus.

722 d.C. – Leão III proibiu o judaísmo. Muitos judeus em toda a Europa foram batizados à força contra a sua vontade.⁶

3 - Philip Schaff, Henry Wace, eds., *A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, vol. 14 (New York: Charles Scribner's Sons, 1900), 370.

4 - Charles Herbermann, ed. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 4 (New York: Robert Appleton, 1908), 294.

5 - Charles Joseph Hefele, *A History of the Councils of the Church from the Original Documents*, vol. 5, traduzido para o inglês por William R. Clark (Edinburgh: T & T Clark, 1896), 248.

6 - Warren Treadgold, *A History of the Byzantine State and Society* (Stanford: University of Stanford Press, 1997), 350, 352–53.

1078 d.C. – O papa Gregório VII decretou que os judeus não poderiam ocupar cargos ou ser superiores aos cristãos.⁷

O PRIMEIRO HOLOCAUSTO

1096 d.C. – Neste ano, a Primeira Cruzada foi lançada. Essa foi a primeira das oito cruzadas, com duração de mais de duzentos anos. Embora o principal objetivo das cruzadas fosse libertar Jerusalém do controle dos muçulmanos, os judeus também se tornaram um alvo secundário significativo. Quando os soldados passaram pela Europa a caminho da Terra Santa, um grande número de judeus na Alemanha, França e Inglaterra foram mortos, levando alguns historiadores a se referirem a esse período como “o primeiro Holocausto”.⁸ Na Primeira Cruzada, doze mil judeus foram massacrados apenas no vale do Reno.

1099 d.C. – Em Jerusalém, os cruzados forçaram todos os judeus da cidade para dentro de uma sinagoga central e a incendiaram. Aqueles que tentaram escapar foram forçados a voltar para o prédio em chamas.⁹

BESTAS INUMANAS E SELVAGENS

1120 d.C. – Pedro, o Venerável, um poderoso abade francês, em seu tratado *Contra a Obstinação Inveterada dos Judeus*, criou

7 - Fritz B. Voll, “A Short Review of a Troubled History,” website Jewish Christian Relations, acessado em 17 de julho de 2014, http://www.jcrelations.net/A_Short_Review_of_a_Troubled_History.2267.0.html?i-d=720&L=3&searchText=a+short+review+of+a+troubled+history&searchFilter=%2A&page=0.

8 - Jonathan Riley-Smith, *The Crusades: A History* (Yale University Press, 2005), 50.

9 - “Two millennia of Jewish persecution: Anti-Judaism: 70 TO 1200 CE.”

um dos mais extremos exemplos de abuso cristão ao povo judeu na história da Igreja. O prólogo de sua longa diatribe supersessionista começa: “Eu me aproximo de vocês, ó judeus - vocês. Eu digo, quem até hoje nega o Filho de Deus. Por quanto tempo, infelizes, deixareis de acreditar na verdade?”¹⁰

Pedro classificou os judeus como bestas desumanas, cujo único propósito era desfilar diante do mundo como exemplos de reprovação espiritual: “[...] se, ainda assim, você é humano. De fato, não me atrevo a admitir que você é humano, pois talvez eu esteja mentindo, porque reconheço que essa faculdade racional que separa um humano dos outros animais ou bestas selvagens [...] está extinta, ou melhor, enterrada em você. Eu guio, então, a monstruosa besta para fora de seu covil, e empurro-a rindo para o palco do mundo todo, à vista de todos os povos, ó judeus, ó feras selvagens”.¹¹

1121 d.C. — Os judeus foram expulsos de Flandres, uma região que agora é parte da Bélgica. Não deviam voltar nem ser tolerados até que se arrependessem de matar Jesus Cristo.¹²

1146 d.C. — A Segunda Cruzada começou. Radulphe, um monge francês, através de sua pregação e condenação dos judeus, inspirou vários massacres na Renânia, Colônia, Mainz, Worms e Speyer. Ele abertamente pediu o massacre de judeus, afirmando que “os judeus deveriam ser mortos como inimigos da religião cristã”.¹³ Da Alemanha, a ideia de Radulphe de

10 - Pedro, o Venerável, *Against the Inveterate Obduracy of Jews*, traduzido para o inglês por Irven M. Resnick (Catholic University of America Press, 2013), 49.

11 - *Ibid.*, 211-12.

12 - “Two millennia of Jewish persecution.”

13 - Richard Gottheil and Joseph Jacobs et al., eds., *Jewish Encyclopedia*, s.v. “The Crusades.”

“começar as cruzadas em casa” chegou à França, resultando em judeus sendo massacrados em Carentan, Rameru, Sully e Bohemia.¹⁴

1181 d.C. – o rei francês Filipe Augusto apreendeu toda a propriedade judaica e expulsou os judeus do país. Todas as suas casas tornaram-se propriedade do rei.¹⁵ Um monge chamado Rigord nos deixou o seguinte relato:

[Filipe ouviu] que os judeus que habitavam em Paris eram habituados todos os anos, no dia da Páscoa ou durante a semana sagrada da Paixão do nosso Senhor, a ir secretamente em câmaras subterrâneas e matar um cristão, como uma espécie de sacrifício em desprezo à religião cristã. Por muito tempo eles persistiram nessa maldade, inspirados pelo diabo, e no tempo do pai de Filipe, muitos deles foram apreendidos e queimados com fogo ... No mesmo ano em que ele foi investido em Rheims com o santo governo do reino dos franceses, em um sábado, o décimo sexto de fevereiro [1180], sob seu comando, os judeus em toda a França foram presos em suas sinagogas e então espoliados de seu ouro e prata e roupas... Este foi um prenúncio de sua expulsão, que por vontade de Deus logo se seguiu.¹⁶

1182 d.C. – O rei Filipe publicou o seguinte decreto de expulsão: “Bens imóveis, no entanto, como casas, campos, vinhas, celeiros e lagares de vinho, ele confiscou... Em julho, eles

14 - Will Durant, *Story of Civilization*, vol. 4: The Age of Faith (New York: Simon & Schuster, 2014), 391.

15 - *Jewish History Sourcebook*, “The Expulsion of the Jews from France, 1182 CE,” Fordham University, <http://www.fordham.edu/halsall/jewish/1182-jewsfrance1.asp>.

16 - Ibid.

foram obrigados a deixar a França e todas as suas sinagogas foram convertidas em igrejas”.¹⁷

1189 d.C. – Na coroação do rei Ricardo Coração de Leão, embora os judeus tenham sido banidos da cerimônia, alguns líderes judeus chegaram para apresentar presentes ao novo rei. Os cortesãos de Ricardo os despojaram e os açoitaram. Isso resultou em um boato de que Ricardo havia ordenado que todos os judeus fossem mortos, resultando em um massacre de judeus por toda Londres. Muitos judeus foram espancados até a morte, roubados e queimados vivos. Muitos lares judeus foram queimados e os judeus foram batizados à força.¹⁸

ESCRAVOS REJEITADOS POR DEUS

1205 d.C. – “Por sua própria culpa”, escreveu o Papa Inocêncio III a dois de seus arcebispos, “os judeus são entregues à servidão perpétua porque crucificaram o Senhor [...]. Como escravos rejeitados por Deus, para cuja morte perversamente conspiraram, eles, pelo efeito dessa mesma ação, reconhecem a si mesmos como escravos daqueles a quem a morte de Cristo libertou”.¹⁹

É importante realmente parar e considerar os efeitos que tais declarações tiveram sobre a cultura geral da Europa: o próprio papa, o líder espiritual mais autorizado em toda a cristandade, o chamado *vigário* de Cristo, declarando que todos os judeus, por sua própria culpa, são irremediavelmente maus e

17 - Ibid.

18 - Jean Flori, *Richard the Lionheart: Knight and King*, traduzido para o inglês por Jean Birrell (Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999), 95.

19 - “A Brief History of ‘Christian’ Anti-Semitism,” JewishRoots.Net, acessado em 17 de julho de 2014, <http://jewishroots.net/library/anti-semitism/a-brief-history-of-anti-semitism-2.html>.

têm sido divinamente destinados para o eterno papel de escravos dos cristãos. Não só as advertências de Paulo haviam sido esquecidas há muito tempo, como foram completamente destruídas, conforme o próprio cristianismo quase se tornava sinônimo de ódio e humilhação, privação e subjugação do povo judeu. *Quão fundo a igreja havia caído.*

O DISTINTIVO

Poucos sabem que o infame distintivo judeu da Alemanha nazista havia sido uma prática há muito estabelecida em toda a Europa cristã. De acordo com *A Enciclopédia Judaica*, “a ideia de tal discriminação parece ter sido derivada do islamismo, no qual a vestimenta dos judeus foi distinguida por uma cor diferente daquela do verdadeiro crente desde o Pacto de Omar (640), pelo qual os judeus foram obrigados a usar uma costura amarela em suas vestes superiores. Essa era uma antecipação do Distintivo.”²⁰

De acordo com Bernard Lewis, um estudioso da história islâmica, tanto os cristãos quanto os judeus sob o domínio islâmico foram forçados a usar distintivos em suas roupas. O distintivo amarelo específico parece ter sido introduzido pela primeira vez por um califa em Bagdá no século IX, e se espalhou para o Ocidente nos tempos medievais.²¹

Embora essa prática tenha começado sob o islamismo, foi usada alternadamente por muçulmanos e cristãos e logo se tornou uma prática comum em toda a Europa. Em 1269, Luís IX da França impôs uma multa a qualquer judeu preso em público que não usasse o distintivo. A execução foi repetida por vários

20 - Jewish Encyclopedia, s.v. “Badge,” <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/2317-badge>; acessado em 17 de julho de 2014.

21 - Bernard Lewis, *The Jews of Islam* (Princeton, Princeton Univ. Press, 1987), 25–26.

conselhos locais nas cidades francesas de Arles em 1234 e 1260, Béziers em 1246, Albi em 1254, Nîmes em 1284 e 1365, Avignon em 1326 e 1337, Rodez em 1336, e Vanves em 1368.²² Foi usado na Inglaterra (na forma de dois tabletes), na França (na forma de um anel de tecido), assim como na Espanha, Itália, e em toda a Europa. O sinal de desonra foi usado intermitentemente em vários locais por seis séculos, expondo os judeus ao desprezo público em todos os lugares que passaram pela Europa. Quando Hitler chegou ao poder, ele simplesmente adotou uma prática cristã de longa data, mudando o que era um distintivo oval amarelo para a Estrela de Davi.

1215 d.C. – O Quarto Concílio de Latrão aprovou leis canônicas que exigiam que “[os judeus], sejam homens ou mulheres, devem em todos os países cristãos se distinguir do resto da população em lugares públicos por um tipo especial de roupa”. Eles também tinham que usar o distintivo ou roupas especiais para distingui-los dos cristãos.²³

1218 d.C. – O Papa Honório III emitiu uma bula papal exigindo a aplicação do Quarto Concílio de Latrão, para que os judeus usassem roupas para se distinguirem e que eles fossem obrigados a pagar o dízimo de todas as suas rendas às igrejas locais.²⁴ Ambos os itens foram frequentemente repetidos por outros papas.

1227 d.C. – O Sínodo de Narbona, em seu cânon 3, ordenou: “para que os judeus possam ser distinguidos dos outros, nós

22 - *Jewish Encyclopedia*, s.v. “Badge.”

23 - Wikisource, s.v. “Catholic Encyclopedia (1913), Fourth Lateran Council,” acessado em 17 de julho de 2014, [http://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_\(1913\)/Fourth_Lateran_Council_\(1215\)](http://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_(1913)/Fourth_Lateran_Council_(1215)).

24 - Mortiz Stern, *Urkundliche Beiträge über die Stellung der Päpste zu den Juden* (Kiel, Germany: H. Fiencke, 1893), 13.

decretamos e enfaticamente ordenamos que no centro do peito (de suas vestes) eles usem um distintivo oval, na medida de um dedo de largura e meio palmo de altura”.²⁵

1239 d.C. – O Papa Gregório IX ordenou que os líderes da Igreja na Inglaterra, na França, em Portugal e na Espanha confiscassem os livros judaicos no primeiro sábado da Quaresma. O Talmud e todos os outros livros judaicos suspeitos de blasfêmias contra Jesus e o cristianismo foram queimados. A queima de livros judaicos foi ordenada várias vezes entre o décimo terceiro e o décimo sexto séculos.²⁶

1259 d.C. – Um sínodo da arquidiocese de Mainz, na Alemanha, ordenou que todos os judeus dentro de suas fronteiras usassem emblemas amarelos.²⁷

1285 d.C. – Toda a comunidade judaica de Munique, cerca de 180 pessoas, foi queimada viva devido à libelo de sangue.²⁸

1288-1293 d.C. – A maioria das comunidades judaicas do Reino de Nápoles, berço da cultura judaica europeia da época, foi destruída. Em outros lugares da Itália, os judeus foram expulsos ou forçados a se converter ao cristianismo.²⁹

25 - *Medieval Sourcebook*, “Twelfth Ecumenical Council: Lateran IV 1215,” Fordham University, <http://www.fordham.edu/halsall/basis/late-ran4.asp>.

26 - *Jewish Encyclopedia*, s.v. “Bulls, Papal” http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/judaica/ejud_0002_0004_0_03728.html; acessado em 17 de julho de 2014.

27 - *Encyclopedia Judaica*, vol. 7, 2ª ed. (Farmington, MI: Keter, 2007), 522.

28 - Ibid.

29 - De acordo com a linha do tempo compilada por Elizabeth D. Malissa na página “The Jewish Virtual World: Italy” no website Jewish Virtual Library, acessado em 17 de julho de 2014, <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/History/italytime.html>.

1290 d.C. — Em 18 de julho, o rei Eduardo I deu ordens aos xerifes de todos os condados ingleses, ordenando-lhes que retirassem à força todos os judeus que não deixassem a Inglaterra de bom grado antes do Dia de Todos os Santos daquele ano. Eles podiam levar seus pertences portáteis; o restante tornou-se propriedade do rei. Dezesseis mil judeus foram expulsos. Muitos foram roubados pelas autoridades locais, e outros se afogaram a caminho da França. Os judeus não retornaram formalmente à Inglaterra até 1655 - quase quatrocentos anos depois.³⁰

1298 d.C. — Judeus foram perseguidos na Áustria, Baviera e Franconia. Cento e quarenta comunidades judaicas foram destruídas, matando mais de cem mil judeus durante um período de seis meses.³¹

1306 d.C. — Cem mil judeus foram exilados da França, apenas com as roupas em suas costas.³²

1337 d.C. — Judeus na Bélgica foram exterminados em uma série de massacres. Segundo a *Enciclopédia Judaica*:

Os judeus da Bélgica nessa época eram perseguidos, como seus irmãos em toda a Europa, sob a acusação de terem profanado o exército, de terem matado crianças e de terem envenenado poços. A tempestade que varreu os judeus da Bélgica os aniquilou; e tão completo foi o trabalho de destruição que quase não restaram traços de sua existência. Uma série de massacres parece ter

30 - *Jewish Encyclopedia*, s.v. England, <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/5764-england>.

31 - "An overview of 2,000 years of Jewish persecution: Anti-Judaism: 1201 to 1800 CE," website Religious Tolerance, http://www.religioustolerance.org/jud_pers3.htm; acessado em 17 de julho de 2014.

32 - Ibid.

ocorrido durante um período de vinte anos, que finalmente culminou no massacre de Bruxelas em 1370.³³

1338 d.C. – Os vereadores de Friburgo proibiram a realização das cenas antijudaicas da Paixão da cidade por causa das reações sangrentas e letais dos cristãos contra os judeus, que frequentemente acompanhavam as performances.³⁴

1347 d.C. – Depois de serem culpados pela peste negra, os judeus foram assassinados em massa. Na Baviera, 12.000 foram massacrados; na pequena cidade de Erfurt, 3.000; perto de Tours, uma imensa trincheira foi cavada, cheia de madeira em chamas, e 160 judeus foram queimados vivos. Em Strausberg, 2.000 judeus foram queimados. Em Maintz, 6.000; em Worms, 400.³⁵

1366 d.C. – Grande surto de perseguição na Espanha: “Quando Henrique de Trastâmara ascendeu ao trono como Henrique II, começou, para os judeus castelhanos, uma era de sofrimento e intolerância, culminando com sua expulsão”. Henrique “exigiu que os judeus [...] não tivessem permissão de ocupar cargos públicos, deveriam viver separados dos cristãos, não deveriam usar roupas caras nem andar em mulas, deveriam usar o distintivo, e não teriam a permissão de usar nomes cristãos”.³⁶

33 - *Jewish Encyclopedia*, s.v. “Belgium,” <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/2803-belgium>.

34 - A. James Rudin, “A Jewish View of Gibson’s ‘Passion.’ The film may transmit negative attitudes, stereotypes and caricatures about Jews,” Beliefnet, 2004, <http://www.beliefnet.com/News/2004/02/A-Jewish-View-Of-Gibsons-Passion.aspx>.

35 - *Jewish Encyclopedia*, s.v. “Bavaria,” <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/2677-bavaria>.

36 - *Ibid.*, s.v. “Spain,” <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/13940-spain>.

1394 d.C. – Judeus foram exilados, pela segunda vez, da França.

1431 d.C. – O Concílio de Basileia proibiu os judeus de irem para as universidades, proibiu-os de atuar como agentes legais em contratos que envolviam cristãos e exigia que eles frequentassem a igreja para ouvir os sermões cristãos.³⁷

1434 d.C. – Homens judeus em Augsburg tinham que costurar botões amarelos em suas roupas. Em toda a Europa, os judeus eram forçados a usar um longo vestuário, um sobretudo com um remendo amarelo, sinos e altos chapéus amarelos pontudos com um grande botão.

1453 d.C. – O monge franciscano Capistrano persuadiu o rei da Polónia a extinguir todos os direitos civis dos judeus.

1478 d.C. – Os judeus espanhóis foram fortemente perseguidos desde o século XIV. Muitos se converteram exteriormente ao cristianismo. A Inquisição Espanhola foi criada pela Igreja para detectar conversões insinceras. Foram aprovadas leis que proibiam que os descendentes de judeus ou muçulmanos frequentassem a universidade, ingressassem em ordens religiosas, ocupassem cargos públicos ou exercessem uma longa lista de profissões.

1490 d.C. – No meio do inverno, todos os judeus da cidade de Genebra foram forçados a deixar a cidade e a região ao redor.³⁸

1492 d.C. – Na Espanha, Fernando e Isabel emitiram o Edito de Expulsão. Ele ordenava que todos os judeus de qualquer

37 - Ibid., s.v. "Basel," <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/2609-basel>.

38 - Gerhard Falk, *The Jews in Christian Theology* (Jefferson, NC: McFarland, 1992), 83.

idade deixassem o reino no último dia de julho (um dia antes do Tisha B'Av). Os judeus receberam a opção de serem batizados como cristãos ou banidos da Espanha. As estimativas dos judeus exilados durante este período variam entre 165.000 e 800.000.³⁹

1497 d.C. – Em Portugal, Manuel, o Grande, “emitu o decreto desumano de que em um certo dia todos os filhos de judeus, independentemente do sexo, com idade entre 4 e 20 anos, fossem arrancados de seus pais e educados na fé cristã às custas do rei”.⁴⁰

Ao ouvir este plano, aproximadamente vinte mil judeus fugiram do país ao invés de serem batizados como cristãos. Muitos outros cometeram suicídio ou sofreram o martírio por sua fé:

Muitos pais sufocaram seus filhos no último abraço de despedida ou os jogaram em poços e rios e depois se mataram. “Vi com meus próprios olhos”, escreve o nobre Coutinho, “como um pai, com a cabeça coberta, com dor e tristeza acompanhou seu filho à pia batismal e invocou o Onisciente como testemunha de que eles, pai e filho, desejavam morrer juntos como confessores da fé mosaica. Eu vi muitas outras coisas terríveis que foram feitas a eles”. Isaac ibn Zachin, filho de Abraham ibn Zachin, matou a si mesmo e a seus filhos porque desejava vê-los morrer como judeus.⁴¹

39 - *Jewish Encyclopedia*, s.v. “Spain.”

40 - *Ibid.*, s.v. “Portugal,” <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/12299-portugal>.

41 - *Ibid.*

O NASCIMENTO DO GUETO JUDAICO

1516 d.C. – O governador da República de Veneza decidiu que os judeus teriam permissão de viver em apenas em uma área da cidade. Esse foi o primeiro gueto na Europa.

O gueto romano foi depois estabelecido pelo papa Paulo IV. Os judeus foram enviados à força para morar lá em 26 de julho de 1556. O gueto romano consistia em algumas ruas estreitas e sujas, que rapidamente ficavam superlotadas. Essa parte da cidade era anualmente inundada pelo rio Tibre. Todos os anos os judeus tinham que passar por uma cerimônia humilhante que incluía que eles publicamente implorassem pelo direito de continuar vivendo lá durante o ano seguinte. Depois disso, eles pagavam um imposto exorbitante. Essa cerimônia foi observada em 1850. O evento completamente degradante é notavelmente similar à prática islâmica de exigir a *jizya* (imposto) sobre judeus e cristãos que vivem sob o domínio muçulmano conhecido como *dhimmis*, ou povos submetidos. É realmente triste que tal humilhação e degradação intencional tenha sido realizada por cristãos confessos. Mais tarde, o uso do gueto judeu foi adotado por Adolf Hitler.⁴²

1540–50 d.C. – Os judeus foram banidos de Nápoles, Gênova e Veneza.⁴³

MARTINHO LUTERO

1543 d.C. – Foi a partir dessa atmosfera de mil anos de ódio generalizado e culturalmente arraigado, e de perseguição regular

42 - Ibid., s.v. "Ghetto," <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/6653-ghetto>.

43 - "An overview of 2,000 years of Jewish persecution."

aos judeus, que Martinho Lutero, o grande reformador protestante, emergiu no cenário mundial. Inicialmente, após sua transformação de monge católico em reformador protestante, ele fez esforços para converter os judeus ao cristianismo. Quando seus esforços falharam, sua atitude rapidamente mudou e ele ficou furioso com o povo judeu, compondo um dos piores exemplos de literatura de ódio antijudaico em toda a história.

Neste ano, Lutero escreveu um tratado intitulado *Dos Judeus e Suas Mentiras*. Neste livro, entre muitos outros insultos, Lutero descreveu os judeus como um “povo baixo e prostituído, isto é, não o povo de Deus, e seu orgulho da linhagem, da circuncisão e da lei deve ser considerado como imundície”. Ele também escreveu que “os judeus cegos são tolos realmente estúpidos”, “ladrões preguiçosos”, “nada além de ladrões e roubadores”, “miseráveis e amaldiçoados” e “povo rejeitado e condenado”. Suas sinagogas, dizia ele, eram “um covil de demônios onde [ocorrem] vanglória, presunção, mentiras, blasfêmia e difamação de Deus”.⁴⁴

Lutero continuou a reduzir o povo judeu ao nível de uma pandemia: “Um povo muito desesperado, completamente maligno, venenoso e diabólico são esses judeus, que por esses mil e quinhentos anos foram e ainda são nossa praga, nossa peste, e nosso infortúnio”.⁴⁵

Considere as profundezas nas quais Lutero se permitiu afundar na desumanização e demonização do povo amado e escolhido de Deus: “são venenosos, amargos, vingativos, serpentes ardilosas, assassinos e filhos do diabo, que picam

44 - Citado em Robert Michael, *Holy Hatred: Christianity, Antisemitism, and the Holocaust* (New York: Palgrave Macmillan, 2006), 111.

45 - Martinho Lutero, *On the Jews and Their Lies*, em *Luther's Works*, vol. 47, traduzido para o inglês por Martin H. Bertram (Philadelphia: Fortress, 1971).

e maltratam furtivamente onde quer que não possam fazê-lo abertamente... Essas serpentes venenosas e jovens demônios... depois do demônio, um cristão não tem um inimigo mais amargo e feroz do que um judeu”.

Além de desvalorizar completamente toda a raça judaica, Lutero então concluiu seu tratado com sua própria versão de “a solução final”. Ao ler os trechos a seguir, tome nota do superpersessionismo teológico bem desenvolvido que permeia seus comentários. Todo cristão vivo hoje deve se familiarizar com esta profunda mancha no testemunho da Igreja Cristã:

O que então nós cristãos faremos com essa *maldita e rejeitada raça de judeus*? Uma vez que eles vivem entre nós e sabemos sobre sua mentira, blasfêmia e maldição, não podemos tolerá-los se não quisermos compartilhar suas mentiras, maldições e blasfêmia. Desta forma, *não podemos extinguir o fogo inextinguível da ira divina* nem converter os judeus. Devemos praticar com oração e reverência uma severidade misericordiosa. Talvez possamos salvar alguns do fogo e chamas [do inferno]. Não devemos buscar vingança. *Eles certamente estão sendo punidos mil vezes mais do que poderíamos desejar*. Deixe-me dar meu conselho honesto.

Primeiro, suas sinagogas devem ser incendiadas, e tudo o que não queimar deve ser coberto com terra para que ninguém jamais consiga enxergar suas cinzas ou pedras. E isso deve ser feito para a honra de Deus e do cristianismo, a fim de que Deus possa ver que somos cristãos, e que não toleramos ou aprovamos tal mentira pública, maldição e blasfêmia contra o Seu Filho e Seus Cristãos.

Em segundo lugar, as suas casas devem igualmente ser derrubadas e destruídas. Pois eles fazem nelas as mesmas coisas que fazem em suas sinagogas. Por esta razão, eles devem ser colocados sob o mesmo teto ou em um estábulo, como ciganos, a fim de que eles percebam que não são mestres em nossa terra, como eles se gabam,

mas cativos miseráveis, como eles se queixam incessantemente diante de Deus com lamento amargo.

Em terceiro lugar, eles devem ser privados de seus livros de orações e Talmuds, nos quais tais idolatrias, mentiras, maldições e blasfêmias são ensinadas.

Em quarto lugar, seus rabinos devem ser proibidos sob ameaça de morte de continuar ensinando [...]

Em quinto lugar, os privilégios de passaporte e viagem devem ser absolutamente proibidos aos judeus. Pois eles não têm negócios nos distritos rurais, já que eles não são nobres, nem oficiais, nem mercadores, nem similares. Deixe-os ficar em casa... [...] Se vocês, príncipes e nobres, não fecham a estrada legalmente a tais exploradores, então algumas tropas deveriam cavalgar contra eles, pois aprenderão com esse panfleto o que os judeus são e como lidar com eles e que eles não devem ser protegidos. Você não deve, você não pode protegê-los, a menos que aos olhos de Deus você queira compartilhar toda a sua abominação [...].

Resumindo, queridos príncipes e nobres que têm judeus em seus domínios, se este conselho não combina com você, então encontre um melhor para que você e todos nós possamos nos livrar deste insuportável fardo diabólico - os judeus.⁴⁶

Os planos de Lutero eram mais que meras ameaças. Em algumas ocasiões, ele conseguiu expulsar os judeus de várias regiões. Isso ocorreu sob sua instigação na Saxônia, em 1537, e na década de 1540 seus seguidores expulsaram os judeus de várias cidades alemãs. Após uma tentativa fracassada de expulsar os judeus de Brandenburg, seus seguidores saquearam a sinagoga de Berlim em 1572. No ano seguinte, os judeus foram banidos de todo o país.⁴⁷

46 - Ibid.; grifo adicionado.

47 - Paul Johnson, *A History of the Jews* (New York: Harper Collins, 1987), 242.

JOÃO CALVINO

1560 d.C. — João Calvino, o único outro reformador cuja influência é comparável à de Lutero, é frequentemente retratado como sendo muito mais tolerante e até amigável com o povo judeu. Na verdade, no entanto, Calvino escreveu muito pouco sobre seus contemporâneos judeus porque provavelmente não conhecia nenhum. Ele morava em Genebra, que hoje fica na Suíça, perto das fronteiras da França e da Itália, e todos os judeus foram forçados a sair de sua cidade setenta anos antes. No entanto, como muitos de seus antecessores e contemporâneos, Calvino escreveu sobre os judeus de uma forma tipicamente vil, odiosa e vergonhosa. Em sua obra “Uma resposta às perguntas e objeções de um certo judeu”, ele escreveu, “a dura e inflexível obstinação [dos judeus] faz com que eles mereçam ser oprimidos interminavelmente e sem medida ou fim, e morrer em sua miséria sem a pena de ninguém”.⁴⁸

Depois da Reforma, o mesmo padrão geral continuou em muitos círculos. Por mais que os protestantes gostariam de dizer que com a rejeição da autoridade da Igreja Católica, de repente surgiu um aumento imediato no amor entre os cristãos da Europa para com os judeus, isso só é verdade em um sentido limitado. Embora houvesse vários grupos que despertaram para reconhecer o chamado e a eleição em curso do povo judeu nas Escrituras, como os morávios, os puritanos, e vários pietistas luteranos, infelizmente demorou algumas centenas de anos até que tais ideias comesçassem a realmente prevalecer em toda a Igreja. Esse reconhecimento do chamado e da eleição vigentes de Israel tornou-se mais pronunciado no século XIX, na

48 - João Calvino, “Ad Quaelstiones et Objecta Juaei Cuiusdam Responsio,” em Gerhard Falk, *The Jew in Christian Theology* (Jefferson, NC; and London: McFarland, 1931).

Inglaterra, em um movimento conhecido como os Irmãos de Plymouth. Esse grupo, mais do que qualquer outro antes dele, retornou à escatologia da Igreja mais antiga - o restauracionismo, o futurismo e o pré-milenarismo. Neste movimento, não só houve uma compreensão mais correta dos últimos dias, mas também surgiu uma generalizada ternura e humildade para com o povo judeu. No capítulo 13, discutiremos vários dos homens que surgiram desse movimento e como sua teologia mudou a forma como a Igreja começou a se relacionar com o povo judeu.

A QUESTÃO JUDAICA

1750 d.C. – Depois de mil e quinhentos anos de persistente perseguição europeia aos judeus, a controvérsia se arrastou sobre qual seria a resposta ou “solução” apropriada para a presença judaica na sociedade cristã europeia. Foi em 1750 que encontramos pela primeira vez o termo “a questão judaica” sendo discutido na Grã-Bretanha. Logo depois, foi debatido na França (*“la question juive”*) e na Alemanha (*“die Judenfrage”*). Claro, a questão não era nova. Como vimos, Lutero já havia oferecido sua própria “solução” para a questão judaica.

Depois que a ideia da questão judaica foi oficialmente introduzida na sociedade cristã europeia, centenas de panfletos, artigos de jornais e livros foram escritos sobre o assunto, com todos pesando e oferecendo suas “soluções”. Na maioria das vezes isso incluía a deportação da comunidade judaica. Por outro lado, muitas centenas de panfletos e artigos foram escritos opondo-se a essas “soluções”. Eles ofereciam ideias tais como a simples aceitação e integração. Infelizmente, a resposta mais humana não prevaleceu, e em meados do século XIX, na Alemanha, vários estudiosos e filósofos defendiam, e até

demandavam, a “desjudaização” de tudo, desde a imprensa, a educação, o estado, a economia e a cultura. A condenação do casamento entre judeus e não-judeus também foi um tema proeminente durante esse período.

Como Gerhard Falk, autor de *The Jew in Christian Theology*, declara com tanta precisão: “É claro que não há nenhuma questão judaica. A proposição de que a existência judaica deve ser questionada é, *ipso facto*, o problema para o qual a solução só pode ser uma atitude de mudança por parte dos cristãos”.⁴⁹

POGRONS RUSSOS

Depois de uma história tão longa de ódio aos judeus em toda a Europa, muitos judeus se estabeleceram na Rússia. Mas a história mostra que o ódio também os procuraria por lá. Começando no final do século XIX, os judeus que viviam na Rússia estavam cada vez mais sujeitos ao que a história passou a chamar de “pogrons”, que não passavam de tumultos antijudaicos que muitas vezes levaram à expulsão forçada ou ao massacre de comunidades judaicas em toda a região. Em 1905, um pogrom contra os judeus de Odessa, na atual Ucrânia, foi o mais grave desse período, com relatos de até 2.500 judeus mortos.⁵⁰ O *New York Times* descreveu um pogrom que ocorreu na Páscoa em 1903:

Os distúrbios anti-judaicos [...] são piores do que o censor permitirá publicar. Havia um plano bem definido para o massacre geral dos judeus no dia seguinte

49 - Falk, *The Jew in Christian Theology* (Jefferson, NC; and London: McFarland, 1992), 96.

50 - Robert Weinberg, *The Revolution of 1905 in Odessa: Blood on the Steps* (Indiana Univ. Press, 1993), 164.

à Páscoa ortodoxa. A turba era liderada por padres e o clamor geral, “Matem os judeus”, foi levado por toda a cidade. Os judeus foram pegos totalmente de surpresa e foram abatidos como ovelhas. O número de mortos foi de 120, e o de feridos foi de cerca de 500. As cenas de horror vistas neste massacre estão além da descrição. Os bebês foram literalmente despedaçados pela turba frenética e sanguinária. A polícia local não tentou reprimir o reinado de terror. Ao pôr do sol, as ruas estavam cheias de cadáveres e feridos. Aqueles que conseguiram, fugiram aterrorizados, e a cidade está praticamente deserta de judeus.⁵¹

Tais “pogrons” foram repetidos em várias cidades russas por um período de alguns anos.

O HOLOCAUSTO

Depois de analisar o que na verdade foi apenas uma pesquisa muito parcial da história e do desenvolvimento do ódio cristão e da perseguição ao povo judeu, podemos entender melhor como Hitler foi capaz de executar o que fez. Durante a maior parte da história da Igreja, por causa da adoção inicial pela Igreja de uma teologia de rejeição do povo judeu, o ódio aos judeus e o cristianismo tornaram-se praticamente sinônimos. Hitler não surgiu na cena mundial com um ódio novo ou único ao povo judeu. O que poucos cristãos hoje realmente entendem é que o ódio de Hitler pelos judeus era na verdade uma atitude cristã muito típica. Há muito debate sobre o que a filosofia ou inspiração nazista realmente era. Hitler era cristão ou pagão? Existem várias declarações que podem ser produzidas para apoiar qualquer posição. Mas, para o cristão, julgar

51 - “Jewish Massacre Denounced,” New York Times, April 2, 1903.

as ações de Hitler como completamente estranhas à fé cristã histórica, seja católica romana, ortodoxa oriental ou protestante, é ignorar nossa história coletiva e deixar de reconhecer as ideias completamente “cristãs” que inspiraram Hitler a realizar seu plano com a assistência voluntária de uma nação completamente cristã.

Embora Heinrich Himmler fosse o arquiteto-chefe do plano, foi o próprio Hitler quem se referiu a ele como “a solução final da questão judaica” (*die endlösung der Judenfrage*). O ódio judeu cristão europeu, que durante mil e quinhentos anos consistentemente dera frutos terrivelmente ruins, revelara para sempre os resultados finais de uma teologia do despojamento supersessionista. Tudo foi dito e feito, o fruto de mil e setecentos anos de ódio cristão consistente e em larga escala ao povo judeu resultou na morte de seis milhões de judeus em toda a Europa ocupada pelos nazistas - dois terços do total da população judaica europeia da época.

No momento em que escrevo este livro, estamos agora há apenas setenta e poucos anos do Holocausto. Ainda há muitos vivos hoje que viveram aqueles dias maus. Seus números, claro, estão diminuindo rapidamente. Para o *millennial* médio, que tem vinte e poucos anos ou trinta e poucos anos, setenta anos atrás pode parecer uma história antiga, mas no quadro mais amplo, tudo isso aconteceu apenas ontem.

A FUNDAMENTAÇÃO CRISTÃ DO NAZISMO E DO HOLOCAUSTO

LEI OU DECRETO DA IGREJA	LEI OU MEDIDA NAZISTA ⁵²
Proibido o casamento entre cristãos e judeus. (Sínodo de Elvira, cânon 15, 306)	“Casamentos entre judeus e cidadãos de sangue alemão ou afim são proibidos. Casamentos feitos em desacordo com essa lei são anulados”. (Lei para a Proteção do Sangue e da Honra Alemãos, Seção 1, 15 de setembro de 1935)
Judeus e cristão são proibidos de comer juntos. (Sínodo de Elvira, cânon 50, 306)	Judeus são barrados de entrar em vagões restaurantes. (30 de dezembro de 1939)
Judeus são proibidos de ocupar cargos públicos. (Concílio de Clermont, 535)	Todos os judeus são removidos do serviço governamental. (Lei para o Reestabelecimento do Serviço Civil Profissional, 7 de abril de 1933)
Judeus são proibidos de ter empregados cristãos ou de possuir escravos cristãos. (Terceiro Concílio de Orleans, 538)	“Os judeus não têm permissão de empregar cidadãos de sangue alemão ou afim como empregados domésticos.” (Lei para a Proteção do Sangue e da Honra Alemãos, 15 de setembro de 1935)
A partir da Quinta-Feira Santa, e durante quatro dias (Semana da Páscoa), os judeus não podem ficar no meio dos cristãos. (Terceiro Concílio de Orleans, 538)	Decreto autoriza que as autoridades locais barrem os judeus das ruas em certos dias. (i.e., feriados nazistas) (3 de dezembro de 1933)

52 - Uma versão deste gráfico apareceu originalmente em Raul Hilberg, *Destruction of the European Jews* (New York: Holmes & Meier, 1985).

LEI OU DECRETO DA IGREJA	LEI OU MEDIDA NAZISTA
Ordenada a queima de livros “heréticos” judeus. (Décimo Segundo Concílio de Toledo, 681) O Papa Gregório IX persuade o rei francês a queimar todos os Talmuds e livros judeus em Paris. Cerca de 12 mil cópias foram queimadas. (1242) Papas posteriores ordenaram a queima do Talmud. Esses incluem Inocêncio IV (1243-1254), Clemente IV (1256-1268), João XXII (1316-1334), Paulo IV (1555-1559), Pio V (1566-1572), e Clemente VIII (1592-1605). Martinho Lutero escreveu que “eles devem ser privados de seus livros de oração e Talmuds nos quais tais idolatrias, mentiras, maldições e blasfêmias são ensinadas” (1543).	Os nazistas se engajaram na queima de livros em larga escala (1933) “A era do intelectualismo judaico extremo está agora no fim.” (Joseph Goebbels)
Cristãos são proibidos de apadrinhar médicos judeus. (Sínodo Trulanico, 692)	Médicos judeus são proibidos de tratar não-judeus. (Leis Raciais de Nuremberg de 1935. Decreto de 25 de julho de 1938)
Cristãos são proibidos de viver com um judeu debaixo do mesmo teto. (Concílio de Narbona, 1050)	Diretiva de Hermann Wilhelm Göring estabelece a concentração dos judeus em suas próprias casas. (28 de dezembro de 1938)
Judeus são obrigados a pagar díizimos para sustentar a Igreja, tanto quanto os cristãos. (Sínodo de Gerona, 1078)	A “Sozialausgleichsabgabe”, que previa que os judeus pagassem um imposto de renda especial no lugar de doações para os propósitos do Partido, foi imposta pelos nazistas. (24 de dezembro de 1940)

LEI OU DECRETO DA IGREJA	LEI OU MEDIDA NAZISTA
Os judeus foram proibidos de processar ou testemunhar contra cristãos nas cortes. (Terceiro Concílio de Latrão, cânon 26, 1179)	A chancelaria do Partido propôs que os judeus não tivessem permissão de instituir processos civis. (9 de setembro de 1942)
Os judeus são proibidos de negar herança aos descendentes que se convertessem ao cristianismo. (Terceiro Concílio de Latrão, cânon 26, 1179)	O Ministério da Justiça anulou todos os testamentos que ofendiam o “julgamento sadio do povo”. (31 de julho de 1938)
O Distintivo Judaico foi implementado. (Quarto Concílio de Latrão, cânon 68, 1215)	Os judeus deveriam usar a Estrela de Davi Amarela. (Decreto de Primeiro de Setembro de 1941)
Proibida a construção de novas sinagogas (Concílio de Oxford, 1222)	Destruição das sinagogas em todo o território ocupado pelos nazistas. (10 de novembro de 1938)
Cristãos são proibidos de participar de qualquer cerimônia judaica (Sínodo de Viena, 1267)	Relações amigáveis com judeus são proibidas. (24 de outubro de 1941)
“Passagem livre nas estradas [devem] ser completamente abolidas para os judeus” (Martinho Lutero, 1543)	Os nazistas proíbem os judeus de terem carteira de motorista, mas exigem que eles tenham um cartão de identificação judeu. (Judenkenkarte) (1935)
Judeus são obrigados a viver em guetos (Sínodo de Breslau, 1267)	Judeus foram forçados a viver em guetos (21 de setembro de 1939)
Cristãos são proibidos de vender ou alugar qualquer tipo de imóvel para judeus (Sínodo do Ofen, 1279)	Decreto estabelece a venda compulsória dos imóveis dos judeus (3 de dezembro de 1938)

LEI OU DECRETO DA IGREJA	LEI OU MEDIDA NAZISTA
Um cristão adotar a religião judaica ou um judeu batizado voltar para o judaísmo são definidos como heresia. (Sínodo de Mainz, 1310)	Se um cristão adotasse a religião judaica, ele se colocava em risco de ser tratado como um judeu. Decisão da Oberlandesgericht Königsberg. Quarta Zivilsenat. (26 de junho de 1942)
Judeus são proibidos de atuar como agentes na conclusão de contratos entre cristãos, especialmente contratos de casamento. (Concílio de Basileia, sessão 19, 1434)	Liquidação das imobiliárias, corretoras de valores, e agências matrimoniais judias que atendiam não-judeus. (Decreto de 6 de julho de 1938)
Judeus são proibidos de obter títulos acadêmicos (Concílio de Basileia, sessão 19, 1434)	Lei contra a superlotação de escolas e universidades alemãs. (25 de abril de 1933)
“Suas sinagogas devem ser queimadas... suas casas devem ser da mesma forma derrubadas e destruídas.” (Martinho Lutero, 1543)	119 sinagogas e inumeráveis lojas e casas de judeus são queimadas completamente. (Kristalnacht), 9 e 10 de novembro de 1938) Sinagogas em Riga, Letônia, são queimadas. Muitos judeus presos nas sinagogas morreram no fogo. (1941)
“Eles devem ser expulsos da terra como cães raivosos.” (Martinho Lutero, 1543)	Quando uma mãe judia transportada em um trem jogou seu filho pequeno envolto em um travesseiro e com um pouco de dinheiro para um rapaz das proximidades, um homem da SS imediatamente “abriu o travesseiro, pegou a criança pelos pés, e esmagou sua cabeça contra a roda do trem”, bem à vista da mãe. ⁵³

53 - Martin Gilbert, *The Holocaust* (New York: Henry Holt, 1985), 399.

LEI OU DECRETO DA IGREJA	LEI OU MEDIDA NAZISTA
“Eles devem ser colocados debaixo de um teto ou em um estábulo, como ciganos, para que possam perceber que não são mestres em nossa terra, como gostam de se gabar, mas cativos miseráveis [...]. Joguem enxofre e piche sobre eles; se alguém puder jogar fogo do inferno neles, tanto melhor [...] e isso deve ser feito por Deus e pela Cristandade, para que Deus possa ver que somos cristãos”. (Martinho Lutero, 1543)	Os nazistas criaram mais de trezentos campos de concentração, nos quais os judeus estavam entre as maiores porcentagens das pessoas aprisionadas. Dos 9 milhões de judeus que então viviam na Europa, mais de 6 milhões foram sistematicamente massacrados. (1938-1945)

Em 1961, o historiador Raul Hilberg escreveu *A Destruição dos Judeus Europeus*, que é reconhecido como o primeiro estudo histórico abrangente do Holocausto. Neste trabalho maciço, Hilberg produziu um gráfico que comparou várias leis da Igreja ou decretos com leis ou decretos nazistas semelhantes. Desde essa época, este gráfico foi amplamente explicado em várias obras e na Internet. Embora confiando no trabalho original de Hilberg, modifiquei significativamente e acrescentei ao gráfico para incluir as “soluções” de Martinho Lutero. Incentivo o leitor a considerar cuidadosamente até que ponto as leis e ações nazistas se comparam às muitas leis e ações dos cristãos da Europa.

CONCLUSÃO

A pesquisa sobre o ódio cristão e a perseguição aos judeus representa apenas um registro parcial de tudo o que realmente aconteceu nos últimos dois mil anos. Se todos os exemplos de ódio e perseguição declarados contra judeus que os cristãos ou

a Igreja cometeram fossem incluídos aqui, todo esse livro não poderia contê-lo. O que tenho procurado fazer, no entanto, é mostrar quão difundido e comum foi em toda a Cristandade, em quase toda a história da Igreja, tratar o povo judeu muito pior do que qualquer outro grupo de pessoas. Esse é um ponto chave. Não foi um caso de maus-tratos iguais. Os judeus foram os principais alvos do ódio mais concentrado já carregado pelos cristãos. Por mais doloroso que seja admitir, ao longo da maior parte da história da Igreja, “ódio e abuso do judeu” e “cristianismo” eram virtualmente sinônimos. Por quase dezoito anos, o ódio aos judeus era uma parte da doutrina e cultura cristãs, tanto quanto a doutrina da Trindade ou da encarnação de Deus em Cristo. No próximo capítulo, explicaremos mais completamente porque a longa e vergonhosa história do ódio aos judeus cai diretamente na conta da doutrina do supersessionismo, ou teologia da substituição.



SUPERSESSIONISMO E ÓDIO AOS JUDEUS

Embora nem todos os supersessionistas na história tenham tido um ódio profundo pelo povo judeu, a esmagadora maioria dos que odeiam os judeus têm sido supersessionistas. Na verdade, eu o desafio a voltar e vasculhar os escritos de todos os grandes teólogos cristãos da história da Igreja e ver que escassez de exemplos existem do amor cristão pelo povo judeu. Enquanto o ódio cristão pelos judeus é comum, o amor pelo judeu é bastante raro. Na maioria das vezes, o melhor que encontramos são os chamados para evitar a violência e tratar humanamente os judeus. Isso, no entanto, está longe do profundo amor emocional que o apóstolo Paulo expressou - sem dúvida como uma extensão do próprio coração de Deus. Embora poucos que abraçam ou defendem o supersessionismo admitirão isso, está claro que o que começou como uma série de proposições teológicas concernentes à rejeição divina ao povo judeu, levou diretamente à sua rejeição e maus-tratos pelos cristãos. Os mil e oitocentos anos de ódio cristão e abuso ao povo judeu acabam caindo direto na doutrina do supersessionismo. Neste capítulo, gostaria de desenvolver ainda mais a relação causal do supersessionismo com o ódio e a perseguição ao povo judeu.

TEOLOGIA DO DESPOJAMENTO

Enquanto a história da Igreja está repleta de um ódio mais escancarado ao judeu, a maioria dos supersessionistas modernos tenta disfarçar a verdadeira natureza de suas crenças. Como tal, em vez de referirem-se à sua posição como “teologia da substituição”, eles frequentemente usam termos como “teologia da inclusão” ou “teologia do cumprimento”. Isso, no entanto, é uma grande dissimulação. Para o cristão mediano, que não investiu anos nesse assunto, o uso de uma linguagem completamente saturada de Jesus, como “promessas feitas por Deus ao povo judeu agora foram espiritualmente cumpridas em Cristo”, apenas confunde mais o assunto. Tais comentários têm um verniz de piedade cristã, mas mascaram o lado sombrio do supersessionismo. Infelizmente, linguagens como “teologia da inclusão”, expressões de efeito, como “justiça social”, e até mesmo o nome de Jesus se tornaram o aroma de chiclete que torna o remédio anti-bíblico, racista e amargo do supersessionismo e da teologia anti-Israel mais palatável.

Em minha entrevista com o estudioso israelense Avner Boskey em Jerusalém, nossa conversa acabou chegando a essa questão. “Teologia de substituição”, Avner começou. “Você sabe, algumas pessoas não gostam desse termo e, em vez disso, usam os termos ‘teologia da inclusão’, ‘teologia realizada’ ou ‘teologia do cumprimento.’” E então ele começou a bater com a unha diretamente na cabeça: “Mas é como se eu entrasse em sua casa e roubasse sua mesa e dissesse: ‘Bem, isso *realiza* meus sonhos; isso *preenche* as minhas esperanças de uma bela sala de estar’. Isso ainda é roubo. O que Paulo diz? As promessas são dadas aos judeus? Bem, Romanos 11:28–29 diz que os dons que Deus deu ao povo judeu e o chamado que ele dá ao povo judeu são *irrevogáveis*”.

Avner não poderia estar mais correto. Qualquer crença que reivindica tirar de Israel seu chamado e eleição corporativos vigentes, ou que rejeita a ideia de uma futura restauração do reino judeu de Israel é, de fato, um roubo teológico. Independentemente do que se chame, seja de teologia da “substituição”, “cumprimento” ou “inclusão”, desde que a equação inclua tirar uma dessas duas coisas e substituí-la por algo diferente, é a teologia da substituição, pura e simples.

Para uma teologia ser verdadeiramente chamada de “teologia da inclusão”, ela teria que ver um futuro reino judaico que acolhe e inclui qualquer um que diga sim ao Deus de Israel. A verdadeira “teologia do cumprimento” argumentaria que Deus *cumprirá* Suas promessas ao povo judeu. Mas por trás de todas as cortinas de fumaça, a “teologia da inclusão” e a “teologia do cumprimento” dos supersessionistas de hoje são simplesmente uma reformulação da mesma velha teologia da substituição.

O missionário e autor Dalton Thomas também ofereceu um termo útil para descrever o supersessionismo ou a teologia da substituição: “Em uma tentativa de contornar esse longo argumento sobre a semântica que tem o potencial de nos distrair do cerne da questão, escolho usar o termo Teologia do Despojamento e encorajo os outros a fazer o mesmo. Quando todas as definições são resumidas à sua essência, estamos lidando com um argumento básico sobre a questão do despojamento”.

Thomas prossegue citando a definição de “despojamento” de Merriam Webster:

- privar ou desapropriar, especialmente de propriedade, autoridade ou título;

- despir, especialmente de roupas, ornamentos ou equipamentos;
- livrar ou libertar;
- tirar de uma pessoa...

Ele conclui:

No coração da [perspectiva supersessionista] está a ideia de que a esperança nacional do povo judeu, há muito estabelecida, foi revogada e “redefinida”, de modo a constituir um “cumprimento diferente”. Que tipo de cumprimento? Um cumprimento pelo qual a “criação inteira” está de um lado, e Israel está do outro, *despojando* do seu destino nacional e esperança do outro.¹

Os comentários de Thomas são precisos. Mesmo que se inclua “toda a criação” em sua equação de quem é bem-vindo ao “povo de Deus”, se alguém sustentar que Deus rejeitou Israel corporativa e nacionalmente e que não cumprirá realmente Suas promessas de restaurar o reino Davídico judaico, continua a ser um despojamento da esperança judaica. De fato, embora Thomas destaque o despojamento do destino e da esperança nacionais de Israel, é realmente muito mais do que isso. O que o supersessionismo realmente faz é despir ou despojar o povo judeu da sua própria identidade, do seu próprio direito de existir como povo. Consideremos com muito cuidado a lógica perigosa do supersessionismo. De acordo com os supersessionistas Gary Demar e Peter Leithart, um dos principais

1 - Dalton Thomas, “The Divestment Theology of N. T. Wright,” não publicado, usado com permissão.

propósitos para a primeira vinda de Cristo foi destruir o próprio estado de Israel: “Um claro exemplo do governo de Cristo sobre as nações pela Sua igreja foi a destruição do estado judeu que perseguiu a igreja primitiva (Mateus 24; Lucas 21; cf. Atos 6:8-15). *Ao destruir Israel*, Cristo transferiu as bênçãos do reino de Israel para um novo povo, a igreja. Esse é um tema importante nos evangelhos”.

O pensamento de Demar e Leithart não é uma crença marginal, mas é, na verdade, supersessionismo padrão. Lembre-se, não estamos falando apenas de uma destruição temporária, mas de uma permanente. Como explica o estudioso alemão Martin Noth, no ano 70 d.C., “Jerusalém deixou de ser o símbolo da pátria, Israel deixou de existir e a história de Israel chegou ao fim”.²

Agora vamos considerar as implicações disso. Se a destruição permanente de Israel era a própria vontade de Deus, e se a história de Israel já chegou ao fim, então, o que o cristão pensa sobre o Estado de Israel hoje? Se a história do Israel natural terminou em 70 d.C., e a Igreja se tornou o novo Israel (ou, como Justino Mártir disse, “a verdadeira raça israelita”), então quem são as pessoas que se chamam Israel hoje? Essas pessoas e seu estado são de alguma forma uma não-entidade? O que deveríamos fazer com os mil e oitocentos anos da história judaica entre então e agora? E o mais importante, o que devemos fazer do futuro deles? Se alguém leva a lógica do supersessionismo adiante, ao destruir permanentemente o Templo e o estado em torno do qual o povo judeu encontra sua própria identidade, o Senhor estava na verdade destruindo o povo judeu. Pois são essas mesmas coisas - ou, no mínimo, a esperança de sua futura

2 - Eva Fleischner, *Judaism in German Christian Theology*, reimpressão (1975), 31.

restauração - que dão ao povo judeu sua identidade. Essa é a conclusão do supersessionista Albertus Pieters:

Deus quis que, após a instituição da Nova Aliança, não houvesse mais nenhum povo judeu no mundo - mas aqui estão eles! Isso é um fato - um fato muito triste, provocado por sua rebelião perversa contra Deus; mas não é monstruoso sustentar que, em razão desta perversidade, o grupo dito indesejado e indesejável é agora herdeiro das muitas promessas extremamente preciosas de Deus? Seremos acusados de antissemitismo, porque falamos assim dos judeus?... Como é possível acreditar que ainda existem profecias da graça divina a serem cumpridas em um grupo sobre o qual a ira de Deus chegou “ao máximo”?³

Embora os supersessionistas raramente sejam tão contundentes quanto Pieters, seus comentários representam de fato com muita precisão a lógica muito natural, mas mortal, do supersessionismo. A verdade simples é que a teologia, as doutrinas e as crenças afetam as atitudes e ações de uma pessoa. A relação entre crença e ação, no que diz respeito ao supersessionismo e ao despojamento do povo judeu de sua nação, sua história, sua esperança e sua própria identidade, é algo que muitos supersessionistas modernos não gostam de reconhecer. No entanto, qualquer pesquisa honesta da história da Igreja revela que o longo abraço histórico do supersessionismo resultou muito frequentemente em atitudes descaradamente racistas e muitas vezes explodiu em ação violenta e assassina. Esse é precisamente o motivo pelo qual eu acho o uso de Dalton do termo “teologia do despojamento” tão preciso. Pois o

3 - Albertus Pieters, *The Seed of Abraham* (Grand Rapids, Eerdmans, 1950), 123-124

supersessionismo não apenas despoja Israel de seu “destino e esperança nacionais”, mas também os despoja de sua própria identidade, de seu próprio direito de existir. Se o povo judeu não tiver mais uma esperança, um chamado ou um futuro nacional, ele se tornará um mero fantasma de um povo que existiu e que agora está em processo de dissolução. Assim, a determinação inflexível do povo judeu não apenas para continuar existente, mas pior ainda, restabelecer seu próprio estado na terra prometida - isso só pode ser visto como a vontade de homens ímpios, ou como Pieters retrata, um ato perverso e rebelde, completamente fora da vontade de Deus.

É claro que eu quero qualificar claramente que não estou de maneira nenhuma inferindo que todo cristão que defende o supersessionismo odeia os judeus. Sem dúvida, poucos dos professores que adotam essas ideias hoje possuem algum tipo de ódio emocional pelo povo judeu. A esmagadora maioria desses professores é muito bem-intencionada; eles amam a Jesus, genuinamente acreditam que estão transmitindo a verdade e podem até mesmo ter um amor real pelo povo judeu. No entanto, essas boas intenções não fazem nada para diminuir a lei real das consequências não intencionais. O ódio genocida duradouro do islamismo radical ou do nazismo e os efeitos mais sutis, mas inerentes, do supersessionismo, todos existem no mesmo espectro. Todos trabalham em direção ou apoiam precisamente o mesmo fim, que é o enfraquecimento, o despojamento e, por fim, a destruição do Estado judeu e do povo judeu.

Considere novamente os comentários anteriores de Pieters. Primeiro ele disse que é um “fato muito triste” que exista “qualquer povo judeu no mundo”. Então ele diz que é “monstruoso” sustentar que os judeus “são agora herdeiros das muitas e preciosas promessas de Deus”. Agora considere o fato de

que tudo isso foi escrito em 1950, apenas alguns anos depois do Holocausto! Que tipo de cegueira e insensibilidade esses comentários exigem?

Por favor, me ouça quando digo que as ideias têm consequências, intencionais ou não, particularmente quando estamos lidando com questões de raça e identidade e especialmente dentro do contexto dessa batalha espiritual mais antiga. Quem negará que crer que foi vontade de Deus destruir permanentemente Israel tanto como um estado quanto como um povo, desejar de verdade que assim fosse e, finalmente, ajudar realmente Deus a tornar isso uma realidade, não são saltos absurdos de uma ideia para outra? Se os cristãos devem ser honestos, devemos reconhecer que existe uma correlação muito direta entre o abraço histórico da Igreja a essas doutrinas e sua longa história de atitudes odiosas, contradições, abusivas, ou ações francamente violentas e assassinas contra o povo judeu.

CONCLUSÃO

Por trás de toda a conversa teológica, em última análise, o supersessionismo é uma teologia antibíblica criada por crentes gentios que, em vez de se contentarem por terem sido graciosamente recebidos no povo de Deus, depois de receberem livremente a graça imerecida de Deus, sentem a necessidade de despirem e despojarem o povo judeu de tudo o que lhes foi prometido pelo Deus de Israel. Novamente, não importa o nome ou a embalagem, se o resultado final é a privação de direitos e o despojamento do povo judeu de seu chamado, eleição, identidade e promessas futuros, então é racismo teológico. Como dissemos no início deste capítulo, embora seja verdade que, embora nem todos os supersessionistas na

história tenham odiado o povo judeu de forma entranhada, também é bastante justo dizer que a grande maioria dos que têm abertamente odiado ou perseguido os judeus eram supersessionistas. Embora, sem dúvida, a maioria dos que abraçam ou apoiam o supersessionismo se recuse a reconhecer o óbvio, os últimos dois mil anos de ódio cristão e perseguição ao povo judeu permanecem como um testemunho retumbante contra a doutrina do supersessionismo. O mau fruto do supersessionismo inclui o Holocausto. Como o teólogo católico romano Hans Küng disse com muita precisão, “o antijudaísmo nazista era obra de criminosos ímpios e anticristãos. Mas isso não teria sido possível sem a pré-história de quase dois mil anos do antijudaísmo ‘cristão’”.⁴

Os historiadores seculares veem claramente isso, historiadores judeus veem claramente isso, e hoje uma multidão de cristãos vê claramente isso. Somente aqueles que se recusam a ver ou reconhecer são aqueles que abraçam ou adotam decididamente o supersessionismo. Vamos orar para que os olhos dos cristãos em todos os lugares sejam abertos quanto a esta fonte do mal que inundou a Igreja por muito tempo.

4 - Hans Küng, *On Being a Christian* (Garden City, NY: Doubleday, 1976), 169.



SUPERSESSIONISMO ISLÂMICO

Conforme discutimos a relação clara entre supersessionismo e ódio aos judeus, é importante reconhecer que, além do cristianismo, o Islã abraça sua própria forma de supersessionismo. Tal como no caso do cristianismo, a presença do supersessionismo no Islã levou ao frequente abuso e ódio ao povo judeu nos últimos mil e quatrocentos anos. Tão duradouros têm sido os maus-tratos aos judeus por parte dos muçulmanos que, em 1172, Moisés Maimônides, o grande sábio judeu, declarou de maneira muito reveladora: “A nação de Ismael... nos persegue severamente e inventa maneiras de nos prejudicar e nos depreciar... Ninguém os iguala em nos degradar e nos humilhar. Ninguém conseguiu nos reduzir como eles fizeram”.¹

COMO O ISLÃ ADOTOU O SUPERSESSIONISMO DOS CRISTÃOS

A história de como o Islã veio a abraçar o supersessionismo é, na verdade, bastante simples. Quando Maomé emergiu como

1 - Moses Maimonides, Letter to Yemen, em Andrew G. Bostom, *The Legacy of Islamic Antisemitism: From Sacred Texts to Solemn History* (Amherst, NY: Prometheus, 2008), 11.

jovem “profeta” na Arábia do século VII, todos os cristãos que ele encontrou eram supersessionistas. Quando a religião do Islã se desenvolveu, Maomé simplesmente adotou o supersessionismo dos únicos cristãos que ele conhecia, fazendo-o seu. Em uma reviravolta trágica, mas não surpreendente, os cristãos da Arábia logo se viram vítimas do supersessionismo. O supersessionismo islâmico, no entanto, foi uma tendência mais forte, uma forma mutante de supersessionismo cristão. O supersessionismo islâmico é muito mais que uma substituição teológica; é também profundamente militante, buscando erradicar todos os não-muçulmanos. Não só o Islã é uma religião que pretende substituir o cristianismo, o judaísmo e todas as outras religiões, mas os muçulmanos pretendem substituir os cristãos, judeus e todas as outras pessoas. Logo os cristãos estavam sendo subjugados ou simplesmente exterminados ao lado dos judeus da Arábia. Durante a carreira de Maomé, uma de suas realizações mais célebres (entre os muçulmanos) foi literalmente eliminar todos os últimos judeus da Península Arábica. Os cristãos não se saíram muito melhor.

Quase imediatamente após a morte de Maomé, em 632, as conquistas muçulmanas começaram. Sob a direção do califa Abu Bakr e seu general Khaled Ibn Walid, o supersessionismo islâmico estava em marcha. Foram apenas quatro anos antes que cerca de um terço de milhão de cristãos em todo o Oriente Médio - o antigo coração da Igreja - fossem massacrados. Os primeiros registros islâmicos desses eventos mostram que os muçulmanos sitiavam uma cidade, matavam toda a resistência, distribuíam o saque e faziam marchar uma média de trinta a cinquenta mil mulheres de volta a Meca, para se casarem com muçulmanos ou para serem usadas como escravas sexuais. Em apenas dez anos, mais de um milhão de cristãos foram mortos. Em menos de uma geração, o Islã havia esmagado o antigo

coração da cristandade. Dentro de cem anos, 50% do cristianismo mundial estava sob domínio e dominação islâmicos.² Em uma reviravolta trágica, mas notável, os supersessionistas cristãos colheram aquilo que plantaram.

SUPERSESSIONISMO CULTURAL ISLÂMICO

É claro que a manifestação islâmica do supersessionismo foi observada pela primeira vez nos primeiros dias do Islã, quando Maomé foi ao santuário pagão da Kaaba em Meca e desinfetou-o de todos os seus ídolos, convertendo-o no centro do culto muçulmano. O supersessionismo islâmico continuou a se manifestar ao longo de sua história, servindo como um catalisador para o apagamento literal de culturas e religiões prévias, onde quer que ele se espalhasse. Com o avanço do Islã, um vasto número de espaços religiosos locais foi convertido em mesquitas, como símbolos do triunfo islâmico. A outrora gloriosa Hagia Sophia em Constantinopla (atual Istambul), originalmente construída em 360 d.C. e outrora a maior igreja do mundo, foi convertida em mesquita por Mehmet, o Conquistador, em 1453. A cruz em sua cúpula, há muito tempo removida, foi substituída por uma lua crescente. Minaretes imponentes cercam a estrutura. Por todo o interior, placas espalhafatosas e vistosas com os nomes de Alá, Maomé e os primeiros quatro califas (sucessores) do Islã em caracteres árabes são penduradas em todo lugar. Hoje é um museu em que os muçulmanos se reúnem para a oração, mas os cristãos são proibidos de orar individualmente.

2 - Para um trabalho de referência detalhado e acadêmico sobre esses assuntos, veja Bat Ye'or, *The Decline of Eastern Christianity under Islam: From Jihad to Dhimmitude: Seventh-Twentieth Century* (Cranberry, NJ: Associated Univ. Presses, 1996).

O programa supersessionista também pode ser observado no Monte do Templo em Jerusalém, onde os muçulmanos erigiram o Domo da Rocha e a Mesquita Al-Aqsa, e onde o waqf muçulmano procura apagar todas as evidências de uma presença judaica anterior. O supersessionismo islâmico é observado na destruição das antigas estátuas de Buda de Bamiyan, no Afeganistão, e de centenas de igrejas e mosteiros em todo o Oriente Médio, nos Bálcãs e agora mesmo em toda a Europa. Milhares de exemplos similares poderiam ser citados. A visão supersessionista de que o Islã é a religião final e verdadeira, divinamente ordenada para suplantear todas as outras, impulsionou o imperialismo islâmico nos últimos 1400 anos, e continuará a fazê-lo até o retorno de Cristo.

A BASE TEOLÓGICA DO SUPERSESSIONISMO ISLÂMICO

O fundamento teológico do supersessionismo islâmico começa tanto com o Alcorão quanto com o próprio Maomé, pois é no Alcorão que Maomé se declarou o “Selo dos Profetas” ou “o profeta final” (árabe: *Khātam an-Nabiyyin*) (Alcorão 33:40). O título “O Selo dos Profetas” é entendido como significando que Maomé é o último de uma longa linha de profetas escolhidos por Deus para transmitir a mensagem do Islã. Os muçulmanos concordam que Maomé recebeu a revelação final de Deus na forma do Alcorão, e que ela foi planejada para toda a humanidade, para sempre, e que nunca será substituída ou melhorada. A ideia de que o Alcorão é essencialmente o último e final “Testamento” também é inferida no verso 5:3 do Alcorão: “Neste dia eu aperfeiçoei sua religião para você, completei meu favor sobre você, e escolhi para você o Islã como sua religião”. Estes também foram supostamente os últimos versos revelados a Maomé antes de

sua morte em 632. Outras tradições sagradas islâmicas registram Maomé dizendo: “Verdadeiramente Alá me fez o Selo dos Profetas quando Adão ainda estava entre a água e o barro”,³ e: “Eu sou o último na linha dos Profetas de Alá e minha congregação é a última congregação”,⁴ e “Então eu vim e em mim a linhagem dos profetas terminou”.⁵ Tudo isso é visto como prova da supremacia do Islã sobre todas as outras religiões. Entre os estudiosos muçulmanos existe um consenso completo de que Maomé é o último dos profetas, que deu à humanidade uma lei nova, final e perfeita (sharia). De acordo com a cosmovisão muçulmana, o judaísmo e o cristianismo, incluindo suas Escrituras, foram corrompidos. O Islã é visto como a restauração da única religião verdadeira. Uma recente campanha muçulmana em toda a Austrália apresentava cartazes com o slogan declarando “Alcorão Sagrado: o testamento final”. Hoje, uma mentalidade supersessionista e supremacista permeia todos os aspectos da teologia islâmica e da identidade muçulmana. Os muçulmanos são ensinados que a sua é a religião final, superior a todas as outras, destinada a substituir todas as outras, subjugando e dominando o mundo inteiro. Além disso, eles são ensinados que os próprios muçulmanos substituirão todos os outros povos e que chegará o dia em que todos em toda a Terra dirão: “Ninguém tem o direito de ser adorado senão Alá”.⁶

3 - Ahmad in the “Musnad,” por Bayhaqi, em *Dala’il an-Nubuwwa*; e Ibn Kathir em seu livro *Mawlid Rasul Allah*.

4 - The Hadith collection of Sahih Abu-Muslim, Kitab-ul-Hajj; Bab: Fadl-us-Salat bi Masjidi Mecca wal Medina.

5 - The Hadith collection of Sahih Abu-Muslim, Kitab-ul-Fada’il, Bab-ul-Khatimin-Nabiyyin.

6 - The Hadith collection of Sahih al-Bukhari 8:387.

FIM DOS TEMPOS ISLÂMICO: O TRIUNFO DO ISLÃ

O supersessionismo islâmico é visto até mesmo nas tradições muçulmanas dos últimos dias. De acordo com a escatologia islâmica - o que o Islã ensina sobre o fim dos tempos - quando Jesus retorna, Ele volta como um muçulmano para julgar de acordo com a lei islâmica. Como a tradição diz, Jesus retornará e irá especificamente quebrar cruzes e encorajar os outros a fazer o mesmo, para indicar sua desaprovação a esse símbolo do erro cristão. De acordo com o Alcorão, os cristãos acreditam erroneamente que Jesus morreu na cruz. Diz-se também que Jesus abolirá o imposto jizyah, o que significa que a opção dos cristãos que vivem sob a lei islâmica de pagar uma “taxa de proteção” e viver como “dhimmis”, ou povos submissos, não será mais possível. Em outras palavras, de acordo com a tradição islâmica, Jesus voltará para abolir o cristianismo.

O HADITH DA ÁRVORE GHARQAD

Ainda pior do que a perspectiva do Islã em relação ao retorno de Jesus, no entanto, é o infame hadith da árvore gharqad, que prevê um holocausto final dos últimos dias realizado pelos muçulmanos contra o povo judeu na terra de Israel: “O Dia do Julgamento não virá antes que os muçulmanos lutem contra os judeus, e os judeus se escondam atrás das rochas e das árvores, mas as rochas e as árvores dirão: Oh, muçulmano, oh, servo de Alá, há um judeu atrás de mim, venha matá-lo - exceto a árvore gharqad, que é uma das árvores dos judeus”.⁷

7 - Sahih Muslim, livro 41, nº 6985.

Consequentemente, esse hadith é a peça central da carta oficial do Hamas, até mesmo guiando o movimento. Essa visão, a saber, que o destino divino dos muçulmanos é destruir o povo judeu e o Estado de Israel, é um tema que tem sido repetido entre os políticos palestinos e líderes religiosos mil vezes. Em maio de 2011, o parlamentar do Hamas e clérigo Yunis Al Astal, na Al-Aqsa TV, declarou:

Os judeus são levados em massa à Palestina para que os palestinos - e as nações islâmicas unificadas - tenham a honra de aniquilar o mal dessa gangue... Em apenas alguns anos, todos os sionistas e colonos perceberão que sua chegada à Palestina ocorreu com o propósito do grande massacre... Quando a Palestina for libertada e seu povo retornar a ela, e toda a região, com a graça de Alá, se transformar nos Estados Unidos do Islã, a terra da Palestina se tornará a capital do Califado Islâmico.⁸

Por isso, a narrativa muçulmana do tempo do fim não só prevê a volta de Jesus como um profeta muçulmano para abolir o cristianismo, mas também prevê que os muçulmanos executem um genocídio final contra o povo judeu. Dentro da narrativa islâmica do fim dos tempos, os últimos dias marcam o tempo em que o supersessionismo islâmico será mais plenamente implementado, mais vitorioso do que em qualquer outro momento da história. É desnecessário dizer que não devemos encarar essa visão com ligeireza, já que essa é precisamente a missão que a Bíblia diz que o Anticristo e seus seguidores buscarão realizar.

8 - Yunis Al Astal na Al-Aqsa TV, em 11 de maio de 2011.

CONCLUSÃO

Nada disso deveria ser surpreendente. Afinal de contas, quando se recua e olha para o quadro geral, na verdade foi o próprio Satanás o primeiro e supremo supersessionista, desejando suplantear até o próprio Deus: “Mas você disse em seu coração: ‘Eu subirei ao céu; Eu elevarei meu trono acima das estrelas de Deus [...]. Subirei acima das alturas das nuvens; Farei a mim mesmo como o Altíssimo” (Isaías 14:13-14).

O NOVO ANTISSEMITISMO CRISTÃO

N o século XX, dois eventos transformaram profundamente a expressão cristã de ideias e ações antijudaicas. O primeiro evento, é claro, foi o Holocausto - o assassinato sistemático de dois terços da população total de judeus europeus. O segundo evento foi o renascimento do Estado de Israel em 1948. Ambos os eventos alteraram para sempre a forma como a crença supersessionista cristã é expressa. Como já vimos, ao longo da história da Igreja, numerosos líderes e teólogos cristãos afirmaram com segurança que a nação de Israel e o templo judaico seriam para sempre coisas do passado. Nas palavras de Orígenes: “Podemos assim afirmar com total confiança que os judeus não retornarão à sua situação anterior, pois cometeram o mais abominável dos crimes, ao formarem essa conspiração contra o Salvador da raça humana”.¹ Da perspectiva dos supersessionistas, após o ano 70 d.C., estava tudo acabado; o Próprio Deus dissolveu para sempre aquela nação e destruiu o Templo Judaico,

1 - Orígenes, citado em Leon Poliakov, *The History of Anti-Semitism* (New York: Schocken, 1965), 23.

expulsando os judeus para um estado de perpétuo exílio. Em tudo isso, nos foi dito, o próprio Deus estava enviando a mensagem de que a Igreja Cristã é o novo Templo, e a terra prometida é algo muito maior do que um pequeno pedaço de terra no Oriente Médio. Tal foi o testemunho dos teólogos supersessionistas cristãos por dezoito séculos.

Mas então, como se da noite pro dia, tudo isso mudou. O Estado de Israel - contra todas as probabilidades, um milagre de milagres - foi restaurado. Isso foi ao mesmo tempo um profundo embaraço e um tremendo desafio para aqueles que afirmavam que Deus havia decretado que isso nunca aconteceria. Se o supersessionismo é verdadeiro, então o renascimento do Estado de Israel só poderia ter ocorrido por uma espécie de acaso, essencialmente fora da vontade soberana de Deus. A Israel de hoje, dizem eles, é essencialmente uma aberração, uma coincidência, não tendo relevância para a profecia bíblica ou as promessas de Deus. Ao longo da história, no sofrimento dos judeus, os supersessionistas afirmavam que eles estavam sendo punidos, acreditando que os judeus de seus dias estavam experimentando a justa punição pelos pecados dos antepassados. Com o povo judeu agora bem-sucedido - triunfante, até - em sua própria nação, de repente a teologia da associação foi revertida. Não há mais um esforço para conectar os judeus de hoje aos judeus dos dias de Jesus. Afinal, como Deus poderia abençoar os culpados de matar Seu filho? O Israel de hoje não é o Israel dos tempos bíblicos, eles declaram inflexivelmente. Mas por que a súbita mudança de tom? Para ser franco, hoje há uma profunda necessidade teológica, e até psicológica, dentro dos supersessionistas de lutar contra a legitimidade de Israel e sua própria existência. Pode-se ouvir, nos comentários de N.T. Wright, o medo psicológico entre os supersessionistas que surge com a mera possibilidade de que o atual Estado de

Israel seja realmente o cumprimento dos planos soberanos de Deus: “Sugerir, portanto, que como cristãos devemos apoiar o estado de Israel, porque é o cumprimento da profecia, é, de uma maneira bastante radical, cortar o galho em que estamos assentados”.² *Precisamente*. Para Wright, o apoio a Israel equivale a admitir que o supersessionismo como um sistema teológico está errado. Apoiar Israel é afirmar que a mão de Deus o está estabelecendo, e enfraquecer o supersessionismo em que Wright se apoia. O problema, no entanto, é que, como vimos, o galho em si está cheio de cupins e podridão e cairá por conta própria em breve. É precisamente por isso que é melhor sair do galho enquanto ainda há tempo, e colocar firmemente os pés nas imutáveis promessas de Deus.

Por outro lado, os cristãos modernos depois do Holocausto também enfrentam agora a realidade gritante de que mil e oitocentos anos de supersessionismo cristão e o consequente ódio aos judeus culminaram no horror indescritível das mortes de seis milhões de judeus. Devido aos horrores do Holocausto, os supersessionistas cristãos hoje tendem a ser muito mais cautelosos e diplomáticos em como expressam sua teologia da rejeição judaica, raramente expressando-a da maneira abertamente racista e odiosa de muitos de seus antecessores teológicos. Mas isso não significa que o supersessionismo não esteja sobrevivendo. A comentarista social e política britânica, Melanie Phillips, captou com muita precisão a presente realidade: “Depois de Auschwitz, essa teologia viciosa, sem surpresa, desapareceu de vista. Mas acontece que ela só foi para a

2 - Tom Wright, “Epilogue: The Holy Land Today” (publicado originalmente em *The Way of the Lord: Christian Pilgrimage in the Holy Land and Beyond* [Grand Rapids: Eerdmans; London: SPCK, 1999], 119-30), http://ntwrightpage.com/Wright_Holy_Land_Today.htm.

clandestinidade”.³ Então, por um lado, com o Estado de Israel sendo um sucesso, há uma necessidade muito maior, uma motivação interna, de empurrar a teologia da rejeição judaica, mas por outro lado, isso deve ser feito de uma maneira muito mais politicamente correta, em termos menos abertamente raciais. Entendendo então as tensões que os supersessionistas enfrentam agora, podemos entender por que o termo *antissionismo* tornou-se tão conveniente e útil. Hoje, o ativismo supersessionista é quase sempre expresso por trás da folha de figueira de um ativismo político “antissionista”. Enquanto a verdadeira motivação subjacente do supersessionismo é provar ao mundo (e talvez ainda mais aos próprios supersessionistas) que Deus rompeu com os judeus e que eles não têm absolutamente nenhuma *aliança divina* de direito à terra, a principal maneira pela qual eles se empenham nesta guerra é argumentando que os judeus não têm *direito legal, moral ou político à terra*. Hoje em dia não é incomum encontrar jovens evangélicos que repetem a propaganda da “narrativa palestina” ou apoiam vários movimentos que tentam minar o Estado de Israel, tanto por meios violentos como não violentos. Em um mundo onde a intolerância cristã em relação ao povo judeu é inaceitável, os muçulmanos radicais se tornaram a perfeita procuração cristã. Em uma época em que o livre fluxo de informações é uma realidade onipresente, proclamar a ideia de que Deus deserdou os judeus, ou que o Estado de Israel se opõe à vontade de Deus, habilita indiscutivelmente aqueles que odeiam ou desejam matar judeus. Não se pode duvidar que a combinação de teologia cristã supersessionista com o anti-israelismo político

3 - Melanie Phillips, “‘Jesus Was a Palestinian’: The Return of Christian Anti-Semitism,” revista *Commentary*, 1º de julho de 2014, <http://www.commentarymagazine.com/article/jesus-was-a-palestinian-the-return-of-christian-anti-semitism/>.

de hoje serve absolutamente para fortalecer o ativo e violento ódio aos judeus do Islã radical e dos grupos de neonazistas, cujo número está aumentando rapidamente.

INDO EM DIREÇÃO AO SUPERSESSIONISMO

Hoje, o fato triste é que o ativismo anti-Israel e até mesmo o ódio total a Israel está ganhando uma posição sólida em algumas das maiores denominações evangélicas tradicionais e também está se tornando muito popular entre uma gama mais ampla de jovens evangélicos. O que antes era de competência exclusiva dos ativistas esquerdistas agora está se tornando bastante popular entre muitos evangélicos conservadores. Em um artigo para o *Middle East Quarterly*, o autor David Brog, diretor executivo do *Christians United for Israel*, falou sobre o anti-israelismo se espalhando rapidamente entre os *millennials* evangélicos: “os dias de considerar o apoio evangélico a Israel como garantido acabaram. À medida que são cada vez mais confrontados com uma narrativa anti-Israel, amigável aos evangélicos, mais e mais desses cristãos estão se voltando contra o Estado judeu [...]. O questionamento do apoio cristão ao Estado judaico está se tornando rapidamente uma maneira fundamental dos *millennials* demonstrarem compaixão cristã e boa fé”.⁴

O que é muito triste é que muitos jovens evangélicos hoje rejeitam o sionismo não tanto por terem pesquisado o assunto de ambos os lados e se sentirem compelidos por suas consciências a se oporem a Israel, ou porque pesquisaram as Escrituras

4 - David Brog, “The End of Evangelical Support for Israel?” *Middle East Quarterly*, primavera de 2014, <http://www.meforum.org/3769/israel-e-evangelical-support>; grifo adicionado.

e concluíram que a aliança abraâmica não tem mais relevância alguma na questão, mas muitas vezes simplesmente por causa dos estereótipos que associam ao sionismo e aos sionistas. Os supersessionistas têm feito um excelente trabalho ao pintar seus correspondentes restauracionistas como sendo pessoas toscas sem instrução, fundamentalistas, crassas, sem compaixão e hiper-literalistas, incapazes de reconhecer os significados mais sutis das Escrituras ou as complexidades do conflito no Oriente Médio. Enquanto esperamos que, dentro da Igreja, as ideias ou doutrinas se levantem ou caiam com base unicamente em seu alinhamento com as Escrituras, infelizmente, a percepção do que é moderno e do que não é sempre terá um maior domínio entre os jovens.

O resultado é que hoje, em alguns círculos da cultura evangélica, está na moda a adoção da narrativa palestina, que pinta Israel com uma caricatura extremamente grotesca, essencialmente como uma nação ilegal, que pratica o *apartheid*, e que existe apenas para atropelar as pobres e oprimidas vítimas palestinas. É claro que, ao engolir o anzol e a linha da narrativa, eles inadvertidamente se permitiram ser peões em uma guerra de propaganda ricamente financiada por grupos de ódio islâmico. A triste ironia é que, acreditando estar defendendo as causas da compaixão e da justiça, muitos cristãos colocaram suas canoas em um rio de ódio que a Bíblia diz que acabará inundando a nação de Israel, levando a mais uma catástrofe sem paralelos. Discutiremos essa questão com muito mais detalhes à medida que avançamos.

O rei Salomão disse certa vez: “O que tem sido é o que será, e o que foi feito é o que será feito. Não há nada novo debaixo do sol” (Eclesiastes 1:9). Mesmo que grande parte da Igreja Cristã ao longo da história tenha se encontrado atuando como um instrumento do ódio satânico aos judeus, parece

que essa trágica ironia será repetida na hora final da história. É claro que, embora oremos para que isso não aconteça, a atual tendência de alguns evangélicos de adotar uma postura tão dura contra Israel não é um bom presságio para esse segmento da igreja emergente. Vamos discutir brevemente alguns dos principais atores do crescente movimento anti-Israel.

A IGREJA METODISTA UNIDA DA GRÃ-BRETANHA

Para a tristeza de numerosos líderes e organizações judaicas, a Igreja Metodista do Reino Unido, em sua conferência anual de 2010, deixou bem claro que eles são inimigos do Estado de Israel. Na conferência, foi feita uma votação que, primeiro, aprovou o boicote aos bens e serviços judaicos produzidos na Judeia e Samaria, e segundo, endossou um documento audaciosamente antissemita, conhecido como o *documento Kairós Palestina*.

O boicote aprovado pela Igreja Metodista da Grã Bretanha representa a primeira vez que esta igreja boicotou qualquer país. E esse país foi Israel - sozinho. O boicote despertou a lembrança do boicote de Hitler a empresas de propriedade de judeus na Alemanha, que começou em 1933, bem como o boicote árabe muçulmano a todos os produtos israelenses, de 1922 até os dias atuais. Seis anos após o boicote inicial, Hitler declarou seus propósitos últimos: “Hoje, mais uma vez, serei um profeta: se os financistas judeus internacionais, dentro e fora da Europa, mergulharem as nações novamente em uma guerra mundial, então o resultado será... a aniquilação da raça judaica na Europa!”⁵

5 - “Protocol of Conference on the final solution (Endlösung) of the Jewish question.” House of the Wannsee Conference. [http://www.ghwk.de/fileadmin/user_upload/pdf-wannsee/texte/ protocol.pdf](http://www.ghwk.de/fileadmin/user_upload/pdf-wannsee/texte/protocol.pdf).

O Kairós Palestina afirma: “neste documento histórico, nós, cristãos palestinos, declaramos que a ocupação militar de nossa terra é um pecado contra Deus e a humanidade, e que qualquer teologia que legitime a ocupação está longe de ser um ensinamento cristão”.⁶ Aqui está a minha pergunta: Quando os cristãos endossam um documento que se refere à presença judaica da Judeia e Samaria como “um pecado contra Deus e a humanidade”, isso encorajará a violência entre os elementos radicais da sociedade palestina ou a desencorajará? Não é de surpreender que, em nenhum lugar, o documento condene ou exija o fim do terrorismo, mas em vez disso o endossa, referindo-se a atos terroristas descarados em termos positivos e brilhantes. De acordo com o documento Kairós Palestina, o povo palestino só havia “se envolvido em lutas pacíficas, especialmente durante a primeira Intifada”. O documento é verdadeiramente um escárnio da verdade, justificando a resistência palestina ao Estado de Israel como legítima defesa. Essa era a lógica, é claro, de Adolf Hitler, que escreveu em seu livro *Mein Kampf* (*Minha Luta*): “Portanto, hoje creio que estou agindo de acordo com a vontade do Todo-Poderoso Criador: *defendendo-me contra os judeus, estou lutando pela obra do Senhor*”.⁷

Ironicamente, o documento Kairós Palestina condena as crenças de John e Charles Wesley, os pais espirituais da Igreja Metodista, que ardentemente acreditavam na defesa por parte das Escrituras da restauração do povo judeu à sua antiga terra. Infelizmente, a Igreja Metodista Unida da Grã-Bretanha não

6 - *A moment of truth: A word of faith, hope, and love from the heart of Palestinian suffering* (2009), <http://www.kairos-palestine.ps/sites/default/Documents/English.pdf>, 3.

7 - “Adolf Hitler: Excerpts from *Mein Kampf*, Jewish Virtual Library, acessado em 18 de julho de 2014, <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/kampf.html>.

é a única denominação cristã histórica que está abandonando o testemunho bíblico e abraçando a teologia do rejeicionismo.

A IGREJA PRESBITERIANA (EUA)

Durante a última década, a Igreja Presbiteriana (EUA), ou PC (EUA) - que não deve ser confundida com a Igreja Presbiteriana na América (PCA) - também assumiu cada vez mais uma dura posição anti-Israel.

Em 2012, na sua Assembleia Geral anual, foi votada, mas derrotada por pouco, uma moção para apoiar a campanha “Boicote, Desinvestimento e Sanções” contra Israel. O objetivo deste movimento, como discutiremos em breve, é travar uma guerra econômica e ideológica contra o Estado de Israel. Embora a moção tenha sido derrotada, a votação expôs a minoria crescente de extremistas dentro da PC (EUA).

Em 2013, outro evento expôs o nível da crescente animosidade em relação à comunidade judaica, dentro da denominação. Esta é a história do reverendo Albert Butzer, um pastor presbiteriano que foi forçado a renunciar ao cargo de moderador do Comitê de Questões do Oriente Médio na Assembleia Geral anual da denominação. Sua grande ofensa foi viajar para Israel em duas viagens patrocinadas por um grupo judeu que se opunha a um grupo palestino. Embora Butzer também tivesse excursionado pela terra com grupos pró-palestinos, e até mesmo simpatizasse com sua causa, o simples fato de ter sido exposto à alternativa da narrativa judaica fez dele uma *persona non grata* e levou à sua renúncia forçada de qualquer envolvimento com a discussão.

Mas o ataque mais ostensivo da PC (EUA) contra o Estado de Israel ocorreu em fevereiro de 2014, quando a Rede Missionária Presbiteriana Israel Palestina (IPMN) lançou um

livreto ilustrado de setenta e quatro páginas acompanhado de um DVD intitulado *Sionismo Instável: Um Guia de Estudo Congregacional*. De acordo com Jonathan S. Tobin, editor sênior on-line da revista *Commentary*, o livreto é um ataque completo contra o próprio conceito de sionismo e procura comparar o sionismo ao antissemitismo cristão que levou ao Holocausto e outras atrocidades históricas. Sua finalidade é classificar Israel como uma entidade ilegítima e tratar seus partidários judeus americanos como tendo se desviado dos valores de sua religião... Não é nada menos que uma declaração de guerra contra Israel e os judeus americanos... No *Sionismo Instável*, os judeus não têm direito a Israel e não têm o direito de se defender. Por outro lado, racionaliza e até justifica a violência contra Israel.⁸

Finalmente, em junho de 2014, a PC (EUA) aprovou uma resolução para boicotar vários estabelecimentos que fazem negócios com Israel. À luz das outras posições profundamente liberais que esta denominação tomou nos últimos anos em relação ao aborto e ao casamento homossexual, isso não é uma grande surpresa, mas, sem dúvida, terá um impacto profundo sobre os 2,4 milhões de fiéis dessa denominação outrora vigorosa.

A IGREJA UNIDA DE CRISTO

Em junho de 2014, a Igreja Unida de Cristo, outra denominação cristã respeitada, divulgou um relatório pedindo o boicote de bens produzidos em assentamentos israelenses, incluindo o leste de Jerusalém, intitulado “Relatório do Grupo de Traba-

8 - Jonathan S. Tobin, “Presbyterians Declare War on the Jews,” revista *Commentary*, 11 de fevereiro de 2014, <http://www.commentarymagazine.com/2014/02/11/presbyterian-church-usa-declare-war-on-the-jews-israel/>.

lho sobre Política Israel/Palestina”. A ironia é que isso aconteceu em um momento da história em que os abusos dos direitos humanos em nações como o Sudão incluíam encarcerar uma mulher cristã grávida em uma cela e fazê-la dar à luz no chão enquanto aguardava uma sentença de morte por se converter ao cristianismo. Mas não houve pedidos de boicote contra o Sudão. Apenas Israel. Somente Israel, entre todas as nações do mundo, foi escolhida para um boicote. O relatório rotula a doutrina do restauracionismo como “uma falsa doutrina” e descreve o apoio cristão a Israel como uma forma moderna de apostasia e rejeição a Deus.

A Igreja Unida de Cristo é a maior denominação em todo o Canadá. Entre as congregações notáveis dentro da denominação está a Trinity United Church of Christ, em Chicago, onde o presidente Barack Obama cultuou por mais de vinte anos e onde ele e seus filhos foram batizados.

A IGREJA DA ESCÓCIA

Outra igreja que já foi uma luz brilhante da verdade, mas que agora se permitiu tornar-se um paraíso para a propaganda antijudaica, é a Igreja da Escócia. Em maio de 2013, a igreja lançou “A Herança de Abraão? Um relatório sobre a ‘Terra Prometida’”. Esse documento é uma combinação do supersessionismo teológico cristão típico com uma dura denúncia do Estado de Israel.

Do lado teológico, o relatório ironicamente nega que exista algo como “a Terra Prometida”, e é por isso que “Terra Prometida” é mencionada entre aspas no título do relatório. Para a grande surpresa de Abraão, sem dúvida, o relatório faz a ridícula afirmação de que as “promessas sobre a terra de Israel nunca foram destinadas a serem tomadas literalmente, ou como aplicáveis a

um território geográfico definido”. O documento continua dizendo que “a ‘terra prometida’ na Bíblia não é um lugar, mas sim uma metáfora de como as coisas deveriam estar entre o povo de Deus. Essa ‘terra prometida’ pode ser encontrada - ou construída - em qualquer lugar”.⁹ Por favor, pare e considere o que está sendo dito aqui. O próprio Deus fez um voto até a morte para dar aos descendentes de Abraão a terra que Ele especificou. Ele repetiu sua promessa centenas de vezes em muitos termos literais. E, no entanto, somos informados pela Igreja da Escócia que essas promessas eram meras metáforas para qualquer pedaço de terra em qualquer lugar. Alguém pode se perguntar quanto tempo levará até que nos seja dito que o próprio Deus é meramente uma metáfora, e que não deve ser encarado literalmente. O relatório é verdadeiramente um ato de vandalismo teológico - fazendo uma completa zombaria da Bíblia como um documento coerente. Com relação a tais alegações, o colunista judeu americano Dennis Prager faz essa observação muito precisa: “Seria como se um importante corpo religioso pós-cristão tivesse anunciado que ‘Jesus’, ‘Cristo’, ‘crucificação’ e ‘ressurreição’ nunca significaram o que os cristãos e o Novo Testamento sempre entenderam que significavam. Imagine se um importante corpo muçulmano declarasse que Jesus significa Maomé; Cristo significa Alcorão; crucificação significa Islamofobia; e ressurreição significa o Hajj”.¹⁰

O relatório então passa a classificar Israel como um estado militar injusto, opressivo e racista, que não pode ser apoiado

9 - The Church of Scotland, Church and Society Council, “The inheritance of Abraham? A report on the ‘promised land,’” Maio de 2013, http://www.israelpalestinemissionnetwork.org/main/ipmndocuments/Inheritance_of_Abraham_.pdf, 8.

10 - Dennis Prager, “The Church of Scotland’s scandal,” *Jerusalem Connection Report*, 14 de maio de 2013, <http://www.thejerusalemconnection.us/blog/2013/05/14/the-church-of-scotlands-scandal.html>.

pelos cristãos. Apesar de fazer inúmeras acusações específicas contra Israel, e embora apenas condenando vagamente toda a violência, não importa quem a realize, ele nunca se refere a um único ato de agressão militarista, racismo ou ódio palestino. Nem uma vez. Todo o documento é uma diatribe completamente anti-Israel do pior tipo.

Depois de uma tremenda quantidade de críticas internacionais, a Igreja da Escócia revisou o documento para incluir uma referência ao fato de que Israel tem o direito de existir. Pare e pense sobre isso. Nós agora vivemos em um mundo onde um grupo cristão precisava ser pressionado para simplesmente reconhecer que uma nação tem o direito de existir. Que outra nação do mundo é questionada se tem ou não o direito de existir? Apenas Israel. Em resumo, estou completamente de acordo com as conclusões de Dennis Prager:

O relatório da Igreja da Escócia não é sobre críticas a Israel; é sobre invalidar o povo judeu e invalidar as reivindicações historicamente incontestáveis dos judeus sobre a terra... A Igreja da Escócia deu voz à mais feia representação dos judeus desde os tempos medievais... O relatório é uma combinação do antijudaísmo cristão medieval e do antissionismo esquerdista contemporâneo. Para os judeus e Israel, essa é uma combinação letal.¹¹

BOICOTES, DESINVESTIMENTO, SANÇÕES

Em 1933, Adolf Hitler e o Partido Nazista boicotaram oficialmente os negócios judaicos. Esse foi apenas o começo de uma década da pior forma de ódio aos judeus da história do mundo.

11 - Ibid.

Hoje, um novo movimento para boicotar o estado judeu está agora a caminho. A campanha para boicotar Israel é chamada de *Boicotes, Desinvestimento e Sanções*, ou BDS. A BDS é uma campanha global que usa pressão econômica e política para minar fundamentalmente a segurança, a legitimidade e o futuro de Israel. A organização, embora fundada por palestinos, é muito ativa em campi universitários em todo o mundo. Neste movimento, nós também encontramos uma conexão direta entre organizações esquerdistas comprometidas, grupos islâmicos radicais violentos, e o cristianismo tradicional. As'ad AbuKhalil é um professor de ciências políticas libanês-americano da Universidade Estadual da Califórnia-Stanislaus. Ele também é um apoiador da BDS. De acordo com Khalil, “o verdadeiro objetivo da BDS é derrubar o estado de Israel [...]. Isso deve ser estabelecido como um objetivo inequívoco. Não deve haver qualquer dúvida sobre o assunto. Justiça e liberdade para os palestinos são incompatíveis com a existência do estado de Israel”.¹²

Ahmed Moor, outro defensor e ativista da BDS nos Estados Unidos, contribuiu extensivamente para o *The Guardian*, o *Huffington Post*, o *Daily Beast*, o *Mondoweiss*, a *Electronic Intifada* e a *Al Jazeera*. Segundo Moor, “a BDS não é mais um passo no caminho para o confronto final; BDS é o Confronto Final [...]. Acabar com a ocupação não significa nada, se não significar subverter o próprio estado judeu.”¹³

Embora poucos fieis ou participantes da Igreja Presbiteriana (EUA), da Igreja Unida de Cristo, ou da Igreja Metodista

12 - As'ad AbuKhalil, “A Critique of Norman Finkelstein on BDS,” *Al-Akhbar English* (blog), 17 de fevereiro de 2012, <http://english.al-akhbar.com/blogs/angry-corner/critique-norman-finkelstein-bds>.

13 - Ahmed Moor, “BDS is a long term project with radically transformative potential,” *Mondoweiss* (blog), 22 de abril de 2010, <http://mondoweiss.net/2010/04/bds-is-a-long-term-project-with-radically-transformative-potential.html>.

Unida da Grã-Bretanha se identifiquem hoje com todos os sentimentos vis do grupo radical islâmico Hamas, a posição anti-Israel de todas elas está fazendo com que a lacuna entre a Igreja e as organizações terroristas diminua rapidamente. Muitos acreditam que a BDS seja simplesmente um movimento de base, cujo objetivo é pressionar Israel a concordar com a existência de um Estado palestino. No entanto, isso é uma deturpação completa do que o movimento realmente é. Enquanto muitos dos cristãos que aderiram ao movimento BDS frequentemente acreditam que estão apoiando um movimento universitário de base que defende a igualdade, a justiça e os valores cristãos gerais, eles estão de fato apoiando um movimento radical e violento que finalmente busca o extermínio da raça judaica. O movimento BDS na Europa e nos Estados Unidos é predominantemente impulsionado e diretamente ligado a organizações terroristas islâmicas radicais, como o Hamas. Tanto o Hamas quanto a Irmandade Muçulmana, na maioria das vezes através da Associação de Estudantes Muçulmanos, que o FBI vinculou diretamente à Irmandade Muçulmana, fornecem os principais ativistas, agentes e diretores para a BDS internacional e para atividades políticas anti-Israel em vários campi universitários nos Estados Unidos e na Europa. Outros grupos pró-palestinos associados ao movimento BDS, como os Muçulmanos Americanos pela Palestina ou os Estudantes pela Justiça na Palestina, foram documentados canalizando centenas de milhares de dólares para o Hamas.¹⁴

Em 2014, durante a Israel Apartheid Week, grupos BDS nos campi dos EUA foram registrados cantando: “Do rio para o mar, a Palestina será livre.” Uma das principais figuras

14 - Dan Diker, “The world from here: Hamas and BDS,” *Jerusalem Post*, 4 de março de 2014.

do movimento BDS é Azzam Tamimi, um professor de pensamento político e um líder da Campanha da Solidariedade Palestina em Londres. Em um protesto em frente à embaixada israelense em Londres, falando do Estado de Israel e do povo judeu, Tamimi disse: “Qualquer pessoa no mundo, com fé ou sem fé, deve se unir para erradicar esse câncer do corpo da humanidade”.¹⁵ Em uma entrevista à BBC, Tamimi afirmou que, se ele fosse capaz, iria realizar um atentado suicida em Israel, afirmando em termos claros: “Veja, me sacrificar pela Palestina é uma causa nobre. É o caminho certo para agradar meu deus e eu faria se tivesse a oportunidade”.¹⁶

Lembre-se, esta é a causa que os cristãos confessos estão apoiando agora. Não nos surpreendemos, portanto, ao constatar que, na literatura divulgada tanto pela Igreja Presbiteriana (EUA) quanto pela Igreja Metodista Unida da Grã-Bretanha, sua linguagem de acusação de Israel é virtualmente idêntica à linguagem de *incitação* do Hamas.

O ativismo anti-Israel da BDS em numerosas faculdades e campus universitários tem, em muitos casos, criado uma atmosfera de tão forte pressão e intimidação que muitos estudantes judeus agora começam a expressar que não se sentem seguros. Em março e abril de 2014, estudantes judeus da Northeastern University e da New York University receberam avisos simulados de despejo, que foram colocados sob as portas de seus dormitórios. De acordo com Brett Cohen, diretor do programa nacional de campus do grupo pró-Israel *StandWithUs*, “o assédio total e a intimida-

15 - The Investigative Project on Terrorism, “Hamas Supporter Speaking on London Campus,” *For the Record* (blog), 24 de fevereiro de 2012, <http://www.investigativeproject.org/3462/hamas-supporter-speaking-on-london-campus>.

16 - Ibid.

ção de estudantes pró-Israel é comum onde quer que a BDS mostre sua cabeça odiosa”. Cohen listou atos intimidadores, como os estudantes pró-BDS “gritando violentamente contra os oponentes e postando imagens de propaganda antissemita neonazista em seus perfis nas mídias sociais”, bem como “uma tomada hostil da agenda do Governo Estudantil [com] apoiadores da BDS gritando insultos racistas contra líderes estudantis”.¹⁷

BEN WHITE

Um dos mais ativos e sinceros ativistas anti-Israel é Ben White. White é graduado em Oxford, antigo blogueiro anti-Israel e palestrante muito procurado dentro do circuito de palestras anti-Israel. Em um artigo para o jornal político online *CounterPunch*, White disse: “Eu não me considero um antissemita, mas também posso entender por que alguns são. Existem, de fato, numerosas razões”.¹⁸ Lembre-se, um antissemita é simplesmente alguém que odeia os judeus. White expressa plena simpatia por aqueles que odeiam os judeus. É importante notar que ele não estava defendendo especificamente o antissionismo, mas o antissemitismo. Em outras palavras, o ódio com o qual ele simpatiza não é contra Israel como um estado, mas contra os judeus como um povo. White prossegue listando numerosas razões pelas quais se sente legitimador desse ódio.

17 - Paul Miller, “Jewish Depaul Student: ‘I no longer felt safe on this campus,’” *Breitbart*, 23 de maio de 2014, <http://www.breitbart.com/Big-Peace/2014/05/23/Jewish-DePaul-Student-I-No-Longer-Felt-Safe-on-This-Campus>.

18 - Ben White, “Is It Possible to Understand the Rise in Anti-Semitism?” *CounterPunch*, 18 de junho de 2002, <http://www.counterpunch.org/2002/06/18/is-it-possible-to-understand-the-rise-in-anti-semitism/>.

Esse é um excelente exemplo do que quero dizer quando falo que o ódio cristão dos judeus nos dias de hoje serve como suporte para o ódio vulcânico de muçulmanos radicais ou grupos neonazistas. Esse tipo de linguagem, de alguma forma, lembra vagamente o coração de Deus? Eu pessoalmente ainda não vi um desses modernos ativistas anti-Israel expressar amor pelo povo judeu.

STEPHEN SIZER

Outro dos ativistas anti-Israel mais inflamados é Stephen Sizer, um vigário anglicano. Sizer é um exemplo perfeito do novo antisemita. Em 2005 ele publicou o livro *Sionismo Cristão: Roteiro para o Armagedom?*, e em 2008, uma versão simplificada intitulada *Soldados Cristãos de Sião? A Bíblia, Israel e a Igreja*. Em ambos os livros, Sizer argumenta que aqueles cristãos que não são supersessionistas estão, por simplesmente apoiar Israel, fomentando o ódio, o racismo e a injustiça e são responsáveis por criar uma atmosfera propícia à guerra, talvez até de um nível apocalíptico. Sizer é bem recebido não só dentro daquelas igrejas que abraçam a narrativa anti-Israel, mas também dentro dos círculos seculares e muçulmanos anti-Israel. Embora geralmente de fala mansa, Sizer é um bombardeiro ideológico da pior espécie, frequentemente deixando escapar declarações bastante incendiárias a respeito de Israel e de qualquer segmento da Igreja que o apoie. Nesse sentido, embora muito menos espirituoso, Sizer tornou-se essencialmente a Ann Coulter do movimento anti-Israel. Em agosto de 2013, por exemplo, sentado diante de uma igreja lotada, ele fez a seguinte declaração: “Certamente, existem igrejas em Israel e na Palestina que estão do lado da ocupação, daquele lado do sionismo. Um dos meus fardos

é desafiá-las teologicamente e mostrar que elas repudiam Jesus, repudiam a Bíblia e são uma abominação”.¹⁹

Com este comentário, Sizer definiu toda a comunidade judaica messiânica em Israel, bem como a grande população árabe israelita evangélica, como sendo “uma abominação” que “repudiou Jesus”. Tudo isso foi dito com um sorriso muito grande e satisfeito em sua cara, tirando risos de muitos dentro de sua audiência. Estranhamente, Sizer mais tarde se desculpou por suas palavras, mas mais tarde ainda, retirou seu pedido de desculpas, expressando que estava totalmente confortável com suas palavras. Em outra ocasião, Sizer também se referiu a todos os crentes cristãos ou messiânicos que apoiam Israel como “hereges”.²⁰ Em outra ocasião, Sizer novamente procurou condenar todo o apoio cristão a Israel, twittando que “o sionismo cristão prostitui a Bíblia. É um oxímoro”.²¹ A Igreja perspicaz irá questionar qual é o espírito que está realmente levando Sizer a fazer tais condenações e acusações exageradas a seus companheiros cristãos e a recorrer a essa linguagem inflamada, divisiva e odiosa?

No entanto, o supersessionismo de Sizer levou-o a usar muito mais do que apenas uma retórica inflamada. Ele também o levou a atividades profundamente anti-Israel. Em 2012, Sizer viajou para Bagdá para a “Conferência Internacional de

19 - Stephen Sizer, question-and-answer session, Rivercourt Methodist Church, King Street, London, 6 de outubro de 2011, citado em Ron Cantor, “Sizer Reaffirms: Messianic Jews in Israel an Abomination,” *Charisma News*, 13 de março de 2014, <http://www.charismanews.com/opinion/43110-sizer-reaffirms-messianic-jews-in-israel-an-abomination>.

20 - Stephen Sizer, “Christian Zionism: The New Heresy that Undermines Middle East Peace,” *Middle East Monitor*, 1º de agosto de 2013, <https://www.middleeastmonitor.com/articles/guest-writers/6743-christian-zionism-the-new-heresy-that-undermines-middle-east-peace>.

21 - 9 de março de 2014, <https://twitter.com/stephensizer/status/442722828044210176>.

Solidariedade aos Prisioneiros e Detidos Palestinos e Árabes nas Prisões da Ocupação Israelense”. Como representante de Cristo, Sizer fez a paz e buscou a reconciliação entre árabes e judeus? Pelo contrário. Em vez disso, ele ficou diante de um corpo predominantemente árabe para fazer uma apresentação estendida e gráfica sobre a tortura de crianças palestinas por Israel. Isso não é exagero. Embora Sizer tenha parado de acusar os judeus de drenar o sangue palestino para fazer pão ázimo, pode-se ver nisso um profundo eco do mito histórico do libelo de sangue usado pelos histéricos detratores de judeus do passado para incitar as massas contra o povo judeu, muitas vezes levando a massacres. Perguntemo-nos honestamente: o mundo muçulmano precisa de mais encorajamento para odiar o povo judeu e o Estado de Israel? Por que os antissionistas, como Sizer, acham necessário derramar deliberadamente o combustível no fogo do ódio muçulmano que já está queimando muito bem sozinho? Quando observamos esse tipo de coisa, devemos perguntar, qual é o objetivo real, qual é a meta final? E que espírito os está dirigindo e ao movimento que eles estão buscando criar? Eles não reconhecem que eles são, de muitas maneiras, o equivalente moderno dos teólogos e incitadores antijudaicos do passado? Acima de tudo, estes são verdadeiramente o tipo de homens e movimentos com os quais os cristãos conscientes verdadeiramente desejam associar-se?

QUEM ESTÁ CONDUZINDO O APOCALIPSE?

Do meu ponto de vista, quando observo Stephen Sizer viajando pelo mundo para incitar o ódio de Israel entre os muçulmanos, ou quando ouço supersessionistas afirmando que a rejeição ao supersessionismo é a culpada pelo derramamento de sangue, só posso balançar a cabeça. Como professor conhecido por falar

sobre o assunto do papel principal do Islã nos tempos dos Últimos Dias, fui acusado inúmeras vezes de essencialmente instigar a Batalha do Armagedom. De fato, de acordo com muitos supersessionistas, todos os cristãos que apoiam Israel (cristãos sionistas) não estão apenas esperando, mas promovendo a possibilidade de que um verdadeiro *Armagedom* aconteça. Brian McLaren, um conhecido defensor do movimento antissionista, disse que qualquer um que leve as profecias dos fins dos tempos sobre Israel a sério “usa um cenário falso do fim do mundo para criar uma espécie de desejo de morte pela Terceira Guerra Mundial, o qual, a menos que seja confrontado de forma mais forte pelo resto de nós, poderia facilmente criar uma profecia autorrealizável”.²² Livros como *Sionismo Cristão: Roteiro para o Armagedom?*, de Sizer, *O Estopim do Armagedom*, de Hank Hanegraaf, ou *Aliados pelo Armagedom: A Ascensão do Sionismo Cristão*, de Victoria Clark, são inteiramente dedicados a argumentar que o sionismo é uma ideia perigosa que aumenta o potencial de uma guerra apocalíptica massiva regional ou mesmo global. Mas considere as duas camadas de ironia e hipocrisia aqui. Primeiro, aqueles que argumentam que os sionistas estão atraindo a Batalha do Armagedom frequentemente negam que as profecias bíblicas relativas à Batalha do Armagedom devam ser tomadas literalmente ou mesmo aplicáveis aos nossos dias. No entanto, eles acusam qualquer cristão que apoia o Estado de Israel de fazer com que isso aconteça. *Hã?* Mas ainda mais estranho é o fato de que muitos desses mesmos críticos do sionismo, em sua oposição ao sionismo, estão de fato encorajando, apoiando e até alimentando precisamente o tipo de ódio racial e religioso - um “ódio eterno” (Ezequiel 35:5) - que a Bíblia diz especificamente que disparará a Batalha do Armagedom.

22 - Brian McLaren, “Four Points Toward Peace in the Middle East,” revista Sojourners, 16 de abril de 2009.

Em “Uma Carta Aberta a Evangélicos e Outras Partes Interessadas”, criada por representantes do Seminário Teológico de Knox, os autores supersessionistas realmente atribuíram toda a culpa pelo derramamento de sangue nas Cruzadas àqueles que acreditavam que a terra de Israel era de fato a terra prometida. O documento lamenta, “teologia cristã ruim sobre a ‘Terra Santa’ contribuiu para a trágica crueldade das Cruzadas na Idade Média.”²³ O problema óbvio com esta afirmação, no entanto, é que a teologia que levou às Cruzadas não foi a visão de que a terra de Israel é a terra prometida; antes, era a visão supersessionista de que a terra pertencia especificamente à Igreja Cristã. O documento nenhuma vez reconhece o massacre indiscriminado de judeus que ocorreu não só na terra de Israel, mas também em toda a Europa. A responsabilidade por isso também está ligada diretamente ao ódio supersessionista aos judeus. Os cruzados eram simplesmente dominionistas-supersessionistas com espadas. Tal é a natureza da cegueira e da transferência de culpa que continuam atacando os supersessionistas até os dias de hoje. A hipocrisia é simplesmente sem limites.

CONCLUSÃO

O rabino Ammiel Hirsch descreveu o crescente movimento anti-Israel dentro da Igreja Cristã perfeitamente quando disse: “o mundo está cheio de pessoas que pregam o amor mas estão cheias de ódio. Elas aparentam humildade mas estão cheias de arrogância. Muitas são consumidas com intensidade

23 - An Open Letter to Evangelicals and Other Interested Parties: The People of God, the Land of Israel, and the Impartiality of the Gospel, iniciada pelo Knox Theological Seminary; disponível online em http://www.ifamericansknew.org/cur_sit/wdoor.html.

apaixonada - mas pelas coisas erradas. Elas prostituem palavras e pervertem valores. Elas dizem que são pela paz, mas suas ações promovem a guerra”.²⁴

O crescente movimento para deslegitimar ou minar o Estado de Israel não é verdadeiramente sobre os valores de paz, justiça e compaixão, como dizem muitos que defendem o movimento. Sob o fino disfarce de ser um movimento político ou de justiça social, não passa de um esforço para derrubar Israel. Samuel Clough, um articulado professor da Bíblia e meu amigo, resumiu perfeitamente o grande perigo do emergente movimento anti-Israel dentro da Igreja: “esses argumentos contra Israel, em última instância, não são apenas argumentos intelectuais ou políticos. Estamos lidando com um sistema completo de pensamento. No final, a conclusão lógica desse sistema de pensamento é que as pessoas morrem. Se a Segunda Guerra Mundial não nos ensinou mais nada, ela ensinou que uma teologia que desqualifica o judeu, acaba terminando em um campo de concentração”.²⁵

Minha simples oração é que a geração emergente de crentes cristãos acorde e veja o movimento anti-Israel como ele verdadeiramente é, ou seja, uma manifestação moderna dentro do Igreja Cristã do longo histórico contínuo de ódio dirigido aos judeus, o povo da aliança de Deus. É simplesmente uma extensão do esforço histórico do cristianismo para colocar os judeus de volta ao seu lugar como um povo rejeitado por Deus e destinado a permanecer exilado e escravo. Apesar do verniz de justiça social com o qual os apoiadores procuram embelezar

24 - Amiel Hirsch, “SodaStream and Scarlett Johansson: Three Comments,” *HuffPost’s The Blog*, 11 de fevereiro, http://www.huffingtonpost.com/rabbi-amiel-hirsch/sodastream-and-scarlett-j_b_4759810.html.

25 - Entrevista pessoal com o autor. Utilizado com permissão.

seu movimento, o racismo subjacente está se tornando cada vez mais visível e descarado. Depois de acordar para essa realidade demonstrável, oro para que a geração mais nova de cren-tes conscientes e informados rejeite esse movimento não ape-nas pela má teologia que está por trás dele, mas também por sua agenda fundamentalmente racista. Oro para que, depois de rejeitar o novo ódio ao judeu, uma nova geração de cristãos se levante para recuperar a esperançosa visão da restauração que Jesus e os apóstolos proclamaram - uma visão onde Jesus, o rei judeu, reinará sobre judeus e gentios, israelenses e árabes igualmente, que todos servirão ao seu Criador juntos como um povo de Deus diversificado, mas totalmente unido.

PARTE 3

OS ÚLTIMOS DIAS E O JULGAMENTO DAS NAÇÕES



O RETORNO PROFETIZADO DOS JUDEUS À SUA TERRA

Bryan Purtle é um pastor que se tornou um bom amigo nos últimos anos. Ele é um bombeiro que vem de uma família de bombeiros. Bryan é meu tipo de pastor; ele tem a mente de um erudito e mãos completamente calejadas. Ele passa grande parte de seus dias em uma oficina de porão, fazendo escudos de couros magníficos para capacetes de bombeiro. Ele faz isso para criar cinco filhos com sua esposa e co-pastorear uma comunidade de crentes. Bryan é também um dos irmãos com mais leitura que eu conheço, com uma das bibliotecas teológicas pessoais mais invejáveis que já vi. Ele é especializado em clássicos, livros que geralmente são difíceis de encontrar ou não estão mais disponíveis. As paredes de sua biblioteca possuem fotos emolduradas de alguns de seus heróis - veneráveis pastores, teólogos e missionários - homens como Charles Spurgeon, R.C. Chapman, Adolfo Saphir, Horatius Bonar, A. W. Tozer, e, de tempos mais modernos, Leonard Ravenhill.

Os Purtle também serviram como missionários em uma nação islâmica que não mencionaremos aqui. Durante seu tempo no exterior, visitei-os e tive a oportunidade de conduzir e gravar uma extensa entrevista com Bryan, que, na minha opinião, era

ouro puro. Sentados em uma sala de estar, com o ar do Oriente Médio já quente no meio da manhã, discutindo um dos nossos tópicos favoritos: a centralidade contínua de Israel nos planos de Deus. Bryan rapidamente se voltou para uma de suas áreas de especialidade, uma questão crucial da qual muito poucos crentes hoje estão cientes:

“A ideia de que Israel é importante de acordo com os profetas e de acordo com o testemunho das Escrituras referente aos últimos dias não é nova”, ele me disse. “Não é apenas a leitura clara da própria Escritura, mas em meados do século XIX, os homens proclamavam que as massas de judeus viriam à Palestina e chegariam até à formulação de um estado. Muitos grandes pregadores e teólogos históricos previram isso, como Charles Spurgeon, Adolph Saphir, David Baron, J. C. Ryle, [e] Horatius Bonar, grandes pregadores, missionários e teólogos”.

Esse argumento de que muitos dos grandes mestres das Escrituras previram o restabelecimento nos últimos dias do Estado de Israel pelo povo judeu é um suporte profundamente poderoso para a interpretação literal e futurista das Escrituras. Muitos deles fizeram isso centenas ou, em um caso, *mais de mil* anos antes do fato. Quando examinamos muitos dos livros escritos por aqueles que defendem a teologia da substituição, aqueles que rejeitam e muitas vezes até zombam da ideia de que a profecia bíblica é para hoje, ou que o Israel nacional tem algum lugar nos planos em andamento de Deus, eles se destacam em enfatizar as várias profecias fracassadas e as datas equivocados que surgiram em toda a história da Igreja. Eles amam apontar falsos profetas como Edgar C. Whisenant (autor de *88 Razões Pelas Quais o Arrebatamento Acontecerá em 1988*) ou Harold Camping (que disse que o Dia do Julgamento aconteceria em 12 de maio de 2011), mas eles nunca reconhecerão as muitas previsões certas

e precisas desses vários professores que declararam que estava chegando o dia quando os judeus retornariam à sua terra para restabelecer um estado. Vamos, então, voltar a acender uma luz sobre alguns desses tesouros muitas vezes esquecidos.

DAVID BARON (1855-1926)

David Baron era um crente judeu messiânico que ministrou do final dos anos 1800 até o início dos anos 1900. Depois de abraçar a fé, ele escreveu vários excelentes livros e cofundou o Testemunho a Israel Cristão Hebraico, organização missionária em Londres. Seu trabalho mais famoso é seu clássico comentário de 1918 sobre a profecia de Zacarias, *As Visões e Profecias de Zacarias*, que ainda é amplamente publicado e usado hoje. Falando sobre Zacarias 14, Baron escreveu:

Antes de tudo, temos que supor a existência de uma restauração dos judeus em uma condição de incredulidade - não uma restauração completa de toda a nação, que não ocorrerá até depois de sua conversão, mas de um remanescente representativo e influente... Parece que as Escrituras dizem que, em relação a Israel e à terra, haverá uma restauração, antes do Segundo Advento de nosso Senhor, do mesmo estado de coisas que existia no tempo do Seu Primeiro Advento, quando os fios da operação de Deus com eles, nacionalmente, foram finalmente cortados, para não serem retomados "até que os tempos dos gentios se completem".¹

A predição de um retorno judeu à sua terra, principalmente na incredulidade, foi feita trinta anos antes de seu

1 - David Baron, *Zechariah: A Commentary on His Visions and Prophecies* (Grand Rapids: Kregel, 2001), 492.

cumprimento real. Mas esta não foi a primeira previsão de Baron. Vinte e sete anos antes, em 1891, Baron publicou um livro intitulado *O Problema Judaico: Seu Passado, Presente e Futuro*. Eu tenho uma cópia original, agora com mais de 120 anos. O livro bastante pequeno é um argumento expositivo em favor de uma futura restauração dos judeus à sua terra. Considere os comentários de Baron sobre Jeremias 30:3:

A restauração aqui é completa: “Eu trarei novamente os cativos do meu povo Israel e Judá” e o número que retornar será “uma grande multidão”, de modo que nem toda a terra prometida será grande o suficiente para eles. O mesmo aparece nessa notável profecia de Isaías [11], que... é admitidamente futura em sua aplicação, onde os “párias de Israel” e “os dispersos de Judá” serão reunidos... Muitas outras passagens podem ser citadas, que falam de uma restauração completa de toda a nação em termos mais inequívocos e minuciosos; que certamente não se poderia dizer que recebeu seu cumprimento no - comparativamente falando - mero punhado que retornou da Babilônia.²

Baron prosseguiu afirmando que “após a Restauração prevista nesta e em outras profecias, Israel deve gozar de pelo menos independência nacional, se não supremacia”.³ As previsões de Baron, claro, foram feitas cinquenta e sete anos antes do Estado de Israel ter sido oficialmente fundado.

2 - David Baron, *The Jewish Problem: Its Solution or Israel's Present and Future*, 4ª ed. (London: Morgan and Scott, 1891), 18.

3 - Ibid.

NATHANIEL WEST (1826-1906)

Voltando um pouco no tempo, Nathaniel West nasceu em Sunderland, Inglaterra, em 1826, mas mudou-se para os Estados Unidos para frequentar o seminário. Ele passou a pastorear várias igrejas em Cincinnati, Pittsburgh e Brooklyn. Mais tarde, tornou-se professor no Seminário Teológico de Danville. Ele também foi o autor de vários livros, incluindo o clássico *Estudos em Escatologia: Os Mil Anos em Ambos Testamentos*, escrito em 1890. Embora West acreditasse que a restauração completa ocorreria durante o reinado de mil anos de Jesus, neste trabalho ele previu claramente uma restauração futura de Israel como nação:

A solução do grande problema do futuro de Israel, surgido da violação no Reino de Davi, é a solução do Reino Milenar, e vem com a futura aceitação de Israel do Filho de Davi como seu Senhor, o encerramento da violação no Reino de Davi, a união de Israel e Judá em uma nação, nas montanhas da pátria para sempre; - em suma, Israel, povo e nação convertidos, reconhecido por Cristo em pessoa, as nações aplaudindo.⁴

Essa predição, publicada em 1890, foi feita cinquenta e oito anos antes de Israel se tornar uma nação.

J. C. RYLE (1816-1900)

Voltando mais 23 anos, nos voltamos para os escritos de J. C. Ryle. Ryle era um pregador reformado que defendia uma interpretação literal, futurista e pré-milenar das Escrituras. Vários

4 - Nathaniel West, *Studies in Eschatology: The Thousand Years in Both Testaments* (Fincastle, CA: Scripture Truth, 1890), 9.

comentários de Ryle sobre o que seria um futuro reagrupamento do povo judeu em sua terra são verdadeiramente impressionantes em sua clareza. Por exemplo: “Creio que os judeus serão finalmente reunidos novamente como uma nação separada, restaurados à sua própria terra e convertidos à fé de Cristo, depois de passarem por grande tribulação (Jeremias 30:10-11; 31:10; Romanos 11:25–26; Daniel 12:1; Zacarias 13:8–9)”.⁵

Ou considere as afirmações mais diretas de Ryle em outro lugar:

Mas o tempo me faltaria, se eu tentasse citar todas as passagens das Escrituras nas quais a futura história de Israel é revelada. Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oseias, Joel, Amós, Obadias, Miquéias, Sofonias, Zacarias, todos declaram a mesma coisa. Todos predizem, com mais ou menos particularidade, que no final desta dispensação os judeus devem ser restaurados à sua própria terra e ao favor de Deus. Eu não reivindico infalibilidade na interpretação das Escrituras neste assunto. Estou bem ciente de que muitos cristãos excelentes podem não ver o assunto como eu. Só posso dizer que, aos meus olhos, a futura salvação de Israel como um povo, seu retorno à Palestina e sua conversão nacional a Deus, aparecem claramente e nitidamente revelados, como qualquer profecia na Palavra de Deus.⁶

Novamente, as previsões de Ryle sobre o restabelecimento do Estado judeu foram feitas em 1867, oitenta e um anos antes de Israel se tornar oficialmente um estado.

5 - J. C. Ryle, *Prophecy* (Reading, UK: Cox and Wyman Ltd. 1991), 8; reimpressão de *Coming Events and Present Duties*, publicado originalmente em 1876.

6 - Ibid., 213–14.

SEPTIMUS SEARS (1819-1877)

Outro pregador reformado, Septimus Sears, era renomado na Inglaterra como um dos pastores e pregadores mais destacados do país. Ele começou seu ministério aos vinte anos, antes de se tornar pastor da Igreja Batista de Clifton, que ele liderou até sua morte em 1877. Em seu livro *As Coisas que Serão na Vida Futura ou Testemunho de Deus sobre o Futuro, Reunido das Sagradas Escrituras*, Sears previu claramente o futuro restabelecimento do Estado de Israel. Sob o título de “Restauração dos Judeus”, Sears começou afirmando:

Os judeus retornarão a Jerusalém não convertidos a Cristo. Pois é depois que eles são devolvidos à sua própria terra que as seguintes Escrituras serão cumpridas: - “Porque eu os tirei dentre os gentios, e os congregarei de todos os países, e os trarei para sua terra. Então eu borrifarei água limpa em vocês e vocês estarão limpos: de toda a sua imundícia, e de todos os seus ídolos, eu vou purificá-los: Eu tirei o coração de pedra da sua carne, e eu lhes darei um coração de carne, e porei meu espírito dentro de vós, e farei com que andem em meus estatutos, e guardareis meus juízos e os cumprireis.” (Ezequiel 36:24-27)⁷

Sears passa a citar várias outras profecias indicando que os judeus retornariam à sua própria terra. Depois dessas coisas, de acordo com Sears, seria o tempo da “Angústia de Jacó”, uma terrível calamidade nacional seguida pela conversão nacional dos judeus e, finalmente, sua restauração final e permanente

7 - Septimus Sears, *The Things Which Shall Be Hereafter, or God's Testimony about the Future, Gathered from the Holy Scriptures*, 4^a ed. (London: Sovereign Grace Advent Testimony, 1963), 17.

à terra. Notemos que as previsões de Sears, como as de Ryle, foram publicadas em 1867, oitenta e um anos antes de Israel se tornar oficialmente um estado.

CHARLES SPURGEON (1834-1892)

Charles Haddon Spurgeon, às vezes referido como “o Príncipe dos Pregadores”, era um batista britânico. Ele continua sendo uma figura altamente influente entre uma ampla gama de cristãos hoje. Spurgeon foi prolífico de várias maneiras. Embora ele não tenha sido um comentarista frequente sobre a questão do fim dos tempos, das ocasiões em que ele discursou sobre esses assuntos, está claro que ele era um pré-milenarista clássico que acreditava fervorosamente que qualquer leitura clara das Escrituras levaria alguém a buscar pelo retorno dos judeus à terra de Israel de acordo com as promessas de Deus. Considere a seguinte declaração muito direta do lendário Spurgeon, quando ele comentou sobre os últimos capítulos da profecia de Ezequiel:

Israel está agora apagado do mapa das nações; seus filhos estão espalhados por toda parte; suas filhas choraram ao lado de todos os rios da terra. Sua canção sagrada é silenciada; nenhum rei reina em Jerusalém; ela não traz governadores entre suas tribos. Mas ela deve ser restaurada; ela deve ser restaurada “como dos mortos”. Quando seus próprios filhos desistirem de toda a sua esperança, então é quando Deus irá aparecer para ela. Ela deve ser reorganizada; seus ossos espalhados devem ser reunidos. Haverá um governo nativo novamente; haverá novamente a formação de um corpo político; um Estado será incorporado e um rei reinará. Israel agora se tornou alienado de sua própria terra. Seus filhos, embora nunca possam esquecer o pó sagrado da

Palestina, ainda assim morrem a uma distância sem esperança de suas praias consagradas. Mas não será assim para sempre, porque os filhos dela novamente se regozijarão nela.⁸

Observe que Spurgeon viu um futuro “governo nativo”, um “corpo político”, quando um “Estado será incorporado”. Em outra parte, Spurgeon corretamente nos exorta a todos:

Acho que não atribuímos importância suficiente à restauração dos judeus. Nós não pensamos o suficiente sobre isso. Mas certamente, se há algo prometido na Bíblia, é isto. Eu imagino que você não pode ler a Bíblia sem ver claramente que deve haver uma restauração real dos Filhos de Israel... Pois quando os judeus forem restaurados, a plenitude dos gentios será reunida; e assim que eles voltarem, então Jesus virá sobre o Monte Sião com seus anciões gloriosamente, e os dias pacíficos do milênio, então, amanhecerão; então conheceremos todo homem para ser irmão e amigo; Cristo governará com domínio universal.⁹

Não somente muitos cristãos de hoje não “atribuem importância suficiente à restauração dos judeus”, mas eles realmente se esforçam para negar que tal restauração ocorrerá. No entanto, de acordo com Spurgeon, se simplesmente “lermos as Escrituras corretamente”, então entenderemos completamente o fato de que

8 - Charles Spurgeon, “The Restoration and Conversion of the Jews,” sermão pregado em 16 de junho de 1864, disponível online em <http://www.spurgeongems.org/vols10-12/chs582.pdf>; grifo adicionado.

9 - Spurgeon, “The Church of Christ,” *The New Park Street Pulpit*, 6 vols. (London: Passmore and Alabaster, 1856–61; reimpressão, Grand Rapids: Baker, 1990).

os judeus têm muito a ver com a história deste mundo. Eles serão reunidos; O Messias virá, o Messias que eles estão buscando - o mesmo Messias que veio uma vez virá novamente - virá como eles esperavam que ele viesse pela primeira vez. Eles então pensaram que ele viria como um príncipe para reinar sobre eles, e assim vai ser quando ele vier de novo. Ele virá para ser rei dos judeus e reinar sobre seu povo da maneira mais gloriosa; porque quando ele vier, os judeus e os gentios terão privilégios iguais, embora ainda deva haver alguma distinção concedida à família real de cujos lombos Jesus veio; porque ele se assentará no trono de seu pai Davi, e a ele serão reunidas todas as nações.¹⁰

As previsões de Spurgeon de um estado judeu restaurado foram feitas em 1864, oitenta e quatro anos antes de ele realmente existir.

ADOLPH SAPHIR (1831-1891)

Adolph Saphir era um judeu húngaro que mais tarde abraçou Jesus como Messias quando a Igreja Livre Escocesa enviou missionários para os judeus húngaros. Saphir tornou-se ordenado na Igreja Presbiteriana da Irlanda e emergiu como um homem renomado por sua exposição da Palavra e palestras emocionantes. Em sua grande obra, *Cristo e Israel*, Saphir passou um bom tempo explicando as Escrituras para determinar o que disseram sobre o reagrupamento de Israel. Saphir viu o reajuntamento de Israel como uma realidade futura incontestável. A seção que trata desse assunto é intitulada “Fases da Restauração, culminando na vinda do Grande Rei”. Comentando Isaías 66:19-20, Saphir disse:

10 - Spurgeon, “The Leafless Tree,” *The New Park Street Pulpit*, 3:114.

Aqui está declarado que haverá uma segunda e mais geral colheita de Israel vinda de todas as nações, e que depois a luz de Israel chegará, e a glória do Senhor será levantada sobre ela, e depois haverá os grandes julgamentos dos ímpios. Há, portanto, duas restaurações - uma antes e outra após a grande crise; uma parcial, a outra completa; uma que provoca a inimizade das nações, a outra na qual as nações se regozijam e até cooperam.¹¹

Saphir foi muito específico de que os judeus retornariam a Israel em massa, em um estado incrédulo, não tendo ainda se voltado para o seu verdadeiro Messias. Aqui estão seus comentários a respeito de Ezequiel 22:17-22:

Os judeus retornam em um estado não convertido. Eles devem ser trazidos a Jerusalém para serem julgados. “E veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, a casa de Israel é para mim escória: todos são bronze, e estanho, e ferro, e chumbo no meio da fornalha; eles são mesmo a escória da prata. Portanto, assim diz o Senhor Deus: Visto que todos vós fostes feitos em escória, por isso eis que vos recolherei no meio de Jerusalém. Como recolhem prata, e latão, e ferro, e chumbo e estanho, no meio da fornalha, para soprarem o fogo sobre eles, para os fundirem, assim os ajuntarei na Minha ira e no Meu furor; deixarei vocês lá e os derreterei. Sim, ajuntá-los-ei e soprarei sobre vós no fogo da Minha ira, e sereis fundidos no meio dela. Como se funde a prata no meio da fornalha, assim sereis fundidos no meio dela; e sabereis que eu, o Senhor, derramei o Meu furor sobre vós”. Se eles tivessem voltado para sua própria terra em um estado convertido, é impossível que Deus derramaria sobre eles Sua ira.¹²

11 - Adolph Saphir, *Christ and Israel* (London: Morgan and Scott, 1911; reimpressão, Jerusalem: Keren Ahvah Meshihit, 2001), 170.

12 - Ibid., 168-69.

As previsões de Saphir foram feitas em 1864, no mesmo ano em que Charles Spurgeon chegara exatamente à mesma conclusão, oitenta e quatro anos antes de Israel se tornar um Estado.¹³

HORATIUS BONAR (1808-1889)

Horatius Bonar, outro grande pregador reformado, foi também um avivalista, autor e escritor de hinos da Igreja Livre da Escócia. Na seguinte citação extensa de sua obra, *Marcos Proféticos, Contendo Informações para Ajudar a Determinar a Questão do Advento Pré-Milenar de Cristo*, vemos que Bonar cria firmemente no fato de que o futuro traria o retorno dos judeus à terra de Israel. Encorajo-vos a considerar cuidadosamente a plenitude das palavras muito atemporais de Bonar:

Eu sou um daqueles que acreditam na restauração e conversão de Israel; que a entendem, como uma certeza futura, que todo o Israel será reunido e que todo o Israel será salvo. Assim como eu acredito na atual degradação de Israel, eu também acredito na futura glória e preeminência de Israel. Acredito que o propósito de Deus em relação ao nosso mundo só pode ser entendido pela compreensão do propósito de Deus quanto a Israel. Acredito que todos os cálculos humanos quanto ao futuro da Terra, sejam políticos ou científicos, filosóficos ou religiosos, irão falhar, se não se informarem ou basearem no grande propósito de Deus em relação à posição de Israel nos últimos dias. Acredito que não é possível entrar na mente de Deus com respeito ao destino do homem, sem tomar como nossa chave ou nosso guia Sua

13 - Confira os comentários de David Baron na introdução de Saphir, *Christ and Israel*, xii.

mente em relação à antiga nação - aquela nação cuja história, longe de terminar, ou quase terminar, está apenas sobre começar. E se alguém pode perguntar, de maneira arrogante, “o que os judeus têm a ver com a história do mundo?” - podemos filosofar incorretamente sobre essa história vindoura e seguir o curso do mundo, deixando Israel completamente de fora? Nós dizemos: não!; mas, ó homem, quem és tu que discutes contra Deus? Tu és o criador dos estranhos registros da Terra, sejam passados ou futuros? Tu és o criador dos eventos que compõem estes registros, ou o produtor daquelas fontes latentes ou das sementes das quais eles surgem? Ele, a quem o futuro pertence, é o único que pode revelá-lo. Ele só pode anunciar os princípios sobre os quais esse futuro deve ser desenvolvido. E se Ele colocou Israel como a grande nação do futuro, e Jerusalém como a grande metrópole da terra, quem somos nós, com nossa filosofia da ciência, para deixar de lado os arranjos divinos, e substituí-los por uma teoria do homem? Suposições humanas do futuro são as mais incertas de todas as incertezas; e as esperanças humanas, baseadas nessas suposições, certamente resultarão no mais decepcionante, senão no mais desastroso de todos os fracassos. *Acredito que os filhos de Abraão devem re-herdar a Palestina, e que a fertilidade perdida ainda retornará àquela terra; que a terra e os lugares solitários se alegrarão por eles, e o deserto se regozijará e florescerá como a rosa.* Eu creio que, enquanto isso, Israel não será apenas errante, mas que em toda parte apenas um remanescente, um pequeno remanescente, será salvo; e é para a reunião desse remanescente que nossos missionários saem. Creio que estes nossos tempos (como também todos os tempos das quatro monarquias [Daniel 2]) são os tempos dos gentios; e que Jerusalém e Israel serão pisados pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem. Eu acredito que, com o cumprimento desses tempos de preeminência gentílica, e o fim do que o apóstolo

chama de plenitude dos gentios, haverá o sinal para os julgamentos que serão o início da crise na história da Terra, e da libertação de Israel, e do tão esperado reino.¹⁴

As previsões de Bonar foram publicadas em 1847, 101 anos antes do restabelecimento do Estado de Israel.

SAMUEL PRIDEAUX TREGELLES (1813-1875)

Samuel Prideaux Tregelles foi um brilhante exegeta bíblico, erudito e teólogo do movimento Os Irmãos de Plymouth. Tregelles, tendo trabalhado como ferreiro enquanto aprendia grego, hebraico, aramaico e galês, como meu pastor amigo Bryan Purtle, era de fato um estudioso com mãos bem calejadas. Ele também é um dos meus exegetas favoritos desse período.

Muito antes de poder ser previsto, Tregelles declarou, como os anteriores, que a terra de Israel seria reassentada pelo povo judeu. Ao falar das profecias de Daniel, Tregelles previu: “Por causa menção ao ‘sacrifício diário’ e ao ‘santuário’... fica claro que [naquele tempo], essas coisas serão encontradas na existência - uma parte dos judeus terá retornado em incredulidade à sua própria terra”.¹⁵

14 - Horatius Bonar, “The Jew,” *Quarterly Journal of Prophecy* (July 1870): 209-11, citado em Barry E. Horner, *Future Israel: Why Christian Anti-Judaism Must Be Challenged* (Nashville: B&H Academic, 2007), 10; grifo adicionado. Para uma discussão muito mais completa dos assuntos abordados neste capítulo, o livro de Horner é absolutamente o melhor trabalho disponível sobre o assunto e é altamente recomendado como um recurso indispensável.

15 - Samuel Prideaux Tregelles, *Tregelles on Daniel: Remarks on the Prophetic Visions in the Book of Daniel* (London: Sovereign Grace Advent Testimony, 1852; reimpressão, Eugene, OR: Wipf & Stock, 2007), 87. As citações são da edição Wipf & Stock.

Antes de qualquer um dos antigos exegetas do século XIX, Tregelles fez suas previsões em 1846, 102 anos antes de Israel ser restabelecido.

JONATHAN EDWARDS (1703-1758)

Poucos sabem que, antes do século XIX, um grande número de teólogos reformados, pietistas luteranos e puritanos também acreditava em uma futura restauração de Israel. Entre esses vários grupos, no entanto, havia muitas diferenças de opinião. Alguns acreditavam que os judeus retornariam à terra somente no retorno de Jesus. Outros acreditavam que eles retornariam e viriam a ter fé em Jesus como Messias muito antes de Ele retornar. Muitos eram pós-milenaristas, uma versão profundamente otimista do amilenarismo.

Um dos restauracionistas mais conhecidos é Jonathan Edwards, possivelmente o teólogo filosófico mais importante e original da América, e um de seus maiores intelectuais e mais importantes avivalistas. Ele era um teólogo completamente reformado, com uma herança puritana. Tendo sido tão instrumental no Primeiro Grande Avivamento, Edwards, como tantos teólogos de seu tempo, tinha uma visão pós-milenarista profundamente otimista do futuro, acreditando que os judeus não seriam apenas restaurados em suas terras, mas também abraçariam Jesus como seu Messias, antes do retorno de Jesus. Em sua *História da Obra da Redenção*, Edwards falou longamente sobre a futura restauração dos judeus à sua terra e à fé em Jesus:

A Infidelidade judaica será então derrubada. Por mais obstinados que tenham sido por mais de mil e setecentos anos em sua rejeição a Cristo, e os casos de conversão de qualquer um dessa nação terem sido tão

raros desde a destruição de Jerusalém, e de, contra os claros ensinamentos de seus próprios profetas, continuarem a aprovar a crueldade de seus antepassados em crucificar [Cristo]; contudo, quando esse dia chegar, o espesso véu que cega seus olhos será removido (2 Coríntios 3:16), e a graça divina derreterá e renovará seus duros corações: “E eles olharão para aquele a quem eles [traspassaram, e eles prantearão por ele, como quem pranteia pelo seu único filho, e lamentarão amargamente por ele, como alguém que lamenta pelo seu primogênito]” (Zacarias 12:10, etc.). E então todo o Israel será salvo [Romanos 11:26]. Os judeus, em todas as suas dispersões, abandonarão sua antiga infidelidade e, maravilhosamente, terão seus corações transformados, e se aborrecerão por sua incredulidade e obstinação passadas; e fluirão juntos para o abençoado Jesus, penitente, humilde e alegremente, tendo-o como seu glorioso rei e único salvador, e com todo o seu coração, como um só coração e uma só voz, irão proclamar seus louvores a Cristo em outras nações [Isaías 66:20; Jeremias 50:4]. Nada é anunciado com mais certeza do que esta conversão nacional dos judeus, que está no décimo primeiro capítulo de Romanos. E há também muitas passagens do Antigo Testamento que não podem ser interpretadas em outro sentido, e que não posso mencionar agora.¹⁶

Edwards reconheceu que, embora não soubesse o momento preciso de quando essas coisas aconteceriam, ele estava confiante de que as Escrituras falavam da futura restauração dos judeus, que resultaria em “vida dentre os mortos” entre as nações gentias da terra. As previsões de Edwards foram feitas em 1739, 209 anos antes de Israel ser declarado oficialmente como nação. Metade da visão de Edwards foi cumprida, mas

16 - Jonathan Edwards, Works. A History the Work Redemption. vol. 9. ed. John E Wilson (New Haven: Yale University Press, 1989), 469.

exatamente quando a plenitude dessa nação será totalmente restaurada através da fé em Jesus, ainda não sabemos.

SIR ISAAC NEWTON (1642-1727)

Sir Isaac Newton precisa de pouca apresentação. Newton foi um físico e matemático que morreu em 1727. Ele também era um estudante devoto da Bíblia. Embora Newton tenha sustentado amplamente uma interpretação historicista da Bíblia, ele se esforçou por interpretá-la literalmente. Em seu comentário sobre o livro do Apocalipse, Newton falou do tempo que viria em que veríamos “a ruína das nações iníquas, o fim do choro e de todas as angústias, o retorno dos judeus do cativeiro e seu estabelecimento de um reino florescente e eterno... Naquela época também se previu o fim do rei do Norte, a queda da grande Apostasia, o retorno do cativeiro judeu e a grande tribulação.”¹⁷

Embora Newton erroneamente acreditasse que o retorno de Israel à sua terra coincidiria com o retorno de Jesus, ele foi inflexível em sua opinião de que uma futura restauração do povo judeu em sua terra era prevista nas Escrituras. O debate, se os judeus seriam convertidos antes ou na época do retorno de Jesus, foi amplamente discutido entre numerosos líderes e comentaristas cristãos nos cerca de cem anos ou mais antes de Newton. Embora o retorno dos judeus às suas terras obviamente não coincidissem com o retorno de Jesus, Newton previu com precisão uma futura restauração do povo judeu em suas terras, cerca de duzentos e cinquenta anos antes de acontecer.

17 - “Sir Isaac Newton predicted world would end in 2060 AD,” OpenTheWord.org, 16 de outubro de 2010, <http://opentheword.org/2013/10/16/sir-isaac-newton-predicted-world-would-end-in-2060-ad/>.

WILHELMUS À BRAKEL (1635-1711)

Wilhemus à Brakel foi uma figura de destaque no que é chamado de Movimento Reformado Holandês (*De Nadere Reformatie*), que ministrou em Roterdã, Holanda, no final do século XVII e no início do século XVIII. Esse movimento foi um movimento pietista grandemente influenciado pelo puritanismo inglês. Em sua influente obra de múltiplos volumes, “O Serviço Sensato do Cristão”, escrito em 1700, Brakel disse o seguinte sobre um futuro reagrupamento de judeus em sua terra natal:

Mais uma pergunta a ser respondida: Será que a nação judaica será reunida novamente a partir de todas as regiões do mundo e de todas as nações da terra em que foi dispersa? Vão habitar em Canaã e todas as terras prometidas a Abraão, e Jerusalém será reconstruída? Acreditamos que esses eventos irão acontecer. Nós negamos, no entanto, que o templo será reconstruído, e que o modo anterior de adoração será observado, já que o que antes da vinda de Cristo era de natureza tipificadora será, então, de natureza reflexiva... Eles serão uma república independente, governada por um governo muito sábio, bondoso e soberbo. Além disso, Canaã será extraordinariamente frutífera, os habitantes serão eminentemente piedosos e constituirão um segmento do estado glorioso da igreja durante os mil anos profetizados em Apocalipse 20.¹⁸

Embora Brakel fosse um pós-milenarista e, portanto, tivesse uma visão muito mais otimista do que a maioria dos

18 - Wilhelmus à Brakel, *The Christian's Reasonable Service*, vol. 4, traduzido para o inglês por Bartel Elshout, ed. Joel R. Beeke, (Grand Rapids, Reformation Heritage Books, 1992), 530, 531.

pré-milenaristas de hoje, suas previsões não deveriam ser ignoradas. Embora tenha deixado claro que não esperava um templo judaico reconstruído e também acreditasse que os cidadãos de Israel se tornariam todos crentes em Jesus, o Messias, sua convicção geral a respeito de um futuro retorno à terra era correta. Brakel fez essa previsão em 1700, quase 250 anos antes de ela se concretizar.

THOMAS BRIGHTMAN (1562-1607)

Entre os puritanos, havia uma forte crença no restauracionismo judaico. Thomas Brightman era um clérigo inglês que escreveu muito sobre esse tema em seus livros, *Uma Revelação de Apocalipse* (escrito em 1611), e *Eles Voltarão a Jerusalém Novamente?* (escrito em 1615). Ao ponderar a questão de saber se os judeus voltarão ou não para suas terras, Brightman disse: “O que, eles retornarão a Jerusalém novamente? Não há nada mais certo; os profetas em todos os lugares confirmam e insistem **nisso**.”¹⁹

As obras de Brightman foram altamente influentes entre seus colegas puritanos. Muitos outros deste período compartilharam sua perspectiva restauracionista. Suas afirmações confiantes foram feitas em 1611, 337 anos antes de Israel ser oficialmente restabelecido como nação.

ISHODAD DE MERV (850)

Se todas as previsões anteriores não forem satisfatórias para provar que esses homens não foram influenciados por tendências naturais ou ideias populares em sua época, considere essa

19 - Baron, *The Jewish Problem*, 16.

previsão final que remonta ao século IX. Ishodad de Merv era um bispo cristão sobre a cidade de Hadita, perto da atual Tiberíades. Em seu comentário sobre Miquéias 5:3, ele escreveu: “Ele os abandonará até o tempo no qual a que está em trabalho de parto tiver dado à luz. Isso é o que o profeta fala de Jerusalém. Isso significa que Ele os abandonará às aflições do cativeiro até o tempo do retorno. Isso significa que essas previsões não se realizarão antes de voltarem do cativeiro”.²⁰

Quando Ishodad declarou isso? Foi escrito em 850 dC, *onze séculos antes do nascimento do moderno Estado judeu!*

ISSO FOI PREVISTO

Muitos outros não mencionados aqui também fizeram previsões confiantes. É importante afirmar que estas não foram previsões baseadas nas tendências internacionais sobre um retorno judaico à terra. Esse é um ponto importante, porque alguns dos escarnecedores mais determinados entre os que defendem a teologia da substituição argumentam que esses homens estavam apenas espelhando as aspirações do movimento sionista do final do século XIX e início do século XX. Mas este argumento pode ser visto como bastante desesperado, já que as datas simplesmente não se alinham! Theodor Herzl, que é em grande parte considerado o pai moderno do movimento sionista, nem havia nascido antes de 1860. A fundação da Organização Sionista Mundial de Herzl no Primeiro Congresso Sionista em Basileia, Suíça, não ocorreu até 1897. Os primeiros sinais de qualquer movimento sionista discernível

20 - *Ancient Christian Commentary on Scripture, Volume XIV, The Twelve Prophets, General Editor Thomas Oden*, (Intervarsity Press, Downers Grove, 2003), 166.

parecem ser os de *Hovevei Zion*, ou os Amantes de Sião, que criaram cerca de vinte assentamentos judaicos na terra entre 1870 e 1897. Mas, das previsões que acabamos de citar, muitas foram feitas muito antes de 1870, quando esta pequena agitação de judeus que retornavam a Israel começou mesmo. E todas as previsões citadas aqui foram feitas antes do Primeiro Congresso Sionista, quando o Sionismo realmente começou a impactar o pensamento teológico popular. Em termos simples, *esses expositores sabiam sobre o sionismo mesmo antes dos primeiros sionistas saberem disso!* De fato, pode-se dizer com justiça que o sionismo cristão (ou bíblico) precedeu por muito tempo o sionismo secular ou judeu. Os supersessionistas parecem determinados a negar esse fato. Carl Medearis, que nós citamos várias vezes ao longo deste livro, articulou a afirmação supersessionista comum quando disse que o sionismo cristão “[é] uma heresia recente que só surgiu nos últimos 100 anos ou mais”. Evidentemente longe da verdade, esta afirmação tem sido amplamente repetida entre os polemistas supersessionistas que procuram minar a rica tradição do restauracionismo entre os cristãos, incluindo muitos de tradição reformada não-dispensacionalista. Com que frequência se ouve a afirmação de que o restauracionismo e o apoio cristão a Israel são um fenômeno relativamente novo, supostamente iniciado com John Nelson Darby e o movimento dispensacionalista. Em vez disso, como vimos, logo quando muitos crentes protestantes se voltaram para um estudo diligente da Bíblia, numerosos grandes homens da Igreja começaram a reconhecer o chamado e a eleição vigentes de Israel através dos profetas. Estas expectativas de um estado israelita não vieram de sensacionalismos, tendências políticas ou encontros visionários. O fato veio simplesmente de uma leitura simples e direta do testemunho dos profetas bíblicos.

CONCLUSÃO

Ao encerrar este capítulo, gostaria de retornar a alguns comentários feitos pelo erudito judeu messiânico David Baron, o primeiro teólogo do século XIX citado neste capítulo. Ao comentar sobre como deveríamos interpretar as Escrituras, se da maneira pré-milenarista (a visão dada neste livro) ou na maneira alegórica da teologia da substituição, Baron disse:

Como outros milhares, o escritor, na infinita graça de Deus, foi trazido das trevas do judaísmo rabínico para a maravilhosa luz e liberdade do glorioso evangelho de Cristo. Ele aceitou Jesus de Nazaré como o Messias de Israel e Salvador do mundo, com base em uma interpretação literal das profecias que lhe dizem respeito; e ele não pode coerentemente, sem ultrajar suas convicções, aceitar um princípio de interpretação para um conjunto de profecias que já foram cumpridas, e outro princípio de interpretação para outro conjunto de profecias ainda não cumpridas. Em vez disso, ele acredita honestamente que a forma com que foram cumpridas essas profecias que são agora história fornece a única base sólida de interpretação em relação a Israel e ao reino, que ainda espera seu cumprimento.²¹

Citemos também o Dr. Walter C. Kaiser Jr., que fez um comentário muito semelhante, mas profundamente simples, sobre aqueles que defendem a teologia da substituição e que continuam a argumentar que Deus não está mais comprometido em cumprir as promessas de Sua terra ao povo judeu: “Olha, já é tarde demais para discutir sobre isso porque já existem seis

21 - David Baron, *The Jewish Problem, Its Solution*, 4ª edição, (Morgan and Scott, London, 1891), 15-16.

milhões de judeus na terra. Então, se você vai argumentar, você tem que apagar seis milhões de pessoas que estão de volta à terra, o que você não pode fazer. Então é hora de moldar a teologia em conexão com o que a realidade mostra”.²²

As Escrituras predisseram isso, muitos homens de Deus, usando apenas as Escrituras como guia, viram e previram isso, e agora esse milagre aconteceu diante dos olhos de todo o mundo. O pastor Purtle, ao resumir como a Igreja perspicaz deveria se relacionar com essa profunda realidade, disse melhor: “Então temos que prestar atenção nisso. Esse é um dos grandes trovões do Senhor. É quase como se Ele mesmo estivesse profetizando para as nações e dizendo: ‘Eu não abandonei ou esqueci minha aliança com este povo ou com esta terra, então, preste atenção a isso’”.

O Estado de Israel está diante de nós, tendo sido firmemente estabelecido diante de todo o mundo. Quando aqueles que apoiam a teologia da substituição negam a mão do Senhor em tudo isso, quando negam com determinação que isso foi profetizado de antemão e foi cumprido diante de nós, estão se engajando em um endurecimento deliberado do coração e no fechamento dos ouvidos a estes sinais profundamente claros. E se foi o simples estudo das Escrituras que capacitou esses homens a conhecer o futuro, então o que mais poderia um estudo direto dos profetas revelar? Que tipo de conhecimento do futuro a Igreja poderia ganhar se retornasse a uma simples leitura das palavras dos profetas? E que tipo de informação está sendo ignorada pelos segmentos da Igreja que desdenham do estudo da profecia bíblica? Pois, na verdade, os toques de trombeta do

22 - Dr. Walter C. Kaiser Jr. (Distinguido Professor Emérito de Antigo Testamento na Colman M. Mockler e Presidente Emérito e professor de Ética do Antigo Testamento na Gordon Conwell), em uma entrevista com o autor, julho de 2013.

céu não são principalmente para nos lembrar o que aconteceu, mas para nos lembrar do que está prestes a acontecer. Oh, que a Igreja ouça o que o Espírito está dizendo ao Seu povo nesta hora! Ao terminarmos este capítulo, você oraria a seguinte oração comigo?

Ó Senhor, não estejamos entre os que se tornam surdos para o que você está fazendo agora entre as nações. Que a Igreja não desperte apenas para o que você está fazendo agora na terra, mas também para o que as Escrituras dizem que você está prestes a fazer. Mostra-nos o que está vindo para o teu povo da aliança, Israel, e para todas as nações. Acorde-nos, Senhor! Desperte o seu povo. E tendo discernido todas estas coisas antes do tempo, possamos também nos preparar para tudo o que está prestes a acontecer. Sejam verdadeiramente um povo preparado. Amém.

A IRA DE SATANÁS CONTRA O CUMPRIMENTO DA PROFECIA JUDAICA

Para qualquer um que procure obter uma compreensão da história do ódio e da perseguição ao povo judeu pelos cristãos, existem dezenas e dezenas de livros dedicados a esse assunto. Eu realmente acredito que todos os cristãos devem assumir a responsabilidade de aprender a respeito e encarar suas implicações desoladoras e vergonhosas. Nenhum desses trabalhos, no entanto - pelo menos nenhum que eu conheça - aborda também o futuro de Israel. A maioria desses livros são trabalhos acadêmicos que exploram o assunto apenas de um ângulo histórico, teológico ou sociológico. Para nossos propósitos, no entanto, é essencial que também abordemos o que a Bíblia diz em relação ao futuro de Israel. Compreender o futuro pode, na verdade, ser ainda mais importante do que o passado. Afinal, o futuro é onde nossa parte na história será escrita.

Para entender completamente a história bíblica da redenção, é fundamental reconhecer a culminação vindoura da ira de Satanás contra o povo judeu e contra o cumprimento das profecias a seu respeito. Satanás não apenas se enfureceu

contra o povo judeu ao longo da história, mas as Escrituras também deixam claro que, nos últimos dias, pouco antes de Jesus voltar, Satanás utilizará sua influência sobre as nações para reunir todas as suas tropas disponíveis e derramar sua ira contra os judeus, o povo da aliança do Senhor. No livro de Apocalipse, lemos: “Ai da terra e do mar, porque o diabo desceu a vós, tendo grande ira, sabendo que ele tem pouco tempo” (Apocalipse 12:12). Esse será de fato o canto do cisne do diabo. A razão para isso, claro, é muito simples. Como os planos do Senhor para estabelecer o Seu reino na Terra são fundamentalmente centrados em Israel, o principal impulso da resistência final de Satanás será focado em Jerusalém e Israel como um todo. É crucial que consideremos e nos familiarizemos com a ênfase esmagadora que a Bíblia coloca na terra de Israel como marco zero para o confronto final entre Satanás e os planos de Deus para cumprir todos os Seus propósitos redentores para toda a terra.

A INVASÃO DOS ÚLTIMOS DIAS DE ISRAEL EM MIQUEÍAS

Que Jerusalém será o centro geográfico dos eventos primários que se desdobrarão nos últimos dias é um tema muito repetido em todos os profetas. O profeta Miqueias, por exemplo, falou muito claramente do dia em que o Anticristo invadiria a terra de Israel. Na famosa profecia messiânica a respeito do local de nascimento do Messias, Miquéias escreveu: “Mas quanto a ti, Belém Efrata, muito pequena para pertencer às famílias de Judá, de ti virá para Mim Aquele que será o governante sobre Israel. Suas origens são de muito tempo atrás, desde os dias da eternidade” (5:2). Os Evangelhos registram que os principais sacerdotes e escribas se referiam a esse mesmo verso quando o rei Herodes os indagou sobre onde o Messias deveria nascer.

A resposta final foi inequívoca; Ele nasceria em Belém da Judéia (Mateus 2:4-5). Esse Messias seria um sinal para os israelitas de que uma época terminara, e a partir daquele momento em diante, eles viveriam em segurança sob Sua liderança: “E Ele se erguerá e pastoreará Seu rebanho na força do Senhor, na majestade do nome do Senhor Seu Deus. E eles permanecerão, porque naquele tempo Ele será grande até os confins da terra” (Miquéias 5:4). Israel não precisaria mais temer seus inimigos, e a grandeza da autoridade desse Messias alcançaria o mundo todo. Mas é no próximo versículo onde nos é dito que este mesmo Messias libertará especificamente Israel da invasão do “assírio”: “Ele será a nossa paz. Quando o Assírio invadir nossa terra, quando ele pisotear nossas cidades... Ele nos libertará do Assírio quando ele atacar nossa terra e quando ele pisotear nosso território”(vv. 5-6). Obviamente, não houve nenhum ponto na história em que Jesus libertou Israel de qualquer invasão assíria. Esta passagem está se referindo ao dia em que o próprio Jesus finalmente libertará Israel da invasão das forças do Anticristo, representadas aqui pela antiga Assíria imperial. Então, de acordo com Miquéias, o Anticristo é aquele que “invade nossa terra... ataca nossa terra e... pisoteia nosso território”. Não pode haver dúvidas de que o ataque de Satanás no fim dos tempos será contra o Estado de Israel.

A INVASÃO DOS ÚLTIMOS DIAS DE ISRAEL EM EZEQUIEL

Usando termos que refletem perfeitamente a nação restaurada de Israel como existe hoje, o profeta Ezequiel, em uma das mais dramáticas passagens escatológicas do Antigo Testamento, também profetizou sobre a reunião dos últimos dias das nações contra “as montanhas de Israel”:

E veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, vira o rosto contra Gogue da terra de Magogue... Depois de muitos dias você será convocado; nos últimos anos você entrará *na terra que foi restaurada da espada, cujos habitantes foram reunidos de muitas nações para as montanhas de Israel, os quais tinha sido arrasados continuamente; mas esse povo foi tirado das nações, e eles estão vivendo em segurança, todos eles*. Você subirá, você virá como uma tempestade; você será *como uma nuvem cobrindo a terra*, você e todas as suas tropas, e muitos povos com você” (Ezequiel 38:1–2, 8–9; grifo adicionado)

Gogue e todos os seus exércitos invadirão Israel e cobrirão a terra como uma nuvem. Em um dos meus livros anteriores, *A Besta vem do Oriente Médio: O Argumento Bíblico das Escrituras para um Anticristo Islâmico*, eu demonstro que Gogue é o Anticristo. Uma parte da profecia que fortemente infere isso é Ezequiel 38:17, onde o Senhor declara que Gogue é o mesmo invasor mencionado pelos profetas anteriores: “Assim diz o Senhor Deus: ‘Você é aquele de quem eu falei nos dias anteriores, através dos Meus servos, os profetas de Israel, que profetizaram naqueles dias por muitos anos que eu o traria contra eles?’” (Ezequiel 38:17).¹ Vários profetas que vieram antes de Ezequiel haviam, “por muitos anos”, declarado que, no fim dos tempos, o Senhor traria um invasor gentio e seus exércitos contra Israel. É desnecessário dizer que os profetas que vieram antes de Ezequiel e apontaram claramente para uma invasão de Israel nos últimos dias são Jeremias, Sofonias, Habacuque, Isaías, Miqueias e Amós. Embora esses profetas estivessem falando muitas vezes sobre as ameaças em seu futuro imediato

1 - Para um exame completo de Ezequiel 38–39, veja meu livro *A Besta Vem do Oriente Médio: O Argumento Bíblico para um Anticristo Islâmico* (Vitória, ES: Base Livros, 2019).

ou próximo, eles falaram além desses eventos, com seu assunto definitivo sendo a invasão final de Israel pelo Anticristo e sua derrota por Jesus o Messias.

A BATALHA DE GOGUE DE MAGOGUE É UMA INVASÃO BEM SUCEDIDA OU UM FRACASSO?

Existe uma crença comum entre muitos estudantes das profecias de que a Batalha de Gogue de Magogue é um fracasso completo e que as hordas invasoras são sobrenaturalmente devastadas quase que imediatamente quando entram na terra de Israel. Assim que entram, elas são completamente superadas - completamente eliminadas, mesmo - ou pelo menos é isso que tem sido ensinado frequentemente por vários professores das profecias. Durante anos, também acreditei nisso, pois as descrições da destruição dos exércitos podem parecer, à primeira vista, refletir tal cenário. Mas quando se considera o que o texto realmente diz sobre o estado de Israel no início da invasão versus o que diz sobre o estado de Israel na conclusão da invasão, então fica muito claro que a invasão é de fato inteiramente bem-sucedida, resultando em uma derrota significativa para Israel.

Quando o oráculo começa, o Senhor está dirigindo-se diretamente a Gogue, o Anticristo, e descrevendo o povo de Israel como inocente e vivendo em um estado de relativa facilidade. Eles foram reunidos ali, dentre as nações, para reassentar as antigas ruínas, e agora estão vivendo ricamente, com gado e abundância de bens. Em essência, é uma descrição perfeita de Israel como existe hoje:

“ Assim diz o Soberano Senhor: “Naquele dia virão pensamentos à sua cabeça, e você maquinará um plano

maligno. Você dirá: ‘Invadirei uma terra de povoados; atacarei um povo pacífico e que de nada suspeita, onde todos moram em cidades sem muros, sem portas e sem trancas. Despojarei, saquearei e voltarei a minha mão contra as ruínas reerguidas e contra o povo ajuntado de entre as nações, rico em gado e em bens, que vive na parte central do território.’ (Ezequiel 38:10-12 NVI)

Portanto, esta é a condição de Israel quando Gogue, o Anticristo, começa a planejar seu ataque. Mais tarde, porém, após a destruição dos exércitos de Gogue, Ezequiel descreve grande parte do povo de Israel como prisioneiro, como cativos entre as nações circunvizinhas, que são descritas como “as terras de seus inimigos”. É dessas terras que o Senhor libertará os prisioneiros e fará retornar a cada um em segurança de volta a Israel. Ezequiel especificamente contrasta sua condição futura de ser escravizado entre as nações com sua condição anterior na terra, à vontade e vivendo em infidelidade ao Senhor:

Portanto assim diz o Senhor DEUS: “Agora tornarei a trazer os cativos de Jacó, e me compadecerei de toda a casa de Israel; zelarei pelo meu santo nome. E levarão sobre si a sua vergonha, e toda a sua rebeldia, com que se rebelaram contra mim, quando eles habitarem seguros na sua terra, sem haver quem os espante. Quando eu os tornar a trazer de entre os povos, e os houver ajuntado das terras de seus inimigos, e eu for santificado neles aos olhos de muitas nações, então saberão que eu sou o Senhor seu Deus, vendo que eu os fiz ir em cativo entre os gentios, e os ajuntarei para voltarem a sua terra, e não mais deixarei lá nenhum deles.” (Ezequiel 39:25–28 ACF)

Obviamente, a invasão de Gogue de **Magogue** é um sucesso, levando a um grande número de israelitas sendo levados

cativos. Porém, é na hora mais sombria de Israel que a mão de Deus intervirá e os exércitos de Gogue de Magogue serão completamente destruídos. Isso vai acontecer quando Jesus retornar, o que, para o espanto de alguns, Ezequiel chega a comentar.

EZEQUIEL 38-39: A PARÚSIA DO VELHO TESTAMENTO

Ezequiel realmente revela que na conclusão da destruição de Gogue, Jesus, o Messias, estará fisicamente presente no solo da terra: “Porque no meu ciúme, e no fogo da minha ira eu falei: ‘Certamente, naquele dia haverá grande tremor na terra de Israel, de tal modo que os peixes do mar, e as aves do céu, e os animais do campo, e todas as coisas rastejantes que rastejam sobre a terra, e todos os homens que estão sobre a face da terra tremerão à minha presença;’” (38:19-20 KJV).

A palavra usada para *presença* é a palavra hebraica *panim*, uma referência à face real de uma pessoa. Quando Deus diz que as pessoas da terra vão tremer em Sua *panim*, Ele está dizendo que eles ficarão aterrorizados por causa de sua manifestação real, visível e face a face diante deles. Com relação à palavra *panim*, o *Dicionário Bíblico de Unger* diz: “A presença (rosto) de Jeová é Jeová em sua presença pessoal”.² *A Nova Enciclopédia Internacional das Palavras da Bíblia* diz: “No AT, estar na presença de Deus ou de outra pessoa é indicado por uma preposição (l) prefixada à palavra hebraica *panim* (‘face’). A ideia é estar ‘diante da face da’ pessoa”.³

A descrição de Ezequiel das pessoas que se escondem da face real de Deus revela que na conclusão da Batalha de Gogue

2 - *The New Unger's Bible Dictionary* (Chicago: Moody, 1988), 1028.

3 - *The New International Encyclopedia of Bible Words* (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 502.

e Magogue, Jesus o Messias, Deus encarnado, estará fisicamente presente na terra, na terra de Israel.

Evidência adicional para a presença física de Jesus na conclusão desta batalha é vista em Ezequiel 39:7: “E farei conhecido o meu santo nome no meio do meu povo Israel, e nunca mais deixarei profanar o meu santo nome; e os gentios saberão que eu sou o Senhor, o Santo em Israel.” (ACF)

Essa é a única vez em que a expressão “o Santo em Israel” é usada na Bíblia. É o hebraico *qadowsh qadowsh baYisra’el*. Uma expressão similar, “o Santo de Israel” (*qadowsh qadowsh Yisra’el*), é usada trinta e uma vezes na Escritura (por exemplo, Isaías 12:6; 43:3; 55:5; 60:9). Mas aqui, o Senhor não é visto apenas como o Santo de Israel; Ele é realmente retratado como presente na terra e no chão! Enquanto muitos afirmaram no passado que esta passagem acontece vários anos antes do retorno de Jesus, este verso torna isso uma impossibilidade absoluta.

Em conclusão, não há como a profecia de Ezequiel falar de algo diferente do ataque dos últimos dias de Satanás contra o Estado de Israel e o povo judeu.

A INVASÃO DOS ÚLTIMOS DIAS DE JERUSALÉM EM ZACARIAS

O profeta Zacarias também falou claramente da reunião das nações nos últimos dias, especificamente, para tomar Jerusalém: “Eis que eu farei de Jerusalém uma taça que embriague todos os povos ao redor; e quando o cerco for contra Jerusalém, também será contra Judá. Acontecerá naquele dia que farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos; todos os que a levantarem ficarão gravemente feridos. E todas as nações da terra se reunirão contra ela” (Zacarias 12:2-3). E novamente no capítulo 14:

Eis que vem um dia do Senhor, quando o despojo tirado de vós será dividido entre vós. Pois *ajuntarei todas as nações contra Jerusalém para a batalha*, e a cidade será tomada, as casas saqueadas, as mulheres arrebatadas e metade da população será levada para o exílio, mas o restante do povo não será tirado da cidade. O Senhor sairá e lutará contra aquelas nações, como quando Ele luta num dia de batalha. *Naquele dia, os Seus pés estarão sobre o Monte das Oliveiras, que fica em frente de Jerusalém, a leste.* (vv. 1-4; grifo adicionado)

É essencial observar o fato de que o próprio Senhor diz que na verdade ele se envolverá pessoalmente em batalha contra essas muitas nações que invadem Israel e vêm para Jerusalém. “Naquele dia” Seus pés repousarão sobre o Monte das Oliveiras. Esse não pode ser outro senão Jesus Cristo, Deus o Filho, manifestado na terra, fisicamente presente no tempo de Seu retorno. O que Ezequiel descreveu também foi descrito pelo profeta Zacarias. Muitos dos profetas, de fato, se referiram a esse período de tempo específico. Todos estavam enfatizando e indicando a inegável realidade. Esse é um ponto que não pode ser enfatizado o suficiente: Jesus vai voltar para Jerusalém.

A INVASÃO DOS ÚLTIMOS DIAS DE JERUSALÉM EM JOEL

Como os profetas antes dele, Joel também profetizou sobre a invasão escatológica de Israel pelas nações vizinhas:

Pois eis que naqueles dias e naquele tempo, quando Eu restaurar a sorte de Judá e de Jerusalém, reunirei todas as nações e as trarei para o vale de Jeosafá. Lá então vou entrar em juízo com eles em nome do Meu povo e da Minha herança, Israel, que eles espalharam entre as nações; e dividiram a Minha terra... Levantem-se as

nações e subam ao vale de Jeosafá, pois ali me sentarei para julgar todas as nações vizinhas. (Joel 3:1–2,12)

Embora a motivação das nações invasoras seja a de capturar Israel para si mesmas, o propósito do Senhor para atraí-las para lá será para executar Seus julgamentos contra elas. O contexto dessa profecia do fim dos tempos é “Judá e Jerusalém”. Mas especificamente, “o vale de Jeosafá” é uma referência ao Vale do Cédron, que corre ao longo da extremidade oriental de Jerusalém. O nome Josaphat (Josafá), uma variante de Jehoshaphat (Jeosafá), na verdade significa “Juizes do Senhor”. No evangelho de Mateus, quando Jesus estava sentado no Monte das Oliveiras olhando para este vale, ele remontou a essa profecia de Joel e falou da época em que Ele julgará todas as nações: “Mas quando o Filho do Homem vier em Sua glória, e todos os anjos com Ele, então Ele se assentará em Seu glorioso trono. Todas as nações serão reunidas diante Dele; e Ele os separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos bodes” (Mateus 25:31-32).

Como já vimos, ao discutir a aliança davídica, o “trono glorioso” sobre o qual Jesus se assentará não será outro senão o trono de Davi em Jerusalém, que o próprio Deus prometeu repetidamente que um dia será ocupado por Seu Messias, Jesus, o filho de Davi.

O PROBLEMA PRETERISTA

O fato de que no fim dos tempos, pouco antes do retorno de Jesus e da ressurreição dos mortos, a ira de Satanás estará voltada principalmente para o Estado de Israel, o povo judeu e Jerusalém, é um problema absolutamente insuperável para o preterismo. Lembre-se, os preteristas acreditam que a maior

parte da profecia já foi cumprida nos eventos que se desenvolveram em 70 dC. Se, no entanto, a dissolução da nação de Israel, a destruição do Templo e a dispersão de muitos dos habitantes judeus da terra era a maneira de Deus de declarar publicamente Seu divórcio permanente de Israel, então não faria sentido algum que Satanás continuasse direcionando toda a sua raiva contra aquele povo específico e aquela terra específica no fim dos séculos, dois mil anos no futuro. Reformulando, o problema gritante do preterismo é este: se Israel é agora igual a qualquer outra nação, e se os judeus não são diferentes de qualquer outra pessoa, então algo deve estar errado, pois *Satanás claramente não recebeu o memorando*. Se o Senhor rejeitou e se divorciou de Israel de seu chamado corporativo e como Seu povo especial, então não haveria razão para Satanás colocar tanta ênfase e gastar tanta energia no fim dos tempos para atacar Jerusalém e o povo judeu. Isso simplesmente não faria qualquer sentido.

O preterismo tem três importantes testemunhas de acusação contra o seu caso. Em primeiro lugar, a ira de Satanás foi derramada contra o povo judeu nos últimos *dois mil anos*. De fato, é inteiramente justo dizer que nenhum outro povo foi perseguido por uma variedade tão ampla de pessoas, em uma tão ampla variedade de locais, em um período de tempo tão longo, de forma tão consistente, tão persistente e tão veemente. Em segundo lugar, Satanás continua a se enfurecer contra Israel em nossos dias, através da crescente onda de antisemitismo que se espalha pela terra. Os exemplos são muito numerosos para listar. Na época em que este livro foi escrito, no coração dos Estados Unidos, em Overland Park, Kansas, um homem matou três pessoas em um centro comunitário judaico e gritou “Heil Hitler” enquanto estava sendo preso. Na França, centenas marcharam e gritaram slogans

exigindo que todos os judeus deixassem o país. Em Paris, um imã suíço participou de uma importante conferência islâmica e declarou: “Todo o mal no mundo se origina dos judeus”.⁴ Amanhã, sem dúvida, novas histórias substituirão essas. Em terceiro lugar - e mais importante - as Escrituras testificam completamente que, à medida que a presente era atinge seu clímax, a ira de Satanás será especificamente focalizada na terra e no povo de Israel. Existe um princípio aqui que os supersessionistas e os preteristas parecem determinados a ignorar, mas sobre o qual devem ser honestos. Quando entrevistei o rabino Jonathan Cahn para o meu documentário, *End Times Eyewitness (Testemunha ocular do fim dos tempos, tradução livre)*, ele explicou da seguinte maneira: “O inimigo tem tentado acabar com o povo judeu com todo o inferno por dois mil anos, quero dizer loucamente, sobrenaturalmente. Hitler - uma posição que não faz sentido, exceto sobrenaturalmente. Mas isso só comprova Deus, porque se o inimigo está tentando eliminar esse povo em particular, se ele está tentando lutar por essa terra em particular, o que isso diz é que Deus tem algo para esse povo em particular e Deus tem algo para essa particular terra, e isso está marcando o local, e dizendo: ‘Aqui, ei, pessoal, isso vai acontecer aqui.’ Então, pelo padrão, Satanás acaba dando testemunho de Deus e dos propósitos de Deus.”

Se apenas a maior parte da Igreja, e especificamente os supersessionistas e preteristas, pudesse falar com tal senso comum. Na fúria de Satanás contra Israel e o povo judeu, todos nós deveríamos ver evidências do amor e do chamado

4 - JTA, “Major Islam conference said mired by anti-Semitism,” Times of Israel, 25 de abril de 2014, <http://www.timesofisrael.com/major-islam-conference-said-mired-by-anti-semitism/>.

profundos e permanentes do Senhor sobre eles. E, é claro, também deveríamos ver que a teologia da substituição e o preterismo são simplesmente insustentáveis e deveríamos lançar esses métodos de interpretação no lixo das ideias teológicas errôneas.

Como o preterismo procura mudar a ênfase esmagadora da profecia bíblica para os eventos que cercaram o ano 70 dC, é necessário juntar muitas passagens que falam da justificação de Israel e do cumprimento das alianças abraâmica, davídica e nova, e aplicá-las a uma das maiores catástrofes que Israel já experimentou. Aqui está a profunda diferença entre o restauracionismo e a teologia da substituição.

O restauracionismo-futurismo é completamente *pariú-sia-cêntrico* - sua ênfase esmagadora é no retorno de Jesus e nos eventos que cercam o Seu retorno. Ele está principalmente preocupado com o Senhor libertando Israel de sua hora mais sombria, o julgamento de seus inimigos e sua subsequente restauração. O preterismo, por outro lado, está totalmente centrado no alegado divórcio de Deus com Israel, na destruição da terra e na perda de aproximadamente 1,5 milhão de judeus. Sua principal preocupação é a justificação e o triunfo dos inimigos de Israel. É por essa razão que eu digo que o preterismo, como sistema de interpretação, não é apenas irreconciliável com as Escrituras, mas também completamente antisemita. Deve ser rejeitado por todos os cristãos com boa consciência e saudável senso de discernimento.

CONCLUSÃO

As Escrituras testificam completamente que o alvo geográfico da ira e resistência de Satanás contra os desdobramentos dos planos e propósitos de Deus será a terra de Israel e,

especificamente, Jerusalém. O fato de que tudo isso acontece lá é uma prova de que o Senhor não está rompido com o seu povo Israel e ainda é fiel às promessas de Sua aliança. A simples razão pela qual todas as nações da Terra se reunirão contra Jerusalém é porque Satanás está comprometido em resistir aos planos de Deus para restabelecer um reino judaico glorificado, através do qual Ele justificará e glorificará o Seu próprio nome e abençoará toda a terra. Satanás deseja aniquilar o próprio povo pelo qual Deus irá Se justificar entre as nações. Satanás sabe que o grande crescendo, a cobertura do bolo, a cereja no topo do magnífico plano de redenção do Senhor é a salvação do povo judeu. Por isso ele vai derramar sua ira completa contra o povo que o Senhor escolheu e contra a cidade que Ele estabelecerá como a capital global de Seu reino vindouro.

O período final de tempo em que Satanás fará um esforço final para frustrar o glorioso plano de Deus é conhecido pela maioria dos cristãos como “a grande tribulação”. Em outros lugares, esse curto período é referido como “o tempo da angústia de Jacó”. Será o último e maior período de testes para toda a humanidade. Vamos dedicar o próximo capítulo a este assunto, e no capítulo final, discutiremos qual deve ser a nossa resposta como seguidores de Jesus.

A ANGÚSTIA DE JACÓ

N o capítulo anterior, revisamos o testemunho de quatro dos profetas do Antigo Testamento, os quais falavam de Israel e Jerusalém como o foco principal da resistência satânica contra os planos de Deus durante o período final imediatamente antes do retorno de Jesus. Neste capítulo, examinaremos o sermão de Jesus conhecido como o “Discurso do Monte das Oliveiras”, para obter uma sólida compreensão do que Jesus ensinou sobre o assunto imensamente difícil da “angústia de Jacó” ou da “aflição de Jacó” (KJV). Como veremos, Jesus mostrou-nos que uma tragédia de significância impressionante ainda está para acontecer em nosso futuro.

Para entender exatamente o que é a aflição ou a angústia de Jacó, devemos primeiro nos voltar para Jeremias 30, pois é nessa passagem que o termo “aflição de Jacó” é encontrado pela primeira vez. A profecia começa com a palavra que vem a Jeremias, informando-o que, com o tempo, Deus reestabeleceria o povo judeu em sua terra natal: “Pois eis que vêm os dias, diz o Senhor, em que farei voltar do cativeiro o meu povo Israel e Judá, diz o Senhor; e tornarei a trazê-los à terra que dei a seus pais, e a possuirão.” (ARA) (vv. 1–3).

Imediatamente, no entanto, a profecia toma um rumo imensamente doloroso. Algo acontece em Israel, tão terrível que os homens são vistos segurando seus estômagos como se estivessem em trabalho de parto: “Pois assim diz o Senhor: ‘Eu ouvi um som de terror, de medo, e não há paz. Pergunte agora e veja se um macho pode dar à luz. Por que vejo cada homem com as mãos nos lombos como uma mulher no parto? E por que todos os rostos ficaram pálidos?’”(vv. 5-6). Então vem a frase crítica: nos é dito que dias sem paralelo de aflições estão reservados para Israel: “Ai! porque esse dia é terrível, não há outro assim; e é o tempo da aflição de Jacó”(v. 7a). No entanto, apesar da natureza inigualável deste tempo de angústia para o povo judeu, Israel está certo de que eles “serão salvos dele” (v. 7b). Porque o Senhor destruirá todas as nações que trouxerem opressão a Israel naquele dia: “Eu quebrarei o seu jugo do pescoço deles e arrancarei as amarras deles; e os estrangeiros não mais os tornarão escravos” (v. 8). O versículo 9 deixa claro que Ele está falando da época do retorno de Jesus, quando Ele restaura o reino judaico: “Mas eles servirão ao Senhor seu Deus e a Davi, seu rei, a quem levantarei para eles”.

“UM TEMPO DE AFLIÇÃO COMO NUNCA OCORREU...”

Com a profecia de Jeremias como pano de fundo, em Daniel 12:1 encontramos o mensageiro angélico informando a Daniel sobre precisamente o mesmo tempo. De acordo com o mensageiro, naquele tempo o anjo Miguel, “que guarda o povo judeu”, “se levantará” e, assim como vemos em Jeremias, haverá “um tempo de angústia como nunca ocorreu, desde o início das nações até então”. Mas então, assim como em Jeremias, o anjo continua dizendo que os justos de Israel serão salvos deste tempo de tribulação: “Todo aquele que for achado escrito no

livro, será resgatado. Muitos dos que dormem no pó da terra despertarão, estes para a vida eterna, mas os outros para a desgraça e desprezo eterno”. Porque este tempo de tribulação incomparável está tão intimamente relacionado com a ressurreição dos mortos, novamente torna-se óbvio que esta grande “aflição” ocorrerá imediatamente antes do retorno de Jesus.

O DISCURSO DO MONTE DAS OLIVEIRAS DE JESUS

Tendo estabelecido o pano de fundo do Antigo Testamento sobre “a aflição de Jacó”, agora nos voltamos para as palavras de Jesus. Pouco antes de sua prisão e crucificação, enquanto estava sentado no Monte das Oliveiras com Seus discípulos, Jesus entregou seu mais longo e mais detalhado sermão sobre o assunto do fim dos tempos. O último sermão é repetido nos três evangelhos sinóticos, em Mateus 24-25, Marcos 13 e Lucas 21. É desnecessário dizer que essas passagens são objeto de uma tremenda quantidade de debate entre os eruditos. Muitos procuram tomar grandes segmentos, ou mesmo todo o sermão, e aplicam-no aos eventos de 70 dC. Como veremos, no entanto, uma leitura cuidadosa do texto, com uma compreensão adequada das várias alusões de Jesus aos profetas em todo o Seu sermão, prova que Ele não estava falando dos eventos do ano 70. Ao contrário, ele falava inteiramente dos últimos dias. Há várias frases intercaladas ao longo do sermão de Jesus que provam isso removendo qualquer dúvida. Existem referências ao “começo das dores de parto”, à “abominação que causa a desolação”, à “aflição de Jacó”, e há a declaração de Jesus: “E então o sinal do Filho do Homem aparecerá no céu, e então todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória”. Desnecessário dizer que não fica muito mais claro do que isso. Mas

vamos descompactar as três primeiras frases, começando com a referência ao “início das dores de parto” (Mateus 24:8).

O COMEÇO DAS DORES DE PARTO

É difícil transmitir a magnitude do que Jesus estava dizendo aos seus discípulos quando afirmou que o Templo seria destruído. Para um americano, isso seria como visitar a Casa Branca e os vários monumentos nacionais em Washington, D.C., e então o guia virar e dizer: “Com certeza, todas estas coisas serão completamente destruídas; eles se tornarão escombros absolutos”. Isso seria um choque completo para qualquer americano. Para qualquer judeu, o templo era o centro, o coração de Israel. Depois que Jesus fez a declaração verdadeiramente chocante para os discípulos de que o Templo seria destruído, não havia dúvida de que, com um tom levemente apavorado de urgência, eles lhe perguntaram: “Quando estas coisas acontecerão e qual será o sinal de sua vinda, e do fim dos tempos?” (Mateus 24:3).

Então, Jesus sentou-se e começou a conduzi-los através dos vários sinais do fim dos tempos e do Seu retorno.

Ele começou com uma ladainha de eventos gerais: “Muitos virão em Meu nome, dizendo: ‘Eu sou o Cristo’ e vão enganar a muitos. Vocês ouvirão sobre guerras e rumores de guerras. Vejam que não se assustem, pois essas coisas devem acontecer, mas isso ainda não é o fim. Porque nação se levantará contra nação, e reino contra o reino, e em vários lugares haverá fomes e terremotos” (vv. 5-7). Jesus terminou sua declaração dizendo: “Mas todas estas coisas são apenas o começo das dores do parto” (v. 8). Como vimos no último capítulo, a referência a dores de parto é claramente uma alusão a Isaías 26, e os discípulos teriam imediatamente reconhecido isso como tal. Naquela seção da profecia de Isaías, Israel lamenta o fato de que, apesar

de seu grande sofrimento como nação, sofrimento tão severo que é comparado às dores do parto, eles não deram nascimento, por assim dizer, à redenção do mundo: “Estávamos grávidos, nos contorcemos durante o trabalho de parto, demos à luz, ao que parece, apenas ao vento. Nós não trouxemos libertação à terra, nem nasceram habitantes do mundo” (Isaías 26:18). Mas o Senhor assegurou a Israel que viria o dia em que o grande sofrimento deles trará de fato a ressurreição dos mortos: “Vossos mortos viverão”, disse Ele. “Seus cadáveres vão se levantar. Tu, que jazes no pó, desperta e grita de alegria, pois o vosso orvalho é como o orvalho da aurora e a terra dará à luz aos espíritos que partiram” (Isaías 26:19). Como a analogia do nascimento é usada para indicar a ressurreição, quando os corpos se levantarem da terra, fica claro que Isaías estava falando sobre o fim da presente era. Também fica bem claro que quando Jesus disse que “todas estas coisas são apenas *o começo* das dores do parto” (v. 8; grifo adicionado), Ele estava especificando que os eventos dos quais Ele acabara de falar ocorreriam pouco antes, mas não exatamente no momento do fim. O termo “o começo das dores do parto”, em termos científicos modernos, é o que chamamos de *contrações de Braxton Hicks*. Isso pode ocorrer semanas antes do nascimento real. As contrações de Braxton Hicks, no entanto, não são as contrações reais e completas que ocorrem nas horas finais do trabalho de parto. Jesus estava usando analogias muito naturais da experiência humana para descrever os eventos que estavam levando ao Seu retorno e à ressurreição dos mortos.

Depois de descrever esses eventos preliminares do tipo Braxton Hicks, Jesus então mudou e começou a falar das contrações reais, os eventos finais que levariam ao Seu retorno. O ponto de inflexão final das contrações preliminares até a dor do parto final começa com o que Jesus se referiu simplesmente como “tribulação”:

“Então eles os entregarão à tribulação, e lhes matarão, e serei odiados por todas as nações por causa do Meu nome. Naquela época, muitos vão cair e vão trair um ao outro e se odiar. Muitos falsos profetas surgirão e enganarão a muitos. Por causa do aumento da maldade, o amor da maioria das pessoas se esfriará. Mas aquele que perseverar até o fim, ele será salvo. Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo como um testemunho a todas as nações, e então o fim virá.” (Mateus 24:9–14)

A ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO

Em seguida, Jesus faz uma referência muito clara à profecia do Antigo Testamento, especificamente, “a abominação da desolação, conforme descrita pelo profeta Daniel” (Mateus 24:15; cf. Daniel 9:27; 11:31; 12:11) e a coloca no futuro. Ironicamente, muitos comentaristas cristãos tentam aplicar as palavras de Jesus ao imperador Tito e aos eventos de 70 dC. Mas isso é impossível. Uma consideração cuidadosa da interpretação angélica encontrada no capítulo 12 de Daniel deixa muito claro que a abominação da desolação e a cessação das ofertas ocorrerão no contexto dos últimos três anos e meio antes do retorno de Cristo, quando o povo judeu passará por um período de sofrimento incomparável que será seguido pela ressurreição dos mortos. Além disso, esse período é referido cinco vezes como o *fim dos tempos* (Daniel 8:17,19,26; 12:9,13). Uma vez estabelecido que a “abominação da desolação” a qual Jesus se refere não ocorre em 70 dC, mas no futuro, durante os últimos dias, então entendemos que o restante do Discurso do Monte das Oliveiras também diz respeito aos últimos dias. No entanto, as implicações perturbadoras tornam-se claras quando vemos que, juntamente com a abominação desoladora no Templo Judaico, surge a necessidade de todos na Judeia se arriscarem imediatamente por suas vidas:

“Portanto, quando vocês virem a abominação da desolação, conforme descrita pelo profeta Daniel, em pé no lugar santo (quem lê, entenda), então aqueles que estão na Judeia devem fugir para as montanhas. Quem está no telhado não deve descer para pegar as coisas que estão em sua casa. Quem está no campo não deve voltar para pegar sua capa. Mas ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Mas ore para que sua fuga não seja no inverno ou no sábado”. (Mateus 24:15–20)

ANGÚSTIA DE JACÓ: A GRANDE TRIBULAÇÃO

Se a referência de Jesus à abominação da desolação não foi suficiente para estabelecer o contexto completo do fim dos tempos do Seu sermão, então a frase seguinte que Ele usou encerrou completamente o assunto. Mais uma vez, Jesus voltou ao livro de Daniel e, extraíndo as palavras do anjo, Ele expandiu sobre elas: *“Pois então haverá uma grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem nunca haverá. Se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma vida seria salva; mas por causa dos eleitos esses dias serão abreviados”* (Mateus 24:21–22; grifo adicionado; cf. (Daniel 12:1).

Isso é verdadeiramente fascinante. Primeiro, tivemos Jeremias, o profeta, descrevendo um tempo de aflição inigualável para Israel (para o qual *Jacó* é simplesmente um sinônimo). Assim, o anjo expandiu as palavras de Jeremias, reiterando novamente a natureza historicamente inigualável da aflição vindoura. E finalmente, Jesus parafraseou as palavras do anjo e depois as expandiu ainda mais, enfatizando novamente que essa “tribulação” não seria apenas historicamente inigualável, mas sem paralelos até no futuro. Essa seria

a pior tribulação que o mundo conheceu ou jamais conhecerá. Considere a progressão:

1. Jeremias: “Ai! Pois esse dia é terrível, não há outro assim; e é o tempo da aflição de Jacó”. (Jeremias 30:7)
2. Anjo: “E haverá um tempo de angústia [para o “seu povo”] tal como nunca ocorreu desde que houve uma nação até aquele tempo.” (Daniel 12:1)
3. Jesus: “Porque haverá então uma tribulação tão grande, como nunca houve desde o princípio do mundo até o momento, nem jamais haverá.” (Mateus 24:21)

Um outro ponto que deve ser notado é que a “Grande Tribulação”, como é mais frequentemente conhecida dentro dos círculos cristãos, encontra seu contexto original em textos que são todos muito centrados em Israel. Não é para dizer que os últimos três anos e meio antes do retorno de Jesus não serão também um tempo de tremenda tribulação para os cristãos em geral por toda a terra, como Jesus também falou da tribulação para todos aqueles que levam o Seu nome. Eles seriam odiados por todas as nações, Ele disse (Mateus 24:9-10; cf. Apocalipse 13:15). Mas o fato é que muitos cristãos pegaram as declarações de Jesus sobre a Grande Tribulação, centradas em Israel, e em grande parte as tiraram de seu contexto. O aviso de fugir para as montanhas é especificamente para aqueles em Jerusalém e Judá (Lucas 21:21) que estão fugindo dos exércitos invasores. Não é uma ordem para todos *em todo o mundo* correrem para as montanhas mais próximas no momento em que ouvirem que a abominação da desolação foi erguida no Templo Judeu.

UMA POLÊMICA SURGE

Quando Jesus chegou à conclusão desta parte de Seu sermão no Monte das Oliveiras, Ele começou a descrever o tempo real de Seu retorno:

“Mas imediatamente depois da tribulação daqueles dias, o sol escurecerá e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e os poderes dos céus serão abalados. E então o sinal do Filho do Homem aparecerá no céu, e então todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. E Ele enviará Seus anjos com uma grande trombeta e eles reunirão Seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade do céu à outra.”
(Mateus 24:29–31)

Tendo visto os vários textos a que Jesus estava aludindo em Seu sermão, deve ficar claro que a ênfase principal do sermão de Jesus era o período final de tempo imediatamente antes de Seu retorno, e não os eventos de 70 dC. Embora muitos expositores concordem com essa afirmação, um texto que a maioria atribui a 70 dC é uma porção do Discurso do Monte das Oliveiras de Jesus que se encontra no evangelho de Lucas. Vamos examinar na passagem para entender por que isso continua sendo tão controverso.

VERSÃO DE LUCAS DO DISCURSO DO MONTE DAS OLIVEIRAS

Ao contrário dos relatos de Mateus e Marcos, em Lucas 21, Jesus fala de Jerusalém cercada pelas nações gentias em um cerco militar: “Mas quando vocês virem Jerusalém cercada por exércitos, então reconheçam que sua desolação está próxima”

(v. 20). Mesmo que esse detalhe não seja mencionado nos relatos de Mateus e Marcos, como vimos no último capítulo, é precisamente isso que os profetas Zacarias, Joel, Ezequiel e Miqueias viram nos dias anteriores ao retorno de Jesus. A próxima declaração, no entanto, é exatamente a que é encontrado nos outros relatos do evangelho. Jesus advertiu que “os que estão na Judeia devem fugir para as montanhas, e os que estão no meio da cidade devem partir, e os que estão no país não devem entrar na cidade; *porque estes são dias de vingança*, para que todas as coisas que estão escritas sejam cumpridas” (vv. 21-22).

Ao contrário dos outros relatos sinóticos, aqui em Lucas, Jesus também falou especificamente de muitos dos habitantes de Israel caindo à espada na invasão ou sendo levados como prisioneiros de guerra para as nações vizinhas: “Pois haverá grande aflição sobre a terra e ira a este povo; e eles cairão ao fio da espada e serão levados cativos para todas as nações; e Jerusalém será pisada pelos gentios até que os tempos dos gentios se completem” (v. 23-24). Aqui é onde está a controvérsia. Primeiro, ninguém quer considerar a ideia de que isso possa acontecer novamente no futuro em Israel. Claro, é perfeitamente compreensível. Segundo, porque essa passagem evoca imagens tão fortes que parecem assemelhar-se ao cerco histórico de Jerusalém pelas legiões romanas sob Tito em 70 dC, muitos intérpretes estão determinados a argumentar que Lucas está se referindo àquela catástrofe do passado. Mas há pelo menos quatro problemas intransponíveis com essa visão.

ELES VERÃO O FILHO DO HOMEM VINDO NAS NUVENS. . .

O primeiro e mais óbvio problema de colocar essa seção de Lucas na história passada é o simples fato de que, num fluxo contínuo, a passagem continua a descrever os sinais cósmicos

que são repetidamente usados para se referir à iminência do Dia do Senhor (por exemplo, Isaías 13:10; Joel 2:10,31; Mateus 24:29; Marcos 13:24; Apocalipse 6:12). Por exemplo, encontramos uma referência direta que fala do retorno de Jesus nas nuvens do céu:

Haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas, e na terra espanto entre as nações, em perplexidade com o rugido do mar e as ondas, homens desmaiando de medo e da expectativa das coisas que estão vindo sobre o mundo; porque os poderes dos céus serão abalados. Então eles verão o Filho do Homem vindo em uma nuvem com poder e grande glória. Mas quando estas coisas começarem a acontecer, endireitem-se e levantem suas cabeças, porque a sua redenção está se aproximando”. (Lucas 21:25–28)

OS DIAS DA VINGANÇA

A segunda razão para entender a passagem de Lucas como pertencente aos últimos dias e não ao ano 70 dC, é por causa da frase “estes são dias de vingança, para que todas as coisas que estão escritas sejam cumpridas” (v. 21). Essa frase específica, usada principalmente pelo profeta Isaías, sempre se refere à libertação final de Israel de seus inimigos no fim dos tempos. Qualquer judeu letrado no Antigo Testamento dos dias de Jesus teria reconhecido isso. Considere o uso repetido dessa frase em toda a profecia de Isaías para se referir ao fim dos tempos, ao Dia do Senhor, à justificação de Israel e à destruição de seus inimigos:

Porque o Senhor tem um dia de vingança, um ano de recompensa pela causa de Sião. (Isaías 34:8)

Diga para aqueles com coração ansioso: “Tome coragem, não tema. Eis que o teu Deus virá com vingança; a recompensa de Deus virá, mas Ele te **salvará**.” (Isaías 35:4)

Ele vestiu a justiça como um peitoral e um elmo de salvação em sua cabeça; e vestiu roupas de vingança e envolveu-se com zelo como um manto. (Isaías 59:17)

Para proclamar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; para confortar todos os que choram... (Isaías 61:2)

“Sozinho pisei uvas no lagar; das nações ninguém esteve comigo. Eu os pisoteei na minha ira e os pisei na minha indignação; o sangue deles respingou na minha roupa, e eu manchei toda a minha veste. Pois o dia da vingança estava no meu coração, e chegou o ano da minha redenção.” (Isaías 63:3-4)

Devemos reconhecer que a frase “o dia da vingança” não é meramente uma referência geral ao fim dos tempos; em vez disso, é uma frase muito específica que fala da retribuição do Senhor contra os inimigos de Israel e do triunfo final de Israel. Embora as Escrituras sejam claras de que Israel experimentará uma grande purificação imediatamente antes desse tempo, “o dia da vingança” é especificamente “pela causa de Sião” (Isaías 34:8). É sempre uma referência ao Senhor vindo em vingança *para salvar Israel de seus inimigos em sua hora mais sombria e executar um julgamento final e decisivo contra eles*. Não há como alguém dizer que isso descreva os acontecimentos de 70 dC. Aquele ano marcou uma catástrofe histórica da maior espécie para Israel. Mas não foi seguido por nenhum tipo de libertação. Jerusalém e o Templo foram destruídos, grande parte da nação foi devastada e aproximadamente 1,5 milhão de judeus foram mortos. De maneira alguma foi um

momento de vingança contra os inimigos de Israel; não havia justificação ou salvação para Israel. Foi precisamente o oposto. Foi *um grande triunfo para os inimigos de Israel*. Os eventos do ano 70 dC simplesmente não se alinham com os critérios bíblicos e não podem ser considerados como o cumprimento do que Jesus estava falando. Jesus certamente estava voltando para Isaías e falava dos últimos dias, que ainda permanecem em nosso futuro.

FALHA SINÓTICA?

Em terceiro lugar, devemos reconhecer, novamente, que este sermão é o mesmo registrado em Mateus 24 e Marcos 13, e conhecido como o Discurso do Monte das Oliveiras. Afirmar que Jesus estava falando principalmente dos últimos dias distantes em apenas duas das passagens sinóticas e falando de 70 dC na terceira é simplesmente inconsistente. Para reconhecer como essa profecia é semelhante às passagens paralelas encontradas em Mateus e Marcos, considere o seguinte gráfico:

MATEUS 24	MARCOS 13	LUCAS 21
“Portanto, quando vocês virem a abominação da desolação que foi falada pelo profeta Daniel, de pé no lugar santo (quem lê, entenda)...”	“Mas quando vocês virem a abominação da desolação em pé onde não deveria estar (quem lê, entenda)...”	“Mas quando vocês virem Jerusalém cercada por exércitos, então reconheçam que sua desolação está próxima”.
“Então aqueles que estão na Judeia devem fugir para os montes”.	“Então aqueles que estão na Judeia devem fugir para os montes”.	“Então aqueles que estão na Judeia devem fugir para os montes”.

MATEUS 24	MARCOS 13	LUCAS 21
“Mas ai das que estiverem grávidas e das que estiverem amamentando naqueles dias!”	“Mas ai das que estiverem grávidas e das que estiverem amamentando naqueles dias!”	“Ai das que estiverem grávidas e das que estiverem amamentando naqueles dias.”
“Pois então haverá uma grande tribulação, como não ocorreu desde o início do mundo até agora, nem nunca haverá. Se aqueles dias não tivessem sido abreviados, nenhuma vida seria salva; mas por causa dos eleitos aqueles dias serão abreviados”.	“Pois aqueles dias serão um tempo de tribulação como não ocorreu desde o início da criação que Deus criou até agora, nem nunca haverá. Se o Senhor não tivesse encurtado aqueles dias, nenhuma vida seria salva; mas por causa dos eleitos, a quem Ele escolheu, Ele encurtou os dias”.	“Pois haverá grande aflição sobre a terra e ira sobre esse povo; e eles cairão à espada e serão levados cativos para as nações; e Jerusalém será pisoteada debaixo dos pés dos gentios até que os tempos dos gentios se completem”.

Embora Lucas tenha trocado a frase “quando vocês virem a abominação da desolação” por “quando vocês virem Jerusalém cercada por exércitos”, está claro que Mateus, Marcos e Lucas estão transmitindo o mesmo sermão. Embora Lucas nos dê alguns elementos que tanto Mateus quanto Marcos deixam de fora, este é, no entanto, o mesmo sermão, e Jesus está obviamente se referindo aos mesmos eventos do fim dos tempos.

COMO O CERCO DE 70 DC REALMENTE ACONTECEU

Em quarto lugar, uma breve revisão da maneira pela qual o cerco de Tito a Jerusalém se desdobrou mostrará que Jesus não poderia estar falando desses eventos. O registro histórico

mostra que o vasto grupo de legiões e auxiliares romanas liderado primeiro por Vespasiano, o general romano encarregado da campanha contra Jerusalém, e depois por seu filho Tito, avançou sobre Jerusalém gradualmente ao longo de um período de anos. Mas Jesus descreveu o ataque a Jerusalém como um evento que ocorreu repentinamente, não deixando tempo nem para reunir os itens básicos para a fuga.

Os conselheiros de Vespasiano, na verdade, o haviam orientado a atacar a cidade em 66 dC. Mas como a cidade já estava no meio de uma guerra civil interna drástica, Vespasiano determinou simplesmente deixar que os judeus se destruíssem, já que eles pareciam estar fazendo seu trabalho mais rápido do que ele próprio poderia ter feito. Vespasiano também não queria uma invasão que traria para a cidade profundamente dividida unidade contra um inimigo comum. Assim, por quase três anos, Vespasiano tomou várias cidades no norte da Galileia, mas evitou sitiar Jerusalém diretamente. Durante esse período, foi muito fácil discernir que nuvens espessas de tempestades de uma invasão estavam se acumulando no horizonte. Em 67 e 68 dC, houve duas campanhas romanas substanciais lançadas de Cesareia, no norte, que viram a queda de várias cidades até o chão. Em junho de 68 dC, o imperador Nero morreu, Vespasiano retornou a Roma, e seu filho Tito assumiu a campanha.

Não foi até maio de 70 dC que o ataque a Jerusalém finalmente começou. Tito estabeleceu um acampamento no Monte Scopus, a nordeste da cidade. Inicialmente, para testar a determinação dos judeus, ele liderou um pequeno destacamento de meros seiscentos soldados para a cidade. Mas os defensores correram para fora das muralhas da cidade, dividiram as tropas de Tito e quase capturaram o próprio. Depois disso, Tito, utilizando toda a força de suas legiões e auxiliares, ergueu três

campos ao redor da cidade e estabeleceu uma linha de cerco. Jerusalém foi cercada por tropas. A essa altura, fugir da cidade para as montanhas não era uma opção. De fato, muitos que tentaram fugir nesse ponto foram capturados ou abatidos no processo. Rendição ou vitória eram as únicas opções.

Meu ponto é este: se Jesus estivesse advertindo sobre o cerco de 70 dC no Discurso do Monte das Oliveiras, então Ele realmente deu alguns conselhos realmente terríveis. Note que Jesus não disse que quando os exércitos comessem a marchar em direção a Jerusalém, então era hora de fugir. Ele não disse que quando os romanos viessem para o primeiro ataque preliminar, então era hora de fugir. Ele não disse que quando as tropas entrassem na terra de Israel, então era hora de preparar uma fuga. Não, Jesus especificamente advertiu que “quando vocês virem Jerusalém cercada de exércitos”, essa era a hora de fugir. Ele até expressou pena por aquelas “que estiverem grávidas e por aquelas que estiverem amamentando bebês naqueles dias! Pois haverá grande aflição sobre a terra e ira a este povo” (Lucas 21:23). Em outras palavras, uma vez que se vissem os exércitos, a urgência de fugir naquele momento seria imensa. E então eu repito, se o aviso de Jesus em Lucas 21:20-21 dizia respeito à destruição de Jerusalém por Tito, como muitos comentaristas argumentam, então Ele deu alguns conselhos realmente ruins. Qualquer um em Jerusalém que esperasse até que a cidade estivesse cercada para tentar fugir seria preso ou morto.

Alguns sugeriram que a advertência de Jesus para fugir de Jerusalém foi cumprida em 66 dC, quando Céstio Galo cercou a cidade por um breve período antes de se retirar. O maior problema com essa afirmação, porém, é que, quando consideramos as palavras de Jesus, é com extrema urgência que Ele advertiu as pessoas da cidade a fugirem. Tão urgente era o aviso

que Ele ordenou que aqueles que escutassem Suas palavras não se voltassem para pegar nada. Apenas fugissem. No entanto, passaram-se quatro anos desde o breve cerco de Céstio até que Jerusalém realmente caísse. Dificilmente se poderia dizer que esse era o cumprimento da advertência de Jesus. A advertência de Jesus fala de minutos para fugir, não meses ou anos.

Outros apontam que muitos dos cristãos na cidade, ao verem as tropas de Céstio, escolheram fugir para a cidade de Pella, naquele ano. De acordo com a (*Enciclopedia Pictórica Zondervan da Bíblia / The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*), “a cidade ganhou seu nome na história da igreja em 66 dC, quando Pella se tornou um refúgio para os cristãos que estavam fugindo de Jerusalém porque o exército romano estava vindo para acalmar uma revolução judaica”.¹ Existem dois problemas com a alegação de que esses eventos cumpriram a profecia de Jesus. Primeiro, como acabamos de mencionar, isso foi quatro anos antes da queda real de Jerusalém e, portanto, não pode ser correlacionado com a natureza urgente das advertências de Jesus.

Segundo, de acordo com o registro histórico, os cristãos não fugiram porque viram os exércitos romanos, mas devido a algum tipo de revelação divina. Segundo Eusébio, os cristãos haviam fugido antes mesmo da guerra começar:

O corpo inteiro, no entanto, da igreja de Jerusalém, tendo sido comandado por uma revelação divina, dada a homens de piedade aprovada antes da guerra, se retirou da cidade, e habitou uma certa cidade além do Jordão, chamada Pella. Aqui viveram aqueles que acreditavam em Cristo, tendo se retirado de Jerusalém, como se os

1 - Merrill C. Tenney, *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, Volume Quatro, (Grand Rapids: Zondervan, 1974), 672.

homens santos tivessem abandonado inteiramente a própria cidade real e toda a terra da Judeia; a justiça divina, por seus crimes contra Cristo e Seus apóstolos, finalmente a alcançara, destruindo totalmente a geração desses malfeitores da terra.²

No final, não há nada sobre os eventos da queda de Jerusalém que possamos apontar corretamente, afirmando que “isto é aquilo” que Jesus advertiu. Os acontecimentos históricos simplesmente não se conformam com a natureza de Suas advertências.

Se, por outro lado, a advertência de Jesus se referia ao ataque dos últimos dias contra Jerusalém pelo Anticristo, então é muito mais realista imaginar uma onda de tropas sendo mobilizada de repente em Jerusalém. Alguns cenários possíveis poderiam explicar isso.

Talvez isso aconteça durante um tempo em que a cidade será dividida (ver Joel 3:2) e compartilhada pelos israelenses e palestinos e talvez até vigiada por alguma forma de força internacional de “manutenção da paz”. Nesse caso, seria bem possível que um súbito aumento de tropas se reunisse contra Jerusalém de uma maneira bastante abrupta e inesperada, exatamente como Jesus descreveu. Embora seja difícil saber precisamente como os eventos se desdobrarão, parece que chegará um momento no meio dos últimos sete anos antes de Jesus retornar quando o Anticristo removerá sua máscara de tolerância e, usando suas tropas, muitas das quais já estarão na terra, exigirá o controle total da cidade de Jerusalém, incluindo o Templo. Essa é a abominação da desolação acima mencionada, quando o Anticristo se assentará e desolará o Templo de Deus

2 - Eusébio, *The Ecclesiastical History of Eusebius Pamphilus, Bishop of Caesarea*, (London: George Bell & Sons, 1894), 75.

(veja 2 Tessalonicenses 2:4). E, claro, tudo isso será acompanhado de terror para os habitantes de Israel, muitos dos quais “cairão ao fio da espada, e serão levados cativos para todas as nações” (Lucas 21:24), um tempo de tribulação tão severa que Jesus descreveu como incomparável em toda a história do mundo - e além.

TRIBULAÇÃO SEM PARALELO E O HOLOCAUSTO

Ao considerar as informações que acabamos de revisar, somos imediatamente confrontados com a realidade gritante e verdadeiramente aterradora de que se Jeremias, um mensageiro angélico (possivelmente Gabriel) e o próprio Jesus, falaram de um tempo de tribulação sem paralelo pouco antes do retorno de Jesus, isso indicaria que o que há de vir em Israel poderia ser ainda pior do que o Holocausto. Embora este certamente pareça ser o caso, eu sugeriria que não tentássemos quantificar o sofrimento porvir ou calcular as vidas que serão perdidas. Eu vejo pouco fruto em se envolver em tais empreendimentos. Para ser honesto, eu simplesmente não sou capaz de realmente explorar um evento de tamanha magnitude e horror. É um poço muito profundo e aterrorizante. Eu não consigo olhar para a borda. O ponto é que algo terrível está chegando e precisamos nos preparar.

Eu também gostaria de emitir um aviso especificamente para aqueles que são geralmente muito interessados no assunto da profecia bíblica. Às vezes, os assuntos apocalípticos são encarados de maneira factual, mas profundamente desapegada e sem emoção. Embora seja impossível sentir todo o peso dessas coisas à medida que as discutimos, é essencial que sejamos muito cuidadosos, nunca deixando de reconhecer que não estamos falando de peças de xadrez ou pontos em um mapa profético.

Estamos falando de famílias reais, pessoas reais, vidas reais. Se discutir essas coisas não encher nossos corações de tristeza e nos colocar de joelhos em oração, então é claro que não estamos vendo através dos olhos do Pai ou de Seu Filho, Jesus.

Terminarei este capítulo simplesmente dizendo que aqueles de nós que desejam seguir a Jesus, reconhecendo a magnitude do que está por vir, devem começar a preparar os corações para abraçar verdadeiramente e plenamente a cruz. Apenas algumas horas antes de Jesus ter escolhido suportar a tortura de Seu corpo e alma, Ele comunicou um dos avisos mais claros e solenes de toda a Escritura. Como nós, como o corpo do Messias, tanto individualmente quanto corporativamente, respondemos a esta informação, poderia muito bem ser o maior teste que jamais enfrentaremos. Isso não é um exagero. No próximo capítulo, começaremos a discutir como seria uma resposta adequada da Igreja que procura viver de acordo com as palavras de Jesus nos últimos dias.

DIETRICH BONHOEFFER,
CORRIE TEN BOOM
E O JULGAMENTO DAS NAÇÕES

No capítulo anterior, examinamos partes do Discurso do Monte das Oliveiras de Jesus, Seu mais longo e último sermão sobre o fim dos tempos. Nós não terminamos de examinar o sermão inteiro, no entanto. Enquanto Mateus 24 detalha os eventos que levam ao retorno de Jesus, o sermão na verdade continua no capítulo 25. Na conclusão de Seu sermão, Jesus passou a descrever o que acontecerá depois de Seu retorno, quando reunir as nações para julgamento. Essa passagem é uma das passagens mais importantes, ainda que amplamente mal compreendidas, de todos os Evangelhos. Vamos começar lendo atentamente as palavras de Jesus:

“Mas quando o Filho do Homem vier em Sua glória e todos os anjos com Ele, então Ele se assentará em Seu glorioso trono. Todas as nações serão reunidas diante Dele; e Ele as separará umas das outras, assim como o pastor separa as ovelhas dos bodes; e porá as ovelhas à sua direita, e os bodes à esquerda. Então o rei dirá àqueles à sua direita: ‘Venham, benditos de Meu Pai, herdem o reino preparado para vocês desde

a fundação do mundo. ‘Pois Eu estava com fome e vocês Me deram algo para comer; Eu estava com sede e vocês Me deram algo para beber; Eu era um forasteiro e vocês Me convidaram para entrar; nu e vocês Me vestiram; Eu estava doente e vocês Me visitaram; Eu estava na prisão e vocês vieram a Mim.’ Então os justos lhe responderão: ‘Senhor, quando Lhe vimos com fome, e Lhe alimentamos, ou com sede, e Lhe demos algo para beber? E quando Lhe vimos forasteiro e Lhe convidamos a entrar ou a vestir-Se? Quando nós vimos Você doente, ou na prisão, e fomos até Você?’ O rei responderá e dirá a eles: ‘Em verdade vos digo, na medida em que o fizestes a um destes Meus irmãos, até o menor deles, fizeste isso a Mim.’ Então dirá também aos que estão à Sua esquerda: ‘Apartai-vos de mim, amaldiçoados, para o fogo eterno que foi preparado para o diabo e seus anjos; porque estava com fome e não Me deram nada para comer; Estava com sede e não Me deram nada para beber; Eu era um forasteiro e vocês não Me convidaram para entrar; nu e vocês não Me vestiram; enfermo, e na prisão, e vocês não Me visitaram.’ Então eles mesmos também responderão, ‘Senhor, quando Lhe vimos com fome, ou com sede, ou um forasteiro, ou nu, ou doente, ou na prisão, e não cuidamos de Você?’ Então Ele lhes responderá: ‘Em verdade vos digo que, se não fizeram isto a um dos menores, não fizeram a Mim.’ Estes irão para o castigo eterno, mas os justos, para a vida eterna.” (Mateus 25:31–46).

QUEM SÃO OS IRMÃOS DE JESUS?

A parte mais crítica e ainda mais comumente mal interpretada da profecia é a expressão “Meus irmãos”. De acordo com Jesus, o destino das nações no Dia do Juízo, sejam elas rejeitadas ou acolhidas no reino de Deus, depende em grande parte do tratamento dado a Seus irmãos. Jesus até chegou a dizer que

a maneira como as nações trataram Seus irmãos é a maneira como elas O trataram. Ele identifica-Se profundamente com esse grupo de pessoas, tomando maus-tratos a elas como sendo maus-tratos a Ele. Certamente, determinar a identidade daqueles os quais a quem Jesus estava se referindo é absolutamente crucial.

Os intérpretes sugeriram três maneiras diferentes de entender esse termo. Alguns argumentaram que Jesus estava falando do povo judeu, Seus verdadeiros “irmãos” de sangue. Outros argumentam que Jesus estava falando sobre Seus discípulos ou sobre qualquer pessoa que seguisse Jesus de boa vontade. Outros ainda dizem que Jesus estava simplesmente se referindo aos pobres, aos sofredores e aos oprimidos em geral. Ora, embora o cuidado cristão pelos pobres e oprimidos seja certamente uma característica central da Fé cristã, não é sobre isso que esta passagem está falando. Samuel Clough, um professor da Bíblia que escreveu e ensinou extensivamente sobre este texto, observou: “Esses irmãos não são irmãos de Jesus porque estão sofrendo; em vez disso, eles estão sofrendo porque são irmãos de Jesus.”¹ Quando vemos Mateus 25 em seu contexto completo real, fica claro que quando Jesus falou de “irmãos”, estava se referindo aos habitantes de Jerusalém e da Judeia que sofrerão durante o tempo da “angústia de Jacó”, que Ele acabara de descrever no capítulo 24. Considere o seguinte contexto maior do sermão de Jesus:

MATEUS 23: Oprimido pela emoção, lágrimas, pranto e luto, Jesus exclamou: “Ó Jerusalém, Jerusalém!” (37 KJA)

1 - Samuel Clough, “Who are the ‘Least of These My Brethren’?” <http://samuelclough.com/1109/who-are-the-least-of-these-my-brethren/>; acessado em 21 de julho de 2014.

MATEUS 24: Jesus advertiu sobre um tremendo momento de aflição e incomparáveis perdas de vidas em Jerusalém e na Judeia nos últimos dias.

MATEUS 25: Jesus ensinou que as nações serão realmente julgadas com base em como trataram Seus irmãos no tempo de grande aflição.

Existe uma sequência muito clara e lógica que perdemos se não conhecermos o contexto mais completo das palavras de Jesus.

O VALE DE JEOSAFÁ

O debate a respeito de quem exatamente Jesus estava falando é completamente encerrado, uma vez que entendemos que Jesus estava simplesmente expandindo a profecia de Joel 3. Vamos considerar cuidadosamente a profecia de Joel:

“Pois eis que naqueles dias e naquele tempo, quando restaurar a sorte de Judá e de Jerusalém, reunirei todas as nações e as levarei ao vale de Jeosafá. *Então eu vou entrar em juízo com eles lá em nome do Meu povo e da Minha herança, Israel*, que eles espalharam entre as nações; e dividiram a minha terra. Eles também lançaram sortes pelo Meu povo... Levantem-se as nações e subam ao vale de Jehoshaphat, pois ali me assentarei para julgar todas as nações vizinhas.” (vv. 1-3,12; grifo adicionado)

O vale de Jeosafá se estende do norte ao sul, entre o Monte do Templo e o Monte das Oliveiras. É precisamente o vale que Jesus estava observando ao proferir o Discurso do Monte das Oliveiras. Entenda que, enquanto a profecia de Joel fala

de YHVH Deus como o juiz, Jesus falou de Si mesmo como o juiz, declarando diretamente ser YHVH Deus. Certamente os discípulos teriam reconhecido esta afirmação tremendamente dramática que Jesus estava fazendo, particularmente porque Jesus estava sentado no local exato onde Joel diz que o julgamento das nações ocorrerá. Como Jesus estava no Monte das Oliveiras, olhando para o vale de Jehoshaphat, quando disse que reuniria os bodes à sua esquerda, ele estava se referindo ao vale de *Gehenna*, que é o mesmo termo, no grego, que Jesus usou consistentemente em outros lugares para se referir ao lugar do castigo eterno (Mateus 5:22,29,30; 10:28; 23:15,33; Marcos 9:43,45,47; Lucas 12:5; Tiago 3:6). Além disso, tanto Jesus quanto Joel deixaram claro que as nações serão julgadas por causa de seus maus-tratos ao povo judeu, a quem o Senhor chama de “Meu povo e Minha herança” (Joel 3:2). Então, quando Jesus usou a expressão “Meus irmãos”, Ele estava claramente apontando diretamente para essa referência.

O SENHOR JULGA EM NOME DE ISRAEL

Devemos também reconhecer que quando Jesus ensinou que as nações seriam julgadas com base em seus maus-tratos a Israel, de modo algum Ele estava falando de algo novo. A ira de Deus executada contra os inimigos de Israel no Dia do Juízo é um tema que é repetido muitas vezes através dos Profetas. Vamos considerar apenas alguns dos exemplos mais óbvios.

Em Isaías 34, o profeta fala do Dia do Senhor como o dia em que a ira e a vingança do Senhor serão reveladas para os inimigos de Israel: “Porque a indignação do Senhor é contra todas as nações, e a sua ira contra todos os seus exércitos; Ele os destruiu completamente, Ele os entregou ao abate... Pois o Senhor tem um dia de vingança, um ano de recompensa pela

causa de Sião” vv. 2,8. Outras traduções usam a frase “a controvérsia de Sião”. Certamente hoje, em toda a terra, há uma controvérsia sobre Sião. Mesmo dentro da Igreja, há uma divisão profunda entre os sionistas (aqueles que apoiam Israel) e os antissionistas. De acordo com Isaías, depois da volta de Jesus, no Dia do Juízo, Jesus resolverá essa controvérsia de uma vez por todas, e Ele julgará claramente em nome de Israel a respeito da “causa de Sião”.

Mais tarde, em Isaías 63, Jesus é retratado como marchando triunfalmente de Edom, o deserto ao sul de Israel, em direção a Jerusalém. Suas vestes são descritas como estando encharcadas com o sangue de Seus inimigos, a quem Ele pisou como uvas. Essa é uma das passagens mais dramáticas e gráficas em toda a Escritura que descrevem Jesus depois de Ele ter retornado:

Quem é aquele que vem de Edom, que vem de Bozra, com as roupas tingidas de vermelho? Quem é aquele que, num manto de esplendor, avança a passos largos na grandeza da sua força? “Sou eu, que falo com retidão, poderoso para salvar.” Por que tuas roupas estão vermelhas, como as de quem pisa uvas no lagar? “Sozinho pisei uvas no lagar; das nações ninguém esteve comigo. Eu os pisoteei na minha ira e os pisei na minha indignação; o sangue deles respingou na minha roupa, e eu manchei toda a minha veste. Pois o dia da vingança estava no meu coração, e chegou o ano da minha redenção. (...) Na minha ira pisoteei as nações; na minha indignação eu as embbedei e derramei na terra o sangue delas.” (Isaías 63:1-4,6 NVI)

Desnecessário dizer que isto está certamente muito longe da imagem estereotipada do pastor gentil embalando um cordeirinho sobre os ombros. Esse é o Jesus do juízo e da vingança.

Devemos entender, porém, que a razão de sua ira é por causa do grande amor do Senhor por Seu povo Israel:

Falarei da bondade do SENHOR, dos seus gloriosos feitos, por tudo o que o SENHOR fez por nós, sim, de quanto bem ele fez à nação de Israel, conforme a sua compaixão e a grandeza da sua bondade. “Sem dúvida eles são o meu povo”, disse ele; “são filhos que não me vão trair”; e assim ele se tornou o Salvador deles. Em toda a aflição do seu povo ele também se afligiu, e o anjo da sua presença os salvou. Em seu amor e em sua misericórdia ele os resgatou; foi ele que sempre os levantou e os conduziu nos dias passados. (Isaías 63:7-9)

Outra das passagens mais proeminentes que descrevem a vingança de Deus contra as nações especificamente por causa de como elas trataram Israel é o capítulo completo de Ezequiel 35. De fato, Jesus também aludiu a este texto em Seu Discurso do Monte das Oliveiras. Neste capítulo, o Senhor falou através de Ezequiel mais uma vez contra Edom, que também é referido como o Monte Seir (a montanha mais proeminente em Edom). Porque Edom é possuído de “inimizade eterna” ou “ódio perpétuo” (KJV) contra Israel e se regozijará quando Israel experimentar a disciplina do Senhor nos últimos dias, Ele promete julgar Edom e torná-la perpetuamente desolada.

“Eis que Eu estou contra você, Monte Seir, e estenderei a Minha mão contra você e farei de você uma desolação e um deserto. Despojarei as vossas cidades e serás uma desolação. Então você saberá que Eu sou o Senhor. *Porque você tem inimizade eterna, e entregaste os filhos de Israel ao poder da espada, no tempo da sua calamidade, no tempo da punição do fim*, portanto,

tão certo como Eu vivo”, declara o Senhor Deus, “entregá-lo-ei ao derramamento de sangue, e o derramamento de sangue lhe perseguirá; já que você não odiou o derramamento de sangue, então o derramamento de sangue o perseguirá. Eu farei do Monte Seir um deserto e uma desolação... Eu encherei suas montanhas com seus mortos; nas vossas colinas e nos vossos vales e em todos os vossos barrancos os mortos à espada cairão. Eu te farei uma desolação eterna e as vossas cidades não serão habitadas. Então saberás que eu sou o Senhor”. (Ezequiel 35:3-9; grifo adicionado)

O que torna essa passagem diferente das de Isaías é que esta fala especificamente de Edom maltratando Israel no tempo de sua punição e angústia nos últimos dias. Assim, esta passagem apresenta referências ao castigo dos tempos do fim de Israel (que Jesus havia descrito em Mateus 24) e advertências sobre o julgamento das nações, baseado em como elas tratam Israel durante esse tempo (que Jesus descreveu em Mateus 25). Também é fascinante reconhecer que o capítulo anterior, Ezequiel 34, é uma profecia que retrata o povo de Israel como a ovelha do Senhor, e o Messias vindouro como o pastor fiel: “Então porei sobre eles um pastor, meu servo Davi, e ele os alimentará; ele mesmo os alimentará e será o seu pastor” (v. 23). Sem dúvida, a imagem de Jesus agindo como um pastor justo, separando as ovelhas justas dos bodes injustos, foi uma alusão a Ezequiel 34. Então, Jesus estava recorrendo a Joel 3 e a Ezequiel 34-35, e trabalhando ambos em seu sermão.

Há várias outras passagens nas Escrituras que também falam do retorno do Senhor para executar a vingança contra os inimigos do Seu povo Israel (ver Números 24:14-20; Salmos 102:13-20; Isaías 25:8-11; Ezequiel 25:12-17; 30:1-5; 36:2-7; Obadias 1:8-20; Miquéias 4:10-12; Sofonias 2:2-11; Zacarias 1:14-17; 14:2-14). Embora esta seja uma verdade

consolidada e fundamentada, ensinada em todo o Antigo Testamento e claramente reiterada e colocada como central por Jesus, é um conceito que está quase completamente ausente em toda a maioria da Igreja hoje. Sem dúvida, a realidade deste dia vindouro deve ser reconhecida pelos crentes com discernimento.

DOIS EXEMPLOS BRILHANTES DOS NOSSOS DIAS

Ao considerarmos as implicações verdadeiramente profundas do fato de que um tempo de problemas incomparáveis ainda está à frente de Israel, há dois cristãos cujos testemunhos foram preservados para nós e que eu acredito que essa geração precisa ver como exemplos brilhantes. A maioria dos cristãos pelo menos já ouviu falar de Dietrich Bonhoeffer e de Corrie ten Boom. Embora existam muitos livros por aí que falam sobre suas vidas como testemunhas fiéis e corajosas de Jesus durante a Segunda Guerra Mundial sob a opressão nazista, se você ainda não leu nada sobre nenhum deles, então eu o encorajo a pelo menos conseguir os dois livros seguintes: *Bonhoeffer: Pastor, Mártir, Profeta, Espião*, de Eric Metaxas, e *O Refúgio Secreto (Publicações Pão diário, 2019)*, de Corrie ten Boom. Embora houvesse, sem dúvida, inúmeras outras testemunhas fiéis durante a Segunda Guerra Mundial, que morreram sem que suas histórias fossem contadas, as histórias de Dietrich Bonhoeffer e Corrie ten Boom foram preservadas para nós, acredito, por uma razão. Suas histórias contêm lições profundas para nós hoje, e particularmente para aqueles que vivem para ver os eventos que discutimos nos dois capítulos anteriores. Vamos começar com Dietrich Bonhoeffer.

DIETRICH BONHOEFFER

Dietrich Bonhoeffer era muitas coisas: um poeta alemão, um músico, um autor, um pastor, um teólogo, um filósofo, um dissidente antinazista e, finalmente, um mártir que morreu em 1945. Além de seus escritos teológicos, Bonhoeffer também ficou conhecido por sua oposição declarada ao comprometimento da Igreja alemã com o nazismo e com a perseguição aos judeus.

Em 1933, mesmo nos primórdios da tomada da Alemanha pelos nazistas, Bonhoeffer já era sincero em sua resistência. Dois dias depois da nomeação de Hitler como chanceler, Bonhoeffer pronunciou um discurso na rádio em que atacou Hitler e advertiu os alemães contra a idolatria do Führer (líder), que ele disse que poderia muito bem ser *Verführer* (enganador ou sedutor). Ele foi cortado do ar no meio da frase. Ele também começou a levantar publicamente sua voz por uma ativa resistência cristã à perseguição dos judeus por Hitler, declarando que a Igreja não deve simplesmente “enfaixar as vítimas sob a roda, mas esmagar o raio na própria roda”.²

Nesse mesmo ano, a Igreja Luterana Alemã realizou uma eleição, na qual a esmagadora maioria dos cargos chave acabou indo para os apoiadores nazistas dentro da igreja, conhecidos como o movimento Cristão Alemão (*Deutsche Christen*). Pouco tempo depois, Bonhoeffer foi comissionado pelos líderes da oposição na igreja para redigir o que foi chamado de “Confissão de Betel”, uma declaração de fé que se opunha ao movimento Cristão Alemão e afirmava o chamado e a eleição vigentes do povo judeu. Embora o documento tenha afirmado parcialmente uma perspectiva supersessionista, afirmando que “o lugar do

2 - Geoffrey B. Kelly and F. Burton Nelson, eds., *A Testament to Freedom: The Essential Writings of Dietrich Bonhoeffer*, rev. sub. ed. (New York: HarperOne, 2009), 132.

povo da Aliança do Antigo Testamento não foi tomado por outra nação, mas sim pela igreja cristã, chamada para fora, e estando dentro de todas as nações”, também fez uma concessão muito forte e rara a respeito dos judeus serem o povo escolhido, cujo cumprimento das promessas é ainda futuro:

Deus deu provas de fidelidade transbordante ao permanecer fiel a Israel, de acordo com a carne da qual Cristo nasceu em carne e osso, apesar de toda a infidelidade de Israel e mesmo após a crucificação. Deus ainda quer completar com os judeus o plano de redenção do mundo que começou com o chamado de Israel (Romanos 9-11). É por isso que Deus preservou, de acordo com a carne, um remanescente sagrado de Israel... Este remanescente sagrado tem o caráter *indelebilis* do povo escolhido.³

Revisões da Confissão a diluíram tanto que o próprio Bonhoeffer se recusou a assiná-la.

Como resposta à tomada virtual da Igreja pelos nazi-simpatizantes, Bonhoeffer e seu amigo e colega Martin Niemöller logo formaram o *Pfarrernotbund*, um movimento cristão que evoluiria para o que ficou conhecido como “a Igreja Confessante”. A Igreja Confessante era um movimento separatista e cismático da igreja, que se opunha à nazificação da maior igreja protestante alemã. A Igreja Confessante adotou a Declaração de Barmen, um documento que insistia que Cristo, e não o Führer, era o chefe da igreja alemã, e que os cristãos alemães corromperam o governo da igreja tornando-o subserviente ao Estado e comprometendo o Evangelho ao se alinhar com o nazismo.

3 - *The Bethel Confession of 1933*, em *Dietrich Bonhoeffer Works*, vol. 12, Berlin 1932-1933, ed. Carsten Nicolaisen (Minneapolis: Fortress, 2009), 418.

Em 1935, Bonhoeffer começou e liderou um seminário subterrâneo para treinar pastores da Igreja Confessante. Dois anos depois, em julho de 1937, quando a repressão nazista à Igreja Confessante se intensificou, Niemöller, amigo íntimo de Bonhoeffer, foi preso. Em 1937, a Gestapo fechou o seminário e prendeu vinte e sete pastores e ex-alunos. Foi nessa época que Bonhoeffer publicou seu livro mais conhecido, *Discipulado* (Editora Mundo Cristão, 2019), no qual ele não só atacou a “graça barata” como uma cobertura para a frouxidão ética, mas também pregou a “graça custosa”.

Bonhoeffer passou os dois anos seguintes secretamente viajando de uma aldeia para outra para treinar pastores no que foi chamado de “seminário em fuga”. A maioria dos alunos de Bonhoeffer estava ministrando ilegalmente em pequenas paróquias.

Em abril de 1943, após dez anos de ministério ativo e resistência aos nazistas, Bonhoeffer foi preso. Durante um ano e meio, ele foi mantido na prisão militar de Tegel, aguardando julgamento. Em fevereiro de 1945, ele foi secretamente transferido para o campo de concentração de Buchenwald e, finalmente, para o campo de concentração de Flossenbürg. Bonhoeffer foi executado na madrugada de 9 de abril de 1945. Ele morreu apenas duas semanas antes de os soldados americanos libertarem o campo, três semanas antes do suicídio de Hitler quando os soviéticos capturaram Berlim, e um mês antes da rendição final da Alemanha nazista. De acordo com o relato de um médico que testemunhou a execução de Bonhoeffer:

Eu vi o pastor Bonhoeffer... ajoelhado no chão orando a Deus. Eu fiquei profundamente comovido com a maneira como esse homem amável orou, tão devoto e tão certo de que Deus ouviu a sua oração. No local

da execução, ele novamente fez uma breve oração e depois subiu os poucos degraus até a forca, corajoso e sereno. Sua morte se seguiu depois de alguns segundos. Nos quase cinquenta anos em que trabalhei como médico, quase nunca vi um homem morrer de forma tão submissa à vontade de Deus.⁴

CORRIE TEN BOOM

Perto dali, na Holanda ocupada pelos nazistas, outra testemunha de Cristo, Corrie Ten Boom, e sua família estavam trabalhando para ajudar os judeus a escapar do Holocausto nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1940, os nazistas invadiram a Holanda e logo começaram a prender judeus e mandar muitos para campos de concentração. A casa dos Ten Boom sempre foi uma casa aberta para qualquer pessoa necessitada. Assim, em maio de 1942, quando uma mulher judia cujo marido foi preso e cujo filho se escondeu chegou à casa dos Ten Boom com medo, procurando um lugar para ficar, o pai de Corrie, Casper, concordou imediatamente. Casper era um estudante fervoroso dos profetas do Antigo Testamento que rejeitava completamente todas as formas de supersessio-nismo. “Nesta casa”, declarou Casper, “as pessoas de Deus são sempre bem-vindas.”

Com o aperto da ocupação nazista, a casa dos Ten Boom logo se tornou um refúgio para os judeus e para os membros da resistência holandesa. Durante 1943 e 1944, geralmente havia seis a sete pessoas vivendo ilegalmente em sua casa. Refugiados adicionais ficariam com os Ten Boom algumas vezes por algumas horas ou dias até que outra casa segura pudesse

4 - Eberhard Bethge, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography* (Minneapolis: Fortress, 2000), 927.

ser localizada. Corrie e sua irmã, Betsie, tornaram-se líderes ativas na resistência clandestina em Haarlem, localizando outras corajosas famílias holandesas dispostas a receber refugiados. Corrie e Betsie passaram muito tempo durante esses anos atendendo às necessidades dos refugiados quando estavam escondidos. Para acomodar seus convidados judeus, os Ten Boom forneciam comida kosher e honravam o Sabbath judaico. Eles construíram um compartimento secreto, com apenas trinta centímetros de profundidade, mas alguns metros de largura, onde várias pessoas podiam ficar quietas se houvesse uma inspeção ou invasão da casa. Eles chamavam este pequeno espaço de “o esconderijo”.

Em fevereiro de 1944, um informante holandês disse aos nazistas sobre o trabalho dos Ten Boom. Toda a família foi presa. Quando os nazistas invadiram a casa dos Ten Boom, havia seis pessoas no esconderijo. Eles permaneceram lá por quase dois dias. Quando perguntado se ele sabia que poderia morrer por ajudar os judeus, Casper respondeu: “Seria uma honra dar a minha vida pelo antigo povo de Deus”. Casper, que tinha oitenta e quatro anos na época de sua prisão, morreu depois de apenas dez dias no Presídio de Scheveningen.

Corrie e Betsie passaram um total de dez meses em três prisões diferentes, a última das quais foi o infame campo de concentração de Ravensbrück, localizado perto de Berlim. Mesmo no campo de concentração, Corrie e Betsie continuaram a gastar seu tempo prestando testemunho de Jesus e compartilhando o Evangelho, levando muitas mulheres a Cristo durante sua prisão ali.

Betsie morreu em Ravensbrück em 16 de dezembro de 1944. Antes de sua morte, ela disse a Corrie: “Não há poço tão profundo que Ele [Deus] não seja mais profundo ainda”. Corrie foi libertada em 28 de dezembro de 1944, a única de sua

família imediata que sobreviveu para contar sua história. Os judeus que os Ten Boom estavam escondendo no momento de suas prisões não foram descobertos, e todos, com exceção de uma mulher idosa, sobreviveram. Estima-se que a família Ten Boom e a rede que ajudaram a criar salvaram mais de oitocentas vidas.

MODELOS DE COMPORTAMENTO PARA A IGREJA DOS ÚLTIMOS DIAS

Tanto Dietrich Bonhoeffer quanto Corrie Ten Boom são modelos de comportamento proféticos para a Igreja de hoje - que poderia muito bem ser a Igreja dos últimos dias. Não se pode duvidar de que quando olhamos para a Igreja Cristã hoje, muito do que vemos é apenas uma sombra fraca daquilo que a Igreja é verdadeiramente chamada a ser. Tão pouco é um verdadeiro reflexo da Igreja da era apostólica. Quando ouço muitos dos sermões que emanam dos púlpitos das maiores e mais populares igrejas da minha nação, o que eu vejo quase não tem nenhuma semelhança com a fé descrita nas páginas do Novo Testamento. Poucos pregam o chamado para tomar nossas cruzes. Menos ainda pregam a necessidade de se arrepender do pecado. Poucos se mantêm firmes a respeito das reivindicações exclusivas de Jesus como o único meio de alcançar a salvação. E menos ainda pregam o chamado de Jesus para darmos nossas vidas, para que possamos viver com Ele na era vindoura. Quando nós consideramos quantos ensinam sobre a restauração vindoura do reino judaico, quase não há nenhum. Mesmo entre aquelas igrejas e ministérios que se consideram mais conservadores e ortodoxos, eu ainda vejo uma tremenda medida de compromisso com o espírito desta era. É aqui que as vidas de Bonhoeffer e dos Ten Boom se destacam como exemplos brilhantes. Tanto Bonhoeffer quanto Ten Boom resistiram às

tendências populares dentro da Igreja de sua época. Apesar da ampla aceitação do supersessionismo, os Ten Boom eram restauracionistas sem arrependimentos, tão firmes em suas convicções que estavam dispostos a violar qualquer lei da terra para obedecer à Palavra de Deus. Assim também, Bonhoeffer foi uma voz profética, não apenas se firmando contra as tendências dentro da Igreja de seus dias, mas vendo claramente o que estava por vir nos anos seguintes, ele foi capaz de liderar um movimento de resistência que se manteve firme ao chamado do Evangelho. Vamos considerar apenas algumas das maneiras pelas quais Bonhoeffer foi um exemplo para o nosso tempo.

O EXEMPLO DE DIETRICH BONHOEFFER

As vozes proféticas são sempre ridicularizadas e marginalizadas, mesmo dentro da Igreja, e só mais tarde são reconhecidas e honradas, na maioria das vezes muito depois de suas mortes. O que é tão fascinante sobre a vida de Dietrich Bonhoeffer é que sua oposição vocal ao nazismo começou muitos anos antes que muitos de seus contemporâneos chegassem a ver realmente o mal estava tomando a Alemanha. Hoje, muitos cristãos são incapazes de discernir as múltiplas maneiras pelas quais o espírito desta era se infiltrou na Igreja. Certamente, um dos sinais mais significativos de que isso está ocorrendo é que a Igreja cada vez mais tolera e até celebra aqueles que buscam não apenas olhar para Israel de forma objetiva, mas realmente demonizá-lo. Satanás já está usando líderes cristãos como seus porta-vozes em sua guerra contra o povo da aliança de Deus. Mas, assim como o enganador tem suas próprias vozes dentro da Igreja, também o Senhor está chamando por Suas próprias vozes, por discípulos como Dietrich Bonhoeffer, que destemidamente se posicionarão contra as ondas de

mentiras e enganos que continuam a romper as paredes de Sua Igreja. Assim, uma das principais maneiras pelas quais Bonhoeffer foi um exemplo para a igreja dos últimos dias, uma que devemos procurar imitar agora mesmo, foi sua determinação implacável de defender a verdade e a pureza dentro das igrejas de Deus e soar um alarme quando viu um perigo claro e presente no horizonte. Sem dúvida, Bonhoeffer foi acusado de ser fanático no início dos anos 1930, mas em menos de uma década seus alertas foram completamente justificados. Hoje ele é visto como um profeta. Por mais perturbadoras que sejam, as nuvens tempestuosas no horizonte global de hoje são muito mais sombrias e sinistras do que eram em 1930. É hora de homens e mulheres de caráter levantarem suas vozes e soarem o alarme. Uma poderosa tempestade está chegando. Agora é a hora de se preparar.

Outra maneira vital em que Bonhoeffer foi um exemplo para os últimos dias da Igreja foi em seu trabalho formando a Igreja clandestina, incluindo um seminário subterrâneo. Quando o compromisso com o nazismo chegou ao ponto de tomar conta de sua denominação, Bonhoeffer foi para a clandestinidade e começou a discipular, treinar e ser pai da verdadeira Igreja remanescente, criando outros jovens líderes. Assim também em nossos dias, à medida que a legislação anticristã e a corrupção na igreja se espalharem, será cada vez mais necessário um exército de professores maduros, pastores e pais espirituais para sair ao campo e liderar a Igreja remanescente. Em tempos de paz, a Igreja prospera, mas em tempos de caos, a verdadeira Igreja sempre fica no subsolo. Esse já é o caso em muitas nações ao redor do mundo, mas nos próximos dias, acredito que se tornará a regra e não a exceção. Agora é a hora de os verdadeiros líderes apostólicos se levantarem.

O EXEMPLO DOS TEN BOOM

É na vida dos Ten Boom, no entanto, que encontramos um exemplo que praticamente qualquer cristão comum pode querer seguir. Embora nem todo cristão seja chamado a andar no nível de liderança em que Bonhoeffer entrou, todos os cristãos podem aspirar a tornar-se o tipo de servos que a família Ten Boom era. Embora Bonhoeffer fosse, em muitos aspectos, um exemplo para a liderança cristã de hoje, estou convencido, que a família Ten Boom é uma a qual todos os cristãos precisarão usar como exemplo nos próximos dias. Poucos hoje considerariam preparar seus lares e seus corações para esconder ou cuidar de refugiados nos próximos dias, mas quando consideramos a fusão das múltiplas tendências e eventos mundiais com os claros avisos das Escrituras, esta é realmente uma conclusão muito natural.

Hoje, muitos dentro da Igreja Cristã, e muitos até mesmo fora da Igreja, aderiram ao movimento conhecido como “preparação”. A ideia é simples; à luz do colapso da economia global, da expansão cada vez maior do terrorismo e do aumento dos desastres naturais, há sabedoria em estar preparado. Não há dúvida de que existe uma tremenda sabedoria em ter os recursos necessários para olhar para o futuro com tranquilidade. De uma perspectiva cristã, no entanto, há perigo em se preparar se o foco principal é a autopreservação, com pouca ou nenhuma ênfase na preparação para servir aos outros e para dar uma demonstração muito real do Evangelho em tempos de crise. Eu acredito que o Senhor vai chamar o Seu povo em todo o mundo para abrir suas casas como lugares de refúgio durante a grande tempestade que se aproxima. Mas a vontade de fazer isso requer preparar nossos corações agora. Estão chegando os próximos dias, quando muitos dos irmãos de Jesus,

o povo judeu, estarão novamente em um lugar de fome e sede. Você está preparado para dar-lhes algo para comer e beber? Muitos não terão outro lugar para ficar. Você vai convidá-los para entrar? Jesus disse que ao fazer isso, vamos convidá-los para entrar.

É fascinante ver que Apocalipse 12:6 fala da nação de Israel fugindo para o «deserto» nos últimos dias, onde nos é dito que «ela será alimentada». Se a mulher é alimentada no deserto, temos que perguntar: quem é que vai alimentá-la? Alguns podem procurar espiritualizar isso e simplesmente dizer que o próprio Deus a alimentará. É claro que, no sentido último, isso é verdade, mas o Senhor quase sempre usa Seu povo para realizar Seus propósitos. Jesus deixou isso claro. Eu creio que o Senhor está agora mesmo despertando o Seu povo por toda a terra a respeito de seu chamado para ser Sua provisão para o povo judeu nos dias vindouros.

Para a maioria dos cristãos, a realidade prática de tudo isso pode parecer muito difícil para se conectar. Quando alguém realmente pondera sobre o assunto, no entanto, quando consideramos a tendência global em direção ao ódio ao povo judeu e ao Estado de Israel, a radicalização de grandes porções do mundo islâmico e a retirada da influência americana no Oriente Médio, rapidamente torna-se aparente, para todos aqueles com olhos para ver, que esta é realmente uma questão muito razoável de significação urgente.

Ao pesquisar esse assunto, entrevistei Samuel Whitefield. Como mencionei anteriormente, ele é um professor muito articulado da Bíblia que deu muita atenção a essa questão em particular e, eu sinto, aborda o assunto de uma maneira muito equilibrada e sóbria. Whitefield abordou o duplo padrão de muitos dentro da Igreja hoje que, de um lado, julgam a Igreja alemã por não reconhecerem cedo a

verdade a respeito de Hitler e do Partido Nazista e, por outro lado, zombam da ideia de que algo muito semelhante, se não muito pior, poderia estar se aproximando de nosso próprio horizonte:

“Olhamos para trás e dizemos: ‘Uau, os alemães estavam tão cegos no final dos anos 30. Eles não podiam ver isso chegando?’ Mas agora, o que está sendo dito abertamente, particularmente no Oriente Médio, mas também em toda a Terra, é muito mais virulento, muito mais agressivo do que o que já foi dito publicamente na Alemanha nazista”, ele me disse. E uma das grandes condenações, penso eu, sobre essa geração, é que estudamos, celebramos e até exaltamos Bonhoeffer e homens como ele, e apreciamos sua percepção profética, mas estamos vivendo em uma geração em que as coisas estão superando em muito o que Bonhoeffer testemunhou em termos da linguagem, de retórica, e até mesmo de escala. Nós não estamos lidando com uma nação localizada na Europa; estamos lidando com uma maré crescente global de radicalismo fazendo ameaças agressivas, abertas e genocidas.

“Nós celebramos Bonhoeffer”, prosseguiu Whitefield, “e ainda assim a ideia de servir o judeu de forma prática, ou mesmo de preparar-se para isso em nossa geração, nem sequer é pensado; é completamente descartado. É visto como uma espécie de problema secundário que não é importante. O fato de nem sequer darmos atenção a essa questão é, por si só, uma crise na Igreja. A Igreja alemã em geral não respondeu adequadamente à crise do seu tempo. E nós julgamos a Igreja alemã duramente por isso, e com razão, por causa da passividade diante desse tipo de perversidade e desse tipo de mal - passividade é o mesmo que concordar. Mas em nossa geração somos novamente confrontados com antissemitismo radical, novamente com o Islã radical ameaçando exterminar os judeus. “À luz de

nossa própria passividade”, perguntou ele, “como esperamos escapar do julgamento justo de Deus?”⁵

Whitefield está certo em muitos aspectos. Hoje, estamos vivendo na primeira geração da história da humanidade que está testemunhando o cumprimento de vários dos marcos do fim dos tempos, como o evangelho chegando a todas as tribos e línguas, o estado político judaico agora restabelecido na terra bíblica de Israel, e a crescente ameaça contra ele por todos os lados, não apenas pelo islamismo radical, mas pela maré crescente global do antissemitismo. Temos múltiplos sinais, mas muitos parecem determinados a negar que o fim desta era chegará.

“Como a Igreja alemã nos julgaria?” Whitefield me perguntou. “Nós os julgamos duramente, mas estamos fazendo algo diferente? Temos mais provas, mais retórica, é mais evidente, estamos mais conscientes e, acima de tudo, temos o seu exemplo. O Holocausto foi quase totalmente planejado em particular, a portas fechadas. Foi na elite da SS que eles arquitetaram planos para o extermínio final, etc. Em nossa geração, no entanto, a crescente onda de antissemitismo não está sendo expressa a portas fechadas entre algumas poucas elites. Está sendo conspirada abertamente nas mídias sociais, abertamente na Internet. Está sendo gritada das mesquitas e outros lugares. É proclamado abertamente. E ainda assim”, concluiu ele com tristeza, “a maioria está fazendo vista grossa”.

Quando a Igreja desta geração estiver diante de Jesus no Dia do Juízo, alguém poderá dizer honestamente que não tivemos nenhum sinal de alerta?

5 - Samuel Clough, entrevista pessoal com o autor.

CONCLUSÃO

Começamos este livro citando as advertências do apóstolo Paulo sobre a arrogância dos gentios para com Israel. Esse alerta não era como outros alertas. Paulo não disse que, se os gentios forem arrogantes com os judeus, correm o risco de perder uma verdade importante ou uma bênção. Paulo deixou muito claro que as atitudes erradas dos crentes gentios para com o povo judeu, incluindo os judeus incrédulos, resultariam em “crentes gentios” sendo “cortados”, um termo que implica ser eternamente condenado e separado de Deus. A declaração de Paulo foi o aviso mais forte possível. Enquanto pesquisávamos a longa e brutal história do tratamento cristão ao povo judeu, descobrimos que o aviso de Paulo não apenas não foi ouvido, mas foi completamente desdenhado. Em vez de evitar a arrogância em relação ao povo judeu, a Igreja tem defendido, comemorado e se revelado na degradação deles. A longa história do antissemitismo cristão é a verdadeira grande vergonha da cristandade. No entanto, enquanto os cristãos de hoje não podem mudar o passado, podemos prestar atenção às advertências de Paulo hoje, arrependendo-nos e rejeitando todas as formas de supersessionismo. Podemos nos relacionar com os judeus de uma maneira que o Senhor espera: mostrando misericórdia, amor e honra. Embora o passado não pode ser mudado, ainda há esperança para o futuro.

Também estudamos muitas das passagens que demonstram que, no fim dos tempos, a energia primária, a resistência e a ira de Satanás serão dirigidas especificamente contra o povo e a terra de Israel. Embora os cristãos sejam agora, e continuarão a ser, alvos da ira satânica em todo o mundo (Apocalipse 12:17), quando consideramos a esmagadora ênfase bíblica, ela é colocada quase inteiramente em Israel. Hoje, aqueles que

têm olhos de discernimento podem ver que os últimos dias descritos pelos antigos profetas hebreus estão se aproximando, talvez até mesmo sobre nós.

Entretanto, a questão que os cristãos devem estar mais preocupados agora é: onde a maioria da Igreja se encontrará no fim dos tempos e no Dia do Juízo? Os cristãos gentios, que são chamados para caminhar em discernimento e a permanecer ao lado do povo judeu, ao invés disso verão muitos dentre suas próprias fileiras lutando contra Israel e dando apoio àqueles que estão trabalhando para sua destruição? Embora seja difícil imaginar uma tragédia maior, se a história da Igreja e várias tendências presentes dentro da Igreja são um indicador, então, infelizmente, esse será, de fato, o caso. Com a mesma ênfase que dá a outros poucos assuntos, Satanás direcionou suas energias para a batalha espiritual pelo coração da Igreja, particularmente no que se refere à sua relação com o povo judeu e o Estado de Israel. Onde quer que Satanás encontre a menor porta aberta, ele a explorará para seus próprios fins demoníacos. É essa raiva demoníaca contra o pacto abraâmico - na verdade, contra o próprio plano de Deus para a redenção - que é o principal catalisador espiritual que conduz tanto do conflito em toda a Terra hoje.

Dalton Thomas, amigo e autor de *Controvérsia de Sião e o Tempo da Angústia de Jacó (tradução livre)*, eloquentemente resumiu exatamente o que está acontecendo não apenas na Terra hoje, mas até mesmo dentro da Igreja, e explicou por que isso só continuará a crescer:

“Hoje a controvérsia está crescendo de uma maneira sem precedentes”, ele me disse em uma entrevista pessoal. “Podemos explicá-la em termos geopolíticos ou históricos e ainda perder a razão subjacente. A principal razão pela qual há tanta controvérsia sobre a cidade de Jerusalém hoje é porque Deus

fez um pacto em relação ao Seu filho governando e reinando a partir de um pedaço específico de terra em um tempo determinado. E à medida que nos aproximamos desse tempo determinado, os poderes, principados e governantes do ar ficarão mais iminentes em sua raiva, sua resistência, sua oposição e sua contenda, e usarão homens como marionetes para efetuar e orquestrar suas planos e propósitos”.⁶

Os cristãos com discernimento devem fazer tudo o que estiver ao seu alcance para garantir que os abundantes fracassos da Igreja não se repitam no futuro. Precisamos ter certeza de que não há uma porta aberta para o inimigo explorar. Isso só pode ser feito se a Igreja primeiro rejeitar completamente as ideias e doutrinas específicas que permitiram, apoiaram e fortaleceram o tremendo ódio aos judeus que tem dominado uma grande parte da Igreja por tanto tempo. Se a Igreja deve cumprir seu chamado nos últimos dias e andar na verdade, e se isso significa evitar a parceria com o inimigo, então ela deve livrar-se das doutrinas falsas e destrutivas do supersessionismo, do preterismo e do amilenarismo e reivindicar as doutrinas bíblicas do restauracionismo, futurismo e pré-milenarismo.

A maior vocação dos cristãos gentios nos dias vindouros é dar a Israel um brilhante testemunho final da cruz - a própria personificação do amor do Pai por Seu povo. Isso só pode ser feito identificando-se com eles e entregando nossas vidas por eles. Se Jesus, o Messias, veio e deu a Sua vida por nós, deixando-nos um exemplo a seguir (1 Pedro 2:21), então quanto mais deveríamos fazer o mesmo por aqueles a quem Ele chama Seus irmãos? A última geração será julgada em grande parte com base em sua recusa ou concordância em tomar suas cruzes e entregar suas vidas pela preservação do povo judeu. Muitos

6 - Entrevista pessoal. Utilizado com permissão.

cristãos hoje desejam ser enxertados na glória e na herança de Israel, mas não querem ter relação nenhuma com serem enxertados também em seu sofrimento. O próprio Jesus identifica-se plenamente com o povo judeu em seu sofrimento: “Em toda a aflição deles Ele foi afligido” (Isaías 63:9). Como é então que tantos cristãos hoje acreditam que estão acima do seu Mestre (veja João 15:20)? Os cristãos de hoje que desejam seguir Jesus nos próximos dias devem se identificar com o povo judeu em sua perseguição, marginalização e sofrimento. No final, todos que se uniram verdadeiramente ao rei judeu devem aceitar o fato de que vão sofrer com o povo judeu.

Eu entendo que a ideia de sofrimento não é algo que alguém procura. Uma grande parte de nossas vidas é dedicada a evitar a dor. Hoje, muitas das ideias populares ensinadas na Igreja ocidental transmitem a ideia de que, como cristãos, nem somos chamados a sofrer. Mas eu lembraria a todos que têm ouvidos para ouvir que, “Para isto vocês foram chamados, porque Cristo sofreu por vocês, deixando-vos um exemplo, para que vocês sigam seus passos” (1 Pedro 2:21). Somos todos chamados a imitar Jesus. Mas quando consideramos a glória e a beleza da era vindoura, então podemos suportar as aflições temporárias que experimentamos agora. Como Paulo nos lembrou, nossa “momentânea e leve aflição está produzindo para nós um peso eterno de glória, muito além de toda comparação” (2 Coríntios 4:17). O sofrimento e a dor que suportamos nesta época, enquanto trabalhamos para viver como Seu povo, valerão a pena. Quão rapidamente a dor desta era será esquecida quando entrarmos na beleza e na glória da era vindoura.

Naquele dia, não haverá mais dúvidas, nem mais medo, nem mais doenças, nem mais aborto, nem mais tráfico de seres humanos, nem mais guerra. Quem entre nós não anseia pelo fim do presente sistema perverso, pelo fim de todas as coisas

que nos fazem gemer e suspirar? Toda a criação geme por aquele dia. Sim, o dia está chegando, talvez muito mais cedo do que a maioria pensa, quando o próprio Jesus voltará do céu em fogo ardente, com todos os seus santos anjos, para estabelecer Seu glorioso reino aqui na terra. Oh, como eu anseio por aquele dia! Como anseio pelo dia em que o conhecimento de Deus cobrirá a terra como as águas cobrem o mar, quando finalmente veremos Jesus face a face! Como eu anseio por aquele tempo - o dia em que *um judeu governará o mundo!*



COMPARTILHE CONOSCO SUA EXPERIÊNCIA:



www.revistaimpacto.com.br



[@impactopublicacoes](https://www.instagram.com/impactopublicacoes)



[/editoraimpacto](https://www.facebook.com/editoraimpacto)



contato@revistaimpacto.com.br



www.abase.org



[@abaseorg](https://www.instagram.com/abaseorg)



[/Abaseorg](https://www.facebook.com/Abaseorg)



contato@abase.org

USE:

#JoelRichardson

#quandoumjudeugovernaromundo